

# IV<sup>o</sup> CILH

CONGRESSO INTERNACIONAL  
DE LINGUÍSTICA HISTÓRICA

HOMENAGEM A IVO CASTRO

## LIVRO DE RESUMOS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA, 17-21 DE JULHO DE 2017

APOIOS



UNIVERSIDADE  
DE LISBOA



LETRAS  
LISBOA





## ÍNDICE

<b>O IV Congresso Internacional de Linguística Histórica</b> .....	3
<b>Conferências plenárias</b> .....	7
<b>Crítica textual, edição de texto, humanidades digitais</b> .....	13
Sessão 1. Problemas de transmissão .....	13
Sessão 2. Problemas dos textos modernos (sécs. XVIII-1921) .....	16
Sessão 3. Escrita e filologia.....	19
Sessão 4. A língua no processo de transmissão textual .....	20
Sessão 5. Questões de doutrina e teoria em crítica textual.....	24
Sessão 6. Conceitos de autor e edição genética .....	26
Sessão 7A. Edição e meios digitais.....	28
Sessão 7B. Edição de cancioneros .....	32
<b>Mudança linguística, linguística teórica</b> .....	36
Sessão 1A. Português medieval.....	36
Sessão 2A. Português clássico.....	40
Sessão 3A. Diacronia do português .....	44
Sessão 4A. Português brasileiro I.....	48
Sessão 5A. Português brasileiro II.....	53
Sessão 6A. Linguística histórica e corpora.....	57
Sessão 1B. Gramaticalização I.....	61
Sessão 2B. Gramaticalização II .....	65
Sessão 3B. Fonologia histórica .....	68
Sessão 4B. Morfologia histórica .....	71
Sessão 5B. Línguas em contacto .....	74
Sessão 6B. Sintaxe, Semântica .....	78
Sessão 7. Fonologia.....	82
<b>Léxico, etimologia</b> .....	87
Sessão 1. Periodização do léxico.....	87
Sessão 2. Morfologia e etimologia.....	91
Sessão 3. Terminologia .....	95
Sessão 4. Onomástica I.....	98
Sessão 5. Onomástica II .....	101
Sessão 6. Descrição lexical e técnica lexicográfica .....	104
<b>Sociolinguística, dialetologia</b> .....	107
Sessão 1. Variação e mudança no ocidente da Península Ibérica .....	107
Sessão 2. Variação fonético-fonológica.....	110
Sessão 3. Sintaxe, variação e mudança .....	112
Sessão 4. Variação, contextos e recursos .....	115
Sessão 5. Variação morfofonológica e morfossintática .....	119
Sessão 6. Variação lexical no português brasileiro .....	122
<b>História social, história da escrita, tradições discursivas, periodização</b> .....	125
Sessão 1. Formação e periodização do PB.....	125
Sessão 2. Pragmática e discurso na história do PB .....	128
Sessão 3. A filologia e as fontes do PB.....	130
Sessão 4. Contacto com a variedade standard em PB .....	134
Sessão 5. Registo escrito e sociedade .....	137
<b>Historiografia linguística, pedagogia, tradução</b> .....	141
Sessão 1. Ensino de línguas .....	141
Sessão 2. Historiografia linguística .....	144
Sessão 3. Património linguístico .....	148
<b>Música, cultura, literatura</b> .....	150
Sessão 1. Música: prosódia, léxico e linguística cognitiva.....	150
Sessão 2. Literatura do final da Idade Média ao século XX .....	153
<b>Pósteres</b> .....	157



# O IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA HISTÓRICA

Organizado pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, o IVºCILH dá continuidade à série iniciada em Salvador (Rosae – I CILH, 2009) e seguida pelas edições de São Paulo (Castilho – II CILH, 2012) e Santiago de Compostela (Gallaecia – III CILH, 2015), que homenagearam Rosa Virgínia Mattos e Silva, Ataliba Teixeira de Castilho, Ramón Lorenzo e Antón Santamarina.

Os domínios científicos nucleares deste congresso são a linguística histórica e a crítica textual, mas outras áreas do saber que dialogam com a linguística histórica ou a crítica textual têm igualmente lugar.

## O HOMENAGEADO

Ivo Castro nasceu em Lisboa em 1945, estudou em Lisboa e em Paris, iniciou a sua carreira de docente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1969, percorreu bibliotecas e universidades da Europa e do Brasil, como pesquisador, professor ou conferencista convidado. Mas a sua carreira de docente desenvolveu-se sempre na Universidade de Lisboa, onde foi professor catedrático, diretor do Departamento de Linguística, diretor do Centro de Linguística e do seu grupo de Filologia, diretor da Cátedra de Estudos Galegos e diretor da Área de Ciências da Linguagem. Em 2016, três anos após a sua aposentação, foi-lhe atribuído pelo Reitor da Universidade de Lisboa o título de professor emérito, em reconhecimento do seu perfil invulgar de humanista e da influência do seu magistério em gerações de estudantes que orientou em mestrados e doutoramentos.

Responsável pela edição crítica de autores como Fernando Pessoa e Camilo Castelo Branco, editor de textos medievais e barrocos, crítico, conhecedor notável e divulgador de textos portugueses de diferentes épocas e géneros, Ivo Castro está desde há muito no centro da investigação filológica em Portugal. Especialista em história da língua portuguesa e crítica textual, em articulação feliz com a literatura, a cultura e a história, é autor de uma extensíssima, influente e variada produção científica e mestre de investigadores de orientações diversas, dentro e fora de Portugal. Impulsionador nato do diálogo entre investigadores de diferentes gerações e áreas disciplinares, continua, com a sua intervenção original, a instigar a construção de pontes e o trabalho colaborativo entre os estudiosos da língua portuguesa espalhados pelo mundo.

Da sua densa produção bibliográfica, destacam-se as obras: *Introdução à História do Português* (2006), com traduções italiana (2006) e espanhola (2013); *História da Língua Portuguesa em linha* (2001); *Sobre a data da introdução na península Ibérica do ciclo arturiano*

da Post-Vulgata (1983); Estratégia e tática da transcrição (1986; com Maria Ana Ramos); Sur le bilinguisme littéraire castillan-portugais (2002); A primitiva produção escrita em português (2004); ‘As Tardes de Verão’ de Fr. Jerónimo Baía (1971); *Livro de José de Arimateia: estudo e edição do cod. ANTT 643* (1984; tese de doutoramento); Fernando Pessoa, *O Manuscrito de “O Guardador de Rebanhos”* (1986); *Editar Pessoa* (1990), 2.<sup>a</sup> edição revista e ampliada em 2013; Fernando Pessoa, *Poemas de Fernando Pessoa. 1921-1930* (2001) e *Poemas de Fernando Pessoa. 1931-1933* (2004); Camilo Castelo Branco, *Amor de Perdição* (2007, 2012); Hugo Schuchardt, *José Leite de Vasconcellos, Correspondência* (2015; com Enrique Rodrigues-Moura); e a edição digital de *O Dicionário de Regionalismos e Arcaísmos de José Leite de Vasconcellos* (em fase de finalização).

### PRESIDENTES DE HONRA

Ramón Lorenzo  
Inês Duarte

### COMISSÃO ORGANIZADORA

Ana Maria Martins  
Anabela Gonçalves  
Cristina Sobral  
Ernestina Carrilho  
Esperança Cardeira  
Fernando Brissos  
João Dionísio  
João Paulo Silvestre  
Rita Marquilhas  
Sandra Pereira  
Silvana Abalada  
Tiago Castro

### SECRETARIADO

Carlota Pimenta  
Clara Pinto  
Elena Lombardo  
Fernando Brissos  
Raïssa Gillier  
Sandra Antunes  
Sandra Pereira  
Silvana Abalada  
Vanessa Köbke López

COMISSÃO CIENTÍFICA

Alan Baxter (Universidade de Saint Joseph, Macau)  
Ana Boullón Agrelo (Universidade de Santiago de Compostela)  
Ana Maria Martins (Universidade de Lisboa)  
Ana Paula Banza (Universidade de Évora)  
Anabela Gonçalves (Universidade de Lisboa)  
Anabela Leal de Barros (Universidade do Minho)  
Ângela Correia (Universidade de Lisboa)  
Ataliba Teixeira de Castilho (Universidade de São Paulo)  
Bernardo de Sá Nogueira (Universidade de Lisboa)  
Carlos Alberto Faraco (Universidade Federal do Paraná)  
Charlotte Galves (Universidade Estadual de Campinas)  
Clara Barros (Universidade do Porto)  
Clarinda de Azevedo Maia (Universidade de Coimbra)  
Cristina Sobral (Universidade de Lisboa)  
Dante Lucchesi (Universidade Federal Fluminense)  
Dieter Kremer (Universidade de Trier)  
Elsa Gonçalves (Universidade de Lisboa)  
Enrique Rodrigues-Moura (Universidade de Bamberg)  
Ernestina Carrilho (Universidade de Lisboa)  
Ernesto González Seoane (Universidade de Santiago de Compostela)  
Esperança Cardeira (Universidade de Lisboa)  
Filomena Gonçalves (Universidade de Évora)  
Gabriel Rei-Doval (Universidade de Wisconsin – Milwaukee)  
Giulia Lanciani (Universidade de Roma Tre)  
Giuseppe Tavani (Universidade de Roma – Sapienza)  
Henrique Monteagudo Romero (Universidade de Santiago de Compostela)  
João Dionísio (Universidade de Lisboa)  
João Paulo Silvestre (King's College, Londres)  
João Saramago (Universidade de Lisboa)  
Johannes Kabatek (Universidade de Zurique)  
José Pinto de Lima (Universidade de Lisboa)  
Luiz Fagundes Duarte (Universidade Nova de Lisboa)  
Manoel Mourivaldo Santiago (Universidade de São Paulo)  
Maria Ana Ramos (Universidade de Zurique)  
Maria Antónia Mota (Universidade de Lisboa)  
Maria Aparecida Torres Morais (Universidade de São Paulo)  
Maria Teresa Brocardo (Universidade Nova de Lisboa)  
Ramón Mariño Paz (Universidade de Santiago de Compostela)  
Rita Marquilhas (Universidade de Lisboa)  
Rosario Álvarez Blanco (Universidade de Santiago de Compostela)  
Sílvia Brandão (Universidade Federal do Rio de Janeiro)  
Sílvio Toledo Neto (Universidade de São Paulo)  
Stephen Parkinson (Universidade de Oxford)  
Tânia Lobo (Universidade Federal da Bahia)  
Telmo Verdelho (Universidade de Aveiro)  
Xavier Varela Barreiro (Universidade de Santiago de Compostela)  
Yara Frateschi Vieira (Universidade Estadual de Campinas)

## INSTITUIÇÕES

FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia (financiamento)

FLUL – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (infraestruturas)

CLUL – Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (organização)

## CONFERÊNCIAS PLENÁRIAS

### A PROPÓSITO DE UMA PSEUDO "CANTIGA DE AMIGO" PROVENÇAL: PROBLEMAS LINGUÍSTICOS, EXEGÉTICOS E ATRIBUTIVOS

**Giuseppe Tavani**

Universidade de Roma - Sapienza

O problema dos textos tardios impropriamente incorporados nos cancioneiros medievais, e atribuídos subrepticamente a trovadores ilustres por amanuenses ignaros, apresenta-se não apenas na tradição da lírica galega e portuguesa – na qual são numerosos os exemplos de poesias de cunho claramente trecentista e quatrocentista incluídas nos dois cancioneiros de Angelo Colocci nas secções, por exemplo, de Dom Diniz ou de Juião Bolseiro – mas também em alguns dos cancioneiros provençais, onde por vezes pode ser menos fácil reconhecer o abusivismo desses textos espúrios.

É o caso da composição *Altas undas que venez suz la mar*, transcrita unicamente num cancionero catalão, conservado na Biblioteca de Catalunya (Sg), onde várias outras composições parecem de discutível autenticidade, apesar das rubricas que as atribuem a trovadores famosos.

Esta peça foi classificada, há mais de um século, como «cantiga de amigo» e o trovador sob o nome do qual aparece no cancionero, Raimbaut de Vaqueiras, considerado mais ou menos como o «inventor» do género. Na minha conferência intentarei demonstrar não apenas a abusividade da denominação e da atribuição do texto, como também o seu carácter de patchwork de péssima qualidade literária.

Transcrevo o texto numa minha leitura, para oferecer aos ouvintes a possibilidade de seguir mais facilmente a exposição oral.

Haltas undas que venez suz la mar,  
que fai lo vent çay e lay demenar,  
de mun amic sabetz novas comtar  
qui lai passet? No lo vei retornar!  
Et oi Deu, d'amor!  
ad hora·m dona joi et ad hora dolor!

Auras dulzas qui venez devers lai  
un mun amic dorm e sejo·n'e jai,  
del dolz alein un beure m'aportai:  
la boca obre, per gran desir que n'ai.  
Et oi Deu, d'amor!  
ad hora·m dona joi e ad hora dolor.

Mal amar fai vassal d'estran pais  
car en plor tornan e sos ioc e sos ris:  
ja nun cudei mun amic me traïs  
qu'eu li donei ço que d'amor me quis!  
Et oi Deu, d'amor!  
ad hora·m dona joi et ad hora dolor.

I. Altas ondas que vindes sobre o mar, que aqui e ali o vento faz agitar, sabeis dar-me notícias do meu amigo, que se foi ali? Não o vejo voltar!

II. Auras doces que vindes de ali onde o meu amigo dorme e sojorna e jaz, do [seu] doce alento trazei-me um trago! A boca abro, pelo grão desejo que dele tenho! E oh Deus, o amor! ora dá-me *joi* e ora dor!

III. Mal faz amar um vassalo de um país estrangeiro, pois em choro acabam seus jogos e seu riso. Nunca pensei que o meu amigo me traísse, pois eu lhe dei o que do amor me quis! E oh Deus, o amor! ora dá-me *joi* e ora dor!

## O ARTIFÍCIO DAS ETIMOLOGÍAS: ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA TOPONIMIA GALEGA

**Ana Boullón Agrelo**

Universidade de Santiago de Compostela

O estudo do corpus da toponímia maior de Galicia, a partir do seu nomenclátor moderno (máis de 40.000 lugares, freguesías e concellos, que supoñen case 17.000 formas distintas), permite facer unha clasificación dos seus elementos constitutivos. É tarefa que se pode comezar a emprender grazas ao aumento nos últimos anos do coñecemento científico da toponímia galega, pero que cómpre afrontar con cautela, dada a escuridade, a homonímia ou a discusión etimolóxica de moitas formas. O catálogo dos topónimos prerromanos, latinos e xermánicos (os principais estratos) deitará luz tamén na cronoloxía, aínda que tendo en conta que as voces comúns se puideron habilitar como nomes de lugar en calquera momento histórico. Para determinar o peso relativo de cada un dos estratos, as súas principais achegas semánticas e deseñar proxeccións cartográficas, servirámonos do artifício das etimoloxías.

## SINTAXE E DISCURSO NO PORTUGUÊS CLÁSSICO: O FENÓMENO V2

**Charlotte Galves**

Universidade Estadual de Campinas

O estudo de um corpus de 11 textos anotados do Corpus Tycho Brahe, escritos por autores nascidos de 1502 a 1675, totalizando 485.767 palavras, mostra que a sintaxe do português clássico tem claras características que a aproximam das chamadas línguas V2. Tais características, computadas e observadas num universo de 7.574 frases, são: - a alta frequência da ordem Verbo-Sujeito em frases declarativas não dependentes: 50% das orações (V2) e 60% das orações V1; - a alta frequência das frases em que o verbo é precedido por um sintagma outro que o sujeito: 70 % das orações V2; - a possível interpretação dos sujeitos pospostos como informação dada e não como informação nova (focus informacional), que mostra que esses sujeitos ocupam uma posição alta na estrutura oracional, e que conseqüentemente o verbo também ocupa uma posição alta; - a ocorrência de fenômenos típicos das línguas V2, como a ordem Verbo-Sujeito-Advérbio, ou Auxiliar-Sujeito-Verbo; - a ocorrência da ordem Objeto-Verbo-Sujeito, em que o objeto recebe interpretação de foco informacional. Essas características diferenciam a sintaxe do português clássico da do português europeu moderno (Cavalcante et al. 2015, Galves e Gibrail 2017; Costa 2004, Costa e Martins 2011). Nesta comunicação argumentaremos que são imputáveis a uma gramática em que o verbo se move para o núcleo Fin (Antonelli 2011). O movimento de um ou mais sintagmas para a esquerda do verbo depende da existência de traços discursivos associados a esses sintagmas, como em outras línguas românicas antigas e no próprio alemão antigo (Hinterholz e Petrova 2010). A periferia esquerda do português clássico ativa categorias distintas. Uma é a categoria associada

ao traço «kontrast» (Vallduvi e Vilkkuna 1998), no especificador da qual são movidos os objetos antepostos não retomados por clíticos, além de grande parte dos sujeitos antepostos e outros sintagmas como advérbios e sintagmas preposicionais. Outra, na parte mais alta da periferia esquerda e com possível recursividade, é a categoria TOP. Tal proposta é empiricamente suportada pelos fatos de colocação de clíticos.

Palavras-chave: português clássico; sintaxe V<sub>2</sub>; periferia esquerda; corpus Tycho Brahe.

Referências:

- ANTONELLI, A. (2011) *Sintaxe de posição do verbo e mudança gramatical na história do português europeu*, PhD Thesis, Unicamp.
- CAVALCANTE, S. C. Galves & M.C. Paixão de Sousa (2015) Topics, subjects and grammatical change: from Classical to Modern European Portuguese, *LaborHistorico* 1.2. 97-107.
- COSTA, J. (2004) *Subject Positions and Interfaces: The case of European Portuguese*. Mouton de Gruyter.
- COSTA, J. & A.M. Martins (2011) On Focus Movement in European Portuguese. *Probus* 23: 217-245.
- GALVES, C & A. Gibrail (2017). Subject inversion in transitive sentences from Classical to Modern European Portuguese: a corpus-based study. In A.Cardoso and A.M. Martins (eds.) *Word Order Change*. OUP, to appear.
- HINTERHOLZL, R. & S. Petrova (2010) From V<sub>1</sub> to V<sub>2</sub> in West Germanic. *Lingua* 120: 315-328.
- VALLDUVÍ, E. & M. Vilkkuna (1998) On rheme and contrast. In P. Culicover and L. McNally (eds.). *The limits of syntax*. Academic Press. 79-108.

## ESTEREOTIPOS E ICONIZACIÓN NAS REPRESENTACIÓNS DO PORTUGUÉS EN TEXTOS GALEGOS DA IDADE MODERNA

**Ernesto González Seoane**

Universidade de Santiago de Compostela

Nas literaturas peninsulares dos séculos XVI e XVII é habitual a introdución de personaxes de procedencias diversas que (pretendidamente) falan na súa lingua de orixe ou ben nunha variedade híbrida, un español ou portugués fortemente interferidos pola súa variedade de orixe. Este recurso é particularmente común en certos xéneros dramáticos, como o entremés, onde é explotado con finalidade eminentemente cómica. Os personaxes que neles comparecen (o galego, o portugués, o castelán, o biscaíño, o negro...) responden a unha caracterización fortemente estereotipada, na que a lingua desempeña un papel central.

Como é ben sabido, non son moitos os textos escritos en galego ao longo da Idade Moderna. Aínda así, entre as mostras que se conservaron e chegaron ata nós figura un breve texto dramático de 1671, que os seus editores modernos titularon *Contenda dos labradores de Caldelas* (ou tamén *Entremés famoso sobre a pesca no río Miño*) e que presenta algúns trazos singulares que reforzan o seu interese. Trátase dun texto sen dúbida escrito por un galego e desde o punto de vista galego, no que conviven unicamente personaxes galegos e portugueses (o español está presente só nas didascalias), e que foi composto e ambientado nun territorio de fronteira e nun momento histórico especialmente delicado, só tres anos despois da sinatura do Tratado de Lisboa, que pon fin á Guerra da Restauración e que supón a recuperación da súa independencia por parte de Portugal.

Este conxunto de circunstancias confírelle a este texto un interese especial para o estudo da caracterización de galego e portugués como entidades diferenciadas dentro do espazo galego-portugués mediante a selección de trazos lingüísticos que, por razón da súa saliencia ou do seu valor icónico, se converten en estereotípicos.

## VARIACIÓN LINGÜÍSTICA E TRADICIÓN MANUSCRITA DA LÍRICA TROBADORESCA: UNHA ACHEGA DESDE O GALEGO

**Henrique Monteagudo**

Universidade de Santiago de Compostela

En contributos anteriores achegámonos ao estudo da variación lingüística nos cancioneiros trobadorescos, centrando a nosa análise na distribución e frecuencia de determinadas variantes (*coyta / cuyta, coydar / cuydar, nullo / nulho, oer / ouver*) e comparando a situación que presentan nos tres relatores principais, A e B / V. Constatamos que a aparición destas variantes se concentra nas seccións iniciais dos cancioneiros (nomeadamente, de B e A), e que a súa distribución, unida a outros datos e hipóteses de natureza scriptolingüística, codicolóxica e histórico-literaria, fundamentalmente debidos a António Resende de Oliveira e Maria Ana Ramos, convida a unha lectura estratigráfica da súa presenza nos cancioneiros, relacionada coas etapas primitivas da constitución da tradición manuscrita da lírica galego-portuguesa. O estudo das devanditas variantes conduciunos, por tanto, ás etapas primeiras desta tradición e obrigounos a prestar unha atención especial ao ramo esquerdo desta, representado por A.

Se nos ditos traballos fixamos o noso foco no sector inicial (e por tanto, máis antigo) dos cancioneiros, na presente imos dirixilo ao máis recente, o que implica que a nosa atención se vai centrar case exclusivamente nos apógrafos italianos (B / V) –isto é, no ramo dereito da tradición– co apoio, como testemuños auxiliares, do Pergamiño Vindel (N), e do Fragmento Sharrer (T). Comezamos preguntándonos se no proceso de constitución do ramo dereito da tradición (que desemboca en B / V, supostamente a través do *Livro das Cantigas* mandado compilar polo Conde de Barcelos) se produciu algunha intervención ‘normalizadora’ dos textos recollidos. Dado que a resposta é indubitablemente positiva, verificaremos en que consistiu esa normalización. Definida nas liñas xerais a ‘norma’ gráfica (ou scriptolingüística) que subxace a B / V, estudaremos cales son as variantes máis significativas que se apartan de tal norma e analizar a distribución de dúas delas, especialmente reveladoras.

A xeito de conclusión, argumentaremos que os resultados da nosa análise son compatibles coa atribución a Don Denis da compilación do groso dos textos recollidos no antecedente de B / V (unha especie de *Compilación Xeral I*), e permitirá conxectar cales textos e autores foron incorporados posteriormente ao cancionero compilado por iniciativa do Conde de Barcelos (que podemos denominar *Compilación Xeral II*). En definitiva, grazas á análise da variación lingüística, coidamos poder ofrecer un significativo avance para o coñecemento do proceso de constitución da tradición manuscrita da lírica galego-portuguesa.

## PREPOSIÇÕES COMPLEXAS DO PORTUGUÊS: QUESTÕES DE LEXICALIZAÇÃO E GRAMATICALIZAÇÃO

**José Pinto de Lima**

Universidade de Lisboa, CECC

A nossa comunicação visa essencialmente fazer uma apresentação da categoria das preposições complexas no Português Europeu, bem como empreender uma primeira caracterização delas em termos de lexicalização e de gramaticalização. Será apresentado um inventário (não definitivo) das preposições complexas do Português Europeu, classificadas formalmente e ordenadas por frequência. Serão propostos dois conjuntos básicos de preposições complexas: um primeiro é constituído por preposições mais gramaticalizadas, que normalmente têm uma longa história na língua, e um segundo conjunto, que se centra à volta de preposições que sofreram lexicalização mas que atestam geralmente um mais fraco nível de

gramaticalização. Verificar-se-á que, ao contrário das preposições simples, as preposições complexas não atingiram elevados graus de gramaticalização, pelo que raramente desempenham funções gramaticais centrais. Se atendermos à sua frequência, constataremos que existe uma correlação entre maior frequência e maior gramaticalização das preposições complexas, o que está de acordo com o que se tem defendido em estudos de gramaticalização baseados no uso linguístico. Contudo, esta correlação nem sempre se verifica, pois há preposições do segundo conjunto que atingem altas frequências. Tentaremos uma explicação para este fenómeno procedendo a uma análise sintática e semântica da preposição complexa *em relação a*. Será sugerido que mesmo preposições complexas que não sofreram longos processos de gramaticalização podem atingir grande frequência desde que tenham desenvolvido significados gerais e abstratos. Por outro lado, preposições com mais longos processos de gramaticalização atingem apreciáveis níveis de frequência. Um caso destes é o de *apesar de*, cujo processo de gramaticalização analisaremos, com o duplo intuito de ilustrar um caso importante de gramaticalização realizado inteiramente dentro da história do Português e de observar a correlação entre gramaticalização e frequência.

## DE QUANTA FILOLOGIA PRECISA UM LINGUISTA E DE QUANTA LINGUÍSTICA PRECISA UM FILÓLOGO

**Maria Ana Ramos**

Universidade de Zurique

*Filologia*, mais do que *linguística*, é termo polissémico e complexo. O seu sentido variará não apenas de acordo com o contexto em que é adotado, mas também com as matérias envolvidas (produção literária, não-literária, histórica...) e com as numerosas tradições autóctones. Assim, a filologia italiana pode não corresponder à filologia alemã, francesa, espanhola, inglesa, americana, ou portuguesa, mesmo que se tenham em consideração conceitos como (*old philology* ou *new philology*... Da variabilidade de procedimentos, resultante das *filologias nacionais* do século XIX (*filologia literária*...), aos usos hodiernos (*crítica textual*, *edição de texto*...), a *filologia* caracteriza-se essencialmente como uma ciência do *escrito*. E, mais do que uma disciplina, a *filologia* é um método.

Ainda que a *linguística* não se focalize, em geral, no *escrito*, não poderá deixar de o examinar, quando se volta para fases pretéritas da língua, podendo indispensavelmente conceptualizar-se como *filologia linguística* ou como *linguística filológica* (mudança linguística, variação grafemática, *scriptae*, história da escrita...).

Através de alguma exemplificação procurarei evidenciar casos – diferentes tipos de texto, diferentes cronologias e diferentes ambientes de produção – que tanto documentam a inconstância filológica e linguística no tempo e no espaço, como revelam a interação entre a *filologia da edição* e a *linguística histórica*.



# CRÍTICA TEXTUAL, EDIÇÃO DE TEXTO, HUMANIDADES DIGITAIS

## SESSÃO 1. PROBLEMAS DE TRANSMISSÃO

### O TEXTO LATINO DA *REGRA DE SÃO BENTO* E AS SUAS TRADUÇÕES PORTUGUESAS: NOVAS PERSPETIVAS DAS RELAÇÕES GENEALÓGICAS

#### **Joana Serafim**

Universidade Europeia, Laureate International Universities / Centro de Linguística, Universidade de Lisboa

#### **Filipa Roldão**

Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra / Centro de História, Universidade de Lisboa / FCT

Partindo das propostas apresentadas por Ivo Castro sobre as famílias das traduções portuguesas da Regra de São Bento e suas relações com os testemunhos latinos deste texto, no artigo dedicado à tradição manuscrita portuguesa medieval, “The Manuscript Tradition of the Regula Benedicti in Portuguese” (in *Portuguese Studies* (2015), Vol. 31, No. 2, pp. 195-208), é nosso objetivo fazer uma nova abordagem às relações genealógicas das traduções portuguesas. Para tal, numa primeira fase, procuraremos analisar os lugares críticos dos manuscritos portugueses que contêm o texto latino da Regra e estabelecer relações entre estes testemunhos. Num segundo momento, confrontaremos os lugares críticos estudados com as diferentes traduções portuguesas, de modo a perceber se as traduções incorporam estes lugares críticos e, consequentemente, qual o testemunho latino que terá servido de base à sua redação. Este cotejo permitir-nos-á, então, contribuir para a definição não só das relações genealógicas entre os testemunhos do texto latino da Regula Benedicti, mas também entre estes e as traduções portuguesas. O resultado desta abordagem procurará responder ao desafio lançado por Ivo Castro no artigo supramencionado: “The relationship between Latin and Portuguese manuscripts is yet to be fully determined and therefore there is plenty of work to be done.” (Castro, I., 2015, p. 208).

### SOBRE A TRANSMISSÃO DO *SUMARIO DE TODAS AS COUSAS SUCCEDIDAS EM BERBERIA...*

#### **Elena Lombardo**

Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

Neste trabalho irei apresentar algumas reflexões a respeito da transmissão de um relato historiográfico anónimo sobre a campanha de África de D. Sebastião. Tal texto é registado em

dois manuscritos do século XVII com o título *Sumario de todas as cousas succedidas em Berberia desde [...] 1573 te [...] 1578 [...]* e num manuscrito do século XVIII com o título *Historia da jornada del Rey D. Sebastiam a Africa [...]*. Trata-se, respectivamente, do Ms. Nº 41, Serie 2422 da Biblioteca Nacional de Espanha, do COD. 13282 da Biblioteca Nacional de Portugal e do CIII/1-14, série 1 da Biblioteca Pública de Évora. O manuscrito da BNE foi editado em 1987 por Francisco Mascarenhas Loureiro; o lisboeta foi objeto de duas edições – uma diplomática e uma semidiplomática – disponibilizadas online em 2015 e o eborense, por sua vez, foi recentemente identificado pelo Dr. Filipe Alves Moreira. As considerações aqui elaboradas integram-se às atividades de preenchimento das casas do campo bibliográfico do *Sumario*. Para os três manuscritos conhecidos, de fato, pretendo desenvolver edições filológicas com diferentes graus de intervenção, disponibilizando o texto para pesquisas linguísticas com vista a encaminhar uma mais ampla reflexão sobre as características textuais dos relatos acerca da ocupação portuguesa do noroeste da África. Nomeadamente, nesta comunicação, proponho-me a expor algumas reflexões suscitadas pelo trabalho com os manuscritos madrileno e eborense e pelo cotejo das edições destes com a do testemunho lisboeta. Para tanto, irei apresentar brevemente o texto e registrar alguns dados sobre a materialidade dos três manuscritos. Em seguida, irei proceder à catalogação das variantes encontradas ao longo do cotejo e à seleção e discussão de lugares críticos. Será, portanto, com base em critérios filológicos, linguísticos e materiais que irei propor algumas considerações acerca da transmissão do *Sumario* e uma hipótese de estema.

Palavras-chave: Campo bibliográfico; Estudo de variantes; Transmissão manuscrita; Crônicas Históricas Portuguesas; História do Português.

Referências:

- CASTRO, Ivo, RAMOS, Maria Ana. “Estratégia e tática da transcrição”. In: *Critique textuelle portugaise (Paris, 1981). Actes du colloque*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, 1986, pp. 99-122.
- Crónica do Xarife Mulei Mahamet e del-Rey D. Sebastião 1573-1578*: introdução e notas por LOUREIRO, Francisco de Sales Mascarenhas. Lisboa: Europress, 1987.
- FERREIRA, Teresa A. S. Duarte. *Catálogo da Coleção de Códices (COD. 12888-13292)*. Lisboa: BN, 1999.
- LOMBARDO, Elena. *Do grande incêndio que tam raro movimento a Berberia pertubou: estudo e edição diplomática de um relato histórico quincentista*. 2015a. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- PASQUALI, Giorgio. *Storia della tradizione e critica del testo*. Firenze: Le Monnier, 1962.

## UM OLHAR SOBRE A VITA CHRISTI: DESCRIÇÃO E TRANSCRIÇÃO DOS FRAGMENTOS DA PRIMEIRA PARTE DA OBRA

**Sílvio de Almeida Toledo Neto**

Universidade de São Paulo

O livro *Vita Domini nostri Jesu Christi ex quatuor evangeliiis*, escrito por Ludolfo de Saxônia, monge cartusiano em Estrasburgo, na segunda metade do século XIV, teve uma enorme difusão por toda a Europa. Desde os finais do referido século, circulavam inúmeros manuscritos da obra, dos quais se conservam cerca de centena e meia. Na *Vita Christi*, o autor elabora uma biografia de Jesus Cristo a partir dos quatro evangelhos, acrescida de comentários dos santos padres e dos escolásticos, além de considerações pessoais. Embora o autógrafo de Ludolfo de Saxônia tenha desaparecido, as cópias manuscritas circularam nos sécs. XIV e XV. E, com base no texto latino, chegado também a Portugal, faz-se a tradução para o português. A tradução da obra, alterada durante a sua transmissão manuscrita, foi impressa em 1495, por Nicolau de Saxônia e Valentim de Morávia, a mando de D. João II e de D. Leonor de Lencastre.

Do período que medeia entre a tradução para o português e a publicação impressa, preservam-se hoje partes (códices e fragmentos) de pelo menos seis cópias manuscritas, que devem ter composto diferentes transcrições integrais da obra. Essa tradição manuscrita encontra-se até hoje quase toda inédita, apesar da sua importância não só para o conhecimento da obra, no que concerne a sua produção e circulação, como para o estudo da língua portuguesa escrita na segunda metade do século XV. Nesta comunicação, concentro-me no exame dos fragmentos preservados em Évora e em Lisboa, os quais integram a primeira parte da obra. Os fragmentos denominados respectivamente *Pergaminhos fragmentados, pasta 4, doc. 3*, e *Pergaminhos fragmentados, pasta 4, doc. 4*, encontram-se depositados atualmente na Biblioteca Pública de Évora, Portugal. Infere-se que tenham sido executados por volta de 1450, dadas as suas características codicológicas e paleográficas. Ambos os fragmentos terão sido usados como forro interno de encadernação e como capa de livros tabeliônicos, provavelmente a partir do século XVI, o que explica as más condições de preservação e de leitura de parte dos textos. O fragmento com a cota *Ms/P/IL, cx. 4/ p. 6/ fr. 1 [capa]* preserva-se no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa, Portugal. Trata-se de um bifólio que serviu de encadernação a um exemplar da *Chorografia* de Gaspar Barreiros (Coimbra, 1561). Por suas características codicológicas e paleográficas, suponho que esse fragmento tenha sido confeccionado e escrito durante o séc. XV. Faço uma descrição dos principais aspectos codicológicos e paleográficos dos fragmentos referidos. Apresento, além disso, a transcrição semidiplomática integral dos fragmentos, assim como a transcrição das passagens correspondentes nos demais testemunhos da primeira parte da obra. A leitura justalinear permite, muitas vezes, elucidar passagens duvidosas dos fragmentos, que se encontram materialmente danificados. A partir do exame dos testemunhos, levanto hipóteses sobre a filiação dos fragmentos à tradição da obra. A publicação desses fragmentos faz parte de um projeto de transcrição e de estudo filológico e linguístico de toda a tradição da *Vita Christi* em português.

Palavras-chave: *Vita Christi*; Edição semidiplomática; *Recensio*; *Stemma codicum*; Português médio.

## ASCENDENTES TEXTUAIS DO LIVRO DE MARCO POLO

**Maria Helena Garvão**

Universidade de Lisboa

Na minha dissertação de Doutoramento em Literatura Portuguesa, avaliei a difusão da obra *Marco Paulo* em Portugal ao ser impressa em 1502 por Valentim Fernandes, um dos primeiros impressores alemães e talvez uma das figuras mais destacadas dos primórdios da produção tipográfica em Portugal.

Refleti sobre a origem da obra do célebre viajante veneziano, relator de um dos maiores sucessos de vendas medievais, tratando-se de uma narrativa que mistura história, relatos de viagem, aventura e fantasia. A obra retrata as relações económicas entre o Oriente mongol e o Ocidente cristão no último quartel do século XIII, sendo Marco Polo (1254-1324) um testemunho único, dada a sua experiência singular na Ásia.

Analisei o seu percurso até chegar ao nosso país quase um século antes de ser impressa, numa tentativa de determinar razões para a sua tradução em português. Tomei como pontos de partida duas informações fundamentais: o facto de no elenco dos livros da biblioteca do rei D. Duarte existir um “Marco paulo latim e lingoajem em huũ volume” e ainda que ao irmão daquele rei, o infante D. Pedro, tinha sido oferecido pelo doge de Veneza um exemplar da obra poliana, em 1428, aquando do seu périplo europeu, que o celebrou como o infante das *sete partidas*. E tendo em conta o facto de o livro ter sido um dos primeiros impressos em

português, despertou-me ainda mais o interesse pelo aprofundamento desta questão – a obra impressa.

Tracei a genealogia textual do *Livro de Marco Polo*, a versão portuguesa da narrativa escrita por frei Francisco Pipino. Com efeito, o livro *Marco Paulo* constitui a versão portuguesa feita a partir da versão latina do século XIV deste frade dominicano, e também, como espero ter provado, de uma versão veneziana. Neste sentido, desenvolvi operações típicas da crítica textual, designadamente no âmbito da colação e da estemática. Para esse fim, tomei como texto-base a edição de F. M. Esteves Pereira, de 1922, feita a partir da primeira impressa em português na tipografia de Valentim Fernandes, em 1502.

Para poder estabelecer a genealogia do texto, tomei com obras de referência os trabalhos efetuados neste campo até à data, nomeadamente o de Luigi Foscolo Benedetto (1928) que fez a primeira recensão sistemática do conjunto de testemunhos do livro de Marco Polo na introdução da sua primeira edição integral do texto franco-italiano.

Bibliografia:

1. Impresso do livro *Marco Paulo*:

*Marco Paulo. Ho liuro de Nycolao Veneto. O trallado da carta de huũ genoues das ditas terras*. Lisboa: por Valentim Fernandes, 1502. BN: RES. 431 V.

2. Edições de textos impressos por Valentim Fernandes e afins:

BARBIERI, Álvaro e ANDREOSE, Alvise (1999) *Marco Polo Il «Milione» veneto – ms. CM 211 della Biblioteca Cívica di Padova*, Venezia: Marsilio.

PEREIRA, F.M. Esteves (1922) *Marco Paulo: o Livro de Marco Paulo – o Livro de Nicolao Veneto – Carta de Jeronimo de Santo Estevam*, Lisboa: Ofic. Gráf. da Biblioteca Nacional.

BENEDETTO, Luigi Foscolo (1928) *Marco Polo – Il Milione – Prima edizione integrale*, Firenze.

## SESSÃO 2. PROBLEMAS DOS TEXTOS MODERNOS (SÉCS. XVIII-1921)

### METODOLOGIA PARA A EDIÇÃO CRÍTICA DO TEATRO POPULAR ESPANHOL DO SÉCULO XVIII. UM CASO PRÁTICO NAS COMÉDIAS DE MANUEL FERMÍN DE LAVIANO

**Alberto Escalante Varona**

Universidad de Extremadura

O corpus de comédias espanholas do século XVIII ainda precisa de contribuições críticas que permitam o aceso à numerosas obras ainda desconhecidas da literatura espanhola. É preciso contar com uma metodologia rigorosa em técnicas da crítica textual, que nos permita elaborar edições críticas onde se tenham em conta as peculiaridades específicas da transmissão e receção destes textos, e a relação deste processo com a realidade cenográfica e a acolhida popular da “comédia de espetáculo”.

A obra de Manuel Fermín de Laviano, autor de comédias em Madrid do último tercio do século XVIII, propõe exemplos adequados para o objetivo proposto. Nesta comunicação, estudaremos o caso prático das comédias *El castellano adalid* e *La conquista de Madrid*. Em elas trataremos as duas vias principais de transmissão escrita do teatro popular. *El castellano adalid* conserva-se em cinco manuscritos, tres deles procedentes da estreia da obra em dezembro de 1785, e ninguém deles escrito pelo autor; *La conquista de Madrid*, estrenada em

1786, conserva-se em um único impresso do ano 1797, talvez correspondente à uma representação da obra em Barcelona. A fixação do estema das duas obras e a seleção das variantes corretas expõe problemas que trataremos de resolver: a transmissão manuscrita de *El castellano adalid* apresenta variabilidade ortográfica e alterações motivadas pela censura e as características cenográficas da representação; por outro lado, a única manifestação documental conservada de *La conquista de Madrid* está distanciada temporalmente do manuscrito original do autor, o que dificulta o estabelecimento de leituras alternativas – neste caso, só poderemos propor um estema hipotético sobre as transmissões do texto nas representações documentadas em Madrid e Barcelona na última década do século XVIII–.

Em conclusão, nesta apresentação exporemos uma proposta de edição dos dois textos, a partir do objetivo principal de configurar uma metodologia comum e rigorosa para o estudo complementar de duas comédias planeadas e escritas como parte dum mesmo projeto de reformulação dos relatos medievais castelhanos. Além disso, os resultados poderiam aportar novas perspectivas para o estudo textual do teatro espanhol do século XVIII.

Bibliografia:

BLECUA, A. (2001). *Manual de crítica textual*. Madrid, Castalia.

CAÑAS MURILLO, J. (1990). «Apostillas a una historia del teatro español del siglo XVIII». *Anuario de Estudios Filológicos*, XIII, UEX, págs. 53-63.

DE MONROY Y SILVA, Cristóbal (2002). *La batalla de Pavía y prisión del rey Francisco*. Ed. Paolo Pintacuda. Pisa, Edizioni ETS.

PÉREZ PRIEGO, M. Á. (2011). *La edición de textos*. Madrid: Síntesis.

## ASPETOS DE VARIAÇÃO LEXICAL ENTRE UM MANUSCRITO MINHOTO DO SÉCULO XVIII E A SUA FONTE IMPRESSA

**Ana João Herdeiro**

Universidade do Minho

Nesta comunicação, propomo-nos apresentar certos aspetos de variação linguística encontrados no «Tratado de Medicina» incluído no Manuscrito 608 do Arquivo Distrital de Braga e que foi por nós editado em Herdeiro (2016). Conforme pudemos apurar, o seu autor – um eclesiástico que assinava pelo nome de “Reytor Antonio Dias” – era natural da região do Minho e terá produzido os textos presentes no códice em meados do século XVIII.

No entanto, cedo concluímos que o referido «Tratado de Medicina» – que se apresenta como uma espécie de compêndio das principais doenças e respetivos tratamentos da época setecentista – constituía uma síntese da extensa e portentosa *Medicina Lusitana* (1710), do consagrado médico Francisco da Fonseca Henriques (1665-1731), também conhecido por Doutor Mirandella, em referência ao topónimo da sua naturalidade.

É, por isso, curioso que, mesmo tendo sido consultada uma obra com um registo mais cuidado e padronizado do português, se encontrem, no manuscrito, numerosas e significativas formas linguísticas que evidenciam variação ao nível gráfico, fonético, fonológico, morfológico, sintático e lexical. Este último aspeto será aquele em que centraremos a nossa comunicação, evidenciando e analisando as diferenças mais relevantes no que toca às escolhas vocabulares dos dois autores. Assim, ao longo da leitura do documento manuscrito em confronto com a do documento impresso que lhe serviu de base, podemos identificar casos em que o Reitor António Dias optou por substituir o lexema ou sintagma da fonte impressa (por vezes, de cariz mais erudito) por um outro mais simples ou mais coloquial (por exemplo, venéfico/venenoso; lançar/botar), ou casos em que o copista, deliberadamente, ignorou e evitou os termos médicos de diversas doenças mencionados na *Medicina Lusitana*, preferindo registar somente aqueles com que estaria mais familiarizado, ou seja, os termos mais correntes

ou populares (por exemplo, hérnia/quebradura; epilepsia/gota coral); é ainda possível detetar, no manuscrito, certos vocábulos ou variantes considerados característicos dos dialetos setentrionais ou, mais especificamente, do dialeto minhoto.

Deste modo, entendemos que, além de acrescentar um interessante contributo para o conhecimento mais aprofundado da língua dos falantes do Minho no século XVIII, o testemunho do «Tratado de Medicina» do Reitor António Dias dá a conhecer uma prática de crítica textual que é muito defendida mas insuficientemente desenvolvida: a da circulação dos textos modelares e sua naturalização e adaptação por parte dos leitores.

Palavras-chave: manuscritos e impressos medicinais; português setecentista; variação lexical; dialeto minhoto.

Referências bibliográficas:

HENRIQUES, Francisco da Fonseca (1710). *Medicina lusitana, e socorro delphico aos clamores da natureza humana, para total profligação de seus males*. Amsterdam: Em casa de Miguel Diaz.

HERDEIRO, Ana João (2016). *Um tratado de medicina inédito do século XVIII: estudo comparativo com fonte impressa e aspetos de variação na língua do Minho*. Dissertação de mestrado. Braga: Universidade do Minho.

## DA TRANSCRIÇÃO COMO EXERCÍCIO DE ESCOLHO MÚLTIPLO

**José Camões**

Centro de Estudos de Teatro, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

**Ariadne Nunes**

Centro de Estudos Comparatistas, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

No séc. XVIII, diversos pareceres da Real Mesa Censória mostram que o desrespeito de determinada grafia era motivo a ter em conta na proibição de um texto, o que aponta já para a existência de uma norma ortográfica vinculativa; no entanto, a variação que se observa entre impresso e manuscrito (ou impressos e manuscritos) de um mesmo texto faz hesitar o editor moderno no estabelecimento de critérios de transcrição.

Uma postura conservadora levaria a optar pela manutenção das diversas formas, mas tal dificulta a leitura e interessa quase exclusivamente ao leitor especializado que, em boa verdade, dispensa a transcrição e consegue ler os originais cujo acesso – através de reproduções nos mais variados formatos – está actualmente muito facilitado.

Pretende-se questionar em que medida a grafia adoptada na passagem a escrito de um texto é constitutiva do próprio texto, e, portanto, reflectir sobre a medida em que um editor deve intervir perante lições vilipendiadas, muitas vezes pelo próprio autor. Perante um original e o seu impresso da mesma data, com duas ou mais lições divergentes, como deve actuar o editor, designadamente considerando que o impresso pode – ou não – ter sido objecto de revisão pelo autor? E deverá a opinião dos censores, autoridades na escrita e ortografia na época, e que se afirmam como tal, ser tomada em consideração pelo editor?

Recorrendo a vários exemplos, argumentaremos nesta comunicação a favor da modernização ortográfica, em textos do séc. XVIII e mesmo anteriores. A conservação da grafia pode servir estudos de literacia – o que fará sentido nos casos de existência de uma norma ortográfica –, mas não contribui para a leitura do texto, que se mantém inalterado independentemente da sua representação ortográfica.

## SESSÃO 3. ESCRITA E FILOLOGIA

### RECORTE DA ESCRITA NA CORTE DO BRASIL

**Manoel Mourivaldo Santiago Almeida**

Universidade de São Paulo

O objetivo é apresentar dois manuscritos da tipologia carta atribuídos a D. Pedro II para discutir sua real autoria. Para tanto, olha-se pelo menos para três direções: por uma delas, seguem-se as pistas materiais evidentes, como suporte e instrumento de escrita, além de aspectos paleográficos e do sistema ortográfico; por outra, buscam-se dados conjecturáveis, como datação (caso não esteja explícita), referências onomásticas e de contexto sociocultural e histórico; a terceira via tem a ver com os traços linguísticos manifestados nas cartas. Nesta última direção serão levantados exemplos dos aspectos morfosintático, semântico-lexical e que também remetem ao fonético que, mais uma vez, podem favorecer os estudos sobre o português escrito no Brasil, no século XIX, num contexto supostamente controlado em relação à norma dita culta e de padrão. A comunicação traz mais resultados do Projeto de História do Português Paulista (PHPP – Projeto Caipira) que, evidentemente, se movimenta pela Linguística Histórica e também pela Filologia na medida em que dela se utiliza para a constituição de um corpus confiável para as análises linguísticas pretendidas.

Palavras-chave: Filologia; Linguística Histórica; Português escrito no Brasil.

Bibliografia:

AMARAL, A. [1920]. O dialeto caipira. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1976.

LIMA-HERNANDES, M. C; SANTIAGO-ALMEIDA, M. M; TEIXEIRA-E-SILVA, R. Redes sociais e atitudes linguísticas: o caipirês no meio acadêmico. In: M. M. Santiago-Almeida; M. C. Lima-Hernandes. (Org.). *História do português paulista. Série estudos III*. Campinas/São Paulo: UNICAMP/Publicações IEL/FAPESP, 2012, p. 485-497.

MARQUILHAS, R. *Norma gráfica setecentista: do autógrafo ao impresso*, Lisboa: INIC/CLUL, 1991.

SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. Cartas e sonetos de Pedro I e II: cartas da Corte. In: C. M. de S. Abbade; G. N. T. Sobral; M. da C. R. Teixeira. (Org.). *Entre a palavra, o discurso e o texto: caminhos filológicos*. Curitiba: Appris, 2016, p. 141-157.

SIMÕES, J. da S; KEWITZ, V. *Cartas Paulistas dos séculos XVIII e XIX: uma contribuição para os corpora do PHPP*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

SIQUEIRA, L. F. de. Edição semidiplomática de "cartas de chamada" de imigrantes portugueses (1911 - 1920). Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2011.

### UMA HISTÓRIA ESCRITA À MÃO: EDIÇÕES DE DOCUMENTOS HISTÓRICOS BRASILEIROS

**Alicia Duhá Lose**

Universidade Federal da Bahia – CEPEDOP/Memória e Arte

Trabalhar com documentos históricos é um privilégio para poucos. Documentos que permanecem fora do alcance dos olhos e das mãos da maioria das pessoas por décadas ou séculos são objeto de curiosidade e podem preencher lacunas da história e mudar a forma como vemos determinados fatos. A presente comunicação pretende apresentar ponderações sobre o trabalho de edição de documentos históricos, em especial sobre os aspectos metodológicos que impactam na abrangência do acesso ao conteúdo e à língua desses

documentos. Embora haja excelentes exemplos de edições preparadas por paleógrafos, historiadores e linguistas, quem mais se ocupa, sistematicamente, de preparar edições de textos manuscritos são os filólogos (QUEIROZ, 2007). O texto é o objeto da filologia enquanto crítica textual sendo seu objetivo preparar, com base em critérios cuidadosos, edições confiáveis que sirvam de base para acesso ao conteúdo dos textos ali presentes. O texto que se pretende reconstituir e conservar, conforme as características que apresenta, define o comportamento do editor que desenvolve teorias e metodologias apropriadas ao objeto em questão. Assim, “A filologia textual é, desde sempre, a vertente básica da Filologia, uma das suas formas mais antigas, a mais clássica e, para muitos, a mais autêntica.” (BANZA, 2013) Os documentos antigos, em grande parte, são também documentos históricos, muitas vezes, porque dizem respeito a momentos, passagens e personagens cujos fatos e ações foram emblemáticos e relevantes e o tempo se encarregou de dar a eles esse atributo. Textos antigos, independente do seu conteúdo, carregam em si a língua em estados passados. Ao pesquisador da história da língua, o conteúdo de um texto, muitas vezes, torna-se elemento de segundo plano. Para o historiador, no entanto, o conteúdo é o cerne da questão, está em primeiro plano (LOSE, 2017). E os relatos da história através de textos escritos não são a única saída, mas certamente, são uma das mais ricas e mais importantes. Assim, para aquele que quer acessar informações linguísticas de épocas nas quais o registro era restrito à escrita, e para àquele que quer a riqueza de detalhes de um relato ou os indícios disfarçados em pequenos detalhes, a única saída são os textos. Portanto, restringindo, nosso olhar à memória dos quatro primeiros séculos de “formação cultural brasileira” (séc. XVI-XIX), apresentaremos exemplos de edições preparadas a partir de documentos encontrados em quatro acervos históricos do Estado da Bahia.

Referências:

ALMADA, Márcia. *Das artes da pena e do pincel: caligrafia e pintura em manuscritos no século XVIII*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

BANZA, Ana Paula. Da antiga à nova Filologia: práticas de edição de textos modernos. CONCRÉS INTERNACIONAL DE LINGUISTIQUE E PHILOLOGIE ROMAINE, *Anais...* 2013.

LOSE, Alícia Duhá. Edições de documentos históricos: a quem interessam? a quem se destinam?, *Revista da ABRALIN*, n. 16, v. 2, mar. 2017, São Paulo.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Manuscritos baianos dos séculos XVIII ao XX: livros de notas de escrituras*. v. 1. Feira de Santana, BA: UEFS, 2007.

## SESSÃO 4. A LÍNGUA NO PROCESSO DE TRANSMISSÃO TEXTUAL

### O ESTRATO LINGUÍSTICO DUOCENTISTA NUM MANUSCRITO SEISCENTISTA - A VIDA DE SANTA SENHORINHA DE BASTO

**Marta Cruz**

Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

Da *Vida e Milagres de Santa Senhorinha de Basto* em português conhecem-se quatro testemunhos manuscritos e sabe-se (por vias meramente históricas e sociais) que a sua redação *original* é datável do século XIII. Não negando a urgência de um estudo estemático e do estabelecimento crítico deste texto, aqui propõe-se fazer a análise do estado de conservação

do estrato linguístico duocentista no manuscrito mais antigo desta tradição<sup>2</sup>, testemunhando em que medida algumas características linguísticas dessa cópia siescentista podem ou não corroborar a janela de datação sugerida e, em última análise, demonstrando como a individualidade de cada testemunho de transmissão de um texto pode oferecer informação útil (neste caso linguística) sobre a época em que foi produzido. De um modo geral, conclui-se que o copista responsável pela cópia em causa teve uma atitude relativamente conservadora quanto à sintaxe do texto (próclise/ênclise em contextos de variação, interpolação de constituintes ≠ *não* e concordância negativa), mas que quanto ao uso do sistema de possessivos do português, dos pronomes relativos locativos *u/onde* e da conjunção *ca* parece ter actualizado quase totalmente a língua do texto que copiava. Além disso, conclui-se que os diversos vestígios do português duocentista desta cópia argumentam a favor da hipótese do original ter sido redigido no século XIII. Por fim, chega-se à conclusão de que a disponibilização autenticada de cópias em *corpora* de trabalho depende de estudos linguísticos prévios que permitam classificá-las e categorizá-las como representantes do estrato linguístico do ponto de partida e/ou do ponto de chegada.

#### Bibliografia:

CARDEIRA, Esperança. 2005. *Entre o Português Antigo e o Português Clássico*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

CASTRO, Ivo. 2006. *Introdução à História do Português*. 2ª ed. aumentada Lisboa, Colibri, 2006.

MARTINS, Ana Maria. 2013. «Copiar o português duocentista: A Demanda e o José de Arimateia». *Ao Sabor do Texto*: 283-402.

SOBRAL, Cristina. 2012. «Exumação de uma vida: Santa Senhorinha em português medieval», *Romance Philology*, 66/1, Spring 2012: 165-183.

----- *Vida e milagres de Santa Senhorinha de Basto, no Corpus de Textos Antigos do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, edição semidiplomática do Ms. da Colegiada 793 (fls. 211r-236r) do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.*

<http://alfclul.clul.ul.pt/teitok/cta/index.php?action=edit&id=M1614T12967.xml>

## O LIVRO DOS MÁRTIRES DE BERNARDO DE BRIHUEGA: DOIS SÉCULOS DE LEITURA EM PORTUGUÊS

### Cristina Sobral

Centro de Linguística, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

### Esperança Cardeira

Centro de Linguística, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

*O liuro e legẽda que fala de todolos feytos e payxoões dos sãtos martires em lingoagem portugues* foi impresso em 1513, por João Pedro Bonhomini de Cremona, “per espeçial mãdado do muy alto e muy poderoso senhor Rey dom Manuel”. Este impressor italiano, que terá trabalhado temporariamente na oficina de Valentim Fernandes (Dias 1995), utilizou um original de imprensa que traduz o texto castelhano do terceiro livro da obra hagiográfica de Bernardo de Brihuega, composta em 1260-80, mas faltam estudos que determinem com exatidão as circunstâncias da tradução. Em 1993, Cepeda identificou, da mesma obra, um fragmento manuscrito do séc. XV (IANTT, Fragmentos. Caixa 20, n. 10) e propôs que a tradução foi feita no reinado de D. Dinis. Nesta comunicação analisam-se as circunstâncias históricas da produção do pós-incunábulo e a sua relação textual com o fragmento manuscrito e empreende-se um estudo linguístico dos textos que permita situá-los no tempo. Uma leitura exploratória revelou já no impresso traços não esperáveis em 1513 e indiciadores de um texto mais antigo. A título de exemplo: (i) alternância entre participios passados terminados em *-udo* e *-ido*, para verbos da 2ª conjugação (*vençudo~vençido, crehudo~crido, teudo~tido*); (ii)

oscilação entre formas verbais de 2ª pp com conservação ou síncope de *-d-* (*estades~estaes, seredes~serees*); (iii) presença significativa de terminações nasais correspondentes à etimologia (verificável, p. ex. na alternância *paixõ~paixã*, em que <õ, om> é grafia claramente maioritária). Com o objetivo de contribuir para a datação do estado da língua documentado quer no *Livro dos Mártires* quer no fragmento manuscrito, serão observadas estas e outras variáveis linguísticas e comparada a sua frequência nestes textos com a encontrada em documentação do século XV e do início do século XVI.

Palavras-chave: *Livro dos Mártires*; Tradução; Filologia; Linguística histórica.

Referências:

BAUTISTA, Francisco, «Bernardo de Brihuega y la colección hagiográfica del ms. BNE 10252», *Zeitschrift für romanische philologie*, Vol. 130, Nº 1, 2014, páginas 71-104.

BAUTISTA, Francisco, «El final de la General estoria», *Revista de Filología Española*, vol. XCV, nº2, 2015, pp. 251-278.

CEPEDA, Isabel, “Os ‘Quarenta mártires de Sebaste’. Um testemunho manuscrito do século xv em português”, *Theologica*, 2ª série, 28, 2, 1993, pp. 507-514.

DIAS, João José Alves, «Os primeiros impressores alemães em Portugal», *No Centenário da Vita Christi. Os primeiros impressores alemães em Portugal*, coord. João José Alves Dias, Lisboa, I.B.N.L., 1995, pp. 15-27.

DÍAZ Y DÍAZ, Manuel C., "La Obra de Bernardo de Brihuega, colaborador de Alfonso X", *Strenae. Estudios de Filología e Historia dedicados al profesor Manuel García Blanco. Acta Salmanticensia, Filosofía y Letras*, 16, Salamanca, Universidad de Salamanca, 1962, pp. 145-61.

MARTINS, Mário, “A legenda dos Santos Mártires e o Flos Sanctorum de 1513”, *Brotéria*, 72, 1961, pp. 155-165.

## FORMAS E FÓRMULAS GALEGAS EN INSTRUMENTOS NOTARIAIS DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XVI

**Pedro Dono López**

Universidade do Minho

Nos finais da Idade Media verificase unha mudanza escriptolingüística na documentación notarial galega, onde o uso amplo e consistente do romance propio do reino medieval da Galiza deixa paso ao romance castelán, aínda que chegamos a encontrar os instrumentos en galego ata finais do século XVI (cf. Lorenzo 2004). Na documentación notarial da centuria anterior xa é patente a influencia do romance castelán na escrita instrumental galega, como é o caso dos non infrecuentes documentos redactados nesa lingua ou nunha modalidade lingüística que podemos considerar híbrida galegocastelá, pero tamén en forma de castelanismos ou mesmo fragmentos compactos dos textos do diplomas (como é o caso das suscricións de certos notarios), o que preludia a substitución que se producirá en época moderna. A partir dese momento o romance galego só aparecerá nos instrumentos en forma de palabras illadas ou fórmulas que perviven nos novos usos escritos. A presente comunicación presta atención á documentación instrumental galega desa altura, unha documentación que non acostuma integrar as coleccións diplomáticas monásticas ou catedralicias e tampouco ten merecido unha excesiva atención por parte da investigación. En concreto, tomaremos en consideración a documentación en pergamiño do mosteiro ourensán de Santa Comba de Naves, do que conservamos uns vinte e cinco exemplares datados entre os anos 1500 e 1547. O conxunto documental está composto na súa maioría por documentos en castelán, pero tamén conta con tres exemplares en galego coa suscrición notarial en castelán (o máis recente é de 1513) e aínda con outros tres documentos onde a adscripción lingüística é dubidosa. A análise atenderá á totalidade dos documentos do período mais prestando especial

atención ás form(ul)as galegas presentes nos textos redactados en romance castelán, destacando a componente galega cando se trata da caracterización e delimitación de propiedades, a designación de tributos ou os elementos onomásticos.

Palabras chave: documentos notariais modernos; mosteiro de Santa Comba de Naves; galeguismos.

Referencias bibliográficas:

LORENZO, Ramón (2004): "Emerxencia e decadencia do galego escrito (séculos XIII-XVI)", en Rosario ÁLVAREZ BLANCO, Rosario, Francisco FERNÁNDEZ REI e Antón SANTAMARINA (eds.): *A lingua galega: historia e actualidade. Actas do I Congreso Internacional (16-20 de setembro de 1996, Santiago de Compostela)*, vol. III. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega-Instituto da Lingua Galega, pp. 27-153.

## UN NOVO TESTEMUNHO GALEGO DA QUINTA PARTIDA DE AFONSO X

**Ricardo Pichel Gotérrez**

Universidad de Alcalá / Universidade de Santiago de Compostela

**Harvey L. Sharrer**

University of California – Santa Barbara

Apresentamos nesta comunicación un novo testemunho fragmentario da transmisión occidental das *Partidas* de Afonso X no ámbito galego-portugués, nomeadamente na Galiza trecentista. Trátase de un bifolio localizado en 2014 por Gemma Avenoza na Sección Nobreza do Arquivo Histórico Nacional de España (AHNNobl Osuna, C.327, D.11), servindo de capa para un libro de contas do séc. XVI e sendo identificado por Harvey L. Sharrer (2014) como un fragmento do Título V (Leis 38-50) da *Quinta Partida*. O fragmento transmite tamén dous interesantes índices dos quinze títulos da *Partida* e das leis dos catro primeiros títulos. Para além de introducir a características externas do manuscrito e a súa procedencia, o interese da comunicación radica na presentación do texto e das súas particularidades lingüísticas e textuais máis relevantes, tendo en conta a súa condición de tradución desde o castelano e a súa relación con os demais testemunhos galegos das *Partidas* do rei Sábio.

Palabras-chave: Prosa jurídica medieval; Afonso X; *Partidas*; tradución galega; séc. XIV.

Bibliografía:

ASKINS, Arthur L-F. / Gemma AVENOZA / José Ignacio PÉREZ PASCUAL / Aida FERNANDES DIAS / Harvey L. SHARRER (1997): "Novos fragmentos de textos xurídicos medievais galegos (s. XIV)", *Revista de Literatura Medieval* 9, 9-43.

AVENOZA, Gemma (1995): "Atopáronse uns pergamiños... O redescubrimento duns fragmentos en galego das *Partidas*", *Romance Philology* 49, 119-29.

BITAGAP. Bibliografía de Textos Antigos Galegos e Portugueses. [Manid. 6142](#).

CRADDOCK, Jerry R. (1986): *The Legislative Works of Alfonso X, el Sabio: a critical bibliography* (Research Bibliographies & Checklists, 45). London: Grant & Cutler.

FRADEJAS RUEDA, José Manuel (dir): *7PartidasDigital. Edición crítica digital de las Siete Partidas*. Universidad de Valladolid. Projecto financiado pelo MINECO (FFI2016-75014-P) <<http://7partidas.hypotheses.org/>>.

## SESSÃO 5. QUESTÕES DE DOCTRINA E TEORIA EM CRÍTICA TEXTUAL

### PORTUGAL, FRANÇA E BRASIL: UMA, DUAS OU TRÊS CRÍTICAS GENÉTICAS?

**Carlota Pimenta**

Centro de Linguística, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

Nesta comunicação, proponho-me reflectir sobre o modo como os estudos genéticos foram implantados em Portugal, França e Brasil, advogando que a expressão “crítica genética” corresponde, nestes países, a conceitos que não são rigorosamente iguais, embora sejam maioritariamente sobreponíveis. Em Portugal, país herdeiro de tradição filológica, a atenção à génese das obras está intimamente ligada à disciplina da crítica textual, cuja competência é a edição do texto. As primeiras questões sobre a génese das obras em Portugal surgiram do contacto directo com a materialidade dos manuscritos modernos num contexto filológico e precedem a primeira sistematização teórica da crítica genética francesa, realizada em 1994, por Almuth Grésillon, no seu manual *Éléments de critique génétique*. Considero, assim, que a crítica genética portuguesa não é uma importação da sua homónima francesa e que o nascimento da crítica genética em Portugal e em França é um fenómeno poligenético. Um bom contraponto a esta realidade é a origem da crítica genética no Brasil, que resulta de um fenómeno de difusão da crítica genética francesa, sob influência de Philippe Willemart. A partir de uma selecção de estudos, proponho-me analisar as semelhanças e diferenças das abordagens científicas aos manuscritos modernos nestes três países.

Bibliografia:

BIASI, Pierre-Marc de, 2011, *Génétique des textes*, Paris, CNRS.

CASTRO, Ivo, 1995, “O retorno à filologia”, in *Miscelânea de Estudos Linguísticos, Filológicos e Literários in Memoriam Celso Cunha*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, pp. 511-520.

GRÉSILLON, Almuth, 1994, *Éléments de critique génétique*, Paris, Presses Universitaires de France.

SALLES, Cecile, 2000, *Crítica Genética: Uma (nova) introdução*, São Paulo, Educ.

WILLEMART, Philippe, 2009, *Os processos de criação na escritura, na arte e na psicanálise*, S. Paulo, Perspectiva.

### FILÓLOGOS: QUEM SÃO E PARA QUE SERVEM?

**Luiz Fagundes Duarte**

Universidade NOVA de Lisboa

Pretende-se discutir o papel do filólogo e a sua responsabilidade no processo de transmissão dos textos modernos, envolvendo não só os manuscritos e outros materiais autógrafos, mas também as edições em vida do autor e as tradições delas derivadas. O facto de, muito frequentemente – ou sempre – duas ou mais edições críticas de um dado texto apresentarem resultados diferentes, que ultrapassam a mera identificação de variantes para afirmarem textos críticos a que reputam autoridade como se do autor se tratasse, obriga-nos – a nós, os filólogos – a uma reflexão aturada sobre o que somos, o que fazemos, para que servimos, e, o que é mais importante, qual o conceito que temos da entidade autor.

E qual o conceito que temos do filólogo? Será ele um mero intérprete de sinais mais ou menos obscuros deixados pelo autor nos seus papéis? Um zeloso cumpridor de vontades mal definidas nos textos? Um eficaz desambiguador de lições variantes mas autênticas, cujo

problema é serem diferentes porque ocorrem em momentos diferentes, como se o texto tivesse que ser único e não pudesse ser polimórfico? E por que há-de a postura teleológica (sim-não) ser considerada apenas ao nível da derradeira vontade do autor?

Ao longo da comunicação serão analisados casos concretos retirados de textos poéticos de Antero de Quental por ele publicados com lições – e intenções? – diferentes.

## ELOGIO DELLA CONTAMINAZIONE (CON ALCUNE RIFLESSIONI SULLE COSIDDETTE 'VARIANTI ADIAFORE' E SULL' *USUS SCRIBENDI*)

**Anna Ferrari**

Università degli Studi dell'Aquila

Contro la contaminazione non c'è rimedio, diceva Paul Maas. Può darsi, ma da qui a vederla come la bestia nera della critica testuale ce ne passa. Sarà forse irrimediabile, ma nell'assenza quasi totale di elementi sicuri per la costituzione del testo – visto che anche l'errore "predicato sicuro" (G. Contini), spesso sicuro non è –, la contaminazione è un elemento concreto, reale (quando ben argomentata, ovviamente) a nostra disposizione, che non può certo essere ignorato in quanto può fornirci preziosi elementi per la ricostruzione del testo originale. Ci sto riflettendo da tempo (come molti altri, vedi Bibliografia minima) e non ho risultati concreti e definitivi da proporre, ma spero di trovarne continuando la riflessione in vista del Congresso per Ivo Castro, e soprattutto nella discussione con gli esperti di critica testuale che saranno presenti, speriamo numerosi.

Intanto, ritengo che sia necessario porre ancora una volta il problema con la massima chiarezza e la massima urgenza, per ribaltare la prospettiva offerta dai pur ottimi manuali (e trattazioni) di critica testuale classici, sui quali ci siamo formati.

Contemporaneamente, e allo stesso scopo di cui sopra (il progresso degli studi ecdotici), occorre soffermarsi su almeno due concetti tanto fondamentali nella critica testuale quanto assolutamente ambigui e fuorvianti, vale a dire le (cosiddette) 'varianti adiafore' e l'*usus scribendi*.

Della mia amatissima "Filologia materiale" non avrò certo il tempo di parlare, ma sarà sempre presente in filigrana nell' esposizione, in quanto è lo strumento 'nuovo' che a mio avviso consente un diverso punto di vista, fornendoci elementi non contestabili: materiali, per l'appunto, concreti e verificabili.

Bibliografia:

M. D. REEVE, *Stemmatic Method: «qualcosa non funziona»? [1986]*, in Id., *Manuscripts and Methods. Essays on Editing and Transmission*, Roma 2011, pS.

RESCONI, *Sulla contaminazione in ambito trobadorico: fenomenologia e implicazioni testuali*, *Ibid.*, pp. 201-227.

G. BELLONI, *Contaminazione in filologia*, in «Acta Histriae», 23 (2015), pp. 153-169.

P. GOLITSIS, *Collation but not contamination: on some textual problems of Aristotle's Metaphysics Kappa ...* in «Revue d'histoire des textes», X (2015), pp. 1-24

## SESSÃO 6. CONCEITOS DE AUTOR E EDIÇÃO GENÉTICA

### «DE CABEÇA PARA BAIXO A VER A TERRA GIRAR». OS AUTÓGRAFOS DE MÁRIO CESARINY COMO DESAFIO PARA A CRÍTICA TEXTUAL

**Laura Mateus Fonseca**

Instituto de Estudos de Literatura e Tradição, Universidade NOVA de Lisboa

Os manuscritos autógrafos de Mário Cesariny documentam um conjunto de situações ainda não previstas, ou não previstas cabalmente, pelos modelos teóricos e pela prática da Crítica Textual moderna e genética, o que os torna um objeto de trabalho particularmente interessante. As correções de uma edição para outra, assim como a reutilização de versos e estrofes completas, assumindo até composições gráficas diferentes, e em diferentes poemas, denunciam as constantes possibilidades de o texto se recriar, de se tornar outro continuando o mesmo. Oferecem ao filólogo um campo de trabalho movediço, com muitas variantes, tanto no texto em processo de produção como no texto em processo de transmissão, sem balizas concretas, num caos, aparentemente paradoxal, onde se articula uma obra manifestamente «surreal», no sentido mais literal do termo.

Apresenta-se, em linhas gerais mas ilustrado com exemplos concretos, uma tipologia do manuscrito autógrafo de Mário Cesariny e a sua relação com o texto impresso, bem como o pensamento do autor perante conceitos como «texto acabado». Discutir-se-á a aplicabilidade dos modelos da Crítica Textual genética a este tipo de materiais, propondo-se uma nova perspectiva que valorize o carácter movediço do texto literário surrealista. Assim, colocam-se as questões: sabendo-se que Cesariny nunca se interessou pela construção, laboração meditada e consciente da sua «Obra Poética», terá deixado nos seus manuscritos autógrafos indicações, marcas da sua intenção face aos textos manuscritos e aquilo que poderão vir a ser? Tornar-se-á esta escrita permeável a uma nova realidade filológica, (re)criando-se infraestruturas, ferramentas de análise sustentadas em plataformas digitais, capazes de açambarcar um número de reproduções de manuscritos e textos originais, aumentando exponencialmente a possibilidade de cruzamento de dados, de partilha e de acessos? Perante as diferentes e diversificadas conjeturas e possíveis interpretações dos materiais disponíveis, o que poderá esperar o leitor de um trabalho da crítica textual? Os materiais a inventariar serão todos destinados a um mesmo livro? Como é que se poderão organizar? Serão todos do mesmo nível genético? Terão todos o mesmo estatuto perante um hipotético texto final? E em último: no contexto dos autógrafos de Cesariny, será possível existir esse texto final e, por isso, acabado?

### EDIÇÃO CRÍTICO-GENÉTICA E PRÁXIS POÉTICA

**Enrique Rodrigues-Moura**

Universidade de Bamberg

Do ponto de vista da teoria literária, um texto ficcional vem a ser apreciado como produto estético, cujo significado ou interpretação há de se encontrar no próprio texto, logo, não como documento biográfico relativo ao autor empírico. Nesse sentido, a importância do autor empírico, que pertence ao mundo exterior ao texto e não ao mundo da ficção (diferença ontológica), vem a ser, para a interpretação do seu próprio texto, um assunto menor ou até irrelevante. Diferentes críticos do século XX postularam a diferença ontológica entre autor e narrador (Friedmann, Hamburger, Kayser, Booth), até se chegar à morte do primeiro (Barthes,

Foucault). No entanto, os estudos de gênero e/ou os estudos pós-coloniais relançaram o interesse hermenêutico sobre a figura do autor empírico. Na virada do século XX para o XXI, a figura do autor voltou a ganhar interesse acadêmico (Chartier, Jannidis *et alii*), embora com notáveis restrições, se levarmos em consideração a sua clara hegemonia no século XIX. Um autor empírico é o detentor dos direitos autorais, responde perante a possível censura do seu texto e oferece uma unidade a um possível corpus de textos, além de que não se lhe pode negar a possibilidade de ser o fundador de um discurso ou sistema de ideias, no sentido de Foucault (Chartier).

Uma edição crítico-genética procura, enquanto crítica, fixar o texto mais autorizado, por ser a vontade reconstituível do autor empírico, ao tempo que, enquanto genética, procura documentar e apresentar de forma visível o percurso que o autor seguiu na elaboração do seu texto (Castro, Spaggiari/Perugi). Esta definição parte da ideia de que um texto, também um texto literário, não é um objeto estático, mas sim um processo histórico, logo, conotado pelo tempo. O movimento é imanente ao texto.

Tendo em consideração as duas reflexões anteriores, tanto sobre o conceito de autor como sobre a definição e implicações interpretativas de uma edição crítico-genética, esta apresentação estuda as variantes genéticas de um texto literário não como simples variantes estéticas, ou até de correção de gralhas, mas como a possibilidade de apreensão do que poderíamos denominar práxis poética do autor empírico. Determinadas correções, tais como supressões, substituições ou adições ao texto, chamam a atenção, do ponto de vista da materialidade da escrita, para a consciência narrativa de uma práxis poética que o autor empírico quer imprimir ao seu texto. Essa práxis poética só se aprecia durante a leitura de uma edição crítico-genética e passa despercebida, no entanto, em quase qualquer outro tipo de edição. Usar-se-ão exemplos das edições genéticas de Fernando Pessoa/Alberto Caeiro e do romance *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco, realizadas por Ivo Castro, professor homenageado no IV.º Congresso Internacional de Linguística Histórica (Lisboa, Julho de 2017).

## OS SONETOS QUE HOVE ENTRE ANTERO DE QUENTAL E OLIVEIRA MARTINS

**Ângela Correia**

Centro de Linguística, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

A propósito dos sonetos de Antero de Quental, editados e publicados por Oliveira Martins, refletir-se-á sobre este e outros casos de edição de originais de autores do séc. XIX, bem como sobre as implicações deste tipo de influência nos processos de edição crítica e de edição genética.

Bibliografia:

*Sonetos de Anthero*, Coimbra: Imprensa Literaria, 1861

*Os Sonetos Completos de Anthero de Quental publicados por J. P. Oliveira Martins*, Porto: Livraria Portuense, 1886

Colecção Antero de Quental (<http://purl.pt/14355/1/index.html>)

Lúis PRISTA, *Para a Edição do Guia de Portugal*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1993.

## O TEXTO QUE SE LÊ DE *O SEMINARISTA*, DE BERNARDO GUIMARÃES

**Luana Batista de Souza**

Universidade de São Paulo

O objetivo deste trabalho é apresentar a trajetória editorial do romance brasileiro *O Seminarista*, de Bernardo Guimarães, apontando para as alterações sofridas ao longo do seu processo de transmissão. Enfatizam-se, sobretudo, os casos em que o texto é reescrito.

A primeira edição do romance, datada de 1872, foi publicada em formato de livro pelo editor Baptiste-Louis Garnier (B.-L. Garnier). O autor cedera a B.-L. Garnier os direitos autorais da obra, prática pouco comum na época. Embora os direitos autorais pertencessem ao editor, as várias edições disponíveis evidenciam que muitas editoras publicaram o romance após a morte do autor.

Analisando-se as edições publicadas antes de a obra pertencer ao domínio público, nota-se que o conteúdo foi alterado e diverge, assim, da vontade do autor. Apenas duas edições foram publicadas durante a vida do Bernardo Guimarães. A segunda edição, embora não informado na folha de rosto, é uma reimpressão da primeira, pois contém os mesmos erros tipográficos, a mesma mancha e paginação. As modificações não-autorais surgem na obra sessenta anos após a primeira edição. Entre a edição príncipe e a modificada, continuaram a ser publicadas edições que reproduziam o texto da edição príncipe. Descarta-se, portanto, a possibilidade de a edição modificada resultar de um original alterado e corrigido, até então inédito, que tenha chegado tardiamente às mãos do editor. A modificação do texto da edição príncipe produz um texto com acréscimos, alterações de ordem, omissões, substituições e reelaborações.

Entre os tipos de modificação encontrados, é notável a recorrência da reelaboração. Ao cotejar-se uma edição atual de *O Seminarista* com a edição príncipe, encontram-se nada menos do que 20 lugares do texto em que ocorre a reelaboração ou reescrita do texto. Analisando-se os casos encontrados, percebe-se que sempre incidem sobre trechos do texto que trazem uma descrição, diálogos ou narrativas. Como esses são pontos fortes da obra de Bernardo Guimarães, conforme aponta a literatura especializada, o leitor que tiver contato apenas com as edições recentes estará distante do texto tal qual o autor o concebeu.

Palavras-chave: Crítica Textual; *O Seminarista*; trajetória editorial; Bernardo Guimarães; variantes.

## SESSÃO 7A. EDIÇÃO E MEIOS DIGITAIS

### AUTORIA, REVISÃO COLABORATIVA E APROPRIAÇÃO CULTURAL: PARA UM MODELO DE EDIÇÃO DA POESIA DE PEDRO HOMEM DE MELLO

**Elsa Pereira**

Centro de Linguística, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

Durante grande parte do séc. XX, a corrente dominante na crítica textual anglo-americana – liderada por W. W. Greg, Fredson Bowers e G. Thomas Tanselle – estabelecia que o principal objetivo de uma edição de obras modernas passava por fixar o texto, de acordo com a (última) vontade do autor. Esta posição teórica – que Ivo Castro teve o mérito de articular em Portugal com as escolas italiana e francesa – acabaria, no entanto, sendo matizada pelas teorias sociais

dos anos 80 (propostas sobretudo por D. F. McKenzie, Jerome McGann e Jack Stillinger), que vieram chamar a atenção para outros intervenientes no processo criativo, mostrando que a vontade do autor é muitas vezes condicionada por agentes externos, como amigos, editores ou mesmo leitores. Ao invés de fixar (*um*)a vontade autoral, expurgando-a de interferências externas, o trabalho de edição crítica tem vindo progressivamente a orientar-se para o tratamento de múltiplas versões, com tipos variáveis de autoridade. Esta tendência – comumente designada de *versioning* ou *multiple texts* – beneficia especialmente das virtualidades do hipertexto eletrónico e pode circunscrever-se às versões sancionadas pelo autor (posição defendida por Siegfried Scheibe nos anos 90) ou alargar-se já às apropriações culturais que lhe são completamente alheias (segundo proposta mais recente de John Bryant).

Partindo de considerações teóricas desta natureza, a comunicação procurará abordar alguns pressupostos em que assenta o modelo de edição atualmente em curso para a poesia de Pedro Homem de Mello. Deter-se-á, para isso, numa situação documentada de revisão colaborativa (envolvendo um conjunto de cartas trocadas por Pedro Homem de Mello e Eugénio de Andrade, em junho de 1970), bem como nalguns poemas sujeitos a apropriação cultural, onde por vezes se observa um relacionamento ambíguo entre o arquivo epigenético da produção e o arquivo social da transmissão.

## O FUTURO DAS HUMANIDADES DIGITAIS É O PASSADO

**Jorge Viana Santos**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**Cristiane Namiuti**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Os estudos em Linguística Histórica dependem de fontes antigas. Na era das Humanidades Digitais, buscaram-se maneiras de se beneficiar das vantagens do digital na investigação das fontes. Destacam-se iniciativas envolvendo construção de base de dados (bio)bibliográficos (como a *PhiloBiblon*, base de dados de textos antigos em línguas da Península Ibérica), corpora anotados (como o *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe*), acervos digitais (como a *Biblioteca Brasileira*), hiperedições (como *O Pasquineiro da Roça*). Consoante Barreiros (2014), muitas edições eletrônicas ou hipertextuais reproduzem modelos das edições pensadas para o universo dos impressos (suporte físico) não explorando o potencial do meio digital. A questão central do trabalho com textos antigos como fundamentos para estudos linguísticos no meio eletrónico é a busca por garantia da fidelidade às formas originais dos textos em uma abordagem global com integração entre diferentes planos de análise (PAIXÃO DE SOUSA, 2006). Neste trabalho, questionamos: como se beneficiar das vantagens do suporte digital sem dispensar a autenticidade do documento original físico? Na posição de Pesquisador Formador de Corpus (PFC) (NAMIUTI; SANTOS; LEITE, 2011), focalizamos a reflexão sobre a complexidade das fontes documentais em papel a se tornar documento digital. Assim, temos desenvolvido e aplicado um método de construção de corpora digitais anotados cientificamente controlados (NAMIUTI; SANTOS, 2016): partindo do Documento Físico (DF), constrói-se o Documento Digital Imagem (DDI) que servirá de fonte no meio digital para os processos de constituição de corpora anotados, processos estes que terão como resultado o Documento Digital Texto (DDT) com camadas de anotação que registram a memória do processamento. Na transposição material cientificamente controlada do papel para o suporte digital, mediante desenvolvimento e uso de procedimentos, ferramentas e tecnologias potencializadoras da exploração das possibilidades do suporte digital para pesquisas em humanidades, chegamos a um aparato que garante a recuperação de informações de natureza

variada, a exemplo da filológica: o Aparato de Metadados Estruturados (AME) que permite recuperar, no digital, a complexidade do documento histórico físico, cuja realidade é tridimensional, irregular e subjetivamente construída. Atualmente o AME engloba cinco componentes fundamentais: i) Catálogo Visual; ii) Dossiê de Observações Pertinentes (DOP); iii) Fotografia Cientificamente Controlada (FCC); iv) Análise Topográfica; v) Análise Descritiva.

Bibliografia:

BARREIROS, Patrício Nunes. *O Pasquineiro da Roça: a hipertextualização dos panfletos de Eulálio Motta*. <https://eulaliomotta.wordpress.com>

BARREIROS, Patrício Nunes. Novas práticas culturais da escrita, novas perspectivas da Crítica Textual. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, 16:1, 2014.

BIBLIOTECA BRASILIANA. <http://www.brasiliana.usp.br>

GALVES, Charlotte; Pablo FARIA. 2010. *Corpus do Português Histórico Tycho Brahe*. <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/en/index.html>.

NAMIUTI, Cristiane; Jorge Viana SANTOS. *Novos desafios para antigas fontes: a experiência DOViC na nova linguística histórica*. E-Book do Congresso de Humanidades Digitais em Portugal. 2015. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2016 (prelo).

NAMIUTI, Cristiane; Jorge Viana SANTOS; Cândida LEITE. *Propostas e desafios dos novos meios das antigas fontes*. Anais do X Colóquio Nacional e II Colóquio Internacional do Museu Pedagógico UESB. Vitória da Conquista: UESB, 2011.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. Memórias do Texto. *Revista Texto Digital*, 2:1, 2006.

PhiloBiblon. Dir. Charles B. Faulhaber. Bancroft Library. University of California, Berkeley, 1997. <http://vm136.lib.berkeley.edu/BANC/philobiblon/index.html>.

## A FILOLOGIA DIGITAL EM DISCUSSÃO: O CASO DA EDIÇÃO DO ROMANCEIRO DE ALMEIDA GARRETT

**Sandra Boto**

Fundação para a Ciência e Tecnologia – CIAC, Universidade do Algarve / CLP, Universidade de Coimbra

Nesta comunicação abordar-se-á a estruturação da edição crítico-genética integral do *Romanceiro* de Almeida Garrett enquanto produto digital. Pretende-se, efectivamente, reproduzir os 99 poemas e respectivos paratextos que compõem actualmente o corpus romancístico do poeta, após a integração dos materiais manuscritos oriundos da Coleção Futscher Pereira, descoberta em 2004.

Em síntese, o processo compositivo de cada um dos romances editados por Almeida Garrett revelou-nos uma obra com algumas características peculiares que poderemos simplificar do seguinte modo: a) necessariamente inacabada; b) materialmente dispersa; c) composta por poemas narrativos em estádios de elaboração radicalmente distintos e que mantêm relações bastante heterogéneas com as suas fontes, que vão desde a mera tradução criativa de romances de autoria alheia, passando pela recriação romântica da própria minerva do Visconde, e ainda por versões de romances consideravelmente próximas da conjectural tradição oral do século XIX.

Partindo das particularidades deste *corpus*, apresentaremos o mapeamento da edição digital do *Romanceiro*, discutiremos as opções tecnológicas em implementação e abordaremos as estratégias ecdóticas adoptadas neste projecto actualmente em curso, que aqui serão devidamente justificadas.

Palavras-chave: Almeida Garrett; Romanceiro; edição crítico-genética; filologia digital; Romantismo.

#### Bibliografia:

Sandra BOTO (2011). *As Fontes do Romancero de Almeida Garrett: uma proposta de 'edição crítica'*. Tese de doutoramento no Ramo de Línguas, Literaturas e Culturas, Especialidade de Estudos Literários, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Sandra BOTO (2013). "Nuevas perspectivas para un viejo problema: la edición crítica del romancero de fuente tradicional". *Dicenda. Cuadernos de Filología Hispánica*, Norteamérica, 30, feb. 2013. DOI: [http://dx.doi.org/10.5209/rev\\_DICE.2012.v30.41362](http://dx.doi.org/10.5209/rev_DICE.2012.v30.41362). Url:

<http://revistas.ucm.es/index.php/DICE/article/view/41362> [último acesso a 16 de junho de 2016].

Dino BUZZETTI (2009). "Digital editions and text processing" in Marilyn Deegan and Kathryn Sutherland (eds.), *Text Editing, Print and the Digital World*. Farnham: Ashgate, pp. 45-61.

Matthew James DRISCOLL and Elena PIERAZZO (eds.) (2016). *Digital Scholarly Editing. Theories and Practices*. Cambridge, UK: Open Book Publishers.

Jerome McGANN (2014). *A New Republic of Letters: Memory and Scholarship in the Age of Digital Reproduction*, Cambridge, MA: Harvard University Press.

## FERNANDO PESSOA 2.0: NOVAS FERRAMENTAS PARA VELHOS PROBLEMAS

### Simone Celani

Sapienza Università di Roma

O Espólio Pessoa representa, reconhecidamente, um exemplo extremo no âmbito da filologia, devido em particular à sua estrutura, muito ampla e complexa, mas que conserva poucos elementos da ordenação original deixada pelo autor. Na materialidade dos documentos originais estão presentes, porém, inúmeros indícios que permitem reconstruir diferentes graus de proximidade genética entre as peças, dados fundamentais para editar criticamente as obras de Fernando Pessoa; mas os elementos a ter em consideração são inúmeros e conseguir uma visão global utilizando apenas os métodos tradicionais exigiria tempos de análise muito longos. Na Universidade de Roma La Sapienza começou uma nova experimentação que visa examinar um amplo número de variáveis de uma forma automática, utilizando um algoritmo que desfrute as potencialidades dos Sistemas Artificiais Adaptativos (AAS, Artificial Adaptive Systems) e forneça um mapa gráfico das ligações entre elas (formalmente um MST, Minimum Spanning Tree). Nos últimos anos deu-se início a um primeiro teste baseado num *dataset* que contém uma formalização das variáveis materiais (suportes, canetas, etc.) das peças (Castro 1990: 33) que compõem *O caso Vargas*, identificando uma série de famílias ou *clusters* em que as peças podem ser divididas, cada uma das quais possivelmente associada a uma fase da escrita da obra. O mapa resultante da análise automática pode ser confrontado com dados ligados aos conteúdos das peças e fornecer indicações úteis sobre as sincronias na produção de diferentes partes de uma mesma obra ou de obras diferentes. Ampliando o exame a obras mais extensas, a séries de obras ou, melhor ainda, ao Espólio na sua totalidade, será possível ter uma hipótese de visão estratigráfica do Espólio, de modo a identificar ligações entre partes diferentes da obra de Pessoa e a fornecer importantes indicações cronológicas e genéticas. Em conclusão o que se pretende demonstrar não é, obviamente, a possibilidade de teorizar a existência de um filólogo automático ou virtual, mas a de integrar novas ferramentas no trabalho de um filólogo de carne e osso que tente enfrentar a difícil tarefa de reconstruir as grandes fases da escrita da obra de Pessoa.

#### Referências:

CANETTIERI, Paolo, LORETO, Vittorio, ROVETTA, Marta, SANTINI, Giovanna, *Ecdotics and Information Theory*, in "Filologia Cognitiva" 3 (2005), <http://w3.uniroma1.it/cogfil/ecdotica.html>

CASTRO, Ivo, *Editar Pessoa*, Edição Crítica de Fernando Pessoa, Colleção "Estudos", vol. I, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1990<sup>1</sup>, 2013<sup>2</sup>

CELANI, Simone, *Artificial Adaptive Systems for Phylological Analysis: the Pessoa Case*, in *Archeosema. Artificial Adaptive Systems for the Analysis of Complex Phenomena. Collected Papers in Honour of David Leonard Clarke*, edited by Marco Ramazzotti, «Archeologia e Calcolatori», Supplemento 6 (2014), 203-215

CELANI, Simone, *Quale Pessoa? Ultime edizioni e nuove prospettive*, in «Critica del Testo» XVI/2 (2013), 335-353

CELANI, Simone, *I Sistemi Artificiali Adattivi e l'opera di Fernando Pessoa: possibili applicazioni a fini ecdotici e critici*, in «Semicerchio» LIII/2 (2015), 109-116.

*Edizioni critiche digitali/Digital Critical Editions*, a cura di Paola Italia e Claudia Bonsi, Sapienza Università Editrice, Roma, 2016.

RAMAZZOTTI, Marco, *Archeosema. Un modello archeologico per la ricerca teorica, analitica e sperimentale dei fenomeni complessi*, in *Archeologia e Calcolatori* 24 (2013), 283-303.

## SESSÃO 7B. EDIÇÃO DE CANCIONEIROS

### PROBLEMAS DE AUTORIA NO CANCIONEIRO DE MEM RODRIGUES TENOIRO

**Eduardo Rui P. Serafim**

Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

O cancionero de Mem Rodrigues Tenoiro é constituído por 13 composições poéticas e pelo fragmento de uma outra. Na sua simplicidade, esta afirmação peca por maximalista, pois não equaciona em toda a sua dimensão o complexo problema de atribuição que envolve a poesia de Tenoiro; do lado oposto, pode colocar-se a perspectiva minimalista que, com certeza absoluta, apenas reconhece ao poeta a autoria de cinco daqueles textos.

A produção poética de Mem Rodrigues Tenoiro chegou até nós por intermédio das três grandes compilações da poesia profana galego-portuguesa, distribuindo-se, no entanto, de forma desigual por cada uma delas: enquanto o Cancioneiro da Ajuda (testemunho A) contempla somente duas cantigas de amor, o da Vaticana (V) contém, pela ordem que se segue, 13 textos, em que se incluem as duas composições presentes em A: seis cantigas de amor, uma tenção, quatro cantigas de amigo e duas de escárnio. O cancionero da Biblioteca Nacional (B), por sua vez, apresentando esta mesma sequência de textos, não reconhece a todos a autoria de Mem Rodrigues Tenoiro, mas somente a uma das cantigas de amor, às quatro de amigo e a uma de escárnio, exactamente as mesmas composições que aparecem listadas como suas no testemunho conhecido por *La Tavola Colocciana* (C), uma coincidência lógica, pois C é tido como índice de B. As restantes cantigas, atendendo aos elementos textuais em presença, são susceptíveis de ser atribuídas a Afonso Fernandez Cebolhilha, excepto no que respeita à segunda cantiga de escárnio, que se encontra sob a rubrica de Airas Perez Vuitoron.

Na comunicação, sendo tidos em conta os trabalhos de G. Marroni sobre os cancioneros de Tenoiro e Cebolhilha, pretende-se justamente apresentar o problema de atribuição que envolve o trovador Mem Rodrigues Tenoiro, bem como pôr em evidência os elementos codicológicos e textuais que apontem para uma decisão de atribuição das cantigas relativamente às quais os manuscritos consentem ou impõem a dúvida. Este é um passo fundamental para o editor que necessite de delimitar o *corpus* de edição crítica das cantigas de Tenoiro.

Palavras-chave: cantiga; Tenoiro; rubrica; autoria; manuscritos.

Bibliografia:

- BREA, Mercedes (coord.), *Lírica Profana Galego-Portuguesa*, Santiago de Compostela, 1996.  
*Cancioneiro da Ajuda*, ed. fac-similada, Lisboa, 1994.  
*Cancioneiro da Biblioteca Nacional (Cod. 10991)*, ed. fac-similada, Lisboa, 1982.  
*Cancioneiro Português da Vaticana (Cód. 4803)*, ed. fac-similada, Lisboa, 1973.  
GONÇALVES, Elsa, *La Tavola Colocciana — Autori Portughesi*, Paris, 1976.  
MARRONI, Giovanna, «Sull'entità del canzoniere di Men Rodrigues Tenoiro», *Studi di Filologia Romanza offerti a Silvio Pellegrini*, Padova, 1971.  
MARRONI, Giovanna, «Afonso Fernandez Cebolhilha e il suo minuscolo canzoniere», Estrato da *Studi Mediolatini e volgari*, XVIII, Pisa, 1970.  
LANCIANI, Giulia e TAVANI, Giuseppe (org. e coord.), *Dicionário da Literatura Medieval Galego-Portuguesa*, Lisboa, 1993.  
OLIVEIRA, António Resende de, *Depois do Espectáculo Trovadoresco — A Estrutura dos Cancioneiros Peninsulares e as Recolhas dos Séculos XIII e XIV*, Lisboa, 1994.  
TAVANI, Giuseppe, *Trovadores e Jograís — Introdução à Poesia Medieval Galego-Portuguesa*, Lisboa, 2002.  
VASCONCELOS, Carolina Michaelis de, *Cancioneiro da Ajuda*, ed. crítica, Lisboa, 1990 (reimpressão).

## CAROLINA MICHAËLIS E HENRY LANG: UM DIÁLOGO ENTRE ROMANISTAS

**Lênia Márcia Mongelli**

Universidade de São Paulo

**Yara Frateschi Vieira**

Universidade Estadual de Campinas

Em 1894, o filólogo suíço-americano Henry Lang publicava *Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal*, edição crítica do cancionero dionisino elaborada dentro das normas do “melhor método científico”, nas palavras de Carolina Michaëlis (1990: II, 76), que lhe dedicou logo a seguir detalhada recensão (1895a).

Ao organizarmos a coletânea *Cancioneiro d'el Rei Dom Denis e Estudos Dispersos* (2010), reunindo em versão portuguesa a principal produção de Lang acerca da lírica galego-portuguesa, não nos foi possível, por questão de espaço, incluir a recensão michaëliana. Propondo-nos sanar agora esta lacuna, contamos com a vantagem do acesso ao exemplar do *Liederbuch* pertencente à Biblioteca de Joseph M. Piel, graças à generosa intervenção do Professor Ivo Castro, responsável pelo achado do volume, a identificação da letra das anotações e a hipótese de que se tratava do exemplar de trabalho de Carolina Michaëlis.

Os meticolosos apontamentos da romanista, ali presentes, asseguram-nos melhores condições de concluir o projeto anterior. Oferecem-nos subsídios para esclarecer eventuais pontos obscuros da recensão e até documentar aspectos do método de trabalho filológico da época, como a prática de austera e exaustiva discussão acadêmica formal, inclusive por meio da correspondência frequente, às vezes mesmo polêmica, entre os estudiosos.

A recensão está dividida em duas partes: a primeira faz críticas pontuais à edição do texto por Lang; a segunda discute as propostas do romanista suíço quanto à origem da lírica galego-portuguesa, suas relações com a lírica provençal e francesa, gêneros e formas. Neste trabalho, por restrições de tempo, concentrar-nos-emos na tradução e comentário da primeira parte do artigo.

Palavras-chave: Carolina Michaëlis de Vasconcelos; Henry R. Lang; *Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal*; edição textual.

Bibliografia:

LANG, Henry R. (1894). *Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal*. Halle a.S.: Max Niemeyer.

LANG, Henry R. (2010). *Cancioneiro d'el Rei Dom Denis e Estudos Dispersos*. Niterói/RJ: EdUFF. (Coleção “Estante Medieval”, 6)

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis (1895a). “Zum Liederbuch des Königs Denis von Portugal”, *Zeitschrift für romanische Philologie*, XIX (Halle, Max Niemeyer) pp. 513-541; “Besprechungen”, pp. 578-615.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis (1895b). “Henry R. Lang. *Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal*. Zum erstenmal vollständig herausgegeben und mit Einleitung, Anmerkungen und Glossar versehen. Halle a.S.: Max Niemeyer. CXLVIII, 174 S., 8°. *Litteraturblatt für germanische und romanische Philologie*, 8, pp. 271-276.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis (1990). *Cancioneiro da Ajuda*. Edição de Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Reimpressão da edição de Halle (1904), acrescentada de um prefácio de Ivo Castro e do glossário das cantigas (*Revista Lusitana*, XXIII). 2 vols. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

## CRÍTICA TEXTUAL E FILOLOGIA MUSICAL. A PROPÓSITO DAS *CHANSONS* RS 206 E RS 1752

**Fabio Barberini**

CNRS / Université de Toulouse 2 “Jean Jaurès”

**Gianluca Bocchino**

Università di Roma “La Sapienza”

Ainda que a tradição manuscrita da lírica francesa medieval apresente um grande número de textos com melodia preservada, as pesquisas de filólogos e musicólogos tendem a andar separadamente sem, excepto em casos muito raros, as duas disciplinas terem a possibilidade de dialogar entre si de modo proveitoso. O trabalho que aqui se apresenta propõe uma nova análise textual e musical das *chansons Espris d'amor et de longue atandance* (RS 206) e *Qui que de chanter recroie* (RS 1752). Do ponto de vista metodológico, os dois poemas têm especial importância.

1) As duas *chansons* são preservadas apenas pelo Cancioneiro “de Saint-Germain de Prés” (Paris, Bibliothèque nationale de France, fr. 20050) e pelo Cancioneiro “de Berna” (Bern, Burgerbibliothek, 389), respectivamente U e C na nomenclatura dos cancioneiros da lírica dos *trouvères*. Trata-se de dois manuscritos que têm uma relação de parentesco muito estreita, como já tem sido demonstrado por Eduard Schwan em 1886 no seu fundamental estudo (até hoje nunca impugnado) sobre a tradição manuscrita da lírica francesa medieval: o primeiro é provavelmente o mais antigo cancioneiro francês preservado e também guarda as melodias dos textos; o segundo tem apenas o espaço para a música, mas os neumas não chegaram a ser copiados.

2) Na primeira transcrição do primeiro verso do refrão, ambos os poemas apresentam o mesmo problema (uma leve hipermetria) causado pelo mesmo factor (um monossílabo, *ja*, que em ambos os casos parece ter sido adicionado num momento posterior).

Não se importando do contexto musical, os editores restabelecem a medida do verso (um heptassílabo agudo) suprimindo o monossílabo em ambos os textos e, teoricamente, seria esta a solução mais simples. No entanto, a transcrição da melodia em U permite verificar que em ambos os poemas juntamente com o monossílabo também foi adicionado o neuma que lhe corresponde. O contexto musical, portanto, sugere avaliar a questão da edição crítica de RS 206 e RS 1752 numa perspectiva mais ampla que, ao mesmo tempo, tenha em conta os dados

oferecidos pela análise do texto e os resultados de uma análise pormenorizada dos elementos melódicos.

#### Bibliografia

- V. BELDON, *Il Canzoniere di Saint-Germain-des-Près. Descrizione codicologica e tavola del contenuto*, Padova 2009.
- P. MEYER – G. RAYNAUD, *Le Chansonnier français de Saint-Germain-de-Près (Bibl. Nat. fr. 20050)*, Paris 1892.
- P. MORENO, «Intavulare». *Tables de chansonniers romans. II. Chansonniers français. 3. C* (Bern, Burgerbibliothek 389), Liège 1999.
- I. PARKER, *Notes on the Chansonnier de Saint-Germain-de-Près*, in «Music and Letters», 60 (1979), pp. 261-280.
- G. RAYNAUD, *Bibliographie des chansonniers français des XIIe et XIIIe siècles*, 2 vols., Paris 1884, I, pp. 172-183.
- E. SCHWAN, *Die altfranzösischen Liederhandschriften*, Berlin 1886.
- M. TYSENS, *Les copistes du Chansonnier français U*, in *Lyrique Romane Médiévale. La tradition des chansonniers* (Actes du Colloque de Liège, 1989), Liège 1991.
- M. TYSENS, «Intavulare». *Tables de chansonniers romans. II. Chansonniers français. 5. U* (Paris, BnF fr. 20050), Liège 2007.
- M. TYSENS, *Le Chansonnier français U*, Paris 2015.
- H. VAN DER WERF, *Trouvères-Melodien*, Kassel – Basel – Tours – London 1977 e 1979.

# MUDANÇA LINGUÍSTICA, LINGUÍSTICA TEÓRICA

## SESSÃO 1A. PORTUGUÊS MEDIEVAL

### *FEZELHE CRÊETE QUE AVYA HI HÛU POSTIGOO: FAZER + PARTICÍPIO PRESENTE EM PORTUGUÊS ANTIGO*

#### **Cláudia Martins**

CLUNL - FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

#### **Alexandra Fiéis**

CLUNL - FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

#### **Maria Lobo**

CLUNL - FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

No português antigo (PA), tal como já acontecia em latim (e à semelhança do que podemos observar noutras línguas), o particípio presente, além de ocorrer como nome e adjetivo, como acontece no português contemporâneo, podia ainda ocorrer com função verbal, alternando, neste caso, com formas do gerúndio e, ainda que mais raramente, do infinitivo (Martins 2015). Um dos contextos em que encontramos o particípio presente com função verbal corresponde a estruturas em que o particípio é selecionado pelo verbo causativo *fazer*:

- (1) Ca, se vos el quer *fazer entendente*/que vos serviu sem outra encoberta (CEM 445, séc. XIII)
- (2) E, essa noyte, *fezelhe crêete* que avya hi hũu postigoo per onde tomaria Çamora. (CGE 496, séc. XIV)
- (3) E auendoo de uender q(ue) o *faça p(ri)meiro sabent(e)* ao d(i)to (con)uento (e) m(osteiro) (DN184, séc. XV)
- (4) ou poemdo fogo ã algũa cousa ou outra semelhante se danou alguem ou talhou algũas aruores ou *se fez perdemte* alguus beens alguem per qualquer maneira que seia. (TC, séc. XV)

Ora, segundo os dados do PA, estes são contextos em que se encontra, tipicamente, o infinitivo. A ocorrência destes particípios presentes no mesmo contexto leva a pensar na possibilidade de as duas formas terem, em algum momento, funcionado como variantes, assim como na possibilidade de nelas encontrarmos propriedades comuns. De acordo com Martins (2004), na complementação dos verbos causativos e percetivos do PA, podíamos encontrar construções *fazer-inf* (5) ou construções ECM (6):

- (5) *fazendoo primeiro ssaber a elas* (Documento notarial, ano de 1447. Martins 2001b: 499)
- (6) *que o fez leixar a fe de Jhesu Christo* (Crónica Geral de Espanha de 1344. Citado por Davies 1994: 52)<sup>1</sup>

Estas tinham características diferentes, nomeadamente quanto à obrigatoriedade da subida de clíticos e à ocorrência de clítico na forma dativa ou acusativa (cf. Martins 2004).

Esta apresentação pretende, a partir da análise de textos literários e não literários do português dos séc. XIII a XVI, incluídos no Corpus Informatizado do Português Medieval (CLUNL/FCSH-UNL), verificar semelhanças e diferenças na estrutura e comportamento entre as construções *fazer*-inf e ECM e as construções em que o particípio presente verbal surge também como complemento de verbos causativos como *fazer*.

<sup>1</sup> Exemplos retirados de Martins 2004.

Referências:

MARTINS, A. M. (2004). Ambiguidade estrutural e mudança linguística: A emergência do infinitivo flexionado nas orações complemento de verbos causativos e perceptivos. *Linguística Histórica e História da Língua Portuguesa. Actas do Encontro de Homenagem a Maria Helena Paiva*. Porto: Secção de Linguística do Departamento de Estudos Portugueses e de Estudos Românicos da Fac. Letras Univ. Porto, 197-225.

MARTINS, C. (2015). “*entrante aa noite*” *O particípio presente no português antigo*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

## OS MÚLTIPLOS VALORES DO ITEM *HOMEM* NO PORTUGUÊS ANTIGO

**Clara Pinto**

Centro de Linguística, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

Proveniente da forma latina *hominem*, o nome comum *homem* surge com frequência em textos medievais com o traço [+ humano] e género masculino. No entanto, a observação de textos compreendidos entre os séculos XIII e XVI permite identificar outros usos do item *homem* que se afastam do nome comum. Nesta comunicação pretendemos mostrar que o Português Antigo dispunha de duas outras construções envolvendo um item *homem*, mas que não subsistiram para além do século XVI.

Por um lado, encontra-se atestado o uso de *homem* enquanto minimizador indefinido com baixo grau de referencialidade (cf. Pinto 2015). Enquanto minimizador indefinido, *homem* comportava-se como um tipo particular de item de polaridade negativa fraco (segundo terminologia proposta em Martins 2000), estando, portanto, excluído de contextos afirmativos/assertivos e ocorrendo maioritariamente em contextos negativos, legitimado por um operador de negação regular, como em (1). Poderia também surgir em contextos modais não-negativos como em (2), embora com menor frequência. Em ambos os casos a leitura associada é equivalente ao inglês *anyone*.

(1) E ao doo da rainha nunca *homem* vio par. (DSG, cap. CCCCLV)

(2) [...] e sabede que sas armas eram taes que adur poderia *homem* melhores achar. (DSG, cap. CXXXIII)

Por outro lado, é possível encontrar ocorrências de *homem* que não correspondem a um uso enquanto nome comum, mas que também não podem ser classificadas como minimizador indefinido por ocorrerem em contextos afirmativos/assertivos (embora não exclusivamente). Este tipo de construção envolvendo um item *homem* é descrito por Ramat e Sansò (2007) como um fenómeno generalizado nas línguas da Europa até ao século XVI. Os autores utilizam a designação *indefinite man-constructions* para classificar exemplos como o do Italiano Antigo *uomo*, ilustrado em (3). Nos dados do Português Antigo encontramos exemplos como (4) que se aproximam das *indefinite man-constructions* descritas por Ramat e Sansò (2007) e que haviam já sido notadas por Mattos e Silva (1989) como uma estratégia de indefinição do sujeito.

Ambas as estratégias apresentam características comuns, sobretudo por partilharem baixa referencialidade e traços de indefinição, pelo que se torna necessário distinguir com detalhe os contextos de ocorrência de cada uma e os traços que permitirão apresentá-las como construções diferentes.

- (3) quando *uomo* truova la donnola nella via... (Novellino, 32, rr. 7-8)  
 When one finds a weasel on his way' (Ramat e Sansò, 2007)
- (4) Mas, ao tempo da grande coyta, ha *homem* mester siso e castigo, consselho e esforço e escolher o melhor. (CGE, 2, cap. CDXCIV)

Referências:

- CGE= Miranda, Sílvia. (2013): *Reconstituição do ms. L da Crónica Geral de Espanha de 1344* (2.ª parte), Relatório final de estágio de Mestrado, FLUL.
- DSG= Piel, J. & I. Nunes. (1988): *Demanda do Santo Graal*, Lisboa: INCM.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1989): *Estruturas trecentistas*. Lisboa: INCM.
- MARTINS, A. M. (2000): "Polarity Items in Romance: Underspecification and Lexical Change", in S. Pintzuk, G. Tsoulas and A. Warner (eds.), *Diachronic Syntax: Models and Mechanisms*, Oxford/New York: Oxford University Press. 191- 219.
- PINTO, C. (2015). "Para a história da negação: o minimizador *homem* no português antigo". *Estudos de Lingüística Galega* 7. 109-123.
- RAMAT, A. e A. SANSÒ (2007): "The spread and decline of indefinite man-constructions in European languages: an areal perspective", in P. Ramat and E. Roma (eds.). *Europe and Mediterranean as linguistic areas: Convergencies from a historical and typological perspective*. Amsterdam: John Benjamins, 95-131.

## CONSTRUÇÕES COM *HAVER* E *TER* DE VALOR EPISTÊMICO – ALGUNS DADOS DE TESTEMUNHOS DOS SÉCULOS XIII-XV

**Maria Teresa Brocardo**

CLUNL - FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

Os verbos *haver* e *ter* foram já objeto de muitos estudos diacrónicos tendo em vista explorar diferentes aspetos do seu funcionamento (v., por exemplo, referências em Martins 2016: 23-25), como verbos principais plenos e leves, a sua emergência como auxiliares de tempos compostos e também a sua ocorrência em construções (*haver / ter* Prep) com infinitivo denotadoras de valores temporais e modais deônticos.

A apresentação proposta tem como objetivo de algum modo contribuir para complementar estas abordagens com a descrição de dados de fases passadas da língua em que estes verbos ocorrem em diferentes tipos de construções (estruturas transitivas predicativas *haver / ter* SN (*por*) SN/SA; *ter que* introduzindo uma completiva) que desencadeiam leituras epistémicas, sendo parafraseáveis por 'considerar', 'crer', 'achar'.

Como é sabido, na diacronia do português *haver* e *ter* competem para expressão dos diferentes tipos de valores acionados na sua ocorrência nas várias construções, e essa competição tendencialmente virá a determinar uma predominância de *ter* sobre *haver*, exceto no que se refere a construções (temporais e) modais com infinitivo (*haver de / ter de*), em que, muito simplificada, se parece antes observar a diferenciação dos valores modais deônticos expressos com os dois verbos (diferentemente caracterizados em português europeu contemporâneo, v., por exemplo, Oliveira e Mendes 2013: 646-651).

No caso de construções com valor epistémico, *ter que* (introduzindo uma completiva), por exemplo, parece estar bastante representado em testemunhos antigos, o que contrasta com o seu aparecimento tardio em construções modais deônticas como *ter de* + infinitivo (cf. Mattos e Silva 1989: 466). Por outro lado, na língua contemporânea serão, se não residuais, pouco produtivos estes tipos de construções epistémicas com *haver* ou *ter*, exceto talvez na

ocorrência em expressões fixas como *ter por bem*, já atestadas também em testemunhos do português antigo.

Muitas questões, portanto, se colocam sobre a diacronia de *haver* e *ter* neste contexto. Propõe-se começar por aduzir alguns dados de testemunhos dos séculos XIII-XV, tendo-se para já privilegiado, tanto quanto possível, uma diversificação dos géneros das fontes para a recolha de ocorrências. Pretende-se que a descrição dos dados levantados possa enquadrar e vir a sustentar discussões teóricas sobre a identificação de fatores desencadeadores de leituras epistémicas com os referidos verbos, procurando relacionar, e idealmente integrar de forma articulada, o tratamento dos processos de gramaticalização associados à emergência de diferentes leituras modais nas várias construções atestadas na história da língua.

Palavras-chave: *haver* e *ter*; modalidade epistémica; gramaticalização.

Referências:

MARTINS, A. M. (2016) O português numa perspetiva diacrónica e comparativa. In A. M. Martins e E. Carrilho (eds.) *Manual de Linguística Portuguesa*. Berlin: De Gruyter, pp. 1-39.

MATTOS E SILVA, R.V. (1989) *Estruturas trecentistas. Elementos para uma Gramática do Português Arcaico*. Lisboa: IN-CM.

OLIVEIRA, F. e A. MENDES (2013) Modalidade. In E. P. Raposo et al. (orgs.) *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 623-669.

## SOBREMODALIZAR É SOBREMORALIZAR? A COOCORRÊNCIA DE MODAIS NO PORTUGUÊS MEDIEVAL

**José António Costa**

Centro de Linguística da Universidade do Porto / Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto

Constituindo a modalidade a expressão da atitude do locutor face a um determinado estado de coisas, a sua concretização linguística pode envolver operadores de diferentes tipos, como, por exemplo, verbos (principais ou semiauxiliares), nomes, adjetivos, sufixos ou expressões predicativas (Oliveira & Mendes, 2013). Esta diversidade favorece a ocorrência simultânea de diferentes marcadores modais, com efeitos discursivos particulares. Benveniste (1974) identifica aqui um processo de sobremodalização (ex: *Todos deveríamos poder ouvir música.*), enquanto Campos (1997) restringe esta designação à coocorrência de duas operações de aplicação da modalidade epistémica, por exemplo com o recurso simultâneo ao futuro do indicativo e ao semiauxiliar *dever* (ex: *Ele deverá poder vir amanhã.*). Neste último caso, o valor epistémico é exterior à proposição encaixada, constituindo um comentário à relação predicativa (Halliday, 2004).

Este tipo de estruturas encontra-se presente já no português medieval, razão pela qual nos propomos analisar, convocando critérios sintáticos, semânticos e pragmático-discursivos, a diversidade de situações de coocorrência de modais no texto de *A Demanda do Santo Graal* (edição de Irene F. Nunes, 2005), em particular com os semiauxiliares *poder* e *dever* (ex: *ca nom podiam cuidar que em dous anos podesse seer derribado per mal que lhe podesse viir*, DSG: 445, 147c). A modalidade epistémica ocorre tipicamente em posição inicial, tendo no seu escopo enunciados deónticos, epistémicos ou relativos às modalidades interna ou externa ao participante (van der Auwera & Plungian, 1998). Permite exprimir uma contraexpectativa ou um efeito de atenuação ou de intensificação da crença, operações que, no texto em análise, *dialogam* com o objetivo de afirmar um código de cavalaria preciso, que combina imperativos cristãos e obrigações da práxis guerreira (Storti, 2013). A sobremodalização surge como recurso relevante na construção de imagens do locutor e do alocutário e, por vezes, na criação de um efeito moralizador face aos comportamentos dos cavaleiros numa sociedade em mudança.

Palavras-chave: modalidade linguística; português medieval; sobremodalização; atenuação e intensificação.

Referências bibliográficas:

- BENVENISTE, É. (1974). Structure des relations d'auxiliarité. In É. Benveniste (1974). *Problèmes de linguistique générale* (vol. 2). Paris: Éditions Gallimard (Original publicado em 1965).
- CAMPOS, M. H. C. (1997). *Tempo, Aspecto e Modalidade*. Porto: Porto Editora.
- HALLIDAY, M.A.K. (2004). *An introduction to functional grammar* (3rd ed.). London: Hodder Arnold (Original publicado em 1985).
- NUNES, I. F. (2005). *A Demanda do Santo Graal* (2.ª ed). Lisboa: IN-CM.
- OLIVEIRA, F. & Mendes, A. (2013). Modalidade. In E. B. P. Raposo *et al.* (orgs.). *Gramática do Português* (Vol. 1, pp. 623-669). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- STORTI, F. (2013). A cavalaria. In U. Eco (org.). *Idade Média* (1.ª ed. portuguesa, vol. II). Lisboa: Publicações D. Quixote.
- van der AUWERA, J. & Plungian, V. (1998). Modality's semantic map. *Linguistic Typology*, 2, 79-124.

## SESSÃO 2A. PORTUGUÊS CLÁSSICO

### PRÓCLISE E ÊNCLISE NA ORATÓRIA BARROCA

**Ana Paula Banza**

CIDEHUS, Universidade de Évora

No final do período clássico da língua (séc. XVII), estava em curso uma mudança no sentido da substituição da próclise pela ênclise nas orações principais afirmativas sem proclisadores, verificando-se que, por um lado, autores como D. Francisco Manuel de Melo e Pe. António Vieira apresentavam tendências muito diferentes quanto à posição dos clíticos (Martins 1994) e, por outro, que, em Vieira, tais tendências eram também muito diversas entre os sermões, estudados por Martins (1994), onde a ênclise é já maioritária, e as cartas, estudadas por Galves (2003) e Galves, Britto e Sousa (2005), onde a próclise se mantém dominante, à semelhança do que se verifica na obra de Melo. Os dados apresentados por Banza (2015), com base na análise do texto da defesa do Padre António Vieira perante o Tribunal do Santo Ofício, apontam também para a relação do traço inovador com o género textual, já sugerida por Galves (*idem*).

Assim, torna-se relevante averiguar se o uso da ênclise, registado nos sermões de Vieira, é comum, ou não, a sermões de outros autores da mesma época, com o objectivo de percebermos se efectivamente estamos perante uma marca do género oratório no período barroco ou perante uma marca da oratória de Vieira.

Para o efeito, analisaremos, seguindo uma abordagem fundamentalmente quantitativa, textos oratórios de autores da mesma época, nomeadamente um conjunto de sermões de diferentes autores representativos do séc. XVII, como é o caso de Manuel da Silva, Francisco de Mendonça, João de Ceita, Filipe da Luz, Rafael de Jesus ou António Franco, coligidos, em obras como a *Sylva Concionatoria* (1698-1703), ou avulsos (Lopes 1993: 29; Marques 2004: 111).

Palavras-chave: diacronia, português clássico, oratória barroca, clíticos.

Referências:

- BANZA, Ana Paula (2015): "Próclise e ênclise em Padre António Vieira". Comunicação apresentada ao Gallaecia - III CILH. Santiago de Compostela, Julho de 2015.
- GALVES, Charlotte (2003): "Syntax and Style: clitic-placement in Padre Antonio Vieira". Disponível em: [http://www.tycho.iel.unicamp.br/gentle-wiki/arquivos/3/32/GALVES\\_C-Faseie.pdf](http://www.tycho.iel.unicamp.br/gentle-wiki/arquivos/3/32/GALVES_C-Faseie.pdf).
- GALVES, Charlotte, Helena BRITTO & Maria Clara PAIXÃO DE SOUSA (2005): "The Change in Clitic placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus".

*Journal of Portuguese Linguistics*, Vol. 4, n.1: Special Issue on variation and change in the Iberian languages: the Peninsula and beyond, 39-67.

LOPES, António (1993): “A educação em Portugal, de D. João III à expulsão dos Jesuítas em 1759”. *Lusitania Sacra*, Revista do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2ª Série, tomo 5: Jesuítas na Cultura e Sociedade Portuguesa, 13-41.

MARQUES, João Francisco (2004): “O púlpito barroco português e os seus conteúdos doutrinários e sociológicos – a pregação seiscentista do Domingo das Verdades”. *Via spiritus*, 11, 111-148.

MARTINS, Ana Maria (1994): *Clíticos na História do Português*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dissertação de Doutoramento.

*Sylva Concionatoria* (1698-1703). Parte I: Sermões Panegyricos. 4 Tomos. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes.

## DEMONSTRATIVES AS ANAPHORS: ANOTHER CLUE FOR V2 COMPARING OLDER ROMANCE AND GERMANIC

**Aroldo de Andrade**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

**Charlotte Galves**

Universidade Estadual de Campinas

Some works have noticed that V2 languages have a frequent use of two sets of pronouns, a d-pronoun (close to a demonstrative) being used to refer to more salient constituents (cf. Los 2012, a.o.). In face of the long-standing debate on the characterization of older Romance languages as V2 languages, i.e. with V-to-C movement, we intend to verify whether this prediction is correct for Classical Portuguese (CIP). Thus the main goal of this paper is to analyze the structure and the contexts where demonstratives are used as anaphors, in the left periphery of the clause of CIP, and explore its differences wrt. Modern European Portuguese (MEP). We assume the Principles and Parameters Theory view of diachronic change. The data included sentences with preverbal demonstratives automatically queried from two parsed and parallel versions of New Testament books available on the internet (cf. Galves and Faria 2010 and Light 2011, in CIP and in Early High German, respectively). Afterwards, a comparison was made with the MEP version (de Almeida 2001). We have found two types of sentences. In the first one, a DP precedes the demonstrative pronoun, to the left of the verb, which resembles Contrastive Left Dislocation, as in the following renderings of John 8:26:

- (1) a. e eu, o que dele tenho ouvido, **isso** falo ao mundo.  
b. vnd was ich von yhm gehoret habe, **das** rede ich fur der welt

Second, the demonstrative may be topicalized in the very first position of the sentence, with important similarities between CIP (2a) and Early High German (2b). Interestingly, the MEP counterpart shows a clitic pronoun in the middle field (2c), as in the parallel version of Acts 5:31:

- (2) a. **A este** exalçou Deus com sua mão direita por príncipe e Salvador...  
b. **den** hat Gottes rechte hand er hohet zu eynem Hetzogen und heyland...  
c. Deus, com a sua dextra, **o** elevou a Príncipe e Salvador...

The comparison between the CIP and MEP versions has shown that the construction in (1) keeps being used only for contrastive topics. We conclude that its larger availability in CIP derives from the V-to-C character of this grammar (cf. Antonelli 2011), where there is a higher number of preposed phrases, thus making necessary to distinguish between more or less salient pronominal antecedents. The demonstrative topic must be in the CP field because the activation of this projection triggers proclisis in MEP.

## References:

- de ALMEIDA, J. F. 2001. *Bíblia Sagrada*. Lisbon: Sociedade Bíblica de Portugal.
- ANTONELLI, A. 2011. *Sintaxe da posição do verbo e mudança gramatical na história do português europeu*. PhD diss., Unicamp.
- GALVES, C. and P. FARIA. 2010. *Tycho Brahe Corpus of Historical Portuguese*. Campinas: Unicamp. <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/>.
- LIGHT, C. 2011. *Parsed Corpus of Early New High German*. Philadelphia: UPenn. <http://enhcrcorpus.wikispaces.com/>
- LOS, B. 2012. The Loss of Verb-Second and the Switch from Bounded to Unbounded Systems. In: *Information Structure and Syntactic Change in the History of English*, eds. A. Meurman-Solin, M.-J. López-Couso, and B. Los, 21–46. Oxford: OUP.

## QUE OR QUEM? THE VARIABLE USE OF RELATIVIZERS IN CLASSICAL PORTUGUESE

### Aroldo de Andrade

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

In Modern European Portuguese (MEP), a relativizer—a theory-neutral term, used instead of ‘relative pronoun’—preceded by a preposition shows the following distribution: *que* is used with [-human] antecedents, whereas *quem* is used only with [+human] antecedents (Veloso 2015: 2089ff). Nevertheless, such a distribution was blurred in Classical Portuguese (CIP) where, for instance, *que* could refer to a human:

- (i) entenderei                      em te        comprar    aos    pescadores  
 negotiate.FUT.1SG                in    2SG    buy        to.the fishermen  
 [de *que* me                      dizes        que        és        cativo].    (16<sup>th</sup> century)  
 of    who 1SG.DAT                say.2SG    that    are.2SG    captive

The presentation goals are (i) to describe the use of *que/quem* in CIP and (ii) to explain the process of change into MEP. I assume the generative framework for the study of diachronic change. The data, organised in two periods (16th-17th centuries and 18th-19th centuries), were automatically queried from sixteen parsed texts available in the *Tycho Brahe Corpus* (Galves and Faria 2010), and classified according to the relativizer grammatical function, relative clause type and the antecedent definiteness level. The results show that, among [-human] antecedents, *que* is almost categorical (99%) in both periods. In [+human] contexts, though, the use of *quem* increases from 87% to 96%. Besides, it is possible to observe that, among [+human] antecedents, the antecedent definiteness level conditions the variation between different relativizers, the other independent variables studied being not relevant to describe it. This suggests that definiteness is relevant for reference-tracking in the grammar of Classical Portuguese. In this grammar, extraposition with an external head is still possible, sometimes even applying at long distance:

- (2) São    os índios Caatingas    nação    de    língua    geral,  
 are.3PL the indians Caatingas nation of language general  
 e    vivem    nos    sertões    do    rio    dos    Tocantins,  
 and live.3PL in.the wilderness.PL of.the river of.the Tocantins,  
 [a *quem* muitas vezes    fizeram    guerra    os    Portugueses]  
 to whom many times    made.3PL war    the Portuguese.PL  
 (17<sup>th</sup> century)

Extraposition slowly declined over time, becoming severely restricted in MEP (Cardoso 2012), thus leading to the fixation of an animacy-based distribution of relativizers in this context.

From there I discuss the applicability of an analysis for relativizers in CIP being generated by raising of the antecedent (Poletto and Sanfelici 2015; de Vries 2002).

References:

- CARDOSO, A. 2012. Extraposition of restrictive relative clauses in the history of Portuguese. In: C. Galves et al. (eds.), *Parameter theory and linguistic change*, 77-96. Oxford: Oxford University Press.
- GALVES, C. and P. FARIA 2010. *Tycho Brahe Corpus of Historical Portuguese*. Campinas: Unicamp. <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/>.
- POLETTI, C. and E. SANFELICI. 2015. *On complementizers: insights from Italian restrictive relative clauses*. Paper presented at the 48th Meeting of the *Societas Linguistica Europaea*, Leiden, the Netherlands.
- VELOSO, R. (2015). Subordinação relativa. In: Raposo, E. B. P. et al. *Gramática do português, vol. II*, 2061-2134. Lisbon: Fundação Calouste Gulbenkian.
- de VRIES, M. 2002. *The Syntax of Relativization*. Utrecht: LOT.

## ORDEM E FUNÇÃO DO CLÍTICO *SE* NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS

### Eloísa M. B. Lopes

Universidade Federal da Bahia / Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

### Cristiane Namiuti

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

### Daniel S. Carvalho

Universidade Federal da Bahia

O clítico *SE* se destaca por apresentar um comportamento particular, pois o *SE* pode se associar às funções de sujeito ou objeto. Baseados em Brito, Duarte e Matos (2003), caracterizamos três tipos de *SE* associados às funções de sujeito e objeto: o *SE*-Passivo, nas construções em que o argumento interno concorda com o verbo transitivo direto, sendo um morfema apassivador relacionado ao sujeito; o *SE*-Indeterminado, nas construções em que o verbo não concorda com o seu argumento interno e o pronome recebe o caso nominativo; o *SE*-Reflexivo, nas construções em que recebe o caso acusativo do verbo transitivo direto. Os estudos de Cavalcante (2006) sobre as ocorrências de *SE* nas orações não finitas em três variantes do português apontam a hipótese de que a diferença no uso de *SE* com infinitivo no Português Clássico (PCI), Português Europeu Moderno (PE) e Português Brasileiro (PE) está associada à natureza do *SE* (passivo, indefinido ou impessoal). Neste trabalho, partimos da hipótese de que a natureza do *SE* influencia a ordem relativa do pronome nos contextos de variação ênclise/próclise e nos contextos de interpolação. Dessa forma, descrevemos o uso do clítico *SE* em orações finitas, observando a possível existência de uma relação entre a ordem e o tipo/função desse clítico em textos de autores portugueses nascidos nos séculos XVI, XVII e XVIII, período que compreende a gramática do Português Clássico, extraídos do Corpus Tycho Brahe. Os resultados apontam que o uso de *SE* associado à função sujeito, *SE*-Passivo e *SE*-Indeterminado, parece favorecer a colocação enclítica nos contextos de variação, mesmo nos séculos XVI e XVII, em que a frequência de próclise é superior, pois, na distribuição do tipo de *SE* pela colocação, a frequência de ênclise para esses dois tipos de *SE* mantém-se bastante elevada nos contextos de variação ênclise/próclise. O oposto acontece com o *SE*-Reflexivo que mantém elevada frequência de próclise e ênclise marginal.

Referências:

- BRITO, A. M.; DUARTE, I.; MATOS, G. A Tipologia e distribuição das expressões nominais. In: MATEUS, Maria Helena Mira, et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003, p. 826 - 848.

CAVALCANTE, Silvia Regina de Oliveira. O uso de se com infinitivo na História do Português: Do Português Clássico ao Português Europeu e Brasileiro Moderno. 2006. 206f. Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

## SESSÃO 3A. DIACRONIA DO PORTUGUÊS

### A CODIFICAÇÃO DE TÓPICO DO SUJEITO NAS CONSTRUÇÕES PARTICIPIAIS ABSOLUTAS LICENCIADAS EM TEXTOS DE AUTORES PORTUGUESES DOS SÉCULOS XV, XVI E XVII

**Alba Gibrail**

Instituto de Estudos da Linguagem - Universidade Estadual de Campinas

Os dados levantados junto ao Corpus Tycho Brahe de orações participiais absolutas, produzidas em textos de autores portugueses nascidos entre o séc. XV e séc. XVII, revelam haver uma mudança na estrutura da informação partir do séc. XVI no licenciamento dessas construções. Os dados levantados do texto *Crônica del-Rei D. Afonso Henriques*, de Duarte Galvão, autor nascido no séc. XV, apresentam variação da ordem do argumento verbal nessas orações em contextos com verbos transitivos e/ou inacusativos. Assumindo o DP-argumental como sujeito (ÂMBAR 1992), os dados desse texto apresentam alternância das ordens SV/VS.

- (1) e isto feito farás aí vigília pondo o Menino que crias sobre o Altar, (G-009,5.27).
- (2) *Elas feitas*, El-Rei Dom Affonso partiu de Coimbra para aquele lugar, (G-009,28.216).
- (3) Feito *isto* El-Rei cavalgou logo em um cavalo grande e formoso, (G-009,23.175).
- (4) E vista a *Procuração*, El-Rei tomou sua filha, (G-009,50.358).

Por outro lado, os textos dos autores nascidos no séc. XVI e séc. XVII apresentam uso categórico dessas construções na ordem VS.

- (5) Despedido o *Alvarado*, e vinda a monção de se irem pera a India, embarcou Dom Jorge na ná da carreira Belchior Fernandes Correia com todos estes protestos por muitas vias, (C-007,92.812).
- (6) Acabada ela se rezou Ladainha, (M-010,138.1131)

A alternância de uso da ordem de realização do argumento verbal nessas construções do português europeu moderno codifica informação discursiva, com esse constituinte em posição pré-verbal interpretado como tópico e em posição pós-verbal como foco (SANTOS 1999: 72).

Nos dados em (1), (2), (3) e (4), acima, de Duarte Galvão, a codificação de tópico ao sujeito é assegurada nas ocorrências de ordem SV e também nas ocorrências de ordem VS. Em (5) e (6), o sujeito pós-verbal é um elemento retomado do discurso, por conseguinte, codificado como tópico.

Assim considerando, a não realização de construções participiais absolutas na ordem variante SV nos textos dos séc. XVI-XVII pode ser justificada em função de uma mudança na estrutura da informação no português desse período que leva à restrição de os sujeitos dessas orações ocuparem uma posição pré-verbal de tópico. A posição destinada ao sujeito interpretado como tópico passa a ser exclusivamente a posição pós-verbal. A codificação de tópico de sujeitos em posição pós-verbal é legitimada em orações declarativas finitas formadas nesses textos. Nessas orações, o sujeito pós-verbal codifica o tópico familiar (GALVES & GIBRAIL 2017).

- (7) Começou Frei Bertolameu seu noviciado desassombradamente, (S-001,0.135).

(8) Passa *Ezechiel* a terceira parede: (V-004,189.2939).

Palavras-chave: Orações participiais absolutas; Sujeito-tópico; Estrutura da Informação.

Referências Bibliográficas:

ÂMBAR, M. *Para uma sintaxe da inversão sujeito-verbo em português*. Edições Colibri, Apartado 5488-1709. Lisboa Codex, 1992, p. 110-118.

SANTOS, A. L. *O participio absoluto em português e em outras línguas românicas*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1999.

GALVES, C., GIBRAIL A. Subject Inversion from Classical to Modern European Portuguese: a Corpus-Based study. In: A. Cardoso and A.M. Martins (eds.) *Word Order Change*. Oxford: Oxford University Press. No prelo 2017.

## ARTIGO DEFINIDO ANTES DE ANTROPÓNIMO EM DOCUMENTOS PORTUGUESES (SÉCULOS XV E XVI)

**Yoselin Henriques**

Universidade de Zurique

**Sofia Sabatini**

Universidade de Zurique

Partindo da variação diatópica da presença ou ausência de artigo definido antes de antropónimo, esta contribuição procurará aclarar a questão da proveniência desta variabilidade, documentada no português atual. Será examinada, em particular, uma centena de textos, datados dos séculos XV e XVI, com o objetivo de analisar o sintagma em questão durante o período inicial da expansão da língua portuguesa. Conscientes do condicionamento, mas também da importância de documentos notariais para a análise linguística (Glessgen 2006) focalizaremos a nossa pesquisa nos textos disponíveis no CIPM (Corpus Informatizado do português medieval, <http://cipm.fcsh.unl.pt>). Sempre que sejam necessários esclarecimentos aos dados obtidos, serão efetuadas comparações pontuais com outros géneros textuais.

Baseando-nos na análise qualitativa de dados quantitativos, registados nos documentos notariais do *corpus*, anteriormente citado, procuraremos verificar a hipótese de que o português dos séculos XV e XVI revelava um uso não generalizado do artigo definido antes de nome próprio de pessoa, o que pode ter proporcionado variação na(s) norma(s) do português atual. Além do estudo de fatores linguísticos, que possam ter favorecido a presença ou ausência do artigo, considerar-se-ão também fatores extralinguísticos como a procedência dos textos, que poderá ser esclarecedora para a nossa reflexão. Dado que este fenómeno não tem sido particularmente contemplado por estudos recentes (ressalve-se, no entanto, a reflexão de Lins (2009)), procuraremos contextualizar tanto a situação do português neste período, como ainda usos significativos em outras línguas românicas.

Palavras-chave: artigo definido; antropónimos; documentos notariais; séculos XV e XVI.

Bibliografia sumária:

CALLOU, Dinah e Silva, Giselle M. O. (1997): "O uso do artigo definido em contextos específicos", in: Hora, Demerval da (org.): *Diversidade Linguística no Brasil*, João Pessoa: Idéia, 11-28.

CAMPOS JÚNIOR, Heitor da Silva (2010): "A variação do artigo definido no português", *Anais do Seta*, 4, 465-475.

CAMPOS JÚNIOR, Heitor da Silva (2012): "A variação morfosintáctica do artigo definido na capital capixaba", *Percursos Linguísticos* 2.5, 21-39.

Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/3178>>

- CIPM- *Corpus informatizado do português medieval*. Disponível em: <http://cipm.fcsh.unl.pt>
- GLESSGEN, Martin Dietrich (2006): “L’écrit documentaire dans l’histoire linguistique de la France”, in: Guyotjeannin, O., *La langue des actes, Actes du XIe congrès de la Commission internationale de diplomatique*, Paris: Éditions en ligne de l’École des chartes (ELEC), 1-18.
- KYRIAKAKI, Maria (2014): „The three degrees of definiteness”, in: Proceedings of the fortieth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society. Disponível em: <[http://www.revitalization.al.uw.edu.pl/Content/Uploaded/Documents/bls40\\_proceedings\\_OlkoSullivan2014%20\(1\)-f6e3c79c-d33b-4b91-b186-635851507b7a.pdf](http://www.revitalization.al.uw.edu.pl/Content/Uploaded/Documents/bls40_proceedings_OlkoSullivan2014%20(1)-f6e3c79c-d33b-4b91-b186-635851507b7a.pdf)>
- LEDGEWAY, Adam (2015<sup>a</sup>): „Parallels in Romance Nominal and Clausal Microvariation”, *Revue roumaine de linguistique*, LX, 105-127.
- LINS, Alex Batista (2009): “Nas fases arcaica e moderna do português: a questão dos usos e funcionamentos dos artigos”, in: *Anais do VI Congresso Internacional da ABRALIN - ABRALIN 40 Anos*, 2009, 149-158. Disponível em: <[http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN\\_2009/PDF/Alex%20Batista%20Lins.pdf](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Alex%20Batista%20Lins.pdf)>

## SOBRE O USO DO MODO SUBJUNTIVO AO LONGO DA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS

**Dinah Callou**

Universidade Federal do Rio de Janeiro / CNPq

**Erica Almeida**

Instituto Federal do Rio de Janeiro

O objetivo deste trabalho é discutir a variação de uso do modo subjuntivo, mais especificamente, em orações encaixadas, ao longo da história da língua portuguesa, fazendo uso da teoria de mudança linguística de base laboviana (Labov, 1994). Trabalhos anteriores (Callou & Almeida, 2009; 2016), com base em outros *corpora*, já comprovaram que o uso do subjuntivo/indicativo está sempre relacionado ao componente léxico/semântico do verbo da oração matriz.

A análise de textos escritos do século XIII ao XX revelou que a variação detectada nos dias atuais remonta ao português arcaico. Foi possível concluir que (i) alguns verbos apresentam um uso estável de um dos dois modos, no decorrer dos séculos, e (ii) apenas alguns admitem um uso variável (exemplos 1 e 2), com maior/menor frequência de uso do português medieval ao contemporâneo. O estudo concentrou-se em verbos que podem ser enquadrados sob o rótulo ‘de opinião’ (epistêmicos), verbos que foram registrados em praticamente todos os séculos.

- (1) *Eu pensava que fosse sempre pela manhã*
- (2) *Poucos ainda hoje pensam que vão morrer*

É importante ressaltar que há pontos de semelhança/contraste entre o presente e o passado, visto que (i) alguns verbos mantêm o mesmo comportamento ao longo do tempo e (ii) outros sofrem um processo de gramaticalização, com esvaziamento semântico (*semantic bleaching*), correspondendo a um modalizador epistêmico, com perda da estrutura sintática, equivalente, algumas vezes, a ‘talvez’.

- (3) *Eu acho... que eu me lembre assim.. que tinha uns caldeirões enormes ...*
- (4) *Eu acho que aqui no Rio não há assim uma... Acho que é...*

Aspectos cruciais relativos ao uso do modo subjuntivo na história do português dizem respeito ao fato de propriedades essenciais de seleção serem preservadas, a saber: (i) quando o verbo é precedido pela partícula negativa ‘não’ o modo subjuntivo é ativado na oração

encaixada e (ii) verbos como *pensar* selecionam o subjuntivo na oração encaixada quando o verbo da matriz está no passado (pretérito perfeito ou imperfeito).

(4) *eu não... não acredito que haja desastre por falta de segurança... quase sempre é por imprudência... de alguém...*

(5) *eu pensei/pensava que fosse alguma coisa que ele tivesse roubado ...*

Em suma, embora muitos estudiosos tenham sempre visto a seleção do modo verbal como sendo semanticamente motivado (*realis* expresso pelo indicativo e *irrealis* pelo subjuntivo), vários trabalhos, numa perspectiva diacrônica, em várias línguas românicas, já confirmaram que é o léxico o controlador essencial, levando a processos de gramaticalização e lexicalização que acabam por reduzir a frequência de uso do subjuntivo.

Palavras-chave: subjuntivo; variação; mudança; orações encaixadas.

Referências Bibliográficas:

CALLOU, D. & ALMEIDA, E. 2009. *Textos selecionados* do 24<sup>a</sup> Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística: Lisboa/UL.

CALLOU, D. & ALMEIDA, E. 2016. On the use of subjunctive mood in Portuguese: regional and national variation. MUHR, R. (ed.) *Pluricentric languages and non-dominant varieties worldwide*. Parte II. Frankfurt and Main: 99-111.

LABOV, W. 1994. *Principles of linguistic change*. Internal factors. Cambridge, Blackwell.

## A CORRELAÇÃO ENTRE ORDEM SUJEITO-VERBO E PRÓCLISE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM ESTUDO FORMAL-DIACRÔNICO

**Marco Antonio Martins**

Universidade Federal de Santa Catarina / CNPq

**Izete Coelho**

Universidade Federal de Santa Catarina / CNPq

A proposta desta comunicação é correlacionar os resultados empíricos sobre a variação da ordem do sujeito em construções transitivas, de Berlinck e Coelho (2017), e a posição dos clíticos, de Martins (2017), em contextos [XP]V com verbos biargumentais na diacronia do Português Brasileiro (PB). Consideramos uma mesma amostra extraída de documentos da imprensa brasileira (cartas de leitores, carta de leitores e anúncios) e de cartas pessoais escritas no Brasil nos séculos XIX e XX, pertencentes ao corpus do Projeto *Para a História do Português Brasileiro (PHPB)*. Os resultados de Berlinck e Coelho sobre a ordem do sujeito em construções biargumentais mostram que a sintaxe das construções VS na escrita brasileira do século XIX para o século XX mudou: no século XIX, VS manifesta resquício de padrões [XP]VS, especificamente nessas construções, com movimento do verbo para uma posição mais alta, conforme (1) *Em 2 do corrente escrevi-te dando conta das despesas que fez o Chico durante o mez passado* (Carta pessoal, século XIX, Rio de Janeiro); no século XX, a ordem [S]VO é a única opção disponível em contextos não marcados, conforme (2) *O Doutor P. Celydonio concordou completamente com as indicações do Doutor Reis* (Carta pessoal, século XIX, Rio de Janeiro). Em relação à posição dos clíticos em “contextos neutros” – orações finitas não dependentes iniciadas por sujeitos e sintagmas preposicionais não focalizados e advérbios modalizadores – definidos por Martins (1994) como contextos de variação diacrônica, os resultados de Martins (2017) revelam que a próclise no PB começa a aparecer em um ambiente bastante específico: orações com sujeitos DP antepostos em estruturas [XP]V com verbos biargumentais também no início do século XX, conforme exemplo (3) *O Eurailpass lhe dá livre acesso aos trens mais confortáveis da Europa, levando-o a 13 países, com rapidez e segurança*.

(*Anúncio, século XX, Santa Catarina*). A hipótese que defendemos, seguindo a perspectiva gerativista de mudança linguística (Roberts; Roussou 2003, entre outros), é de que a mudança nos padrões de ordenação do sujeito está diretamente correlacionada à mudança na posição superficial do sujeito [DP] – de [XP]VS para SVO – e do clítico – de ênclise para próclise – no contexto [DP]V na estrutura da sentença. Mais especificamente, defendemos que os dados empíricos do início do século XX refletem a implementação de uma mudança que está na origem da gramática do PB – que muito possivelmente tem origem nos séculos anteriores: a perda das propriedades de uma língua V<sub>2</sub> (ou de [XP]VS irrestrita), com movimento alto do verbo. Essa mudança paramétrica está diretamente atrelada à posição do clítico em ambientes neutros, em que próclise também passa a ser a única opção disponível nesse contexto com sujeitos DP ([DP]cIV).

Palavras-chave: ordem SV; próclise; mudança sintática; Português Brasileiro.

Referências:

- BERLINCK, R.; COELHO, I. L. A ordem do sujeito em construções declarativas na história do português brasileiro. In: CYRINO, S. M. L.; TORRES MORAIS, M. A. *Mudança sintática no português brasileiro: perspectiva gerativista*. Historiando o Português Brasileiro. Volume 4. A sair pela Contexto em 2017.
- MARTINS, A. M. *Clíticos na história do português*. Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 1994.
- MARTINS, M. A. A sintaxe dos pronomes pessoais clíticos na história do português brasileiro. In: CYRINO, S. M. L.; TORRES MORAIS, M. A. *Mudança sintática no português brasileiro: perspectiva gerativista*. Historiando o Português Brasileiro. Volume 4. A sair pela Contexto em 2017.
- ROBERTS, Ian; ROUSSOU, Anna. *Syntactic change: A minimalist approach to grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press. 2003.

## SESSÃO 4A. PORTUGUÊS BRASILEIRO I

### ANÁLISES DAS ORDENS COM INVERSÃO DO SUJEITO (VSO E VOS) NA DIACRONIA DO PORTUGUÊS EUROPEU E DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

**Aline Peixoto Gravina**

Universidade Federal da Fronteira Sul

Para a realização desse estudo comparativo foi utilizado um *corpus* linguístico, formal e histórico, composto por jornais que circularam nas cidades de Ouro Preto MG/Brasil e na cidade de Évora/Portugal. Especificamente, os jornais e as datas utilizadas para elaboração desse *corpus* foram: *O Recriador Mineiro* (1845-1848); *O Jornal Mineiro* (1897-1900); e *Tribuna de Ouro Preto* (1945-1948) no Brasil; *A Ilustração luzo-brasileira* (1856-1858); *O Manuelinho de Évora* (1890-1898); e *Notícias de Évora* (1945-1948) em Portugal. Toda composição do material seguiu a mesma metodologia utilizada no *corpus* eletrônico Tycho Brahe, coordenado pela professora Charlotte Galves na Universidade Estadual de Campinas. Foram realizadas anotações morfológicas (software edictor) e sintáticas (software corpusdraw) nos textos, totalizando 300 mil palavras. As buscas sintáticas (software *corpusearch*) foram realizadas em todas as sentenças finitas com verbos de 2 e 3 argumentos, em que o sujeito (argumento externo) se encontrasse nas ordens VSO e VOS. Em relação ao PE, essa pesquisa se pauta em Martins e Costa (2016) que estabelecem três tipos dessas inversões a se considerar no PE atual: i) a ordem VSO que exprime juízos téticos, no sentido de Kuroda (1972), 1992, 2005); ii) a

ordem VSO, quando o sujeito da sentença é, ao mesmo tempo, foco construtivo e foco informacional; iii) a ordem VOS, quando é atribuído ao sujeito em posição final uma proeminência prosódica e informacional. Os resultados diacrônicos quantitativos apontaram preferência pela ordem VSO em relação à ordem VOS no PE nos 3 períodos estudados. Qualitativamente, averigou-se que as sentenças VSO possuíam a noção de evidencialidade (Aikhenvald, 2006), permitindo a leitura com juízos téticos na grande maioria desses dados. Já os resultados do PB foram diferentes, especialmente na primeira metade do século 20, quando os dados de VOS foram superiores aos de VSO. Além da diferença quantitativa, as sentenças com ordem VSO no PB apontaram que a interpretação do sujeito poderia ser vinculada a incidência de uma dupla marcação de foco: o sujeito ser tanto foco contrastivo, quanto o foco informacional. Ou seja, a ordem VSO em PB foi favorecida pela interpretação de marcação de duplo foco do sujeito e não pela possibilidade de leitura tética como ocorreu no PE. Esse resultado diacrônico do PB vai ao encontro do estudo de Cavalcante e Simioni (2015) para o PB atual. Os autores defendem que na ordem VSO, em imperativas, a posição do sujeito não deriva do movimento do verbo, mas de processos de focalização que atuam em contextos pragmáticos distintos. Em relação à ordem VOS na diacronia do PE, foram identificados os seguintes contextos: i) complementos verbais com uso de clíticos; ii) a existência de um predicado informacionalmente fraco; iii) presença de sujeitos informacionalmente fortes e longos. Já os dados VOS do PB, na primeira metade do século 20, além de apresentar uma drástica diminuição de ocorrências com clíticos, demonstraram preferência de algum elemento (X), antes do verbo, ou seja, uma preferência por não deixar o verbo em primeira posição nessa língua de sujeito nulo parcial.

## ESTRUTURAS DE FOCALIZAÇÃO EM PEÇAS BRASILEIRAS E PORTUGUESAS

**Silvia Regina de Oliveira Cavalcante**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Maria Eugênia L. Duarte**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Mayara Nicolau de Paula**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Os diversos estudos sobre a sintaxe da ordem nas línguas naturais apontam para uma correlação entre a posição dos constituintes na sentença, mais especificamente, a posição do sujeito (pré ou pós-verbal), e fatores de natureza gramatical e de estrutura informacional da sentença. Assim, em determinadas línguas, o sujeito pós-verbal aparece em sentenças interrogativas e/ou subordinadas devido à natureza do complementizador. O estatuto informacional do sujeito também influencia a sua posição: *grosso modo*, sujeitos com informação velha tendem a aparecer na posição pré-verbal, ao passo que sujeitos com informação nova (de foco informacional ou contrastivo) tendem a ocupar uma posição pós-verbal, como ocorre em Espanhol e Italiano, por exemplo.

A título de exemplo, sobre a sintaxe da ordem no Português Brasileiro, tomemos o trabalho pioneiro de Berlinck (1989), que observa tanto “fatores gramaticais” quanto “fatores discursivos” para a ocorrência do sujeito pós-verbal: até o século XIX, estava em jogo o estatuto informacional do sujeito como favorecedor da sua posição pós-verbal; a partir do século XIX, o fator favorecedor de sujeitos pós-verbais passa a ser o tipo de verbo (verbos inacusativos). Mais recentemente, com base numa amostra de cartas pessoais, Cavalcante (2014) observa que a diminuição de VS (em comparação com SV) está relacionada tanto a fatores gramaticais quanto ao estatuto informacional, tal como observado por Berlinck (1989).

Os resultados com cartas pessoais também revelam que a diminuição de VS está associada a um aumento de construções com sujeitos clivados para marcar focalização.

Ao recuarmos no tempo, do Português Antigo até o Português Europeu (PE), também vemos alteração na sintaxe da ordem do sujeito, sugerindo uma mudança de um período de sintaxe V<sub>2</sub> no Português Antigo e no Português Clássico para uma sintaxe SVO no PE moderno (Galves e Paixão de Sousa, 2005; Ribeiro, 2007; 2015; Kato e Ribeiro, 2009). Em todos os períodos parece haver uma relação mais ou menos intrínseca entre o estatuto informacional do sujeito e sua posição pós-verbal.

A sintaxe das estruturas focalizadas envolve não somente a posição do sujeito, mas também a posição de outros constituintes focalizados (como o objeto, o sintagma verbal, e sintagmas adjuntos). Neste trabalho, objetivamos fazer uma análise comparativa das construções de foco numa amostra de peças de teatro escritas ao longo dos séculos XIX e XX, em comparando PB e PE. Por hipótese, com base em resultados de pesquisas anteriores (Duarte, 1992; Kato, 2009; Pinheiro e Marins, 2012; Nicolau de Paula, 2016), esperamos encontrar na amostra do PB a diminuição de VS associada às construções clivadas, diferentemente do PE, em que, além da clivagem, o foco pode aparecer nas construções com sujeitos pós-verbais. Além disso, como no PB a ordem SV está associada tanto a sentenças de juízo categórico, quanto a sentenças de juízo tético (Britto, 2000; Kato e Martins, 2016), esperamos encontrar outras estratégias de focalização para marcar sentenças apresentativas. Desse modo, vamos observar: (i) o percurso diacrônico de construções de focalização em peças brasileiras e portuguesas; (ii) as diferenças nas estruturas de focalização e os constituintes focalizados (sujeito, objeto, sintagmas verbais, adjuntos); (iii) a relação entre as estruturas focalizadas e o padrão de ordem em sentenças de juízo categórico e tético no PB e no PE.

#### Referências:

- BERLINCK, R. A. (1989) A construção V SN no português do Brasil - um estudo diacrônico sobre o fenômeno da ordem. In: F. L. Tarallo. (Org.). *Fotografias Sociolinguísticas*. Campinas, SP: Pontes. p. 95-112.
- BRITTO, H. S. (2000) Syntactic codification of categorical andthetic judgments in Brazilian Portuguese. In: M. Kato; E. Negrão. (Org.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt am Main: Vervuert, p. 195-222.
- CAVALCANTE, S. R. de O. (2014) Posição do sujeito e posição social: um caso de competição de gramáticas em cartas dos séculos XIX e XX. *Filologia e Linguística Portuguesa* (Online), v. 16, p. 147-170.
- NICOLAU DE PAULA, M. (2016) A Ordem VS/SV e as interrogativas Q no PB e no PE: uma análise diacrônica. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras / UFRJ.
- DUARTE, M. E. L. (1992) A perda da ordem V(erbo) S(ujeito) em interrogativas-Qu no português do Brasil. *DELTA*. v.8, n. Especial, p. 37-52.
- DUARTE, M. E. L. (2012) *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. v. 1.
- GALVES, C. M. C.; SOUSA, M. C. P. (2005) Clitic placement and the position of subjects in the history of European Portuguese. In: Twan Geerts; Ivo van Ginneken; Haike Jacobs.. (Org.). *Romance Languages and Linguistic Theory 2003; Selected Papers from 'Going Romance 2003*. Amsterdam: John Benjamins, p. 97-113.
- KATO, M. (2009) Mudança de ordem e gramaticalização na evolução das estruturas de foco no Português Brasileiro. *Revista do GEL* (Araraquara), v. 38, p. 375-385.
- KATO, M.; MARTINS, A. M. (2016) European Portuguese and Brazilian Portuguese: an overview on word order. In: W. Leo Wetzels; J. Costa; S. Menuzzi. (eds.) *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell. p. 15-40.
- KATO, M.A.; RIBEIRO, I. (2009) Cleft sentences from old Portuguese to Modern Brazilian Portuguese. In: A. Dufter & D. Jacob. (Org.). *Focus and Background in Romance Languages*. Amsterdam: John Benjamins, p. 123-154.
- PINHEIRO, D. O. R.; MARINS, J. E. (2012) A trajetória das interrogativas QU-clivadas e não clivadas no português brasileiro. In: Maria Eugenia Lammoglia Duarte. (Org.). *O sujeito em peças de teatro (1833-1992) Estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola Editorial, p. 161-180.

RIBEIRO, I. (2007) As mudanças sintáticas do PE - Questões sobre periodização. In: Ataliba de Castilho; Maria Aparecida Torres Moraes; Ruth Lopes; Sônia Cyrino. (Org.). *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*. São Paulo; Campinas: Pontes; Fapesp, 2007, p. 529-548.

RIBEIRO, I. (2015) *Ensaio em sintaxe diacrônica do português*. Araújo, R. C.; C. Figueiredo (eds.) Salvador: EDUFBA.

## SINTAXE DA ORDEM E ESTRUTURA INFORMACIONAL DA SENTENÇA NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

**Silvia Regina de Oliveira Cavalcante**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

O Português Brasileiro (PB) tem sido descrito como uma gramática com ordem VS restrita a contextos inacusativos e apresentativos (Tarallo e Kato, 1989; Berlinck, 1989; Tarallo, 1993; Kato, Duarte, Cyrino, Berlinck, 2006). No que tange aos estudos sobre a sintaxe da ordem no PB, a partir de Tarallo e Kato (1989), diversos estudos foram feitos associando os pressupostos teóricos do modelo gerativo com os do modelo da sociolinguística laboviana. Assim, os estudos que passam a contar com a frequência dos dados foram fundamentais para entender as diferenças paramétricas existentes entre PB e Português Europeu (PE), de um lado; e entre fases distintas do PB. De fato, diversos estudos diacrônicos têm mostrado a diminuição da ordem VS ao longo do tempo, não só em relação à ordem SV, mas também em diversos contextos sintáticos: o trabalho de Berlinck (1989) mostra uma mudança na influência de fatores condicionadores da ordem VS: de fatores discursivos para fatores estritamente sintáticos. A autora mostra que até o século XVIII, os sujeitos pós-verbais tinham estatuto informacional de foco (informacional ou contrastivo); ao passo que na amostra do século XX o fator que influencia o sujeito pós-verbal passa a ser a transitividade verbal (verbos monoargumentais).

Neste sentido, este trabalho procura investigar a posição do sujeito em cartas familiares escritas no Brasil entre os séculos XIX e XX a fim de observar: (i) mudanças na sintaxe da ordem envolvendo a posição do sujeito; (ii) codificação da estrutura informacional da sentença ao longo do tempo; (iii) fatores estritamente sintáticos que condicionem a ordem VS no PB; (iv) caracterização da ordem VS no PB.

O andamento da pesquisa está no sentido de analisar a mudança que ocorre na codificação dos juízos tético e categórico e a ordem VS. Para Britto (2000) e Kato e Martins (2016), a ordem SV no PB atual marca tanto sentenças com juízo categórico, quanto as de juízo tético; diferentemente do que ocorre no PE e na história do PB. Desse modo, neste trabalho, a observação da mudança na ordem VS para SV analisa também a questão do juízo tético marcado com SV. Neste trabalho, tomo como ponto de partida resultados encontrados em pesquisas anteriores (Cavalcante, 2014) em que a diminuição da ordem VS é observada ao longo do tempo, e amplio a amostra a fim de observar a relação entre o estatuto informacional do sujeito e a diminuição de VS ao longo do tempo.

Para tanto, utilizo como corpus uma amostra de cartas pessoais familiares escritas entre os anos de 1870's e 1990's, por sete famílias brasileiras (Corpus HistLing). Os resultados iniciais mostram, além da diminuição da ordem VS ao longo do tempo uma diferença de uso entre os missivistas (Homens vs. Mulheres). No geral, as mulheres desde o fim do século XIX apresentam índices de VS menores do que os dos homens e um tipo de VS restrita a contextos inacusativos; ao passo que os homens apresentam VS em contextos morfossintáticos mais variados (sentenças interrogativas e subordinadas, por exemplo).

Referências:

- BERLINCK, R. A. (1989) A construção V SN no português do Brasil - um estudo diacrônico sobre o fenômeno da ordem. In: F. L. Tarallo. (Org.). *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas,SP: Pontes. p. 95-112.
- BRITTO, H. S. (2000) Syntactic codification of categorical and thematic judgments in Brazilian Portuguese. In: M. Kato; E. Negrão. (Org.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt am Main: Vervuert, p. 195-222.
- CAVALCANTE, S. R. de O. (2014) Posição do sujeito e posição social: um caso de competição de gramáticas em cartas dos séculos XIX e XX. *Filologia e Linguística Portuguesa* (Online), v. 16, p. 147-170.
- KATO, M.; MARTINS, A. M. (2016) European Portuguese and Brazilian Portuguese: an overview on word order. In: W. Leo Wetzels; J. Costa; S. Menuzzi. (eds.) *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell. p. 15-40.
- KATO, M.; CYRINO, S.; DUARTE, M. E. L.; BERLINCK, R. A. (2006) Português brasileiro no fim do século XIX e na virada do milênio. In: R. V. Mattos e Silva; S. Cardoso; J. Mota;. (Orgs.) *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, p. 413-438.
- TARALLO (1993) Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In ROBERTS, Ian & M. A. KATO (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP. 69-106.
- TARALLO e KATO (1989) Harmonia trans-sistêmica: variação inter e intralingüística. In: *Predição* 5. Campinas, Unicamp. 315-353.

**O FEIXE DE PROPRIEDADES RELACIONADAS AO PARÂMETRO DO SUJEITO NULO EM PEÇAS DE TEATRO PORTUGUESAS E BRASILEIRAS DOS SÉCULOS XIX E XX**

**Maria Eugênia L. Duarte**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Juliana Esposito Marins**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Humberto Soares da Silva**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Um ponto chave nas formulações clássicas do Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN) é o conjunto de propriedades relacionadas às línguas [+Sujeito Nulo]. Segundo Roberts e Holmberg (2010), investigações realizadas ao longo de mais de trinta anos mostraram que algumas dessas “predições tipológicas” não se confirmavam, levando a um certo ceticismo em relação à Teoria de Princípios e Parâmetros (P&P). Para os autores, o problema residia justamente em associar a um determinado parâmetro princípios que pertenceriam a outros domínios específicos da gramática universal. O objetivo desta comunicação é justamente mostrar que muitas das propriedades, que hoje abarcam um conjunto mais detalhado do que o inicialmente proposto por Chomsky (1981) e Rizzi (1982), estão de fato interrelacionadas. A partir de amostras constituídas de peças portuguesas e brasileiras, escritas ao longo dos séculos XIX e XX, mostraremos que um sistema de sujeitos nulos consistente como o PE exibe todas as propriedades elencadas em (a) enquanto um sistema em mudança na marcação do valor do PSN, como o PB, passa a preferir as estruturas em (b). Essa mudança não ocorre em taxas idênticas, mas em cadeia a partir de sujeitos [+referenciais] e configurações sintáticas com antecedents menos acessíveis. Todas as estruturas em (b), exceto (3b), são as formas atuais do francês, que perdeu todas essas propriedades de língua [+Sujeito Nulo]. No caso do PB, o não desenvolvimento de um expletivo lexical só pode ser explicado pelo fato de este ser um sistema com proeminência de tópico, e línguas com tal característica não apresentam itens

lexicais sem conteúdo semântico (Li e Thompson, 1976); daí a ocorrência de alçamentos para evitar um expletivo nulo.

- (1) O sujeito nulo de referência definida e indeterminada em contextos de raiz (neutros)
    - (a)  $\emptyset_{ips}$  Falo português.  $\emptyset_{gen}$  Trabalha-se muito aqui
    - (b) **Eu** falo português / **Você** trabalha muito aqui
  - (2) O pronome de retomada vazio vs preenchido em subordinadas (contextos neutros)
    - (a) [**O João**]<sub>i</sub> disse que  $\emptyset_i$  vem.
    - (b) [**O João**]<sub>i</sub> disse que **ele**<sub>i</sub> vem
  - (3) O sujeito expletivo nulo vs preenchido
    - (a)  $\emptyset_{expl}$  Neva muito nessas regiões. /  $\emptyset_{expl}$  Tem uma banca de jornal na minha rua /  $\emptyset_{expl}$  Parece que elas vêm.
    - (b) [Essas cidades]<sub>i</sub> nevam muito [t]<sub>i</sub>. / Eu tenho uma banca de jornal na minha rua. / **Elas**; parecem que [t]<sub>i</sub> vêm.
- Outras propriedades: uso de pronomes pessoais com o traço [-animado]; perda da inversão “livre”.

Referências:

- CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981 [2a. ed. 1982].
- LI, Charles-N; THOMPSON, Sandra. Subject and topic: a new typology of language. In: Charles-N. LI (Ed.) *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976, 457-489.
- RIZZI, Luigi. *Issues in Italian Syntax*. Foris: Dordrecht, 1982.
- ROBERTS, I.; HOLMBERG, A. 2010. Introduction: parameters in Minimalist theory. In T. BIBERAUER et al. (eds) *Parametric Variation: null subjects in Minimalist Theory*. Cambridge: Cambridge University Press. 1-57.

## SESSÃO 5A. PORTUGUÊS BRASILEIRO II

### A ARBITRARIEDADE DE TERCEIRA PESSOA EM PB

**Fernanda Cerqueira**

Universidade Federal da Bahia

Trabalhos como os de Kerstens (1993), Harley e Ritter (2002), D’Alessandro (2004), Carvalho (2008) e Gruber (2013) demonstram a possibilidade de pronomes pessoais referenciarem um constituinte nominal genérico, ou seja, retomar um DP cuja significação seja de classe, grupo, tipo ou espécie (cf. SARAIVA, 1997, RIBEIRO, 2010), como em (1).

- (1) a. Na vida, **a gente** bate e **a gente** apanha.
- b. Diante de uma situação dessa, **você** não sabe o que faz.

Em (1a), a leitura é de que toda e qualquer pessoa bate e apanha em suas experiências ao longo da vida. Em (1b), há interpretação de que toda e qualquer pessoa, mediante à situação expressa, não saberia o que fazer. Em contrapartida, a terceira pessoa apresenta um comportamento divergente das outras duas, como em (2) e (3).

- (2) Eu adoro café. / \*Eu adoro **ele**<sub>i</sub>.
- (3) Maçã<sub>j</sub> é uma delícia. / \***Ela**<sub>j</sub> é uma delícia.

Os nomes *café* e *maçã*, presentes nas sentenças (2) e (3), referem-se respectivamente à categoria *café* e à categoria *maçã*, por conseguinte, todo e qualquer *café* é adorado em (2) e toda e qualquer *maçã* é adorada em (3). Porém, o pronome de terceira pessoa não preserva tais características em processo de referência dos DPs *café* e *maçã*. Quando a retomada destes

nominais é feita com o pronome de terceira pessoa, a interpretação dada é de que falante e ouvinte sabem precisamente qual *café* é adorado e qual *maçã* é deliciosa. No momento em que as sentenças (2) e (3) são representadas como (2') e (3'), o pronome de terceira pessoa consegue recuperar todas as características semânticas de seu referente sem nenhum prejuízo às sentenças.

(2') Eu adoro [esse café]<sub>i</sub>. / Eu adoro **ele**<sub>i</sub>.

(3') [A maçã do Bom Preço]<sub>j</sub> é uma delícia. / **Ela**<sub>j</sub> é uma delícia.

Quando o pronome de terceira pessoa retoma um DP *nu*, condição na qual o sintagma nominal assume categoricamente interpretação genérica (LYONS, 1999, p. 189), o resultado é de uma sentença agramatical (cf. 2 e 3). Os dados acima mostram que há restrição quanto a possibilidade de pronomes de terceira pessoa assumirem leitura de “género, tipo, grupo, espécie”. Assim, o objetivo deste trabalho é ampliar a discussão a respeito da arbitrariedade pronominal, visando atestar que a terceira pessoa pronominal não dispõe desta propriedade. Para tanto, assumimos que a impossibilidade de arbitrariedade em terceira pessoa esteja condicionada não só a presença dos traços [Definido] e/ou [Específico], mas também à ausência dos traços [Falante] e [Ouvinte] (cf. HARLEY; RITTER, 2002; BÉJAR, 2003; CARVALHO, 2008; CERQUEIRA, 2015).

Palavras-chave: Arbitrariedade; Terceira pessoa; Definitude e Especificidade.

Referências:

- BÉJAR, S. *Phi-syntax: a theory of agreement*, 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Toronto, Ontário.
- CARVALHO, D. S. *A Estrutura interna dos pronomes pessoais em português brasileiro*, 2008. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, UFAL, Alagoas.
- CERQUEIRA, F. O. *A sintaxe do pronome acusativo de terceira pessoa no português brasileiro*, 2015. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Salvador: UFBA.
- D’ALESSANDRO, Syntactic and pragmatic features: a case study. *Leitura*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (UFAL). Maceió: EDUFAL, n.33, p. 185-202.
- GRUBER, B. *The spatiotemporal dimensions of person: a morphosyntactic account of indexical pronouns*, 2013. Tese (Doutorado em Linguística). Utrecht University, UiL-OTS.
- HARBOUR, D.; ADGER, D; BÉJAR, S. *Phi Theory: Phi-Features across modules and interfaces*. New York: Oxford University Press, 2008.
- HARLEY, H.; RITTER, E. *Person and number in pronouns: a feature-geometric analysis*. *Language*, 2002, v. 78. p. 482-526.
- KERSTENS, J. *The syntax of number, person, and gender: a theory of phi-features*. Berlin: New York Mouton De Gruyter, 1993 [1946].
- LYONS, C. *Definiteness*. Cambridge: University Press, 1999.
- RIBEIRO, I. *O sistema de definitude e de referencialidade de uma falante afrobrasileira idosa*. Comunicação apresentada no congresso da ABÉCS – Associação Brasileira de Estudos Crioulos e Similares, 2010.
- SARAIVA, M. E. F. O comportamento gramatical do SN nu objeto. In: *Buscar menino no colégio: a questão do objeto incorporado em português*. Campinas: Pontes, 1997, p. 25-59.

## POSSESSIVOS DE 3.<sup>a</sup> PESSOA NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO (PB)

**Maria Aparecida Torres Morais**

Universidade de São Paulo

Na história do PB, a gramaticalização das formas *você/vocês* como pronomes pessoais de 2<sup>a</sup> pessoa amplia a ambiguidade do possessivo *seu*, já desde a sua origem especificado somente com o traço de 3<sup>a</sup> pessoa gramatical do antecedente, mas não com os traços de número e

gênero. Os estudos quantitativos revelam que, no PB falado, em oposição ao escrito, o possessivo *seu* é reanalisado como forma correspondente à 2ª pessoa semântica, enquanto a 3ª pessoa semântica envolve o desenvolvimento das formas perifrásticas de+ele/ela/eles/elas, marcadas com traços de pessoa, número e gênero do possuidor (Silva 1991, 1996; Cerqueira 1993). A hipótese da substituição de formas não é, porém, consensual. Uma segunda hipótese é que o possessivo *seu* tornou-se um anafórico (anaphor) de 3ª pessoa, interpretado como varável ligada e condicionado pela natureza semântica do antecedente.

Por sua vez, a forma preposicionada afirma-se na retomada dos antecedentes referenciais, expressando a correferência (Negrão & Muller 1996; Muller 1997; 2003). Neste estudo, proponho dar uma contribuição para os estudos sobre o PB, trazendo para o cenário da discussão *seu* vs. *dele*, um tipo de construção de posse externa, na qual o possuidor externo é o sujeito nominativo. Na esteira do proposto por Torres Morais & Salles (2016), para a posse externa dativa, assumirei que, na posse externa nominativa, não houve alçamento ou movimento do possuidor de uma posição interna à frase nominal. Ao contrário, a construção expressa uma dependência anafórica envolvendo um possuidor nulo (cf. 1):

(1) Gisele<sub>i</sub> lava [os cabelos ec<sub>i</sub>] com xampu importado.

Na abordagem das reanálises dos possessivos de 3ª pessoa, na história do PB, adotarei a proposta de Reinhart and Reuland (1993), a respeito das condições de economia e visibilidade nas dependências anafóricas, as quais impõem que o antecedente esteja plenamente especificado com traços-  $\phi$ , enquanto os anafóricos devem ser subespecificados ou menos especificados para esses traços. Em particular, assumo a aplicação dessas condições para o PB, apresentada em Menuzzi (1999, 2003b e Menuzzi & Lobo (2016). Segundo os autores, as diferentes línguas escolhem as formas ligadas em oposição aos pronomes plenos.

No caso do PB, tais formas são o sujeito nulo, reflexivos *se/si* e o possessivo *seu*. No caso do possessivo *seu*, tais propriedades se manifestam da seguinte forma: além de mais “pobre” em termos morfossintáticos do que as formas preposicionadas, *seu*: não tem interpretação dêitica no caso do referente de 3ª pessoa e requer um antecedente local que o c-comande. Na mesma perspectiva, sugiro que o possuidor nulo, nas construções de posse externa nominativa, apresenta uma restrição de localidade adicional para a sua interpretação, a qual é dependente de um antecedente sujeito. Ou seja, o possuidor nulo é um anafórico orientado para o sujeito (cf. Duek 2015). (cf. ainda Rorigues 2010, segundo a qual, o possuidor nulo é um anafórico controlado obrigatoriamente).

O embate diacrônico das formas possessivas de 3ª pessoa no PB será empiricamente atestado em *corpus* histórico coletado dentro do projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB).

Referências:

MENUZZI, S. & LOBO, M (2016) Binding and Pronominal Forms in Portuguese. In W. Leo Wetzels, João Costa, and Sergio Menuzzi (eds.). *The Handbook of Portuguese Linguistics*. John Wiley & Sons, Inc. pp. 338-355.

## SUBJUNTIVO VS. INDICATIVO EM ORAÇÕES COMPLETIVAS: PERCURSO DIACRÔNICO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

**Rosane de Andrade Berlinck**

Faculdade de Ciências e Letras - Araraquara, Universidade Estadual Paulista

O emprego do modo subjuntivo é associado na tradição gramatical portuguesa a regentes (verbais e não-verbais), em contextos de subordinação que veiculam *dúvida*, *volição*, *não-factuality*, *ordem*. Em contraste com essa prescrição, estudos sociolinguísticos têm

demonstrado uma tendência no português brasileiro (PB) ao uso de formas do indicativo em contextos normativos de subjuntivo (Almeida,2010; Berlinck,2015; Callou, Almeida,2009; Pimpão,1999,2012; entre outros), como vemos em “eu acredito que num **deva** ter cota” [AC-85, 349] e “a gente acredita que **deve** ter cobras maiores lá” [AC-086,278].

Ao contrário do quadro sincrônico, o percurso diacrônico que conduziu ao estado atual não mereceu ainda a mesma atenção (Almeida (2010) e Pimpão (2012) sendo exceções). Assim propusemos um estudo, orientado pelos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (Labov,1972;1994), com o objetivo geral de caracterizar o percurso de entrada e expansão do indicativo nos contextos normativos de subjuntivo no PB. O estudo cobre o período dos séculos XVIII, XIX e XX (e início do XXI) e os dados provêm de peças teatrais e entrevistas sociolinguísticas (Projeto ALIP; Gonçalves, s.d).

A análise dos dados variáveis chegou às seguintes constatações: (i) observa-se uma sensível diminuição no número de regentes de subjuntivo (108-séc.XVIII, 43- séc.XXI)); (ii) a expansão do indicativo está sujeita a um forte *efeito lexical*, não atingindo uniformemente as classes semânticas dos verbos tradicionalmente associadas com o subjuntivo; (iii) esse processo corresponde a uma tendência de *entrincheiramento* e *lexificação* do subjuntivo, que se circunscreve, então, a certas combinações de verbos e tempos, em parte associadas ao grau de saliência das formas verbais. Conclui-se que, para além da *servidão gramatical* de que falava Câmara Jr. (1985,p.133), o caráter idiosincrático do subjuntivo no PB se caracteriza nesse processo como uma crescente *servidão lexical*.

Palavras-chave: modo verbal; oração completiva; variação e mudança linguística; português brasileiro.

#### Referências:

- ALMEIDA, E.S. de. *Variação de uso do subjuntivo em estruturas subordinadas: do século XIII ao XX*. Rio de Janeiro, 2010. Tese de Doutorado. UFRJ. 2010.
- BERLINCK, R.A. Entre subjuntivo e indicativo: para onde e até onde vai a variação? Comunicação apresentada no V SIMELP. Outubro de 2015. Lecce, Itália
- CALLOU, D.; ALMEIDA, E. Mudanças em curso no português brasileiro: contrastando duas comunidades. *Textos Seleccionados. XXIV Encontro Nacional da APL*. Lisboa, APL, 2009, p. 161-168.
- CÂMARA Jr., J.M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 4 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.
- GONÇALVES, S.C.L. *Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista*. (<http://iboruna.ibilce.unesp.br/>)
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LABOV, W. *Principles of Linguistic Change*. Vol. 1: Internal Factors. Cambridge, MA/Oxford: Blackwell Publishers. 1994.
- PIMPÃO, T.S. *Variação no presente do modo do subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática*. Dissertação de Mestrado. UFSC. 1999.
- PIMPÃO, T.S. *Uso variável do presente no modo subjuntivo: uma análise de amostras de fala e escrita das cidades de Florianópolis e Lages nos séculos XIX e XX*. Tese de Doutorado. UFSC. 2012.

## “EU NÃO VI NÃO, EU” – A RECORRÊNCIA DE NOVAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

**Maria Hozanete de Lima**

Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem

**Teresa de Oliveira**

Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem

No ano de 2003, observamos, na cidade de Maceió (Alagoas-Brasil), a recorrência de determinadas estruturas na língua portuguesa que nos chamaram, na época, certa atenção. Em

tais estruturas, os pronomes pessoais do caso reto apareciam duplicados em específicos enunciados dos falantes, como pode ser visto nos exemplos coletados: “eu não vi ela não, eu”, “ela comprou a blusa, ela”, “eu não faço isso, eu”. Na época, considerávamos que tais estruturas poderiam ser, apenas, marca de um estilo próprio de determinados sujeitos. Todavia, passados 14 anos – embora não tenhamos desenvolvido investigações mais densas, a coleta dos dados foi sendo realizada –, percebemos que há recorrência significativa no uso dessas estruturas. E, desta vez, em situações mais formais – a exemplo da sala de aula – e em diversos estados do país, como Pernambuco e Rio Grande do Norte. Do mesmo modo, temos observado o seu uso, ainda que em menor escala, na escrita de internautas em redes sociais, como o facebook. Tal uso na escrita nos alertou para o fato de que tal recorrência poderia ser, na história da língua portuguesa, uma tendência atual na fala e já merecia um olhar mais acurado. Este trabalho tem como objetivo apresentar a coleta e as análises desenvolvidas até o presente momento em relação ao uso e à recorrência de tais estruturas. Em nossos estudos, refletimos sobre o tipo de estrutura sintática (se afirmativa, negativa ou interrogativa, por exemplo), sobre os elementos sintáticos que poderiam influenciar a duplicidade dos pronomes e sobre sua natureza discursiva, pragmática e enunciativa. Nossas análises, ainda que iniciais, mostram-nos que parece não se tratar de pressão sintática, como acontece com os eventos de topicalização, deslocamento à esquerda ou antitopicalização (PONTES, 1981), mas um evento de natureza pragmática (PARRET, 1988) e enunciativa (BENVENISTE, 1995a, 1995b).

Palavras-chave: Pronomes; Novos eventos de manifestação dos pronomes; Variação e mudança.

Referências bibliográficas:

- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 1995a.  
 BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1995b.  
 FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.  
 MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. *Caminhos da Linguística Histórica: “ouvir o inaudível”*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.  
 PARRET, Heman. *Enunciação e Pragmática*. Campinas: Pontes, 1998.  
 PONTES, E. Da importância do tópico em português. *Anais do V Encontro de Linguística*, V. II. PUC-RJ, 1981.  
 TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1994.  
 WEINREICH, Uriel; LABOV, William e HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006 [1968]

## SESSÃO 6A. LINGUÍSTICA HISTÓRICA E CORPORA

### ANÁLISE DE MACROCORPORA E MICROCORPORA PARA ESTUDOS DE LINGUÍSTICA HISTÓRICA

**Juan M. Carrasco González**

Universidad de Extremadura

Os estudos de linguística histórica baseados em grandes *corpora* que incorporam grandes períodos de tempo, ou uma grande quantidade de textos para um período mais restrito, por vezes não conseguem averiguar exatamente como é que se produzem determinados

fenómenos de mudança linguística, os quais, pelo contrário, podem ser muito melhor descritos quando se estudam e se comparam pequenos *corpora* correspondentes a um autor ou uma coleção de documentos muito melhor localizados no tempo, no espaço e no seu registo linguístico.

Um bom exemplo disso é a formação dos tempos compostos e outros usos dos verbos *ter* e *haver* em época clássica. Em estudos levados a cabo no trânsito entre o português médio e o português clássico, os grandes *corpora* linguísticos revelaram que o verbo *ter* acabou por prevalecer como auxiliar destes tempos, mas não nos informam de que o verbo *haver*, neste uso, acabou por desaparecer quase completamente na primeira metade do século XVI, como se pode comprovar nos estudos de Rosa Virgínia Mattos e Silva, e que a recuperação posterior apresenta características bem diferentes do uso que tinha em época anterior e do uso que ainda vai ter o verbo *ter* nos tempos compostos ao longo dos séculos XVI e XVII.

Palavras-chave: linguística de *corpus*; português clássico; tempos compostos; *haver*; *ter*.

#### Bibliografia:

CARRASCO GONZÁLEZ, J.M.: “Evolución de los tiempos compuestos en portugués durante los siglos XVI y XVII”, *Archivum*, t. LXIV, 2014, pp. 77-100.

MATTOS E SILVA, R.V.: “Para uma caracterização do período arcaico do português”, *DELTA*, 10, 1994, pp. 247-276.

MATTOS E SILVA, R.V.: “Vitórias de *ter* sobre *haver* nos meados do século XVI: usos e teorias em João de Barros” e “A variação *ser/estar* e *haver/ter* nas *Cartas de D. João III* entre 1540 e 1553: comparação com os usos coetâneos de João de Barros” in R.V. Mattos e Silva & A.V. Lopes Machado Filho, *O português quinhentista: estudos linguísticos*, Salvador, Universidade Federal da Bahia / Universidade Estadual de Feira de Santana, 2002, pp. 119-142 e pp. 143-160.

MATTOS E SILVA, R.S.: *O português arcaico. Fonologia, morfologia e sintaxe*, São Paulo, Editora Contexto, 2006.

Osório, P.: “Linguística histórica e história da língua: aportações teóricas e metodológicas”, *I SIMELP*, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2008 [<http://fflch.usp.br/dlev/lport/pdf/slpo4/01.pdf>].

## CONTINUANDO O DEBATE SOBRE A ORIGEM DO INFINITIVO FLEXIONADO PORTUGUÊS: UMA ABORDAGEM “MISTA” E BASEADA EM *CORPORA*

**Giulia Bossaglia**

Universidade Federal de Minas Gerais

Apresenta-se aqui uma proposta alternativa para a identificação das origens do infinitivo flexionado (IF) português, a partir da problematização de vários aspectos de diferentes teorias que pertencem às duas vertentes tradicionais, a “criativa” e a “do conjuntivo imperfeito”. A presente proposta depreende-se da observação da necessidade de considerar a interacção de múltiplos factores na génese do IF, diferentemente do que propostas anteriores têm feito, apesar de seus incontestáveis méritos em outros respeito. Portanto, propõe-se uma abordagem “mista”, que considera a interacção de diferentes parâmetros relacionados com a origem do IF no português antigo, e que se apoia em *corpora* históricos do português como base de verificação empírica, nomeadamente o *Corpus Informatizado do Português Medieval* (Xavier et al. 1994) para os séculos XIII e XIV e o *Corpus do Português* (Davies & Ferreira 2006) para os séculos XIV-XVI. Através da observação dos usos do infinitivo flexionado e não flexionado no português antigo, em termos de alternância das duas formas e de frequência em cada construção levantada nos *corpora*, é possível identificar diferentes *loci* da génese do IF e também observar a sua expansão às expensas do não flexionado ampliando o escopo de observação para a fase do português médio. Levando em conta também o desenvolvimento histórico do português antigo no que diz respeito ao uso das formas infinitivas (A.c.I. e usos

preposicionados) na transição do latim vulgar para as línguas românicas (Castro 2006), os dados levantados permitem identificar dois contextos sintácticos relevantes para a formação do IF, nomeadamente, (i) contextos de infinitivo preposicionado em dependência de nomes ou adjetivos, e (ii) subordinadas adverbiais introduzidas por preposições, com a perspectiva de explorar, ainda, as relações de integração sintáctica (Foley & Van Valin 1984, Givón 1985, Lehmann 1988) nestas construções. É assim possível reorganizar de uma forma coerente e/ou excluir da análise múltiplos factores já descritos ou esboçados por outros autores (continuidade com formas de complementação do latim, influência do conjuntivo futuro, influência do conjuntivo imperfeito, proximidade funcional do IF às formas finitas do verbo, entre outros), chegando a uma nova proposta para as origens do IF português, mais abrangente e com uma base de verificação empírica consistente.

#### Referências:

- CASTRO, I. (2006). *Introdução à história do português*. Lisboa: Edições Colibri.
- DAVIES, M., & Ferreira, M. (2006). *Corpus do Português* (45 milhões de palavras, sécs. XIVXX). <http://www.corpusdoportugues.org>
- FOLEY, W. A., & Van Valin Jr, R. D. (1984). *Functional syntax and universal grammar*. Cambridge Studies in Linguistics London, (38).
- GIVÓN, T. (1985). Iconicity, isomorphism and non-arbitrary coding in syntax. *Iconicity in syntax*, 187-219.
- LEHMANN, C. (1988). Towards a typology of clause linkage. *Clause combining in grammar and discourse*, 18, 181-225.
- XAVIER, M. F., Brocardo, M. T., & Vincente, M. G. (1994). CIPM–Um Corpus Informatizado do Português Medieval. *Actas do X Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, 2, 599-612. <http://cipm.fcsh.unl.pt/>

## CONSTRUCCIONES DE PARTICIPIO EN DOCUMENTACIÓN CATEDRALICIA GALLEGA, ASTURIANA Y CASTELLANA

**Patricia Fernández Martín**

Universidad Autónoma de Madrid

El objetivo de la presente comunicación es comparar el funcionamiento de las construcciones perifrásticas de participio, representadas en esencia por *tener/haber* y *ser/estar*, en documentación catedralicia del siglo XIII, reunida en tres núcleos geográficos pertenecientes a lo que hoy se asocia prototípicamente con sendas lenguas românicas: astur-leonés, gallego-portugués y castellano.

Para ello, en primer lugar, se hará alusión al *continuum* que constituye la doble naturaleza, verbal y adjetival, del participio (Bosque 1990), que aflora dependiendo siempre del contexto lingüístico en que se encuentre, sea cercano a la {atribución/acción pasiva} del par {*ser/estar*}, sea cercano a {la posesión/el aspecto} del par {*tener/haber*} (Fernández Martín 2012a, 2012b).

En segundo lugar, se relacionará este complejo concepto con el de perífrasis verbal, un término, en su forma de infinitivo y gerundio, no menos complejo de definir, por encontrarse, diacrónicamente, entre la gramática del tiempo verbal (Romani 2006), el léxico de la locución (García-Page 2008) y el texto del marcador discursivo (García Fernández 2006).

En tercer lugar, se mostrarán los resultados del análisis propiamente dicho, para el cual se emplea un corpus lingüístico que abarca documentos catedralicios en castellano (Villar García 1990), gallego-portugués (edición de López Carreira en el TMILG) y astur-leonés (Tuero Moris 1994; Fernández Rodríguez 1996).

Las reflexiones finales hacen alusión al papel ejercido por el participio en la formación de tiempos compuestos o perífrasis verbales en las tres lenguas estudiadas, caracterizando así lo que de común y de diferente tienen las lenguas románicas en el Medievo (De Andrés 2013).

Palabras clave: Perífrasis verbal; castellano medieval; gallego-portugués; astur-leonés; participio.

**Bibliografía:**

- BOSQUE, I. (1990). «Sobre el aspecto en los adjetivos y en los participios», en I. Bosque (coord.). *Tiempo y aspecto en español*, Madrid: Cátedra, 177-211.
- DE ANDRÉS DÍAZ, R. (2013). *Gramática comparada de las lenguas ibéricas*. Gijón: Trea.
- FERNÁNDEZ MARTÍN, P. (2012a). «El estudio de la construcción pasiva en documentos del Archivo Municipal de Alcalá de Henares: reflexiones y ejemplos», en M<sup>a</sup> J. Torrens Álvarez y P. Sánchez-Prieto Borja (eds.), *Nuevas perspectivas para la edición y el estudio de documentos hispánicos antiguos*. Berna: Peter Lang, 109-126.
- FERNÁNDEZ MARTÍN, P. (2012b). «Propuesta de un prototipo participial con base en cuatro perífrasis verbales». *Boletín de Filología de la Universidad de Chile*, 47:1, 33-68.
- FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, A. I. (1996). *Documentación de la Catedral d'Uviéu (Sieglu XIII) [2]*, Uviéu: ALLA.
- GARCÍA FERNÁNDEZ, L. (dir.) (2006). *Diccionario de perífrasis verbales*. Madrid: Gredos.
- GARCÍA-PAGE SÁNCHEZ, M. (2008). *Introducción a la fraseología española. Estudio de las locuciones*, Barcelona: Anthropos.
- ROMANI, P. (2006). «Tiempos de formación romance I. Los tiempos compuestos», en C. Company Company (dir.). *Sintaxis histórica de la lengua española*. Primera parte: La frase verbal. México, D.F.: UNAM / FCE, pp. 241-346.
- TUERO MORIS, M. (1994). *Documentación de la Catedral d'Uviéu (Sieglu XIII)*, Uviéu: ALLA.
- VILLAR GARCÍA, L. (1990). *Documentación medieval de la Catedral de Segovia (1115-1300)*, Salamanca: Universidad.

## PROPRIEDADES DA ANOTAÇÃO SINTÁTICA E SEU IMPACTO NA ANÁLISE AUTOMÁTICA E NA DETECÇÃO DE INCONSISTÊNCIAS

**Pablo Faria**

Universidade Estadual de Campinas

Em certos treebanks, as sentenças são anotadas quanto a sua estrutura sintagmática e funções sintáticas de seus elementos (ver Marcus et al., 1993). Sua construção consome muito tempo, razão pela qual tem sido utilizadas ferramentas automáticas em conjunto com procedimentos manuais, de modo a dar mais agilidade ao processo. É inevitável, entretanto, que ocorram inconsistências na anotação, causadas por discordância quanto à interpretação, orientações incompletas, entre outras razões (ver Blaheta, 2002). Tais inconsistências podem afetar negativamente a extração de informação do corpus e o treinamento de analisadores automáticos. Neste cenário, métodos automáticos de detecção de inconsistências (p.e., Dickinson & Meurers, 2003; Kulick et al, 2011; Faria, 2014, 2015) tem um importante papel, na medida em que permitem detectar rapidamente grande parte das inconsistências de um corpus, para que possam ser corrigidas. O estudo de tais métodos mostra ainda que certas escolhas quanto ao sistema de anotação podem facilitar ou dificultar o processamento automático. Dois aspectos ressaltam: a consistência interna do sistema, isto é, o grau de consistência que o sistema apresenta quanto à forma de anotação de construções similares (p.e., coordenações); e, ainda, a precisão com que a anotação distingue as classes de elementos e construções, de modo que o sistema seja o mais conciso possível e ainda apresente as informações desejadas. Nesta palestra, será apresentada uma visão geral da tarefa de detecção de inconsistências, além de casos ilustrativos de inconsistências e erros de anotação. Serão ainda apresentados resultados de um estudo em que foram avaliadas algumas mudanças no

sistema de anotação quanto a seu impacto sobre a performance do analisador (Faria e Galves, 2016). Tais resultados servem para que pesquisadores envolvidos na construção de treebanks possam reavaliar seus sistemas de anotação e tirar maior proveito de ferramentas automáticas, de modo a agilizar o processo de anotação.

Palavras-chave: linguística de corpus; anotação sintática; controle de qualidade; parsing.

Referências:

- BLAHETA, D. (2002). Handling noisy training and testing data. In *Proceedings of the ACL-02 conference on Empirical methods in natural language processing-Volume 10* (pp. 111-116). Association for Computational Linguistics.
- DICKINSON, M., e MEURERS, W. D. (2003). Detecting inconsistencies in treebanks. In *Proceedings of TLT* (Vol. 3, pp. 45-56).
- FARIA, P. (2014) Using dominance chains to detect annotation variants in parsed corpora. In: *e- Science (e-Science), 2014 IEEE 10th International Conference*. Volume 2., 25-32.
- FARIA, P. (2015). Increased Recall in Annotation Variance Detection in Treebanks. In *Text, Speech, and Dialogue* (pp. 578-586). Springer International Publishing.
- FARIA, P. e GALVES, C. (2016). Criando “bancos de árvores”: o sistema de anotação e o processamento automático. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, (58.2), Campinas, pp. 299-315 – mai./ago.
- KULICK, S., BIES, A. e MOTT, J. (2011) Using derivation trees for treebank error detection. In: *ACL (Short Papers)*. 693-698.
- MARCUS, M. P., MARCINKIEWICZ, M. A., e SANTORINI, B. (1993). Building a large annotated corpus of English: The Penn Treebank. *Computational linguistics*, 19(2), 313-330.

## SESSÃO 1B. GRAMATICALIZAÇÃO I

### ENTRE O SABER E A FÉ. CONSTRUCIONALIZAÇÃO DE *SEICA* E *ABOFÉ* COMO MARCADORES EPISTÊMICOS DE ASSERTIVIDADE EM GALEGO

**Francisco Cidrás**

Instituto da Lingua Galega – Universidade de Santiago de Compostela

O trabalho constitui uma aproximação ao estudo do processo de construção do sistema de marcado da modalidade epistêmica e evidencial em galego, nomeadamente referido à expressão assertiva do conhecimento. Trata-se dum aspecto relativamente pouco estudado no português – e menos ainda no galego – mas que mostra interessantes peculiaridades de tipo gramatical, discursivo e pragmático. Coloca-se o foco no processo de construcionalização e o seguimento do uso dos dois marcadores epistêmicos de assertividade mais característicos do galego, *seica* e *abofé*, construídos respectivamente sobre a afirmação do saber e da boa fé que o falante se auto-atribue a respeito do que enuncia.

A contribuição insere-se no quadro teórico dos modelos baseados no uso, nomeadamente nos estudos de gramaticalização na sua versão construcionista (mudança construcional e construcionalização) com aproximações doutras abordagens próximas como os modelos de gramaticalização em contexto (Heine, Diewald). Como suporte empírico exploram-se os corpora *Tesouro Informatizado da Lingua Galega* (TILG) e *Tesouro Medieval Informatizado da Lingua Galega* (TMILG), desenvolvidos no Instituto da Lingua Galega da Universidade de Santiago de Compostela, que recolhem de forma complementar todo o percurso histórico do galego.

Sustentara-se a hipótese de que a partícula *seica* (< (eu) sei que) emerge no galego médio através de dois contextos críticos radicalmente diferentes e coetâneos, apontando ao mesmo tempo como marcador assertivo de certeza (i.e., como intensificador ou *booster*) e curiosamente também de falta de certeza (i.e., como atenuador ou *hedge*). Esta situação de duplicidade dificilmente sustentável leva no século XIX ao prático desaparecimento do uso assertivo, aliás sempre minoritário. Este uso era semanticamente mais franco, mas apresentava problemas formais e pragmáticos, como ato potencialmente ameaçador da imagem do interlocutor. Tais problemas determinaram, em contrapartida, o enorme êxito que alcançou em galego *seica* com valor de evidência inferida primeiro e reportada depois – apesar da arresgada mudança semântica que esses valores comportam: ‘eu sei’ > ‘eu na verdade não sei, não tenho certeza pessoal’.

Argumentara-se que o desaparecimento do *seica* assertivo vem acompanhado pelo êxito que alcança na altura, em galego, a forma *abofé* (< a boa fé, ‘de boa fé’) como marcador epistêmico de certeza, superando os problemas pragmáticos de *seica*. Far-se-á um seguimento da evolução dos usos de ambas as formas até ao presente, desenhando o quadro de uma área crítica da lexicogramática do galego –o sistema epistêmico– muito instável e com dinâmicas de mudança semântica em curso.

## A GRAMATICALIZAÇÃO DE *NOSSA SENHORA* NOS FALARES MINEIRO E FLUMINENSE

**Bruna A. M. Cohen**

Universidade Federal de Minas Gerais

Em Minas Gerais, o nome da santa Nossa Senhora vem, ao longo do tempo, perdendo seu valor lexical (e religioso) e tornando-se item gramatical – transformando-se, assim, em uma interjeição e ocorrendo em contextos não religiosos. No entanto, *Nossa Senhora* é uma expressão ouvida também em outros lugares do Brasil, como, por exemplo, no estado do Rio de Janeiro. Desta forma, nossa pesquisa consiste na análise da gramaticalização do item lexical *Nossa Senhora* no estado de Minas Gerais, de acordo com o artigo de Ramos (2010), e sua comparação na perspectiva diacrônica com a gramaticalização do mesmo item lexical no Rio de Janeiro – conforme divisão do Brasil em áreas linguísticas feita por Nascentes (1953), que considera sete dialetos do português brasileiro, dentre os quais o mineiro e o fluminense. Pretende-se, desta maneira, verificar se o item gramatical *Nossa Senhora!* e suas variações ocorrem em ambos dialetos, e se há diferença em sua ocorrência e por quê.

Para esta análise, baseamo-nos nas teorias de Hopper e Traugott (1993) sobre a gramaticalização, além de do artigo de Ramos – que analisa justamente a gramaticalização da expressão *Nossa Senhora!* no dialeto mineiro, compondo, assim, o histórico do tema. Os *corpora* utilizados foram, a saber: o *corpus* “PEUL”, da Faculdade de Letras/UFRJ; o *corpus* do projeto “Mineirês”, da Faculdade de Letras/UFMG; e o *corpus* do projeto “Pelas trilhas de Minas”, também da Faculdade de Letras/UFMG, de modo a formar dois grupos: A) o de informantes de Minas Gerais (MG) e B) o de informantes do Rio de Janeiro (RJ). Cada grupo é composto por 20 entrevistas, cada uma com aproximadamente o mesmo tamanho.

De acordo com Hopper & Traugott, a gramaticalização se define pelo esvaziamento semântico de um termo lexical a fim de que ele possa tornar-se gramatical. Como essa mudança do lexical para o gramatical não se dá de forma abrupta, mas em um processo, os autores definem um *cline* de gramaticalização, que seria uma fórmula para o processo:

item lexical > item gramatical > clítico > afixo

Ramos, por sua vez, estabelece um *cline* de gramaticalização do item referencial *Nossa Senhora* – que a perde seu valor referencial e sofre redução:

Nossa Senhora > Nossa Senhora! > Nossa! > Nó > Nu

Na análise dos dados em nossa pesquisa, verificamos que, no grupo A, a gramaticalização apresentou todo o espectro do percurso de gramaticalização de Nossa Senhora referencial para os itens não-referenciais, definido por Ramos. Enquanto isso, o grupo B apresentou apenas duas etapas do percurso.

Palavras-chave: dialetos mineiro e fluminense; gramaticalização; interjeição; Nossa Senhora!; vocativo.

Bibliografia:

HOPPER, P. & TRAUGOTT, E., Cap. 1 “Some preliminaries” e cap. 2 “The history of grammaticalization. In: *Grammaticalization*, Cambridge University Press: Cambridge, 1993.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

RAMOS, Jânia. “Interjeições & Gramaticalização: Nó! e Nossa Senhora! no dialeto mineiro”, In: Vitral, L. e Coelho, S. (orgs), *Estudos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

## UMA ANÁLISE CONSTRUCIONAL DAS PERÍFRASES DE GERÚNDIO DE ASPECTO CURSIVO NO PORTUGUÊS

**Quezia Oliveira**

Universidade Federal do Rio de Janeiro / Universidade de Santiago de Compostela

O presente estudo investiga, sob a ótica dos modelos baseados no uso e do modelo de Construcionalização e Mudança Construcional proposto por Traugott & Trousdale (2013), o processo de formação das perífrases de gerúndio, no português, marcadoras de aspecto cursivo, especificamente as constituídas pelos auxiliares *ir*, *vir*, *ficar* e *estar*. Avalia também a história dessas construções ao longo de sua existência na língua. Tais objetivos se orientam pelas hipóteses de que: 1) todos os verbos que co-ocorrem com o gerúndio seguiram a trajetória de construcionalização da perífrase *estar* + gerúndio na língua portuguesa; e 2) a perífrase verbal *estar* + gerúndio está mais avançada no processo de Mudança Construcional do que aquelas com os outros verbos, o que é evidenciado pelo seu caráter altamente gramatical e pela sua marcação aspectual neutra, como é demonstrado pela literatura corrente sobre o assunto.

Para esse trabalho, foram analisadas amostras de textos escritos dos séculos XIII ao XX. Tal material corresponde a um banco de dados organizado por Torrent (2009) e compreende diversificados textos do português arcaico, antigo e moderno.

Os dados foram analisados segundo algumas categorias linguísticas. Entre elas, destaco duas para este trabalho: o tipo semântico do verbo principal das perífrases e a natureza do sujeito que ocorre com elas. Tais fatores servem para evidenciar alterações nos níveis de esquematicidade, produtividade e composicionalidade de cada uma delas, conforme o modelo de Traugott & Trousdale (2013) e, com isso, revelar sua formação e mudança.

Ao final do trabalho, procuro responder as hipóteses levantadas, atestando o que a literatura afirma sobre a natureza gramatical da perífrase com *estar*, e apresento um esquema representativo de Construcionalização e Mudança construcional de aspectualização cursiva no português com perífrases de gerúndio.

Palavras-chave: perífrases cursivas de gerúndio; Mudança construcional; Construcionalização.

Referências bibliográficas:

CASTILHO, A. T. de (1968) *Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa*. Marília: Alfa, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de Marília, 12.

CASTILHO, A. T. de “Aspecto verbal no português falado”. In: ABAURRE, Maria B. M.; RODRIGUES, Ângela Cecília (orgs.). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, v. VIII, 83-122. 2002.

COMRIE, B. (1976) *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press.

TRAUGOTT, Elisabeth C. e TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford, Oxford University Press, 2013.

## O LEGADO DA LÍNGUA LATINA NO PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO DE CONSTRUÇÕES ASPECTUAIS INCEPTIVO-ITERATIVAS NA LÍNGUA PORTUGUESA

**Sueli M. Coelho**

Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais

Dado que, como língua românica que é, o português não dispõe de um morfema específico para marcar a categoria aspectual, esta é majoritariamente expressa por meio de perífrases verbais (cf. CASTILHO, 1968; COSTA, 1980; BARROSO, 1994), as quais resultam de um processo de gramaticalização de uma forma lexical plena em verbo auxiliar. Por meio desse processo, a forma auxiliar (V<sub>1</sub>) passa a incidir diretamente sobre a forma principal (V<sub>2</sub>), modificando-a. Tal modificação pode se dar ainda indiretamente, isto é, por intermédio de uma preposição. Fato é que algumas perífrases verbais de natureza aspectual, aqui concebidas como construções, nos termos de Goldberg (1995), além de denotarem mais de uma conotação de aspecto, marcando tanto o início de um evento, quanto sua iteração, admitem ou não a presença da preposição – João *danou (a) gritar* –, enquanto outras, embora preservem a marcação cumulativa do aspecto, só se realizam por intermédio de uma preposição de movimento – João *deu para beber*. Coelho e Paula (2016) demonstraram que a opcionalidade da preposição no primeiro grupo é um legado da língua latina: a preposição é uma reminiscência do acusativo de movimento e do acusativo de extensão. Sendo um preciosismo semântico e não um traço sintático, tal preposição já podia ser elidida na língua latina, o que explica sua opcionalidade também nas construções contemporâneas. A hipótese a ser explorada nesta comunicação é a de que, ao contrário das construções com *danar*, as construções com *dar* não podem prescindir da preposição, por ser esta uma reminiscência do caso dativo e, portanto, um traço sintático que persistiu no processo de gramaticalização da forma verbal do latim ao português. Isso reforça tanto a tese da persistência de traços formais no processo de gramaticalização (cf. LOPES, 2010), quanto a tese de que os traços sintáticos são mais persistentes e, portanto, menos passíveis de apagamento no percurso da mudança linguística (cf. COELHO, 2013).

Referências:

BARROSO, Henrique. *O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo: visão funcional / sincrónica*. Porto: Porto Editora, 1994.

CASTILHO, Ataliba de. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1968. (Coleção de Teses, 6).

COELHO, S. M. Gradualismo do processo de gramaticalização e princípio da persistência: indícios de uma hierarquia de traços? *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 15(2), p. 519-541, 2013.

COELHO, S. M.; PAULA, T. F. de. Gramaticalização do verbo *danar* como marcador aspectual: um legado latino. *Caligrama*, Belo Horizonte, v. 21(2), p. 21-48, 2016.

COSTA, Sônia Bastos Borba. *O aspecto em português*. São Paulo: Contexto, 1990.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

LOPES, Célia R. dos S. A persistência e a decategorização nos processos de gramaticalização. In.: VITRAL, L.; COELHO, S. M. (orgs.) Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p. 275-314.

## SESSÃO 2B. GRAMATICALIZAÇÃO II

### EMERGÊNCIA DE JUNTORES CONTRASTIVOS NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS: CONTEXTOS, POLISSEMIA E SUBJECTIVIZAÇÃO

**Sanderléia R. Longhin**

Universidade Estadual Paulista, Campus São José do Rio Preto

Os juntores contrastivos têm uma natureza singular: são argumentativos por excelência e, assim, decisivos para sinalização da atitude subjetiva, expressiva, dos usuários da língua. Esse valor subjetivo os torna suscetíveis a constantes variações e renovações no tempo (Meillet, 1912; Ramat; Mauri, 2011) e especialmente interessantes para investigações diacrônicas, pela possibilidade de testar hipóteses acerca de tendências recentes em mudança semântica, relacionadas ao peso dos contextos, à emergência de polissemias e à crescente subjetivização.

Nesta apresentação, concentro-me nas mudanças experimentadas pelas construções com *enquanto* do português. O propósito é explicitar como as construções com *enquanto*, que expressam significado originariamente temporal, desenvolveram significados contrastivos, com teor procedural e argumentativo. A investigação é conduzida em perspectiva diacrônica, à luz de um quadro teórico que reserva à pragmática um papel fundamental na mudança semântica (Traugott; Dasher, 2002). As questões centrais a serem respondidas são: 1) em perspectiva semasiológica, quais são os contextos que predisuseram a emergência do sentido de contraste de *enquanto* e que relações podem ser capturadas entre esses contextos condicionadores, o significado fonte (temporal) e o significado alvo (contrastivo)? 2) qual é o estatuto do significado contrastivo associado a *enquanto* no português contemporâneo? Está semantizado ou depende ainda do aporte contextual que permitiu sua emergência e generalização? 3) tendo em conta a polissemia que pode existir dentro do próprio domínio de contraste, em termos dos tipos de relações semântico-pragmáticas em jogo, quais são os tipos contrastivos mobilizados por *enquanto* e em que medida esses tipos, por representarem instâncias de maior ou menor subjetividade, contribuem para mensurar a *subjetivização* que estaria latente às mudanças de *enquanto*?

Referências:

MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Libraire Honoré Champion, 1912.  
RAMAT, A.G.; MAURI, C. The grammaticalization of coordinating interclausal connectives. In: Heine B, Narrog H (eds) *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. New York: Oxford University Press; 2011.  
TRAUGOTT, E.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002

### NÃO OBSTANTE ~ APESAR DE: VARIAÇÃO E GRAMATICALIZAÇÃO

**Pâmella A. Pereira**

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

**Larissa P. M. Ferreira**

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Este trabalho propõe uma pesquisa sobre mudança linguística, em especial sobre o fenômeno de gramaticalização (Hopper & Traugott, 1993) envolvendo a construção APESAR DE no português e, ainda, uma análise da variação (Labov, 1972) de tal estrutura com a expressão NÃO OBSTANTE. Em Pereira (2012), verificou-se que a frequência de ocorrência do uso mais gramaticalizado do NÃO OBSTANTE ao longo da história do português parece ter sofrido oscilações decorrentes da variação dessa construção com o item EMBORA como conjunção concessiva. Nessa mesma pesquisa, foi verificada ainda uma possível competição de outros usos do NÃO OBSTANTE com as construções APESAR DE e NO ENTANTO, o que parece ter determinado a queda no uso de NÃO OBSTANTE no século XX. Assim, a proposta deste trabalho centra-se em um estudo mais amplo da construção APESAR DE e da variação NÃO OBSTANTE ~ APESAR DE. Justifica-se, portanto, a análise de tais estruturas considerando um mesmo *corpus*, o *Corpus do Português*, de Davies e Ferreira (2006). Na análise dos dados de APESAR DE, vimos que o substantivo PESAR, item lexical, passou a integrar a expressão A PESAR DE; depois, a preposição A tornou-se uma sílaba átona da palavra APESAR, que passou a fazer parte da locução prepositiva APESAR DE, construção gramatical. Vimos que foi entre os séculos XVIII e XIX que o aumento da frequência de ocorrência da construção APESAR DE mostrou-se significativo. No processo de mudança envolvendo a construção APESAR DE, encontramos, no século XIX, o uso da locução conjuntiva APESAR DE QUE. Entendemos que tal locução seja um estágio mais gramatical da expressão em análise, já que se trata de uma locução mais limitada sintaticamente ao sempre iniciar orações com verbos flexionados e por ser uma estrutura mais fixa: não encontramos exemplos que mostrem algum elemento entre os itens APESAR, DE e QUE. Semanticamente, podemos dizer que houve mudança de sentido mais concreto para mais abstrato na mudança do substantivo PESAR para as construções APESAR DE e APESAR DE QUE: o sentido do substantivo PESAR – remorso, arrependimento, tristeza – parece ser mais concreto que o sentido de concessão estabelecido pela locução prepositiva APESAR DE e pela locução conjuntiva APESAR DE QUE. Na comparação APESAR DE e NÃO OBSTANTE, vimos que o NÃO OBSTANTE surgiu no século XV e passou a concorrer com o APESAR DE, que já existia no século XIV. Não é possível dizer que uma das formas tenha vencido essa concorrência entre os séculos XV e XVII: eram duas formas diferentes usadas para expressar a mesma ideia de concessão. Entre os séculos XVIII e XIX, a forma APESAR DE parece vencer a concorrência com o NÃO OBSTANTE.

Palavras-chave: gramaticalização; variação; *apesar de*; *embora*.

Referências:

- DAVIES, M. & FERREIRA, M. J. *O corpus do Português* [online] Disponível na internet via URL: <http://www.corpusdoportugues.org>. (2006-)
- HOPPER, P. & E. TRAUGOTT. *Gramaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press. 2003.
- LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- PEREIRA, P.A. *não em formações nominais no português: morfologização e gramaticalização*. Belo Horizonte: UFMG. Tese de doutorado em Estudos Linguísticos, 2012.

## AS PREPOSIÇÕES *COM* E *EM* EM CONTEXTOS DE CONSTRUCIONALIZAÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

**Vanda Cardozo de Menezes**

Universidade Federal Fluminense

**Monclar Guimarães Lopes**

Universidade Federal Fluminense

Este trabalho tem como objetivo a investigação diacrônica das preposições “com” e “em” em Português Brasileiro (PB), sob a perspectiva da Linguística Cognitiva. Embora no Funcionalismo clássico já se tenham investigado a fundo as diferentes preposições do português, essa abordagem tinha como foco a análise de itens, e não de construções. À luz da Linguística Cognitiva, numa perspectiva que se poderia chamar cognitiva-funcional, as preposições devem ser analisadas nas construções de que fazem parte. Assim sendo, o sentido de direção que pode ser depreendido da preposição “a” em “aspiro ao cargo de diretor”, por exemplo, está diretamente relacionado à própria construção do verbo “aspirar”, que recruta um elemento relacional com esse valor semântico. Nesta pesquisa, especificamente, temos como foco “novas” construções cujas preposições apresentem um avançado processo de gramaticalização. Nos dados de que dispomos, corpora de textos escritos do século XIX a XXI (notícias e cartas), investigamos duas construções transitivas dos verbos “desaparecer” e “sumir”, que surgiram na língua portuguesa no século XX. Embora sejam originalmente formas inacusativas, isto é, verbos intransitivos que exigem um sujeito de papel paciente (e.g. “o livro desapareceu”), essas duas formas apresentam, na sincronia do Português Brasileiro (PB), usos transitivos regidos pela preposição “com”, como em “o ladrão desapareceu com minha carteira”. Vale ressaltar que, nesse caso, o sentido básico da preposição “com” – de associação – encontra-se totalmente esmaecido, não recuperável pelo falante. Paralelamente, “sumir com” e “desaparecer com”, nesses contextos, assumem um sentido diverso dos usos intransitivos dessas formas verbais. Investigamos também uma construção transitiva do verbo “mandar” com a preposição “em”, com sentido aproximado ao da expressão “ter poder sobre”, encontrada nos dados mais recentes em registros amplos e gêneros textuais diversos – como no exemplo “mandar no Senado” e, ainda, examinamos a construção “mandar bem” (“dicas para mandar bem no marketing de rede”), intransitiva, encontrada nos dados mais recentes, em registros sociais e gêneros textuais restritos. A análise dessas duas construções com o verbo “mandar” sugere que a mudança pode se dar nos dois sentidos, para a transitivização ou para a detransitivização, e pode ocorrer no plano da forma e do sentido – havendo, nesse caso, uma construcionalização (isto é, um pareamento de uma FORMA<sub>NOVA</sub>-SENTIDO<sub>NOVO</sub>), ou apenas em um dos planos – caracterizando uma mudança construcional (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2014).

Palavras-chave: preposições; construcionalização; Linguística Cognitiva-funcional.

Referência bibliográfica:

TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. New York: Oxford University Press, 2014.

## PARADIGMATIZAÇÃO DE FORMAS GRAMATICALIZADAS: PARA QUE E CADÊ QUE

**Odete P. S. Menon**

Universidade Federal do Paraná

Retomando Saussure, Jakobson (1977) demonstra que produzir linguagem se realiza conjuntamente em dois eixos – paradigmático e sintagmático. Apresenta-se, então, a questão da **paradigmatização**: uma forma gramaticalizada se inseriria em um paradigma já existente na língua, (como novos verbos auxiliares: *ficar, continuar, ir*; novos pronomes: *você, a gente*).

Mas quando não há ainda um paradigma reconhecido, como o dos marcadores discursivos, como *cadê quê?* No caso de *para que*, a gramaticalização começa na locução prepositiva (LP), a partir do latim *pro ad* (“em direção a”, “em prol de”) > *por ad*; perde a consoante final > *pora*, passando a *pera/prá*, depois *para*. Esse processo começou transformando a LP em preposição, que “regia” substantivos (*pora o filo*); pronomes (*pora ti*), advérbios (*pora la*). A locução contendo esse substantivo pode ser sujeito de um verbo no infinitivo flexionado: Pedro comprou um carro *para os filhos saírem* sozinhos). Ligando orações, a preposição torna-se, funcionalmente, uma **conjunção**. Na análise morfológica da sintaxe está muito arraigado se denominar algumas conjunções pela sua categoria de origem: pronome relativo, pronome integrante, preposição ... Mas nem sempre: não se diz que **logo** (conclusiva) é advérbio; nem que **porém** é retomada anafórica ou **salvo** um particípio passado ... Como toda oração reduzida pode se transformar numa desenvolvida, já no estágio *pera* se lhe ajunta um *que* (doravante Q): “Pedro [...] *para* Q eles saíssem sozinhos”. Já *conjunção*, *pera* se insere num paradigma conjuncional junto com *a*, *até*, *em*, *por*, *sem*; ou *pera que*, seguida de verbo flexionado. Noutro processo, da gramaticalização da frase “Que é [feito] de Fulano?”, resultando em *quede/quede/cadê/quedele/cadele*, ainda é incerta a sua classificação: advérbio ou pronome interrogativo? A fase final, *cadê que* (*Cadê que* eu lembrava qual som era?), aparentemente ainda não dispõe de paradigma a se encaixar, pelo menos no das classes de palavras tradicional. Historicamente, houve o surgimento de uma série de expressões “com *que expletivo*”: *quase* Q, *como* Q, *enquanto* Q, *vai/vá* Q, *sendo* Q, embora Said Ali (1964) diga que a adjunção desse Q dá “origem a conjunções de nova espécie”. Os exemplos são antigos: em documento de 1438 há ocorrência de **pois** Q, ainda produtivo, e do arcaico **porende** Q (*por isso que*): “[...] **Porende que** eu protesto que os dictos regimentos nom sejam em perjuizo [...] **pois que** per todos foy ordenado.”

Palavras-chave: gramaticalização; paradigmaticização; conjunção; marcador discursivo.

Bibliografia:

JAKOBSON, Roman. 1977. Dois Aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: *Lingüística e comunicação*. 9. ed. São Paulo: Cultrix. p. 34-62.

SAID ALI, M. 1964. *Gramática secundária e Gramática histórica da língua portuguesa*. Brasília: UnB.

## SESSÃO 3B. FONOLOGIA HISTÓRICA

### LAS GRAFIAS «FF», «F», «H» EN LA DOCUMENTACIÓN MEDIEVAL CASTELLANA

**Vicente J. Marcet Rodríguez**

Universidad de Salamanca

**Manuel Nevot Navarro**

Universidad de Salamanca

Nuestro propósito es llevar a cabo un estudio de la documentación medieval castellana de los siglos XV y XVI para analizar un fenómeno tan característico del castellano como es la aspiración y pérdida de la F- latina, así como el caso de otros fenómenos de aspiración, como sucede con la aspiración de /x/ o de /s/ implosiva en determinadas zonas del sur de Castilla (como en la provincia de Ávila). Para ello analizaremos más de un centenar de documentos

conservados en distintos archivos de Castilla y León (Ávila, Burgos, Segovia, León). Pretendemos tratar de determinar la antigüedad de algunos de estos fenómenos, así como la configuración de los usos escriturarios en esta región de la Península. En este caso concreto nos centraremos en la evolución y representación de F- latina y en los empleos de las grafías «ff», «f» y «h». Prestaremos especial atención a los posibles casos de confusión o alternancia gráfica que pudieran revelar la aspiración de F- (como en el caso de *faca*, frente al moderno *jaca*, que también aparece como *haca* o *aca* en los siglos XIV-XVII). También analizaremos diversos usos de la grafía «h» en la escritura medieval, entre los que se encuentran el ornato gráfico o resabio etimológico, el marcador vocálico, la marca de helenismo o el reforzamiento hiático, entre otros. Compararemos los resultados obtenidos en estos documentos con lo que sucede en otras tradiciones de escritura vecinas al castellano: como es el caso de la leonesa y la portuguesa.

Bibliografía básica:

CABRERA MORALES, Carlos (2000): «Reflexiones sobre grafemática histórica. Usos y mecanismos grafémicos en los documentos romances primitivos». J. Borrego, J. Fernández, L. Santos y R. Senabre (eds.), *Cuestiones de actualidad en lengua española*. Salamanca: Instituto Caro y Cuervo – Universidad de Salamanca, 161-169.

CHAMORRO MARTÍNEZ, José M<sup>a</sup> (1992): «Sobre la aspiración de palatales en la Edad Media». Manuel Ariza et al. (eds.), *Actas del II Congreso Internacional de Historia de la Lengua Española*, vol. II. Madrid: Pabellón de España, s. a., 237-245.

DEFERRARI, Harry (1936): «Notes on the Value of h in Old Spanish». *Hispanic Review*, IV, 183-186.

QUILIS MERÍN, Mercedes (2003): «Oralidad y representación gráfica de f- inicial latina en textos de orígenes del español». Hermógenes Perdiguero Villarreal (coord.) *Lengua romance en textos latinos de la Edad Media: Sobre los orígenes del castellano escrito*. Burgos: Universidad de Burgos – Instituto castellano y leonés de la Lengua, 229-249.

## ALÇAMENTO DE VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS /E/ E /O/ NO PORTUGUÊS SUL-RIO-GRANDENSE: RETRATO OITOCENTISTA E ALTERNATIVA DE INTERPRETAÇÃO DO GRAFEMA COMO INDÍCIO FONÉTICO/FONOLÓGICO

**Valéria Monaretto**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Roberto Nasi**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Esta pesquisa propõe mostrar uma investigação de um processo fonológico de elevação de vogais médias pretônicas /e/ e /o/ no português brasileiro sul-rio-grandense, por meio de textos escritos do século XIX, iniciada em Nasi (2012), com base na ideia de que o grafema pode sinalizar indícios de processos fonológicos (MONARETTO, 2005). Acredita-se que alguns casos de formas gráficas de vogais <i> e <u> no lugar de <e> e <o>, respectivamente, com base na ortografia atual do português brasileiro, possam ser indícios de um processo fonético/fonológico de alçamento de vogais médias /e/ e /o/, de modo semelhante ao que ocorre na língua falada e sob os mesmos condicionamentos linguísticos. Este trabalho propõe fazer um retrato da presença desse fenômeno em jornais e manuscritos oitocentistas, produzidos no Rio Grande do Sul, e propor uma metodologia para o trabalho em Fonologia Diacrônica, através de um levantamento e organização de *corpora* de textos oitocentistas, com base em estudiosos da Linguística Histórica (ROMAINE, 1982; LASS, 2000; SCHNEIDER, 2002; MONTGOMERY, 2007). O levantamento de dados em *corpora* de língua escrita baseou-se em fenômenos estudados em pesquisas sobre elevação de pretônicas no português brasileiro, como a *harmonia vocalica*, alçamento *sem motivação aparente* (BISOL, 1981; SCHWINDT,

1995; KLUNCK, 2007; SILVA, 2012, dentre outros). *Corpora* variados de textos impressos e de alguns manuscritos são disponibilizados de forma digitalizada (fotografia), inéditos para a comunidade acadêmica. Propõe-se discutir se as formas encontradas são casos de reflexos de oralidade ou possíveis ajustes a uma suposta norma escrita oitocentista em construção no Brasil, através do confronto de registros em gramáticas, dicionários e vocabulários oitocentistas portugueses e brasileiros. Palavras-chave: português oitocentista sul-rio-grandense, vogais médias pretônicas, fonologia diacrônica.

Referências:

BISOL, L. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. Tese de Doutorado. UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil, 1981.  
 KLUNCK, Patrícia. *Açamento da Vogais Médias Pretônicas sem Motivação Aparente*, Dissertação de Mestrado, PUCRS, Porto Alegre, Brasil, 2007.  
 LASS, R. *Historical Linguistics and Language Change*. Cambridge University Press, Inglaterra, 2000.  
 MONARETTO, V. O estudo da mudança do som no registro escrito: fonte para o estudo da fonologia diacrônica. In: *Letras de Hoje*, v.40, n.3, Porto Alegre, Brasil, 2005.  
 MONTGOMERY, M. Variation and historical linguistics. In: BAYLEY, R.; LUCAS, C. *Sociolinguistic Variation, theories, methods, and applications*. Cambridge University Press, 2007.  
 NASI, R.F. *Variáveis Fonológicas em Jornais Gaúchos do Século XIX*. Dissertação de Mestrado, UFRGS, Porto Alegre, Brasil, 2012.  
 ROMAINE, S. *Socio-Historical Linguistics: its status and methodology*. Cambridge University Press. Inglaterra, 1982.  
 SCHNEIDER, E. Investigating variation and change in written documents. In J.K. Chambers, Peter Trudgill & Natalie Schilling-Estes, eds. *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford, Malden, MA: Blackwell, p. 67-96, 2002.  
 SCHWINDT, L. *A harmonia vocálica em dialetos do sul do país: uma análise variacionista*. Dissertação de Mestrado, PUCRS, Porto Alegre, Brasil, 1995.  
 SILVA, A. *As pretônicas no falar teresinense*. Tese de Doutorado. PUCRS, Porto Alegre, Brasil, 2009.

**ASSIMILAÇÃO VOCÁLICA NA DIACRONIA E NA SINCRONIA DO PORTUGUÊS EXPLICADA PELA FONOLOGIA DOS ELEMENTOS**

**João Veloso**

Centro de Linguística da Universidade do Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto

I - Na formação do léxico do português, é muito produtivo um processo de **assimilação vocálica** que leva a vogal aberta central /a/, quando antecede uma das duas vogais altas /i/ ou /u/, a absorver parcialmente a palatalidade de /i/ ou a labialidade/recuo de /u/ (vd. (1)).

(1). Lat. *auru* > Port. *ouro* ['o(w)ru]

Lat. *lacte* > Port. *leite* ['lejtɨ]

II - Em descrições que assumem os *elementos* como **primitivos fonológicos**, estes casos explicam-se como instâncias de **coloração** (Donegan, 1973), visto que o elemento de abertura (desprovido de coloração) {A} absorve um dos dois elementos de tonalidade: {I} (palatalidade) ou {U} (labialidade). Vd. (2).

(2).	/ a	U/	→	[ow]	/a	I/	→	[ej]
				\				\
	{A}	{U}		{A}{U}	{A}	{I}		{A}{I}

III - Noutras línguas, como o francês, verificou-se um fenómeno semelhante. Em francês, contudo, a assimilação vocálica conheceu um passo suplementar, dado que a coloração deu

lugar, posteriormente, à monotongação, com a  **fusão total**  dos dois vocoides historicamente sucessivos numa só vogal: vd. (3).

- (3). Lat. *auru* > Fr. *or* [ɔ]r  
 Lat. *lacte* > Fr. *lait* l[ɛ]

Propostas de formalização como (4) (Angoujard (2003), para o francês; Backley (2011), para algumas variedades do inglês) procuram explicar a fusão total dos vocoides sucessivos numa só vogal.

- (4). /a U/ → [o]                      /a I/ → [e]  
 |            |            | \                      |            |            | \  
 |            |            | \                      |            |            | \  
 {A}        {U}        {A} {U}                      {A} {I}                      {A}{I}

IV - O mesmo processo é atestado nos dialetos meridionais do português, bem como no castelhano, onde aos ditongos do português contemporâneo [ow] (</aU/) e [ej]/[ɛj] (</aI/) correspondem, respetivamente, as vogais [o]/[ɔ] e [e]/[ɛ] (vd. (5)).

- (5). Lat. . *lacte* > Port. Meridional l[e]te, Cast. l[ɛ]tfe  
 Lat. *auru* > Port. Meridional [o]ro, Cast. [ɔ]ro

V - Em conformidade, propõe-se que: (a) a assimilação vocálica do português corresponda a um caso de  **coloração** , com interação dos elementos {I}, {A} e {U}; (b) nos dialetos (“monotongados”) do Sul seja aceite a fusão total de elementos, explicável através de uma análise como a de (4); (c) para os dialetos setentrionais seja aceite uma fusão incompleta dos elementos, aplicando-se-lhes a análise proposta em (2); (d) esta explicação seja ainda validada para as realizações alomórficas da vogal temática verbal /A/, quando ela precede flexionalmente um morfema de tempo-modo-aspeto ou pessoa-número cujo primeiro segmento fonológico é um /i/ ou um /u/, tal como nos exemplos (6), aos quais se aplicaria também a análise de (2).

- (6). [[cant]Radical +[a>e]VogalTemática+[i]MNP]Verbo --- ‘(eu) cantei’  
 [[cant]Radical +[a>o] VogalTemática +[u]MNP]Verbo --- ‘(ele/ela) cantou’

Referências:

- ANGOUJARD, J.-P. (2003) Phonologie et diachronie. In: J. P. Angoujard et al. (Eds.). *Phonologie: Champs et perspectives*. Lyon: ENS Editions, 173-194.  
 BACKLEY, P. (2011). *An Introduction to Element Theory*. Edinburgh: Edinburgh University Press.  
 DONEGAN [Miller], P. (1973). Bleaching and Coloring. *Papers from the Ninth Regional Meeting*. Chicago Linguistic Society. Chicago IL: Chicago Linguistic Society, 386-397.

## SESSÃO 4B. MORFOLOGIA HISTÓRICA

### PERSPECTIVAS NOVAS PARA A HISTÓRIA DA MORFOLOGIA GALEGO-PORTUGUESA

**Paul O’Neill**

Universidade de Sheffield

Nos últimos tempos, tem havido uma renascença em questões teóricas sobre a mudança morfológica. Maiden (2003, 2014), baseando-se em evidências dos desenvolvimentos históricos

nas línguas românicas, foi pioneira no conceito do ‘morphome’ (Aronoff 1994) e alegou que esse conceito teórico é uma realidade para as línguas românicas e pode motivar e condicionar a mudança morfológica. Além disso, Fertig (2013) ofereceu uma definição mais matizada e sofisticada da analogia, o nivelamento e a mudança morfológica em geral.

O presente artigo analisa estes desenvolvimentos teóricos no contexto da morfológica histórica do verbo galaico-português. Em particular, examinarei a origem dos diferentes tipos de alomorfa nos verbos irregulares do pretérito perfeito e também os padrões de alternância vocálica e alomorfa no presente indicativo e conjuntivo. Conclui-se que a apreciação do conceito teórico do *morfome* lança luz sobre vários desenvolvimentos problemáticos na história do galaico-português, os quais, embora muito diferentes, até agora foram explicados pelo recurso ao mesmo termo: “a analogia”. Além disso, os desenvolvimentos no verbo galaico-português desafiam os modelos morfológicos que supõem que os morfemas são a unidade básica de análise e armazenamento lexical e favorecem modelos morfológicos baseados no armazenamento em massa de palavras inteiras (por exemplo Blevins 2016).

Referências bibliográficas:

ARONOFF, M (1994) *Morphology by Itself*. Cambridge, MA: MIT press.

BLEVIS, J. P. (2016) *Word and Paradigm Morphology*. Oxford: OUP

FERTIG, D. (2013) *Analogy and Morphological Change*. Edinburgh: Edinburgh University Press.

MAIDEN, M. (2004): ‘Morphological Autonomy and Diachrony’ *Yearbook of Morphology*, pp. 137-75.

MAIDEN, Martin (2016). ‘Morphomes’, in Adam Ledgeway and Martin Maiden (eds). *The Oxford Guide to the Romance Languages*. Oxford: Oxford University Press.

## CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO DA MORFOLOGIA DERIVACIONAL NO PORTUGUÊS ANTIGO

**Maria do Céu Caetano**

CLUNL - FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

Vários estudiosos descreveram já aspetos da formação de palavras do português numa perspetiva diacrónica e, além dos estudos incluídos nas gramáticas históricas, existem alguns trabalhos dedicados a temas mais específicos, como, por exemplo, Piel (1989), em que se pretendem analisar aspetos relativos às mudanças semânticas sofridas por alguns sufixos, contendo observações de interesse para um estudo de morfologia derivacional diacrónica do português.

Em Castro (1991) encontramos, no capítulo “Do Latim ao Português Antigo”, quando se discute a “estrutura e evolução do latim vulgar”, um ponto dedicado à “Derivação e composição” (ibid: 126-127), em que se refere a utilização inovadora de prefixos e sufixos já existentes, bem como a mudança que levaria à formação do sufixo derivacional *-mente*. No capítulo dedicado ao “Português Antigo” (ibid: 161-240), partindo do comentário linguístico do *Testamento de Afonso II* (cf. Costa 1979) e da *Notícia de Torto* (cf. Cintra 1990), procura-se caracterizar esse período (vejam-se também, e.o., os trabalhos de Brocardo 2014, Cardeira 2005, Martins 2004 e Mattos e Silva 2008) e dá-se conta da origem de algumas formas, mas a discussão não se centra, naturalmente, em aspetos derivacionais. Assim, formas como *demorancia*, *folgãcia*, *departiã*, *aguardada* (*Testamento de Afonso II*) e *acanocese*, *defructar*, *quebrãtado*, *fíimento* (*Notícia de Torto*), merecerão algumas reflexões, no que respeita, por exemplo, a aspetos relativos às mudanças que terão afetado o valor e/ou produtividade de determinados afixos ou a ocorrência de alguns processos morfológicos.

Pretende-se, pois, sublinhar que é pertinente, como de resto já tem sido notado, uma abordagem não exclusivamente sincrónica da formação de palavras, uma vez que os dados disponíveis evidenciam contrastes diacrónicos assinaláveis neste domínio e espera-se que a

análise proposta nos permita fornecer algumas achegas para a caracterização da morfologia derivacional do Português Antigo.

Referências:

- BROCARD, Maria Teresa. 2014. *Tópicos de História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições Colibri.
- CARDEIRA, Esperança. 2005. *Entre o Português Antigo e o Português Clássico*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- CASTRO, Ivo. 1991. *Curso de História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta (com a colaboração de Rita Marquilhas & J. León Acosta).
- CINTRA, L. F. Lindley. 1990. Sobre o mais antigo texto não-literário português: a 'Notícia de Torto' (leitura crítica, data, lugar de redacção e comentário linguístico)". In *Boletim de Filologia*, vol. XXXI, pp. 21-77.
- COSTA, Pe. Avelino de Jesus da. 1979. Os mais antigos documentos escritos em português: revisão de um problema histórico-linguístico. In *Revista Portuguesa de História*, vol. XVII, pp. 307-321.
- MARTINS, Ana Maria. 2004. [Ambiguidade estrutural e mudança linguística: A emergência do infinitivo flexionado nas orações complemento de verbos causativos e perceptivos](#). In Brito, Ana Maria, Olívia Figueiredo & Clara Barros (eds.) *Linguística Histórica e História da Língua Portuguesa. Actas do Encontro de Homenagem a Maria Helena Paiva*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 197-225.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. 2008. *O Português Arcaico*. Uma aproximação. 2 vols. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- PIEL, Joseph-Maria. 1989. *Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

## O SUFIXO DIMINUTIVO *-INHO* EM TEXTOS PORTUGUESES DO SÉCULO XVI

**Messias S. Santana**

Universidade Estadual do Piauí / Universidade de São Paulo

O sufixo diminutivo em português é, especialmente no que se refere a sincronias pretéritas, um tema sobre o qual ainda existem muitos questionamentos, quer em relação à forma e ao funcionamento, quer quanto aos significados que esse tipo de sufixo é capaz de transmitir (cf. SANTANA, 2017). Assim, por exemplo, o sufixo *-inho*, embora citado em Oliveira (2000 [1536<sup>1</sup>], p.222) e em Barros (1540, p.7), pouco se encontra caracterizado, nesses aspectos, tanto nestes autores, como em estudos seguintes – como os realizados a partir do século XX. Considerando, portanto, o exposto, esta pesquisa objetiva descrever o sufixo diminutivo *-inho* em textos portugueses do século XVI tanto em relação aos seus aspectos formais e funcionais, quanto em relação à sua significação. Para isso, analisaram-se os diminutivos em *-inho* encontrados em textos do século XVI, a partir de pesquisas junto ao site Corpus do Português (DAVIES & FERREIRA, 2006). As análises empreendidas apresentam como resultados, dentre outros, os seguintes: i) esse sufixo pode ocorrer antecedido ou não de um grafema consonantal – neste caso, <s> e <z> –, ao mesmo tempo em que a vogal [i] pode vir grafada como <i>, <y> e <j>; ii) o seu acréscimo pode ser feito a palavras que terminam em diferentes contextos, tais como vogal átona oral, consoante, ditongo oral e ditongo nasal; iii) as formas que se fazem anteceder de consoante não provocam alteração na forma da palavra primitiva, enquanto que o acréscimo das formas que se iniciam em vogal, dependendo do contexto, pode provocar a eliminação do último elemento sonoro da palavra; iv) o emprego desse sufixo pode sofrer a influência de fatores como o número de sílabas da palavra primitiva e o tipo de consoante em que esta termina; v) o diminutivo conserva o mesmo gênero da palavra primitiva e pertence à mesma classe morfológica que esta; vi) semanticamente, os diminutivos em *-inho* não se restringem a expressar uma única significação, ora significando tamanho pequeno, ora carinho e afeição, ora desprezo, ora intensidade etc..

Palavras-chave: Diminutivo; Língua portuguesa; Sufixo *-inho*; Século XVI.

Referências:

BARROS, João de. *Grammatica da lingua portuguesa*. Olyssipone [Lisboa]. Typographum L , 1540. Disponível em: <<http://purl.pt/12148>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

DAVIES, Marc; FERREIRA, Michael. *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*. 2006. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>. Acesso de 01 a 31 de mar. 2015.

OLIVEIRA, Fernão de. *Gramática da linguagem portuguesa*. Edição crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres e Carlos Assunção. Com um estudo introdutório do prof. Eugenio Coseriu. Lisboa: Academia das Ciências, 2000 [1536<sup>1</sup>].

SANTANA, Messias dos Santos. *O sufixo diminutivo em português: forma, funcionamento e significação – do século XIII ao XX*. 3 vols. Tese. Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2017.

## SESSÃO 5B. LÍNGUAS EM CONTACTO

### MANUSCRITOS PORTUGUESES DO ARQUIVO REGIONAL DE ERNAKULAM, ÍNDIA (SÉCS. XVII-XIX)

**Hugo C. Cardoso**

Centro de Linguística, Universidade de Lisboa

A antiga Costa do Malabar do sudoeste indiano (actual Estado de Kerala) foi a primeira região asiática a acolher estabelecimentos portugueses e, por consequência, comunidades de língua portuguesa. A presença imperial portuguesa nesta costa durou cerca de um século e meio, desde o início do século XVI até ao momento em que, em meados do século XVII, as importantes fortalezas de Cochim, Couião, Cananor e Cranganor foram tomadas pelos holandeses. A resiliência da implantação linguística fica demonstrada pelo facto de os crioulos indo-portugueses do Malabar terem sobrevivido até ao séc. XX ou, nalguns casos, XXI (v. Cardoso, Hagemeyer & Alexandre 2015) mas a evidência documental para reconstituir o uso do português nesta região durante o período holandês é extremamente limitada. Porém, o Arquivo Regional de Ernakulam [ARE], nas imediações de Cochim, preserva uma rara colecção de manuscritos em língua portuguesa compostos neste período. Ainda que a constituição do ARE não seja inteiramente clara, Bes (2012: 106), num estudo da documentação em língua holandesa, refere que parece congregar o Arquivo da Casa Real de Cochim e parte do Arquivo do Darbar (cortes anuais) de Cochim.

Os documentos em português encontram-se dispersos por 2 colecções identificadas como “Portuguese Records” (série P) e “Dutch Records” (série D) e descritas de forma muito simplificada num catálogo de circulação interna. Este corpus documental, que não fora antes alvo de qualquer estudo, foi integralmente recolhido e transcrito entre 2015 e 2016. A recolha identificou 51 manuscritos em 42 pastas do Arquivo, datados de 1693 a 1816, incluindo: a) correspondência entre a Companhia Holandesa das Índias Orientais e autoridades do Malabar, em particular o Rei de Cochim (incluindo traduções de originais holandeses); b) correspondência entre autoridades católicas e o Rei de Cochim; c) petições/acordos referentes a transacções comerciais e financeiras; d) relações de mercadorias; e) cartas de teor pessoal e familiar; e f) documentos (relatórios e cartas) relativos às missões católicas no Malabar.

Estes manuscritos, de dimensão, autoria e origem muito variadas, constituem um corpus de mais de 22.000 palavras que será aqui apresentado e contextualizado pela primeira vez. Pela sua raridade, este corpus é inestimável enquanto repositório da língua portuguesa produzida em Cochim/Malabar e noutras regiões da Ásia (já que contém documentos provenientes de Batávia e Bengala) e indicador dos domínios de uso que a língua aí preservou entre os séculos XVII e XIX. Do ponto de vista linguístico, como veremos, também se observa uma variação extrema, com registos muito próximos do português-padrão L1 da sua época, outros mais divergentes (e certos pontos de contacto com os crioulos locais) e ainda textos claramente produzidos por tradutores para quem o português era uma L2.

Referências:

BES, Lennart. 2012. Gold-leaf flattery, Calcuttan dust, and a brand new flagpole: Five little-known VOC collections in Asia on India and Ceylon. *Itinerario* 36(1): 91-106.

CARDOSO, Hugo C., Tjerk Hagemeyer & Nélia Alexandre. 2015. Crioulos de base lexical portuguesa. In Maria Iliescu & Eugene Roegiest (eds.), *Manuel des anthologies, corpus et textes romans*, 670-692. Berlin: Mouton de Gruyter.

## PONTES ENTRE OS CRIoulos DO GOLFO DA GUINÉ E A HISTÓRIA DO PORTUGUÊS

**Tjerk Hagemeyer**

Centro de Linguística, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

Nesta comunicação propomo-nos analisar os crioulos do Golfo da Guiné (CGG) à luz da periodização diacrónica estabelecida para o português europeu (PE) (e.g. Cardeira 2010; Castro 2006; Martins 2016; Teyssier 1980), analisando, em particular i) se estas línguas de contacto apresentam características lexicais e gramaticais do português médio ou apenas de períodos subsequentes e ii) se evidenciam traços que possam ser atribuídos à variação linguística regional histórica no PE. A presença de traços linguísticos regionais da língua de superstrato nos crioulos tem merecido pouca atenção no caso dos crioulos de base lexical portuguesa, mas tem sido explorada para crioulos de outras bases lexicais (e.g. Smith 2008).

Existe evidência histórica e linguística que mostra que a crioulição no Golfo da Guiné foi um processo rápido no período subsequente ao povoamento definitivo da ilha de São Tomé, em 1493 (Hagemeyer 2011), sendo, por isso, expectável que os CGG apresentem traços que integrem a caracterização linguística habitualmente atribuída ao português médio. Em relação à variação regional, pouco se sabe sobre a origem dos primeiros povoadores portugueses em São Tomé, colocando-se a hipótese de ter havido uma koineização, à semelhança do que se defende para o superstrato de crioulos de outras bases lexicais.

Para tentar responder aos pontos i) e ii) acima, analisaremos um conjunto de itens lexicais de origem portuguesa e de traços fonológicos, morfológicos e sintáticos sensíveis à periodização em questão e à variação. Na discussão será dado um papel de relevo ao Fa d'Ambô (crioulo de Ano Bom), que se autonomizou na segunda metade do século XVI e depois evoluiu num contexto de grande isolamento geográfico (e.g. Hagemeyer & Zamora 2016), apresentando diversos traços conservadores em comparação com os outros CGG.

Palavras-chave: crioulos do Golfo da Guiné; periodização do português; variação regional histórica.

Referências:

CASTRO, I. 2006. *Introdução à história do português*. Lisboa: Colibri.

CARDEIRA, E. 2010. Português médio: Uma fase de transição ou uma transição de fase?. *Diacrítica*, 24:1, 75-95.

- HAGEMEIJER, T. 2011. The Gulf of Guinea creoles: genetic and typological relations. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, 26:1, 111-154.
- HAGEMEIJER, T. & A. Zamora. 2016. Fa d'Ambô: Past and present. *International Journal of the Sociology of Language*, 239, 193-209.
- MARTINS, A. M. 2016. Introdução: O português numa perspetiva diacrónica e comparativa. In A. M. Martins & E. Carrilho (eds.), *Manual de linguística portuguesa*, 1-39. Berlim: Mouton de Gruyter.
- SMITH, N. 2008. Creole phonology. In S. Kouwenberg & J. V. Singler (eds.), *The handbook of pidgin and creole studies*, 98-129. Oxford: Wiley-Blackwell.
- TEYSSIER, P. 1980. *História da língua portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa.

## CONTACTO E VARIAÇÃO EM CABO-VERDIANO: UMA QUESTÃO DE TEMPO

**Fernanda Pratas**

Centro de Linguística, Universidade de Lisboa

As construções do progressivo em cabo-verdiano são particularmente interessantes para os estudos linguísticos por diversas razões independentes. Uma vez que existem nesta língua crioula de base lexical portuguesa pelo menos três estratégias bem definidas para expressar o progressivo passado – o equivalente em português a, por exemplo, ‘Eu estava a ver-te’ –, a análise destas produções permite observações reveladoras quanto:

(i) a fenómenos de variação dialetal (estas construções envolvem núcleos funcionais, que são, de acordo com a conjectura Borer-Chomsky (Baker 2008), responsáveis por toda a variação linguística);

(ii) à expressão de traços de tempo nas línguas naturais (uma daquelas variantes obtém o valor de progressivo passado sem recurso a qualquer marcador específico de tempo, alinhando assim com algumas línguas que têm sido descritas como ‘línguas sem tempo’ (cf. Bittner 2005, Tonhauser 2011, Cable 2013, Ritter & Wiltschko 2014, e.o.))

(iii) ao papel da distribuição sociolinguística desta variação (cf. Adger & Smith 2010, Thráinsson 2013, Barbosa 2014, Cornips 2015)

(iv) à contribuição do contacto linguístico para a evolução diacrónica de cada uma das variantes ((a) o contacto que esteve na origem desta língua crioula, e (b) o contacto que hoje se mantém com o português, presente na vida da comunidade numa situação de diglossia mais do que de bilinguismo (Lopes 2011))

(v) ao possível papel de determinadas atitudes linguísticas na variação intra-individual (em certos casos, existem duas variantes ‘à escolha’ dos falantes, sendo uma delas mais próxima do português; cf. Garrett 2010)).

Esta comunicação aborda também os três últimos pontos, levantando hipóteses a serem exploradas numa investigação ainda em curso, mas dedica-se mais longamente aos dois primeiros, discutindo os dados relevantes e apresentando propostas concretas para a sua análise.

Referências:

- ADGER, D. & J. Smith. 2010. Variation in agreement: A lexical feature-based approach. *Lingua* 120: 1109–1134.
- BAKER, M. 2008. The macroparameter in a microparametric world. In T. Biberauer (ed) *The Limits of Syntactic Variation*. Amsterdam: John Benjamins, 351–373.
- BARBOSA, P. 2014. The sociolinguistic profile of Braga’s speech variety. <http://cehum.ilch.uminho.pt/variation>
- BITTNER, M. 2005. Future Discourse in a Tenseless Language. *Journal of Semantics* 22(4): 339–388.
- CABLE, S. 2013. Beyond the past, present and future: towards the semantics of ‘graded tense’ in Gĩkũyũ. *Natural Language Semantics* 21(3): 219–276.

- CORNIPS, L. 2015. The no man's land between syntax and variationist sociolinguistics. In A. Adli, M. GARCÍA & G. Kaufmann (eds) *Variation in Languages*. Berlin: De Gruyter, 147–172
- GARRETT, P. 2011. *Attitudes to Language (Key Topics to Sociolinguistics)*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LOPES, A. 2011. As línguas de Cabo Verde: uma radiografia sociolinguística. PhD Dissertation, FLUL.
- RITTER, E. & M. Wiltschiko. The composition of INFL: An exploration of tense, tenseless languages, and tenseless constructions. *Natural Language and Linguistic Theory* 32(4): 1331–1386
- THRÁINSSON, H. 2013. Ideal speakers and other speakers. In B. Fernández & R. Etxepare (eds) *Variation in Datives: A Micro-Comparative Perspective*. Oxford Univ. Press, 161–188.
- TONHAUSER, J. 2011. Temporal reference in Paraguayan Guaraní, a tenseless language. *Linguistics and Philosophy* 34: 257–303.

## UM OLHAR SOBRE O CRIOULO DE CABO VERDE DO SÉCULO XIX ATRAVÉS DAS CARTAS DE A.J. RIBEIRO A H. SCHUCHARDT

**Nélia Alexandre**

Centro de Linguística, Universidade de Lisboa

No fim do século XV, início do século XVI, ter-se-á desenvolvido na ilha de Santiago uma língua que surgiu num contexto de escravatura e de contacto linguístico entre o português médio e dialetal e várias línguas africanas (Duarte 2003, Jacobs 2010): o crioulo de Cabo Verde (CCV). Este crioulo de base lexical portuguesa é um dos crioulos da Alta Guiné mais bem descritos desde o século XIX, especificamente em correspondência entre falantes nativos e filólogos, em recolhas de tradição oral, em trabalhos académicos vários (Cardoso, Hagemeyer & Alexandre 2015). H. Schuchardt, a par de Adolfo Coelho, foi um dos primeiros filólogos a interessar-se pelo estudo das línguas crioulas e, por isso, recorreu a diversos informantes com os quais se correspondia interpelando-os a propósito dos pormenores linguísticos que lhe escapavam. António Joaquim Ribeiro foi um deles, tendo trocado 7 cartas com H. Schuchardt entre 1881 e 1883 (Alexandre & Lang 2016).

A partir de uma peça de teatro escrita em CCV - *A mi qué bóde!* -, traduzida para português e comentada por A. J. Ribeiro, observa-se que o crioulo falado naquela época apresentava já (i) características que identificamos hoje no CCV (em particular, ao nível dos pronomes pessoais, da marcação de número, do sistema de interrogativos e relativos e dos complementadores) e (ii) marcas do contacto com o português (concretamente, na expressão de número - e.g., *ún dado un dinheros* - ou no uso de alguns complementadores, como *pur qui ta dura*).

Esta comunicação tem dois objetivos principais: por um lado, registar essas características do CCV do século XIX, confrontando-as com as contemporâneas (Alexandre 2012, Baptista 2002). Por outro lado, mostrar que a língua (pelo menos, a variedade de Santiago) não sofreu um processo de descrioulização, como defende Holm (1988:274).

Sendo Cabo Verde uma comunidade bilingue (pelo menos) desde o século XIX, é natural que encontremos no crioulo da altura, assim como no de hoje, produtos do contacto linguístico entre o CCV e o português (Winford 2003).

### Referências:

- ALEXANDRE, N. (2012). *The Defective Copy Theory of Movement: Evidence from Wh-Constructions in Cape Verdean Creole*, Creole Language Library 41, Amsterdam: John Benjamins Publ.
- ALEXANDRE, N. & Lang, J. (2016). Die Korrespondenz zwischen António J. Ribeiro und Hugo Schuchardt [A correspondência entre o cabo-verdiano António Joaquim Ribeiro e Hugo Schuchardt]. In Bernhard Hurch (Hg.) (2007-). *Hugo Schuchardt Archiv*. Webedition: <http://schuchardt.uni-graz.at/korrespondenz/briefe/korrespondenzpartner/alle/1014/briefe/jahr/alle>

- BAPTISTA, M. (2002). *The Syntax of Cape Verdean Creole: The Sotavento Varieties*, Linguistics Today 54, Amsterdam: John Benjamins Publ.
- CARDOSO, H.; Hagemeyer, T. & Alexandre, N. (2015). Crioulos de Base Lexical Portuguesa. M. Iliescu & E. Roegiest (eds.). *Manuel des Anthologies, Corpus et Textes Romans*, Cap. 38, 670-692, Dordrech: Mouton de Gruyter.
- DUARTE, D. (2003). *Bilinguismo ou Diglossia?*, 2ª ed., São Vicente: Spleen.
- HOLM, J. (1984). *Pidgins and Creoles*, vol. II, Cambridge: CUP.
- JACOBS, B. (2010). Upper Guinea Creole: evidence in favor of a Santiago birth. *JPCL*, 25:2, 289-343.
- WINFORD, D. (2003). *An Introduction to Contact Linguistics (Language in Society)*, Oxford: Blackwell Publ.

## SESSÃO 6B. SINTAXE, SEMÂNTICA

### PORQUE É QUE OS RELÓGIOS NÃO QUEBRAM OS PONTEIROS EM PORTUGUÊS EUROPEU?

**Anabela Gonçalves**

Centro de Linguística, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

**Matilde Miguel**

Centro de Linguística, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

O presente trabalho visa analisar construções com tópicos-sujeitos (1), específicas do português brasileiro (PB) coloquial, comparando-se esta variedade com o português europeu (PE), em que esta construção não se encontra atestada.

- (1) a. O relógio quebrou o ponteiro. (\*PE; <sup>OK</sup>PB)  
 b. Essa casa bate bastante sol. (\*PE; <sup>OK</sup>PB)

Esta construção do PB tem sido descrita como um caso em que, na ausência de um sujeito típico, constituintes genitivos ou locativos podem ocupar essa posição e desencadear concordância com o verbo (e.o., Pontes 1987; Galves 1998, 2001; Martins & Nunes 2010; Munhoz 2011; Munhoz & Naves 2012; Andrade & Galves 2014). No presente trabalho, limitaremos a nossa análise a construções com genitivos (1a).

As várias análises têm posto em evidência: (i) as propriedades aspetuais dos predicadores verbais envolvidos (uma subclasse de verbos inacusativos que permitem estabelecer uma relação parte-todo entre o tópico-sujeito e o tema que permanece em posição pós-verbal); (ii) a posição final do tópico-sujeito (geralmente, Spec, TP); (iii) as propriedades de T que legitimam, na posição de Spec, parte do tema.

Partindo das propostas que têm sido feitas, procuramos mostrar por que razão construções como (1a) não estão disponíveis em PE, embora ocorram frases como (2):

- (2) O João partiu a cabeça.

A nossa proposta centrar-se-á nas seguintes questões: (i) as diferentes formas de codificação da posse externa nas duas variedades e (ii) as propriedades de T em PE e em PB. Relativamente à primeira questão, mostraremos que a diferença entre as duas variedades está relacionada com a (quase) ausência (PB) vs. a presença (PE) de constituintes dativos introduzidos pela preposição *a*, a par dos constituintes genitivos (3) – Brito (2009); Miguel, Gonçalves & Duarte (2011).

- (3) O barbeiro cortou o cabelo ao/do João.

Relativamente à segunda questão, centrar-nos-emos nos traços- $\phi$  de T que legitimam sujeitos não canónicos em PB, mas não em PE, relacionando este aspeto com construções com sujeitos arbitrários como (4) (Galves 2001):

(4) Aqui vende frutas. / Aqui trabalha muito. (\*PE; <sup>OK</sup>PB)

Referências:

- ANDRADE & GALVES 2014. A unified analysis for subjects topics in Brazilian Portuguese. *JPL* 3.1
- BRITO 2009. Construções de objecto indirecto preposicionais e não preposicionais: uma abordagem generativo-construtivista. *Textos Seleccionados do XXIV Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL.
- GALVES 1998. Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 34.
- GALVES 2001. *Ensaio sobre as Gramáticas do Português*. Campinas: UNICAMP.
- MIGUEL, GONÇALVES & DUARTE 2011. Dativos não argumentais em português. *Textos Seleccionados do XXVI Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL.
- MUNHOZ 2011. *A Estrutura Argumental das Construções de Tópico-Sujeito: o Caso dos Sujeitos Locativos*. Diss. Mestrado, Univ. Brasília.
- MUNHOZ & NAVES 2012. Construções de tópico-sujeito: uma proposta em termos de estrutura argumental e de transferência de traços de C. *Signum* 15.
- PONTES 1987. *O Tópico no Português do Brasil*. Campinas: Pontes.
- MARTINS & NUNES 2010. Apparent hyper-raising in Brazilian Portuguese: Agreement with topics across a finite CP. In P. Panagiotidis (ed.). *The Complementiser Phase: Subjects and Wh-dependencies*. Oxford: Oxford University Press.

## COORDENAÇÃO DE CONSTITUINTES NOMINAIS COM APENAS UM DETERMINANTE

### Madalena Colaço

Centro de Linguística, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

### Carolina Gramacho

Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

Em português europeu (PE), contrariamente ao que acontece noutras línguas, como o espanhol, ou noutras variedades, como o português brasileiro, existem, para muitos falantes, fortes restrições sobre DPs com o formato <Det N Conj N>. Embora com certos tipos de nomes ambas as alternativas sejam possíveis, a ocorrência de um ou de mais do que um determinante com nomes no singular tem, frequentemente, consequências ao nível da interpretação e da forma como se realiza a concordância:

- (1) a. **A prima e amiga da Maria** viajou/?viajaram para o Brasil.  
b. **A prima e a amiga da Maria** \*viajou/viajaram para o Brasil.

Em trabalhos anteriores sobre o PE (Colaço 2016), embora a questão não seja aprofundada, sugere-se que a ocorrência de apenas um determinante singular com nomes coordenados no singular é mais comum com nomes abstratos:

- (2) O presidente elogiou **a coragem e determinação da Maria**.

No entanto, uma pesquisa feita com base em *corpora* revelou um uso bastante mais alargado destas construções por alguns falantes, em que, inclusivamente, os nomes envolvidos na coordenação podem ter marcas de género ou número diferentes:

- (3) Os tumores **da cabeça e pescoço** são muito frequentes.  
(4) O povo nunca foi realmente tocado, porque a linguagem do nacionalismo era muito abstracta, muito sofisticada para **o homem e mulher comum**.

- (5) (...) ela finalmente aceitou a proposta do Felipe (...), após muitas negociações entre os embaixadores deste e **o pai e irmãos de D. Isabel**.

A descrição dos dados de *corpora* recolhidos abrirá uma nova discussão sobre as condições sintáticas e semânticas que legitimam estas construções, nomeadamente no que diz respeito aos tipos de nomes que podem integrar. Permitirá uma reflexão sobre as estruturas sintáticas envolvidas, confrontando duas hipóteses: (i) DP&DP, com elipse do segundo determinante, e (ii) Det NP&NP. Ambas as hipóteses levantam desafios teóricos interessantes. A hipótese (i) poderá explicar agramaticalidades como a de (6), assumindo um requisito de identidade que condiciona o apagamento do segundo determinante (Camacho 2003). No entanto, dados como (3)-(5) desafiam esta condição.

- (6) \*Os pai e mãe da vítima chegaram ao local.

A hipótese (ii) apresenta um maior poder explicativo, mas coloca questões interessantes relacionadas com o fenómeno da concordância parcial, se assumirmos que a concordância resulta de *Agree* com núcleos funcionais que ocorrem no interior do DP. A variação de que decorrem as diferentes condições que legitimam a coordenação de constituintes nominais com apenas um determinante nas várias línguas - veja-se, por exemplo, Demonte & Jiménez (2012), para o espanhol - poderá ser um ponto de partida para a explicação da variação que se verifica na aceitação destas construções por parte dos falantes do PE.

Referências:

- CAMACHO, J. (2003). *The Structure of Coordination: Conjunction and Agreement Phenomena in Spanish and other Languages*. Dordrecht, Kluwer Academic Press.  
 COLAÇO, M. (2016). Especificidades das estruturas de coordenação: padrões de concordância. In Martins, A. M. & E. Carrilho (eds.). *Manual de Linguística Portuguesa*. Germany: The Gruyter, 502-522.  
 DEMONTE, V. Jiménez, I. P. (2012). Closest Conjunct Agreement in Spanish DPs. *Syntax and beyond. Folia Linguistica* 2012, 46 (1).

## VARIACIÓN E CAMBIO NA EXPRESIÓN DA ALTERNANCIA CAUSATIVA EN PARES VERBAIS DO GALEGO

**María Beatriz Domínguez Oroña**

Instituto da Lingua Galega – Universidade de Santiago de Compostela

Neste traballo empregamos o termo ‘alternancia causativa’ para designar a relación existente entre dous esquemas sintáctico-semánticos que presentan o mesmo significado básico pero que se opoñen polo trazo [ $\pm$  causativo], de tal xeito que o obxecto da construción causativa é o suxeito da anticausativa. Existen diferentes formas de expresar esta alternancia, entre elas, o emprego dun mesmo predicado para as dúas construcións, causativa (1a) e anticausativa (1b), ou o uso de dous predicados lexicamente diferenciados para cada construción (2, 3a e 3b, 4a e 4b). Haspelmath (1993) denomina alternancia lábil o primeiro caso sinalado e alternancia supletiva o segundo. Na lingua galega actual, detectamos unha certa permeabilidade entre os diferentes tipos de expresión da alternancia causativa, principalmente, nos dous tipos mencionados. Se nos fixamos nos casos de alternancia supletiva (2, 3 e 4), observamos que, por un lado, é frecuente atopar construcións anticausativas do predicado *a priori* causativo (4.c), debido a un proceso de redución de valencia semellante ao de *romper* (1) (Cidrás 2003: 90-96); e que, por outro, nalgunhas variedades do galego, o membro anticausativo dalgúns dos pares sinalados adquire as propiedades construcionais do predicado causativo (3.c. e 4.d.), por un proceso de extensión de valencia.

A nosa investigación baséase, fundamentalmente, na análise de exemplos de uso do galego escrito, extraídos fundamentalmente do *Tesouro Informatizado da Lingua Galega*

(TILG) e datados entre o século XVII e a actualidade, e do galego oral, tirados de dous corpus (*Arquivo do Galego Oral* (AGO) e *Corpus Oral Informatizado da Lingua Galega* (CORILG)), que permiten o acceso a gravacións e proporcionan transcripcións das mesmas. Entre as conclusións ás que chegamos, a partir da investigación realizada, destacamos dúas: a natureza da variación que encontramos nas construcións dos predicados básicos anticausativos é, nomeadamente, dialectal, pero non só; e, polo menos, algunhas das construcións causativas do membro *a priori* anticausativo son innovacións que tiveron lugar no galego moderno.

Exemplos:

1. a. *María rompeu a cunca.*  
b. *A cunca rompeu.*
2. a. *Xoán matou o polo.*  
b. *O polo morreu.*
3. a. *O profesor ensínalle o alfabeto á alumna.*  
b. *A alumna aprende o alfabeto.*  
c. *O profesor apréndelle o alfabeto á alumna.*
4. a. *O avó quenta as mans.*  
b. *As mans quecen.*  
c. *As mans quentan/quentanse.*  
d. *O avó quece as mans.*

Palabras chave: alternancia causativa; pares supletivos; variación; cambio.

Referencias bibliográficas:

CIDRÁS, F. (2003): “Alternancias transitivo-intransitivo e formación de predicados en galego”, en *Verba* 30, 81-115.

HASPELMATH, M. (1993): “More on the typology of inchoative/causative verb alternations”, en B. Comrie and M. Polinsky (eds.): *Causatives and transitivity*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing co, 87-120.

## INDEFINIDOS EPISTÉMICOS EM PORTUGUÊS EUROPEU

**Fátima Oliveira**

Centro de Linguística da Universidade do Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Nesta apresentação será abordada a questão dos indefinidos epistémicos em português europeu (doravante, PE). Estes indefinidos apresentam uma leitura existencial mas também podem veicular ignorância/indiferença por parte do falante ou do agente relativamente ao referente do indefinido, tratando-se portanto de uma questão de vaguidade referencial. Em PE, um desses casos é ‘algum’ tal como em outras línguas entre as quais as românicas (‘algún’ em espanhol, ‘quelque’ em francês, ‘vreun’ em romeno ou ‘un qualche’ em italiano) (cf. Haspelmath, 1997).

Assim, será discutida a diferença entre ‘um’ e ‘algum’, mostrando que a sua semântica diverge no sentido de ‘um’ admitir leituras específicas e não específicas e ‘algum’, para além da leitura existencial, apresentar também uma leitura associada de que o falante desconhece que entidade pode satisfazer tal leitura, ou até qual o seu número, tal como se pode ver em (1). Com efeito, este quantificador parece operar um alargamento do contexto (ou das alternativas), mas esse alargamento é diferente do da livre escolha (cf. Kratzer & Shimoyama 2002), considerando-se por isso que se trata de uma inferência mais fraca. Por isso, recorre-se à proposta de “Modal Variation”, de acordo com a Alonso-Ovalle & Menendez-Benito (2010).

- (1) Quem sabe se amanhã não teremos **algum** autor consagrado no nosso catálogo? *par=ext210329-clt-94b-1*

Por seu turno, ‘uns’ e ‘alguns’ também divergem entre si, apresentando o primeiro fundamentalmente uma leitura cumulativa e o segundo uma leitura escalar. Tentaremos mostrar também, de forma breve, que a sua semântica é diferente da dos indefinidos ‘um’ e ‘algum’ (cf. (2)-(3)).

- (2) Segundo **alguns** órgãos de comunicação social, estaria para breve uma remodelação governamental que implicaria a substituição de diversos secretários de Estado. *par=ext999519-pol-96b-3*
- (3) ?/#Segundo uns órgãos de comunicação social, estaria para breve uma remodelação governamental que implicaria a substituição de diversos secretários de Estado.

Palavras-chave: indefinidos epistémicos; ‘um’ e ‘algum’, ‘alguns’.

Referências:

- ALONSO-OVALLE, Luis and Menéndez-Benito, Paula (2010). Modal Indefinites. *Natural Language Semantics*, 18(1):1-31.
- HASPELMATH, Martin. 1997. *Indefinite Pronouns*. Oxford University Press.
- KRATZER, Angelika and Shimoyama, Junko (2002). Indeterminate pronouns: The view from Japanese. Otsu, Y(ed.), *Proceedings of the 3rd Tokyo Conference on Psycholinguistics*, pp. 1-25.
- LE BRUYN, Bert and Pozas-Loyo, Julia (2014) Plural indefinite articles: The case of *unos* and *des*, *Proceedings of SALT 24*: 255-270.
- CETEMPúblico (Corpus de Extractos de Textos Electrónicos MCT/Público) - <http://www.linguateca.pt/>

## SESSÃO 7. FONOLOGIA

### DISTRIBUIÇÃO DAS CONSOANTES RÓTICAS EM PORTUGUÊS

**Andréia de Souza**

Université du Québec à Montréal

As consoantes róticas “r forte” e “r fraco” do português estão em distribuição complementar nos contextos: início de palavra, após uma consoante heterossilábica e na segunda posição de um grupo consonantal tautossilábico. No contexto intervocálico, há contraste entre as consoantes róticas. Em coda silábica, ambas consoantes podem se manifestar em função da variedade regional da língua sem gerar contraste semântico. Para explicar a distribuição das consoantes róticas, alguns pesquisadores, no quadro das teorias fonológicas tradicionais, propõem que o r forte e o r fraco correspondem a duas consoantes fonológicas que se neutralizam em coda (B, C). Tais análises enfrentam desafios para explicar por que o r fraco não se manifesta em início de palavra ou após uma consoante heterossilábica. Por outro lado, outros pesquisadores, também no quadro das teorias fonológicas tradicionais, propõem que o r forte e o r fraco são duas realizações fonéticas de uma única consoante fonológica. Nestas análises, o r forte é uma geminada e o r fraco, uma consoante simples (A, E). Tal proposta enfrenta o desafio de explicar a presença de geminadas em início de palavra, após uma consoante heterossilábica e em coda. Nosso objetivo é explicar a distribuição das consoantes róticas do português no quadro da teoria CVCV (E, F). Contrariamente às teorias fonológicas tradicionais que pressupõem uma estrutura silábica de tipo arborescente, CVCV propõe uma estrutura silábica linear onde as relações hierárquicas entre os constituintes silábicos se operam lateralmente. De acordo com a nossa proposta, o r forte e o r fraco são efetivamente

duas realizações fonéticas de uma única consoante fonológica. Porém, o r forte não é uma geminada, e sim, a realização fonética da consoante rótica subjacente em contextos silábicos precedidos de um núcleo vocálico governado e por isso, mudo. Uma hipótese que poderia explicar a presença de tal núcleo governado à esquerda do r forte está relacionada à evolução da língua portuguesa. Em latim, o r forte era uma consoante geminada. Ao longo da evolução do latim ao português, o r forte conservou apenas a necessidade de ser precedido por um núcleo governado sem ter de se associar à duas posições consonantais. Concluimos que uma concepção linear da estrutura silábica oferece uma explicação adequada quanto à distribuição das consoantes róticas do português.

Referências:

<sup>A</sup> ABAURRE, Maria Bernadete Marques e Maria Filomena Spatti Sândalo. 2003. Os róticos revisitados. *Teoria linguística: Fonologia e outros temas*, sob a direção de Dermeval da Hora e Gisela Collischonn, 144-180. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB.

<sup>B</sup> CRISTÓFARO SILVA, Thaís. 2010. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 10<sup>a</sup> edição. São Paulo: Contexto.

<sup>C</sup> D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. 2002. Sistema fonológico do Português: discutindo o consenso. *DeLTA*, 18.1:1-24.

<sup>D</sup> MATEUS, Maria Helena e Ernesto d'Andrade. 2003. *The phonology of Portuguese*. New York: Oxford University Press.

<sup>E</sup> SCHEER, Tobias. 2004. *A lateral theory of phonology*, Vol. 1: *What is CVCV and why should it be?*, Berlin: Mouton de Gruyter.

<sup>F</sup> SCHEER, Tobias. 2015. *Précis de structure syllabique. Accompagné d'un appareil critique*. Lyon: ENS Editions.

## FONOLOGIZACIÓN DO CONTRASTE ENTRE VOGAIS MEDIAS EN POSICIÓN PRETÓNICA NO GALEGO ACTUAL

**Alba Agüete Cajiao**

Instituto da Lingua Galega – Universidade de Santiago de Compostela

**Elisa Fernández Rei**

Instituto da Lingua Galega – Universidade de Santiago de Compostela

Tense descrito que no galego actual se produciu un cambio recente que afecta ao vocalismo átono galego en inicio de palabra e que consiste na fonologización do contraste entre as vogais medias altas e medias baixas /e/-/ɛ/ e /o/-/ɔ/ en posición pretónica [1]. Algúns estudos suxiren que, seguindo un patrón de variación testemuñado noutras linguas románicas [2], este novo contraste podería estar motivado polo reforzamento articulatorio da sílaba inicial, que provocaría o aumento da duración do xesto articulatorio [3]. Esta maior duración do xesto articulatorio, propiciada pola estrutura silábica e a posición prosódica, facilitará un maior contraste entre as vogais medias altas e medias baixas.

Nun estudo previo puidemos comprobar que si existe unha correlación significativa entre a duración do xesto articulatorio e a distancia acústica entre as vogais medias altas e medias baixas do galego. Eses resultados leváronnos a preguntarnos se esa a maior diferenciación que se dá no plano acústico tamén é percibida polos falantes, ou se, pola contra, non se percibe como tal. A hipótese que propoñemos no estudo que aquí presentamos é que as vogais medias altas son identificadas como vogais medias baixas cando o xesto articulatorio ten unha duración menor, mentres que as vogais medias baixas son identificadas como medias altas con duracións do xesto articulatorio maiores.

Para comprobar a nosa hipótese realizamos un experimento perceptivo, formado por dous tests perceptivos complementarios: un test de identificación de vogais e un test de

discriminación. O obxectivo destes tests é comprobar se os xuíces categorizan os estímulos auditivos como diferentes unidades dependendo da duración do xesto, e delimitar o punto en que unha unidade pasa a distinguirse da outra.

Os resultados obtidos neste experimento permitirannos comprobar se a duración do xesto articulatorio ten algunha implicación na categorización das vogais que inflúa nos procesos de cambio activos no vocalismo galego actual.

Palabras chave: vocalismo; variación e cambio lingüístico; percepción.

Bibliografía:

- [1] REGUEIRA, X.L. 2009. Cambios fonéticos e fonolóxicos no galego contemporáneo. *Estudos de Lingüística Galega* 1, 147-167. <http://dx.doi.org/10.3309/1989-578X-09-8>.
- [2] FOUGERON, C. & Keating, P. 1997. Articulatory strengthening at edges of prosodic domains. *Journal of the Acoustical Society of America* 101 (6). 3728-3740.
- [3] AGUETE, A. 2015. The role of gesture duration in the initial unstressed vowel shift in Galician. A first approximation. *Loquens*, 2 (2).

## MÉTRICAS FONOLÓGICAS NA IDENTIFICAÇÃO/CARACTERIZAÇÃO DE AUTOR

**Marina Vigário; Fernando Martins; Sónia Frota**

Centro de Linguística, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

**Carla Pires**

Instituto de Investigação do Medicamento, Universidade de Lisboa

A identificação de propriedades linguísticas capazes de individualizar textos, orais ou escritos, produzidos por um único sujeito ou por um grupo de sujeitos é uma importante linha de investigação, designadamente nos domínios forense e da crítica textual (Kredens & Coulthard 2012). Metodologias diversas são hoje exploradas, variando por exemplo em função dos marcadores linguístico-textuais estudados, das ferramentas de análise dos dados, e/ou dimensão dos textos considerados (Stamatatos et al. 2000; Stamatatos 2009).

O estudo sistemático da atribuição de autoria no Português Europeu é recente e tem-se centrado em traços linguísticos essencialmente não-fonológicos (morfofossintáticos, sintáticos, lexicais e fonéticos - Marquilhas & Cardoso 2011; Martins, Simões, Brissos & Rodrigues 2014; Teles 2015). No presente estudo investiga-se o potencial de medidas de natureza predominantemente fonológica para isolar textos de escritores distintos.

Vários trabalhos sobre o Português vêm mostrando que a frequência de ocorrência de unidades e padrões fonológicos permite distinguir, de modo estatisticamente significativo, textos orais e escritos de tipos distintos, em particular textos produzidos por falantes com graus de instrução ou de regiões diversas (Aguar & Vigário 2010; Pires, Martins, Cavaco & Vigário 2017), textos escritos em diferentes épocas (Frota, Galves, Vigário & Abaurre 2012) e textos escritos pertencentes a géneros diferentes, como notícias jornalísticas e folhetos de medicamentos (Pires et al. 2017).

No presente trabalho, explora-se a possibilidade de medidas de frequência similares também permitirem distinguir textos literários produzidos por escritores diferentes. Tomam-se as medidas de complexidade/frequência identificadas nos estudos anteriores, utiliza-se a mesma ferramenta electrónica para contabilizar as frequências de ocorrência (Martins, Vigário & Frota 2011), e aplicam-se testes estatísticos na análise de textos de dimensão semelhante, pertencentes ao mesmo género, escritos por diferentes autores contemporâneos, oriundos da mesma região. Resultados preliminares referentes a 4 autores (L1, M2, V3 e L4; apenas um texto curto por autor) sugerem que: (i) o elevado uso de palavras com 4 ou mais sílabas (formato menos frequente na língua) distingue V3 dos restantes autores; (ii) L1 distingue-se por uma muito baixa razão palavras prosódicas/clíticos (indicando maior densidade semântica); a elevada ocorrência de palavras com V-slot (Mateus & Andrade 2000), muito raras na língua, separa claramente L4; o tamanho de frase (aqui baseado na pontuação) isola num extremo L1,

com unidades longas, e no outro L4, com valores baixos que se aproximam dos textos orais (Pires et al. 2017). A rácio token/type, medida reveladora de diversidade lexical, parece, pelo contrário, apenas distinguir os textos escritos dos orais, de acordo com os valores em Pires et al. (2017).

Planeia-se apresentar resultados com base numa amostra ampliada, que permita a avaliação da significância estatística das diferenças encontradas, assim como da constância dos valores num mesmo escritor.

Julga-se que esta é uma linha de investigação promissora. As métricas de natureza fonológica podem ser combinadas com medidas de outros tipos, com ganhos na robustez e fiabilidade do processo de identificação/autenticação da autoria de textos.

Referências selecionadas:

MARTINS, F., M. Vigário & S. Frota (2011). FreP - Frequency in Portuguese. Version 3.0. Lisbon: Phonetic Laboratory, CLUL/FLUL.

Stamatatos, E. (2009) A survey of modern authorship attribution methods. *Journal of the American Society for Information Science and Technology* 60(3), 538-556.

TELES, L. (2015) *Atribuição de autoria em linguística forense: Uma análise combinada para identificação de autor através do texto*. Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa.

PIRES, C., A. Cavaco & M. Vigário (2017) Towards the definition of linguistic metrics for evaluating text readability. *Journal of Quantitative Linguistics* 24(2).



# LÉXICO, ETIMOLOGIA

## SESSÃO 1. PERIODIZAÇÃO DO LÉXICO

### QUINHENTISTAS E O LÉXICO GALEGO-PORTUGUÊS

**Fernando Venâncio**

Universiteit Amsterdam

O século XVI português assistiu a uma notável confrontação de dois sectores do léxico: o fundo hereditário galego-português e as modernas aquisições do latim e do castelhano. Em *Origem da Língua Portuguesa*, Duarte Nunes de Leão toma explicitamente partido pelo sector modernizante. O mesmo fazem, implicitamente, alguns celebrizados poetas e prosadores, com destaque para Luís de Camões. Neles, o investimento no léxico patrimonial é modesto, e as estreias nesse domínio pouco numerosas.

Nítidas excepções são, neste panorama, a obra teatral de Gil Vicente e a de Jorge Ferreira de Vasconcelos, que fazem perdurar, e mesmo reactivam, o sector léxico patrimonial. Sem deixarem de promover a inovação vocabular, essas obras contêm abundantes estreias documentais dum léxico irredutivelmente galego-português. Por outro lado, e contrariamente ao que poderia supor-se, a insistência de Fernão de Oliveira e de António Ferreira no privilegiar da produção em língua portuguesa não se faz acompanhar dum especial cultivo do léxico vernáculo.

Poderia objectar-se que não é legítimo comparar a hierática linguagem da poesia, e mormente da epopeia, com a quase desbragada linguagem do citado teatro. Facto é que Camões, entre outros, tinha à disposição um bom número formas patrimoniais altamente cuidadas de que nunca fez uso.

Fica a pergunta sobre os motivos para esse genérico 'desinvestimento' quinhentista no português patrimonial. Três possíveis respostas serão aqui examinadas. Uma positiva: houve um esforço por *internacionalizar* o português, fazendo dele uma 'coine culta', directamente acessível ao leitor estrangeiro (como era então convicção ser o caso do espanhol). Uma negativa: foi diminuta a *standardização* do léxico autóctone, o qual não garantiria estabilidade e durabilidade suficientes. E uma neutra: investiu-se numa *vernaculização* de criações castelhanas, fazendo menos premente um vernáculo de raiz própria.

Entrarão neste exame tanto o léxico de estrita criação autóctone como os latinismos exclusivos. Serão examinados, de modo tendencialmente exaustivo, os terrenos do adjectivo e do verbo. O mesmo se fará com certos tipos de substantivos: os das terminações *-ice* e *-idom/idão* e os deverbais regressivos. A identificação e datação desses sectores do léxico exclusivo galego-português foram objecto de estudos anteriores.

Palavras-chave: léxico; galego-português; Quinhentismo; latim; castelhano.

**Bibliografia:**

A lista de recursos lexicográficos impressos, electrónicos ou disponibilizados na Net, galegos, brasileiros e portugueses, é muito extensa. Nela deve destacar-se, pela sua notável utilidade:

VERDELHO, Telmo (2012): *Luís de Camões. Concordância da obra toda*, Coimbra, Centro Universitário de Estudos Camonianos.

**Estudos anteriores:**

VENÂNCIO, Fernando (2017). «Verbos exclusivos do Galego-Português moderno: história e metodologia», in *Actas do III Congresso Internacional de Linguística Histórica*, Santiago de Compostela.

VENÂNCIO, Fernando (2014). «O castelhano como vernáculo português», *Limite. Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonia*, nº 8, Universidad de Extremadura, Cáceres, págs. 127-146.

VENÂNCIO, Fernando (2012). «O espanhol proveitoso. Sobre deverbais regressivos em português», *Santa Barbara Portuguese Studies*, XI, 6-41 [em actualização]

## O TRATAMENTO DOS EMPRÉSTIMOS DO FRANCÊS AO PORTUGUÊS NO *TRÉSOR DE LA LANGUE FRANÇAISE* E NO *PETIT ROBERT*

**Myriam Benarroch**

Université Paris-Sorbonne

A língua portuguesa forneceu uma pequena quantidade de lexemas ao francês. Para a maior parte deles, serviu de intermediário entre línguas faladas nas terras longínquas da África, do Brasil e da Ásia viajadas pelos portugueses na época dos descobrimentos e línguas europeias, entre as quais o francês. Os dicionários da língua francesa nem sempre refletem fielmente estes empréstimos ao português nem o caminho seguido pelos lexemas adotados. Escolhemos analisar aqui o tratamento reservado aos empréstimos do francês ao português em dois dicionários da língua francesa, o *Trésor de la langue française* e o *Petit Robert*, nas respectivas versões digitalizadas (TLFi e PR 2017).

A primeira questão que se colocou foi a de identificar no vasto oceano lexical das entradas do TLF o riacho constituído pelos portuguesismos (lusismos e brasileirismos). O motor de pesquisa do dicionário permitiu, através da ferramenta “Langue empruntée”, fazermos a lista dos lexemas que ele considerava como empréstimos ao português. Mas ficou rapidamente claro que muitos lexemas escaparam à pesquisa (*balise, fétiche*, p. ex.), o que nos levou a alargar esta manualmente. O motor de pesquisa também recolheu lexemas para os quais tinha sido eliminada a origem portuguesa. O que, paradoxalmente, estendeu a nossa lista de portuguesismos, já que as razões da eliminação da etimologia portuguesa nem sempre eram válidas (por ex., a de uma primeira documentação anterior em espanhol). Um outro caso que também alargou a nossa lista foi o dos lexemas para os quais a ferramenta “Langue empruntée” não identificou o intermediário português (*piranha*). Alguns portuguesismos faltavam na nomenclatura do dicionário (*bossanova*), outros eram considerados como xenismos (*samba*). Isso levou-nos a pesquisar em dicionários mais recentes, como o *Petit Robert* 2017. Vinte e três anos separam a publicação do último volume do TLF do PR 2017 e algumas dessas palavras ignoradas no TLF já aparecem na nomenclatura do PR, a maior parte delas refletindo uma realidade cultural brasileira entretanto mais conhecida em França.

Interessámo-nos pela origem dos empréstimos que o francês fez ao português, já que a maior parte deles já tinham sido tomados pelo português de outras línguas: árabe (*anil*), tupi (*piranha*), línguas bantas (*macaque*) ou asiáticas (*mangue*). Alguns desses empréstimos do português a outras línguas não passaram diretamente para o francês, uma outra língua europeia como o inglês (*coolie*) ou o neerlandês (*mousson?*) serviu de intermediário, e por isso não podem ser considerados como empréstimos ao português no sentido estrito da *etimologia proxima*. Nesta perspectiva, lexemas como *porto* ou *andradite* também não podem ser

considerados, como o faz o TLF, como deonomásticos, já que não são senão empréstimos aos substantivos portugueses correspondentes. Num esboço de tipologia dos empréstimos do francês ao português, avaliámos o grau de adaptação dos lexemas portugueses ao sistema gráfico e fonético do francês. Também tivemos em consideração aspetos morfo-sintáticos (como a mudança de género: port. *samba* m. mas fr. *samba* f.) e semânticos (empréstimo de acepções).

Palavras-chave: etimologia; empréstimos; portuguesismos; francês; TLFi; *Petit Robert*.

Bibliografia:

REY, Alain *et alii*, 2017, *Le Petit Robert de la langue française*, version numérique, version 5, Paris, Le Robert.

IMBS, Paul e QUEMADA, Bernard (dir.), 1971–1994, *Trésor de la langue française. Dictionnaire de la langue du XIX<sup>e</sup> et du XX<sup>e</sup> siècle (1789–1960)*, 16 vol., Paris, Éditions du CNRS/Gallimard.

## DE FANTASMAS, ESPECTROS, ILUSÕES E OUTROS ASSUNTOS LEXICOGRÁFICOS

**Dora Mancheva**

Faculté des Lettres, Université de Genève

A apresentação irá tentar fazer um levantamento e comentário de vestígios que o português deixou na língua dos sefarditas orientais. A ênfase será posta principalmente no impacto sobre o vocabulário.

A questão da presença – ou ausência – de lusismos no judeu-espanhol tem uma longa história; os estudos, porém, são escassos, o que se deve principalmente ao facto de que a identificação precisa da origem duma palavra supõe uma pesquisa histórico-etimológica de grande complexidade. Esta, como pode ocorrer igualmente nas variedades românicas melhor conhecidas, às vezes é impossível de levar a cabo, devido à exiguidade dos dados oferecidos pela geografia linguística e dialetologia diacrónica. Acrescente-se também que as dificuldades habituais a serem superadas são ainda maiores no caso dos lusismos no judeu-espanhol por causa das particularidades da própria modalidade sefardi, na qual, por um lado, não existe um padrão linguístico, e por outro, o polimorfismo é a sua principal característica. Além disso, dicionários, vocabulários e glossários da mais variada espécie, feitos por e para sefarditas, saem, em geral, da autoria de lexicógrafos não profissionais. Para completar, o judeu-espanhol carece de duas ferramentas essenciais para fazer um estudo aprofundado e rigoroso: um dicionário etimológico e uma base de dados de referência sobre a história das palavras. Na última década, no entanto, graças aos esforços dos investigadores, às novas tecnologias e ao trabalho de equipa, vão-se preenchendo as lacunas e até um *Diccionario Histórico del Judeoespañol (DHJE)* encontra-se bem encaminhado (<http://esefardic.es/dhje>).

Os lusismos no judeu-espanhol talvez sejam o grupo mais difícil de definir por duas razões principais: ao contrário dos galo-italianismos que substituíram – como um símbolo dos tempos modernos e da renovação da sociedade sefardita – os turquismos dos tempos remotos, os lusismos ter-se-iam incorporado num período inicial da formação da koiné, quando na Península Ibérica o castelhano ainda não se tinha tornado língua nacional e quando havia uma continuidade linguística tal que, em muitos casos, seria arriscado atribuir uma forma a uma única variedade diatópica.

Nesta apresentação estudar-se-ão cinco fontes lexicográficas diferentes, publicadas em Sófia, Jerusalém, Sarajevo e Madrid entre 1896 e 1977, e escritas em caracteres latinos, aljamiados e cirílicos. O objetivo principal é tentar encontrar os empréstimos de possível

origem portuguesa, reunidos nos respetivos corpora. No fim, tirar-se-ão algumas conclusões a respeito dos vestígios reais do português no léxico dos sefarditas orientais.

Palavras-chave: lusismo; lexicografia; dicionário; judeu-espanhol.

Bibliografia:

CHEREZLÍ, Šelomó Israel: *Petit dictionnaire judéo-espagnol – français* (Jerusalém 1896).

M[efánov], D[imitar]: *Малко словарче на френско-българско-еврейски язык* [= 'Pequeno vocabulário francês – búlgaro – hebreu'] (Sófia: Nadesda, 1896).

PIPANO, Albert: *Diccionario judeoespañol-búlgaro* (Sófia: Nadesda, 1913).

ROMANO, Samuel: *Dictionary of Spoken Judeo-Spanish / French / German* (Zagreb 1933; [ed. facsímile, Jerusalém: Misgav Yerushalayim 1995]).

## A LINGUÍSTICA HISTÓRICA E O ESTUDO LEXICOLÓGICO DA VARIAÇÃO DIALETAL E SOCIOLINGUÍSTICA DE ALGUNS REGIONALISMOS DO PORTUGUÊS FALADO NA ILHA DA MADEIRA

**Naidea Nunes Nunes**

Universidade da Madeira

Propomo-nos apresentar os resultados de inquéritos semântico-lexicais aplicados junto da população de jovens madeirenses, na sua maior parte estudantes na Universidade da Madeira, para aferir o (re)conhecimento e uso de alguns regionalismos característicos do Português falado no Arquipélago da Madeira. O principal objetivo deste estudo é observar a vitalidade dos regionalismos enquanto património linguístico e cultural com valor identitário da sociedade madeirense. Para isso, comparamos os dados recolhidos junto dos estudantes oriundos de diferentes localidades da Região Autónoma da Madeira (RAM), tendo em conta o fator geográfico (rural vs. urbano), mas também os resultados obtidos do ponto de vista do fator de variação sociocultural sexo ou género.

O estudo do léxico diferencial, neste caso de alguns regionalismos madeirenses, contribui para um maior conhecimento da Linguística Histórica, permitindo compreender melhor a formação do Português regional e a mudança linguística atual. Pois, muitos regionalismos madeirenses são resultado do conservadorismo de léxico do Português antigo (arcaísmos), a par de alguns neologismos regionais (lexicais e semânticos), geralmente associados a particularidades etnográficas e socioculturais da região.

O fator dialetal ou variável geográfica pode ser bastante relevante, no caso das palavras mais antigas, conservadas nas áreas mais isoladas, por oposição às mais comuns ou correntes, usadas também na cidade do Funchal, capital do Arquipélago da Madeira, apresentando, por isso, maior prestígio social. Assim, pretendemos verificar até que ponto as novas gerações tenderão a deixar de (re)conhecer e usar os vocábulos marcados como regionais e sentidos como ruralismos ou rusticismos. De igual modo, podemos observar até que ponto a variável social género se revela marcante, no que diz respeito às diferenças lexicais e semânticas existentes entre os meios rurais e a área urbana.

Palavras-chave: Linguística Histórica; Léxico; Semântica; Dialectologia; Variação Sociolinguística.

Bibliografia:

BARCELOS, J. M. Soares de, 2016. *Dicionário de Falares do Arquipélago da Madeira*, Funchal, Direção Regional da Cultura, Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura.

CALDEIRA, A. Marques, 1993 [1961]. *Falares da ilha. Dicionário da linguagem popular madeirense*, 2ª edição, Funchal, Eco do Funchal.

*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia Portugal, Lisboa, Temas e Debates, 2005.

DRA: *Dicionário de Regionalismos e Arcaísmos*, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL). <<http://alfclul.clul.ul.pt/clulsite/DRA/resources/DRA.pdf>>.

FIGUEIREDO, A. Cristina, 2004. *Palavras d'aquintrodia: contribuição para o estudo dos regionalismos madeirenses*, dissertação na área da Dialetologia Portuguesa sob a orientação do Professor Doutor João Malaca Casteleiro, apresentada à Universidade da Madeira.

FIGUEIREDO, Cândido de, 1996. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 2 vols., Venda Nova, Bertrand Editora, 25ª edição.

NUNES, N. Nunes, 2014. «Variação social e vitalidade de alguns regionalismos madeirenses no Português falado na cidade do Funchal», *Confluência* nº 46, 1º semestre de 2014, Rio de Janeiro, 335-370.

## SESSÃO 2. MORFOLOGIA E ETIMOLOGIA

### NOMES DEVERBAIS NÃO SUFIXADOS E NOMES DEVERBAIS CORRADICAIS SUFIXADOS: CONDIÇÕES HISTÓRICAS DE EXISTÊNCIA

#### Graça Rio-Torto

DLLC, CELGA-ILTEC, Universidade de Coimbra

Este estudo centra-se nos nomes deverbais não sufixados, como *ajuste* (de *ajustar*), *voa* (de *voar*). As condições estruturais de construção destes nomes, também conhecidos como derivados regressivos, foram descritas por Rodrigues 2001, mormente no que concerne ao seu semantismo e ao dos verbos de base. O presente trabalho analisa as relações históricas e conjunturais de coexistência ou de descoincidência temporal de alguns nomes deverbais não sufixados e dos nomes corradicais sufixados (em *-ção*, *-mento*, *-agem*, *-nça*).

O enquadramento teórico e metodológico que preside a esta reflexão assenta na premissa de que o conhecimento de um item lexical ganha em ser o mais holístico possível, pelo que a abordagem que aqui se empreende contempla as dimensões etimológica, diacrónica e sincrónica que toda a unidade do léxico convoca.

A metodologia de seleção dos nomes deverbais não sufixados obedeceu aos seguintes parâmetros: foram selecionados 70, considerados representativos de áreas temático-referenciais da vida comum do mundo globalizado em que vivemos; dos nomes selecionados, foram analisados dez dos quais existem nomes corradicais sufixados (v.g.: *ajuste* e *ajustamento*, *amostra* e *amostragem*, *embarque* e *embarcação*, *espera* e *esperança*, *ensino* e *ensinamento*, *enfado* e *enfadamento*, *paga* e *pagamento*, *permuta* e *permutação*).

O objetivo do estudo consiste em analisar as condições de coexistência (ou de descoincidência temporal) destes pares corradicais ao longo da história da língua, indagando as motivações do (des)uso de algumas das formas e da maior projeção de outras, tendo em conta os movimentos de flutuação na representatividade de alguns dos sufixos ao longo dos séculos, o semantismo dos termos de cada par e os processos de variação e/ou mutação semânticas registados na diacronia da língua, por forma a explicar as motivações da dinâmica das mudanças.

Palavras-chave: Nomes deverbais não sufixados; morfologia histórica; semântica histórica; mudança; história da língua.

Bibliografia:

- CARDEIRA, Esperança (2005) *Entre o português antigo e o português clássico*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- MOEDA, Hamawand, Zeki (2008), *Morpho-Lexical Alternation in Noun Formation*. New York: Palgrave Macmillan.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2008) *O português arcaico. Uma aproximação*. Vol. I. *Léxico e morfologia*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- RIO-TORTO, Graça (2012), *Morfologia lexical no português médio: variação nos padrões de nominalização*. Tânia Lobo et al.(Orgs.). *ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA: 305-322.
- RODRIGUES, Alexandra (2001), *A construção de postverbiais em português*. Porto: Granito Editores.

## A COMBINAÇÃO DE PREFIXOS NO GALEGO-PORTUGUÊS

**Mailson dos Santos Lopes**

Universidade Federal da Bahia / Universidade de Coimbra

Tendo desde o princípio a convicção, tal como preconizou Mattos e Silva (2008), de que toda proposta de estudo de fatos linguísticos de períodos historicamente remotos constituir-se-á sempre uma aproximação à verdadeira realidade da língua, almeja-se chegar-se à morfologia do (galego)-português medieval, incidindo especificamente sobre o fenômeno da combinação de prefixos nesse espectro linguístico em seu arco temporal arcaico (sécs. XIII a XVI), emergente da observação do comportamento dos elementos afixais da margem esquerda do vocábulo em um *corpus* representativo do período (meia centena de documentos remanescentes, jurídico-notariais e literários, de natureza tipológica variada). O que aqui se denomina por *combinação* ou *combinatória de prefixos* é também conhecido por *dupla prefixação*, *prefixos sobrepostos*, *sobreposição de prefixos*, *prefixação sucessiva*, *recursividade de prefixos*, *superposição prefixal* ou *sobreprefixação* e, como os próprios termos sugerem, consiste na adjunção de um prefixo<sub>2</sub> a um vocábulo em que já figura um prefixo<sub>1</sub>, sob um esquema [pref.<sub>2</sub>[pref.<sub>1</sub>[X]]], como, por exemplo, em *arrenegou* (TC), *arrependimêto* (VSMA), *desaguissadas* (DSG), *desavêtura* (HRP), *desaventurado* (LEBC), *desconfortado* (DSG) e *desenfadar* (LC; HRP), não se confundindo, portanto, com a coordenação de prefixos (*exempli gratia*, em *cuidados pré e pós-operatórios*), sendo este último um fenômeno que não parece se registrar nas sincronias mediélicas. Apesar de ser algo que se registra na língua portuguesa desde os seus estágios primevos (na verdade, que parece já se observar na língua latina), a combinatória de prefixos — tal como a de sufixos — tem sido muito pouco explorada, seja num viés sincrônico, seja num viés histórico-diacrônico, não apenas para o português, senão para todas as línguas românicas. Apresentar-se-ão alguns escólios descritivo-analíticos sobre a configuração e o funcionamento da dupla prefixação no período recortado — a partir da descrição e análise do paradigma prefixal arcaico (cerne empírico do estudo) —, fincados na observação dos moldes combinatórios entre os prefixos envolvidos (atinentes, portanto, à sintaxe interna ao lexema), com a identificação das unidades prefixais que se prestam a essa operação e quais têm maior e menor capacidade geradora, em qual posição normalmente figuram, bem como quais não a licenciam, procedendo-se também, quando possível, a um cotejo entre essas pautas combinatórias do período arcaico e as em funcionamento no período hodierno, com a detecção de suas convergências e diferenciações. A proposta vem pautada num modelo epistemológico compromissado ao fato linguístico, buscando associar uma atitude assumidamente indutiva à consideração do inegável fator diacrônico da língua (VIARO, 2014), apoiando-se também em um eixo de intersecção entre informações de natureza histórica e um olhar sistêmico dos processos morfolexicais e no lastro teórico-epistemológico das premissas fundamentais da morfologia histórica (RIO-TORTO, 2016; MÜLLER et al., 2015; VIARO, 2014).

Palavras-chave: Morfologia histórica; Galego-português; Sobreposição prefixal.

Bibliografia:

MATTOS E SILVA, R. V. *O português arcaico: uma aproximação*. Lisboa: IN-CM, 2008.

MÜLLER, Peter O. et al. (Ed.). *Word-Formation: An International Handbook of the Languages of Europe*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2015.

RIO-TORTO, G. M. (Org.). *Gramática derivacional do português*. Coimbra: IUC, 2016.

VIARO, M. E. (Org.) *Morfologia Histórica*. São Paulo: Cortez, 2014.

## CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS PALAVRAS PORTUGUESAS TERMINADAS EM *-OULO* / *-OILO*

**Przemysław Dębowiak**

Universidade Jaguelónica de Cracóvia

Na língua portuguesa existem algumas palavras terminadas em *-oulo* (*-oula*) / *-oilo* (*-oila*). A mais conhecida é indubitavelmente *crioulo*, tendo-se difundido mundialmente (através de outras línguas) como termo linguístico. A origem deste vocábulo foi discutida várias vezes na literatura linguística (cf. p.ex. Leite de Vasconcelos 1928: 364; Michaëlis de Vasconcelos s.d.: 219–220, Brüch 1940), mas hoje em dia admite-se geralmente a etimologia segundo a qual é um derivado sufixal de *cria* (cf. p.ex. os dicionários etimológicos do português e do espanhol).

No entanto, o sufixo *-oulo* (e a sua variante *-oilo*) costuma ser considerado como pouco claro e tem uma origem incerta. A sua forma junta um traço tipicamente português, que é a alternância *ou* / *oi*, com uma característica alheia a esta língua, nomeadamente, a presença do *-l-* intervocálico.

Na comunicação proposta analisar-se-á o *corpus* constituído das palavras portuguesas terminadas em *-oulo* (*-oula*) / *-oilo* (*-oila*), como p.ex. *caçoula* / *caçoila*, *canoula* / *canoila*, *ceroulas* / *ceroilas*, *cravoila*, *crioulo*, *ferragoulo*, *lantejoula*, *missoilo*, *moçoila* e *moçoilo*, *papoila*, *tejoula* / *tejoila*; mencionar-se-á também o topónimo *Palaçoulo*, nome de uma localidade no concelho de Miranda de Douro. A explicação da etimologia dos vocábulos em questão permitirá esclarecer a sua estrutura morfológica, dividi-los em derivados sufixais e vocábulos simples e, finalmente, propor uma origem possível do sufixo *-oulo* / *-oilo*.

A comunicação inscrever-se-á no âmbito de morfologia histórica do português.

Palavras-chave: Português; etimologia; derivação; sufixação.

Bibliografia:

BRÜCH, Josef (1940), *Das Suffix des port. Crioulo*, [em:] Fritz Schalk (ed.), *Portugal 1140–1640: Festschrift der Universität Köln zu den portugiesischen Staatsfeiern des Jahres 1940*, Balduin Pick Verlag, Köln, pp. 90–100.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de (s.d.), *Lições de filologia portuguesa, segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13, seguidas das lições práticas de português arcaico*, Dinalivro, Lisboa.

VASCONCELOS, José Leite de (1928), *Antroponímia Portuguesa*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa.

Dicionários etimológicos das línguas portuguesa e espanhola (J.P. Machado, A. Nascentes, A.G. da Cunha, J. Corominas).

## REPRESENTATIVIDADE DICIONARÍSTICA DOS PREFIXOS DE ORIGEM PREPOSICIONAL NA LÍNGUA PORTUGUESA: DO SÉCULO XVIII À ATUALIDADE

**Susana Margarida Nunes**

Instituto Politécnico de Leiria / CELGA-ILTEC, Universidade de Coimbra

Desde sempre considerada como «le parente pauvre des processus d'analyse de la formation des mots» (Amiot 1997:24), a prefixação tem, contudo, vindo a assumir, ao longo da história da língua, um papel de relevo nos processos de formação de palavras, sobretudo no que diz respeito ao seu contributo para a formação de linguagens de especialidade.

Alguns dos estudos existentes sobre prefixação identificam os prefixos com a categoria gramatical das preposições. A procedência etimológica preposicional de boa parte dos prefixos, bem como a coincidência formal e semântica existente entre prefixos e preposições, fazem com que os prefixos tenham sido, ao longo dos tempos, frequentemente considerados como variantes ligadas das preposições.

É objetivo desta comunicação dar a conhecer a representatividade dicionarística dos prefixos que em português coexistem com preposições configuracionalmente homólogas (co[m]-, contra-, entre-, sem-, sob-, sobre-), sublinhando (i) as suas tendências de acoplagem, (ii) a sua especialização semântica e (iii) o seu contributo para a formação de linguagens de especialidade ao longo da história da língua.

A análise empreendida ancora-se num corpus constituído por cerca de 2350 vocábulos, recolhidos em diversas fontes lexicográficas, designadamente em dicionários de língua portuguesa (incluindo a variedade brasileira) publicados entre 1712 e 2002: Bluteau 1712, Domingos Vieira 1871, Moraes e Silva 1878, Figueiredo 1939, Casteleiro 2001, Ferreira 2001, Houaiss 2002. Esta análise permitirá aferir as características diferenciadoras dos elementos prefixais em estudo, designadamente no que concerne [i] à sua representatividade dicionarística (atual e pretérita), [ii] à(s) especificidade(s) semântica(s) por eles ativada(s) diacronicamente e [iii] ao contributo da(s) mesma(s) na formação das diversas realidades ontológicas de especialidade.

Palavras-chave: prefixação; preposição; representatividade dicionarística; especialização semântica; linguagens de especialidade.

### Bibliografia:

- AMIOT, Dany (1997). *L'antériorité temporelle dans la préfixation en français*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires de Septentrion.
- NUNES, Susana (2011). *Prefixação de origem preposicional na língua portuguesa*. Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa. Coimbra, FLUC.
- RIO-TORTO, Graça (1988). *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto Editora.
- VARELA, Soledad & GARCÍA, Josefá Martín (1999). *La prefijación*. In: Bosque & Demonte (ed.), *Gramática descriptiva de la lengua española*. volume 3. Madrid: Espasa, 4993-5040.

## SESSÃO 3. TERMINOLOGIA

### AS LEXIAS DA CULINÁRIA MARANHENSE E SUA RIQUEZA ETIMOLÓGICA NA OBRA *A LINGUAGEM POPULAR DO MARANHÃO*

**Nádia Pereira Silva**

Centro de Ciências Humanas, Departamento de Letras, Universidade Federal do Maranhão

**Conceição de Araujo Ramos**

Centro de Ciências Humanas, Departamento de Letras, Universidade Federal do Maranhão

O Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (TLPGP), que vem sendo desenvolvido no Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), como parte de um acordo celebrado entre esta IES e a Universidade de Santiago de Compostela, na Espanha, é um projeto que tem como objetivo reunir, em um único banco de dados, um amplo corpus com material dialetal, no âmbito do léxico, retirado de obras oriundas da Galícia, de Portugal e do Brasil. Em se tratando do Maranhão, selecionou-se, para compor esse corpus, a obra *A Linguagem Popular do Maranhão*, escrita por um dos maiores estudiosos maranhenses do século XX, Domingos Vieira Filho. A obra em foco compõe o conjunto de estudos dos primeiros registros sistemáticos da língua falada no Maranhão e explora a relação entre a língua falada, ouvida da boca do povo, e a língua escrita, que registra o uso e fornece pistas sobre o tempo em que se deu esse uso. A escolha dessa obra se deve a sua relevância para o trabalho de pesquisa e consulta dos que tenham interesse por conhecer a língua falada no Estado. Nessa perspectiva e tendo como suporte a ideia de que a compreensão da sócio-história do português brasileiro passa necessariamente pelo exame da interação secular das línguas em contato no Brasil, o que possibilita abarcar não só a história interna das línguas, mas também sua história externa (MATTOS E SILVA, 2004), este trabalho busca: (i) fazer o levantamento do léxico da culinária maranhense registrado na obra de Vieira Filho; (ii) examinar com base nesse léxico, as possíveis contribuições africana, indígena e portuguesa para a formação do português brasileiro. Vale destacar que o léxico é o componente da língua que mais e melhor arquiva e reflete o percurso sócio-histórico de uma comunidade, constituindo-se portanto em seu patrimônio vocabular. Tendo como parâmetro os estudos sobre o léxico (Krieger, 2006, García Mouton, 1990) e a linguística histórica (Mattos e Silva, 2004, Faraco, 2005), visa-se uma melhor compreensão da formação do patrimônio vocabular brasileiro.

Palavras-chave: Léxico; Culinária; Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português.

Bibliografia:

ÁLVAREZ, Rosario (coord.): *Tesouro do léxico patrimonial galego e português*. Santiago de Compostela: Instituto da Lingua Galega. [Consultado: ].

FARACO, Carlos Alberto. — *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola. Editorial, 2005.

GARCÍA MOUTON, Pilar. El estudio del léxico en los mapas lingüísticos. In: Moreno Fernández, Francisco. (Recop.). *Estudios sobre variación lingüística*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá de Henares, 1990, p. 27-75.

KRIEGER, Maria da Graça. Lexicografia: o léxico no dicionário. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006, p. 157-171.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

VIEIRA FILHO, Domingos (1979): *A linguagem popular do Maranhão*. São Luís.

## A FORÇA DO LÉXICO DO COMÉRCIO NO PERÍODO DOS GRANDES DESCOBRIMENTOS: O NOME DE MOEDAS, PESOS E MEDIDAS

**Benilde Socreppa Schultz**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

A literatura de viagem composta por relatórios, cartas e diários tornou-se, nos séculos XVI e XVII, uma ferramenta imprescindível para a difusão da história e memória de povos pouco conhecidos ou até mesmo desconhecidos. Além de expressar a realidade dos países visitados, o viajante/escritor disponibiliza um conhecimento útil à sua pátria, que podia usufruir das informações contidas sobre o comércio, a produção de riquezas, além de outras de cunho histórico, geográfico, científico, etnográfico, linguístico, cultural, etc. Nesta comunicação exporemos um recorte de nossa pesquisa de doutorado, na qual observamos que houve um expressivo léxico português e um léxico de línguas exóticas mediado pela língua portuguesa, que foi difundido pelos viajantes italianos no período dos descobrimentos e empregado para falar da cultura do país que visitavam, em especial para comentar sobre os produtos que comercializavam, sobre a vegetação a fauna e flora, além de outros aspectos. Amat di San Filippo (1874) atesta que o comércio e a religião foram os fatores que motivaram os italianos a acompanharem os portugueses no início dos descobrimentos. A língua portuguesa não somente influenciou outras línguas, mas também foi influenciada pelo comércio dos portugueses com países do Novo Mundo, da África e do Oriente (persa e indiano) e do Extremo Oriente. Essa múltipla e recíproca influência linguística enriqueceu o léxico da língua portuguesa com novos termos relacionados ao comércio, moedas, pesos e medidas. Ao acompanhar os lusitanos, o viajante italiano se apropria de muitas palavras do português e de palavras das línguas nativas dos países sob o domínio português e que posteriormente entraram para a língua portuguesa, transcrevendo-as da maneira como as ouvia. Muitas dessas palavras faziam parte do vocabulário de base dos viajantes italianos, e a sua utilização se fazia necessária porque não havia equivalentes em língua italiana, assim sendo, seus escritos são permeados desses empréstimos. Varthema (1885) registra os nomes de moedas (fanão, pardau, cruzado), Corsali (1991) o nome de pesos (sadim, quintal), Pigafetta (1994) o nome de medidas (légua, altura), etc., cada um deles, atendo-se ao campo que mais lhes interessava. Como já dito, reconhecemos a influência que a língua portuguesa recebeu de outras línguas no período das grandes navegações, porém, neste trabalho nos ateremos às influências exercidas pela língua portuguesa em relação àquela italiana graças aos viajantes italianos. Analisaremos os dados recolhidos à luz das teorias das línguas em contato de Weinreich (1974) e Calvet (2002) e classificaremos os empréstimos que, baseados em Klajn (1972), denominamos de *empréstimos casuais*. Verificaremos o contexto no qual ocorreram e quais as adaptações que os viajantes utilizaram ao registrá-los.

Palavras-chave: viajantes italianos; empréstimos do português; empréstimos *casuals*; comércio; moedas, pesos e medidas.

Referências bibliográficas:

- CALVET, Louis-Jean. Sociolinguística uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.
- CORSALI, Andrea. Lettera a Lorenzo di Medici, duca d'Urbino. In: CARACI, Ilaria & POZZI, Mario. Scopritori e viaggiatori del cinquecento e del seicento. Il cinquecento. Tomo I. Milano-Napoli: R. Ricciardi, 1991. p. 446-507.
- KLAJN, Ivan. Influssi inglesi nella lingua italiana. Firenze: Leo S. Olscki Editori, 1972.
- PIGAFETTA, Antonio. Il primo viaggio intorno al mondo. In: Antonio Pigafetta. Il primo viaggio intorno al mondo. Con il trattato della sfera. Vicenza: Neri Pozza Editore, 1994.
- VARTHEMA, Ludovico de. Itinerario di Lodovico Varthema. A cura di Alberto Bacchi della Lega. Bologna: Presso Gaetano Romagnoli, 1885.

WEINREICH, Uriel. *Lingue in contatto*. Tradução e introdução de Giorgio Raimondo Cardona. Torino: Boringhieri, 1974.

## DENOMINAÇÕES E EXPRESSÕES DE OLFATO NO CORPUS DO *DICIONÁRIO HISTÓRICO DO PORTUGUÊS DO BRASIL* (SÉCS. XVI A XVIII)

**Maria Filomena Gonçalves**

FCT UID Projeto UID/HIS/00057/2013, CIDEHUS, Universidade de Évora

O objetivo deste trabalho é inventariar e estudar as denominações de odor registadas no *corpus* textual do DHPB – *Dicionário Histórico do Português do Brasil* (sécs. XVI a XVIII). O DHPB é um projeto desenvolvido na UNESP (SP, Brasil) que foi concebido por M<sup>a</sup> Tereza Biderman e levado a bom porto por Clotilde Murakawa.

O *corpus* do DHPB faz um recorte de três séculos na história da língua portuguesa, reunindo essencialmente textos não literários (documentos cartoriais, cartas, diários, roteiros, descrições geográficas, atos de câmara, etc.) mas também alguns textos literários (sermões do Pe. António Vieira e outros oradores sacros, por exemplo). Todos os textos do *corpus* dizem respeito à história do Brasil ou a alguma das suas regiões, representando vários géneros textuais e discursivos (Murakawa & Gonçalves 2015; Murakawa 2011).

Num acervo textual relativo a três séculos de história brasileira é natural que abundem descrições da fauna e da flora, assim como de aspetos relativos aos indígenas, a acidentes geográficos e a outros referentes brasileiros. Essa dimensão descritiva contempla traços que advêm da perceção visual, auditiva, olfativa, táctil e gustativa e, por conseguinte, inclui muitas denominações relacionada com cada um desses domínios sensoriais.

A partir do *corpus* do DHPB e com base no quadro teórico proposto por Kleiber (2012, 2011a, 2011b), o propósito deste trabalho é identificar e analisar as denominações relativas ao sentido do olfato – nomes e expressões de odor – uma vez que o *corpus* do DHPB apresenta, neste domínio, tal como no cromático (Gonçalves 2017), não só uma boa variedade de nomes (cheiro, odor, fragrância, aroma, exalação, perfume, fedor, etc.) como também muitas expressões (entre outras, nominais, como “cheiro a + nome”, e verbais, como “cheirar a + nome”) que designam/definem diferentes odores, estabelecendo gradações olfativas.

Com este trabalho pretende-se trazer à luz novos elementos para a história do léxico e para a “semântica do olfato” em língua portuguesa.

### Referências:

GONÇALVES, Maria Filomena (2017): “O 'campo das cores' no *Dicionário Histórico do Português do Brasil* (sécs. XVI-XVIII)”. In: *Anais do V SIMELP – Simpósio 52* (Lecce, Università del Salento, 8-11 de outubro de 2015 (no prelo). 3-19.

KLEIBER, Georges (2012): “De la dénomination à la désignation: le paradoxe ontologico-dénommatif des odeurs”. *Langue française*, 2 (n<sup>o</sup>174), 45-58.

KLEIBER, Georges (2011a): “Sémantique des odeurs”. *Langage*, 1 (n<sup>o</sup> 181), 17-36. Disponível em: [https://www.cairn.info/article.php?ID\\_ARTICLE=LANG\\_181\\_0017](https://www.cairn.info/article.php?ID_ARTICLE=LANG_181_0017)

KLEIBER G. (2011b): “Petite sémantique des couleurs et des odeurs”. In: S. Dessì Schmid *et al.* (éds), *Rahmen des Sprechens. Beiträge zu Valenztheorie, Varietätenlinguistik, Kreolistik, Kognitiver und Historischer Semantik. Peter Koch zum 60. Geburtstag*. Tübingen: Gunter Narr, 271-283.

MURAKAWA, Clotilde de A. A. (2011): “A contribuição de um Dicionário Histórico: o *Dicionário Histórico do Português do Brasil*”. *Organon* (Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul), 50, vol. 25 (jan-jun) 241-274.

MURAKAWA, Clotilde A. A. & Maria Filomena GONÇALVES (2015): “The corpus of the *Dicionário Histórico do Português do Brasil* (DHPB)”. In: J. P. Silvestre e Alina Villalva (eds.), *Planning non-existent dictionaries*. Lisboa/Aveiro: CLUL/Universidade de Aveiro, 19-41.

## SESSÃO 4. ONOMÁSTICA I

POR ENTRE OS VESTÍGIOS HISTÓRICOS DO GALEGO-PORTUGUÊS:  
CONTRIBUIÇÕES DA ONOMÁSTICA PARA UM ESTUDO FONOLÓGICO  
COMPARADO DO PORTUGUÊS ARCAICO E DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

**Natalia Zaninetti Macedo**

Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Araraquara

Sob uma perspectiva diacrônica, nesta comunicação, analisa-se como os nomes próprios de origem estrangeira, no que tange as questões de acento e silabação, são tratados e pronunciados – de forma adaptada ou não – por falantes nativos de Português Arcaico (PA) e de Português Brasileiro (PB). Como corpus do PA, foram utilizadas as *Cantigas de Santa Maria* (CSM) e as Cantigas profanas e, para o PB, o *corpus* coletado por Macedo (2015). No que diz respeito aos dados coletados nas CSM, foi feito um levantamento de antropônimos e topônimos contidos no *Glosario* de Mettmann (1972), sendo registrados 221 antropônimos e 334 topônimos. O *corpus* de suporte utilizado foi a edição de Mettmann (1986-1989), e o sistema fonológico, o proposto por Massini-Cagliari (1999, 2005). Para a coleta e o mapeamento de dados nas cantigas profanas, foi consultada a base de dados online das Cantigas Medievais Galego-Portuguesas de Lopes, Ferreira et al. (2011-), sendo contabilizados 323 antropônimos e 334 topônimos. Para análise do PB, foi utilizado o *corpus* coletado por Macedo (2015), que estudou processos de adaptação fonológica na pronúncia de nomes próprios estrangeiros no Brasil, sendo este composto por 14.716 nomes próprios. O interesse principal deste estudo, partindo-se de pistas onomásticas, é investigar, na deriva histórica do Português, valiosas informações para os estudos das relações entre mudança linguística e identidade fonológica, considerando os limites entre o que é e o que não é (ou o que era e o que não era) considerado "português" (ou "galego-português", no período medieval), do ponto de vista do som, para os seus próprios falantes nativos em um contínuo temporal da língua. (Apoio: FAPESP – Número do processo: 2015/08197-3)

**Bibliografia:**

LOPES, G. V.; FERREIRA, M. P. et al. (2011-), *Cantigas Medievais Galego Portuguesas* [base de dados online]. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA. [Consulta em 22 jun 2016] Disponível em: <http://cantigas.fcsh.unl.pt>.

MACEDO, N. Z. *Análise fonológica de nomes próprios de origem estrangeira e novas criações em Português Brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Unesp, Araraquara, 2015.

MASSINI-CAGLIARI, G. *Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. Araraquara: FCL, UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999.

MASSINI-CAGLIARI, G. *A música da fala dos trovadores: Estudos de prosódia do Português Arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas*. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras. Tese de Livre-Docência, 2005.

METTMANN, W. Glossário. In: AFONSO X, O SÁBIO. *Cantigas de Santa Maria*. Coimbra: Universidade, 1972.

## O NOMENCLÁTOR GALLEGO DO PADRE SOBREIRA: UNHA MOSTRA DA TOPONIMIA GALEGA DOS SÉCULOS ESCUROS

**Sandra Beis Silva**

Instituto da Lingua Galega – Universidade de Santiago de Compostela

O padre Xoán Sobreira (1746-1805) compila, entre os anos 1780-1800 (datas ofrecidas pola Real Academia de la Historia, quen actualmente custodia o documento) o *Nomenclátor gallego*, subtulado “Diccionario de las ciudades, Villas, Lugares, Aldeas, Granjas, cotos redondos, e Islas adyacentes del Reino de Galicia” e que fai unha clara alusión á súa condición de lexicógrafo.

Trátase dun manuscrito composto por 179 páxinas nas que o padre Sobreira recolle a modo de dicionario -tal e como indica no encabezado da obra-, todas e cada unhas das freguesías que compoñen o Reino de Galicia, por orde alfabética e precedidas das tres letras iniciais. O manuscrito imita unha obra lexicográfica e os topónimos están dispostos dunha forma similar ao que posteriormente elabora Madoz. A información que se ofrece fai referencia á configuración administrativa do territorio: a freguesía, a xurisdición á que pertence e o nome do arciprestado, ademais do santo titular, que precede o nome e que tamén é de interese desde o punto de vista onomástico.

Na nosa presentación pretendemos ofrecer unha descrición detallada das características deste manuscrito e o que supón para o estudo da toponimia galega unha compilación destas características, xa que, entre os testemuños de toponimia da época, apenas contamos cuns poucos documentos referidos á xeografía galega, na súa maioría elaborados por persoas alleas a Galicia e cun interese meramente administrativo. Entre estes destacan o *Diccionario geográfico-estadístico-histórico de España y sus posesiones de Ultramar*, elaborado por Pascual Madoz a mediados do século XIX, alén das *Memorias del Arzobispado de Santiago*, dispostas por Gerónimo del Hoyo no ano 1607.

Amais, cómpre sinalar que nos situamos nos últimos anos dos chamados Séculos Escuros (XVI- XVIII) e, se ben o *Nomenclátor* está escrito maioritariamente en castelán, son especialmente salientables as correccións para o galego que se fan no texto sobre as forma deturpadas, o que nos pode achegar información lingüística relativa ao proceso de deturpación toponímica, que veu dada fundamentalmente da man do poder administrativo e eclesiástico.

Palabras chave: onomástica galega; toponimia; Séculos Escuros.

### Bibliografía:

- BOULLÓN AGRELO, Ana Isabel (2010): “Toponimia de Galicia: estado de la cuestión”, en M<sup>a</sup> Dolores Gordón (coord.), *Toponimia de España: estado actual y perspectivas de la investigación*. Berlin: De Gruyter, 31-57.
- SANTAMARINA, Antón (2005): “Viaxe pola onomástica galega”, A Trabe de Ouro tomo II, ano XVI, 155-182. Versión galega de “A Journey through Galician Onomastics”, en Ana Isabel Boullón Agrelo (ed.): *Actas do XX Congreso Internacional de Ciencias Onomásticas: Santiago de Compostela, 20-2 setembro 1999*. A Coruña: Fundación Barrié de la Maza, 2002: 3-32.
- SARMIENTO, Martín [1757] (1998, 1999): *Onomástico etimológico de la lengua gallega*. Edición e estudo de J. L. Pensado, [A Coruña]: Fundación Pedro Barrié de la Maza, 2 vols.

## MOTIVAÇÃO SEMÂNTICA NA TOPONÍMIA URBANA BRASILEIRA: PARTICULARIDADES

**Aparecida Negri Isquierdo**

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

**Ana Paula Dargel**

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Como necessidade primária para localização e domínio espacial de um lugar, o homem nomeia os elementos geográficos e, nesse processo, cria signos toponímicos (topônimos). Essa atividade se dá em relação a serras, rios, córregos, ruas, avenidas, municípios, fazendas. Além disso, atribuir um nome a um espaço é particularizá-lo entre os demais. Ao se nomear, não se tem mais apenas um rio, singulariza-se, por exemplo, o Rio Amazonas, maior corrente hídrica em terras brasileiras; a Avenida Paulista, uma das principais vias urbanas da capital do Estado de São Paulo. Em pesquisas toponímicas, o signo toponímico pode ser analisado em diferentes perspectivas, tendo em vista que a toponímia de um espaço geográfico consubstancia peculiaridades relacionadas às camadas linguísticas, à história, à geografia, à cultura e ao povo que designou o espaço. O toponimista pode optar pelo estudo dos nomes de lugares a partir de dois principais domínios: macrotoponímia (nomes dos municípios) e microtoponímia (nomes de rios, córregos, fazendas, ruas). A partir dessa seleção, ainda é possível outras divisões mais específicas para fins de delimitação de estudo como: a) toponímia urbana (designações de praças, ruas, avenidas, parques, avenidas); b) toponímia rural de natureza humana (nomes de fazendas, retiros, sítios) e física (nomes de rios, cachoeiras, córregos, corixos). Esses mecanismos de nomeação são distintos para cada universo de topônimos como têm atestado as pesquisas toponímicas no Brasil. Afinal, o rio já existia quando o homem chegou, enquanto a praça a ser nomeada é algo em construção após a ocupação da localidade e, além disso, o ato de nomear indica perspectivas diferentes do denominador em relação ao tipo de elemento geográfico. Este trabalho discute resultados de estudo sobre a toponímia urbana, apresentando um panorama das tendências da toponímia urbana no Brasil, particularmente de cidades do Estado de Mato Grosso do Sul. O estudo é voltado para os aspectos relacionados à motivação semântica como causas denominativas, taxionomias toponímicas e referenciais toponímicos.

Palavras-chave: toponímia urbana; léxico toponímico; motivação semântica; ATEMS.

Referências básicas:

- BACKHEUSER, Everardo (1952). Toponímia. Suas regras, sua evolução. In: *Revista geográfica*. Rio de Janeiro: Instituto Pan-Americano de Geografia e História. v. IX, X. n. 25, 1952, p. 163-195.
- BOUVIER, Jean-Claude; GUILLON, Jean-Marie. *La toponymie urbaine. Significations et enjeux*. Paris: L'Harmattan, 2001.
- DAUZAT, Albert. *Les noms de lieux. Origine et évolution*. Paris: Librairie Delagrave, 1922.
- DICK, Maria Vicentina do Amaral. *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.
- DICK, Maria Vicentina do Amaral. *Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de Estudos*. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992.
- DICK, Maria Vicentina do Amaral. *A dinâmica dos nomes na toponímia de São Paulo, 1954-1897*. São Paulo: Annablume. 1997.
- STEWART, George Rippey. A classification of place names. In: *Names*. Beckerley. v. II. n. 1. Março, 1954, p. 01-13. (Tradução: Prof. Erasmo d'Almeida Magalhães).

## SESSÃO 5. ONOMÁSTICA II

## NOMES PORTUGUESES, NOMES DE PORTUGUESES E NOMES EM PORTUGUÊS: NORMA LINGUÍSTICA E MUDANÇA SOCIOLINGUÍSTICA

**João Paulo Silvestre**

King's College, Londres

A antroponímia portuguesa contemporânea, entendida como o conjunto de nomes que podem ser atribuídos a cidadãos portugueses, é um conjunto lexical que se supõe amplo e em mudança. Ivo Castro colecionou retratos dessa evolução numa série de trabalhos publicados desde os anos 90, notando que não existe uma descrição atualizada que dê conta da diversidade de nomes próprios, apelidos e alcunhas em uso, ou mesmo das peculiaridades da onomástica nacional a partir de meados do século XX.

A composição dos nomes de pessoas em Portugal está condicionada preceitos legais que estabelecem limites ao número de unidades lexicais e ao repertório de nomes que podem ser selecionados. Os nomes próprios devem ser portugueses, o que inclui todos os que surgem documentados como tal em algum momento da história. Prevê-se, todavia, a admissão de nomes estrangeiros quando adaptados grafica e foneticamente à língua portuguesa.

A comparação com as antroponímias do Brasil e de países de línguas românicas, bem como com os nomes internacionalizados através da língua inglesa, têm motivado pedidos de registo de mais nomes estrangeiros e a invenção de novos nomes, recorrendo à formação de palavras, por processos morfológicos e não-morfológicos.

Nesta comunicação, tomando como corpus de trabalho a lista de nomes atribuídos e não admitidos pelo Instituto de Registos e Notariados, na última década, consideram-se os seguintes aspectos:

1. os critérios linguísticos para a adaptação de nomes estrangeiros e para criação de nomes novos;
2. manutenção da memória histórica da antroponímia portuguesa e relevância estatística de novas unidades;
3. as alterações dos nomes próprios motivadas pelas atualizações da norma ortográfica .

Palavras-chave: antroponímia; mudança linguística; história social.

Bibliografia:

CASTRO, Ivo (2001) *A Descensão de Maria*. On-line.

[http://www.clul.ulisboa.pt/files/ivo\\_castro/2002\\_Descenso\\_de\\_Maria.pdf](http://www.clul.ulisboa.pt/files/ivo_castro/2002_Descenso_de_Maria.pdf)

CASTRO, Ivo (2001) *O nome dos portugueses*. On-line.

[http://www.clul.ulisboa.pt/files/ivo\\_castro/2001\\_Nome\\_dos\\_Portugueses.pdf](http://www.clul.ulisboa.pt/files/ivo_castro/2001_Nome_dos_Portugueses.pdf)

GARCÍA GALLARÍN, Consuelo (dir.) (2009) *Los nombres de persona en la sociedad y en la literatura de tres culturas*. Madrid, Silex.

GONÇALVES, Iria (2013) *Maria, Catarina e tantas outras: ensaio de antroponímia Medieval*. [Lisboa]: Centro de Estudos Históricos.

Instituto do Registos e do Notariado (2005-2016). *Vocábulos admitidos e não admitidos como nomes próprios*.

LANGENDONCK, Willy van (2001) *Theory and typology of proper names*. De Gruyter.

NUNES, Naidea; Kremer, Dieter (2014) *Antroponímia primitiva da Madeira e Repertório onomástico histórico da Madeira*. De Gruyter.

## ONOMÁSTICA HEBREA EN DOCUMENTACIÓN MEDIEVAL CASTELLANA (SIGLOS XIII-XV)

**Manuel Nevot Navarro**

Universidad de Salamanca

**Vicente J. Marcet Rodríguez**

Universidad de Salamanca

La presente comunicación tiene como objeto dar a conocer la antroponimia empleada por los judíos castellanos durante la Edad Media, especialmente durante los siglos XIII-XV, así como las estructuras más habituales en la identificación de los judíos, en comparación con la identificación de los cristianos, donde se suele recurrir a los oficios, parentesco o procedencia, entre otros recursos. Asimismo, centrándonos tanto en los nombres como en los apellidos, realizamos un análisis sucinto de los principales fenómenos lingüísticos que reflejan en la adaptación de la forma hebrea original a la pronunciación y a la escritura castellanas. Para este fin, hemos recogido datos procedentes de diversos archivos eclesiásticos y civiles localizados en diversos archivos de las provincias de Ávila, Burgos, Cuenca, León y Toledo. Sin duda, entre las conclusiones, cabe destacar las diferencias entre la antroponimia de los hombres (normalmente en hebreo) y el de las mujeres (toda prácticamente en romance); por otro lado, encontramos cambios fonéticos explicables tanto por el castellano como por el hebreo, sin que podemos determinar a cuál de los dos lenguas corresponden el origen del cambio.

Bibliografía básica:

ANTONIO RUBIO, María Gloria de (2013): “Nombres de judíos y conversos en la Galicia Medieval”, *eSefarad.com* [en línea: <http://esefarad.com/?p=41328>]

BECKER, Lidia (2009): “Names of Jews in Medieval Navarre (13th – 14th centuries)”, en *Names in Multi-Lingual, Multi-Cultural and Multi-Ethnic Contact: Proceedings of the 23rd International Congress of Onomastic Sciences*, Toronto, York University, pp. 140-156.

CARRETE PARRONDO, Carlos y García Casar, M<sup>a</sup> Fuencisla (1997): *Fontes iudaorum regni Castellae VII. El tribunal de la Inquisición de Sigüenza*, Salamanca, Universidad Pontificia de Salamanca.

GARBELL, Irene (1954): “The Pronunciation of Hebrew in Medieval Spain”, en *Homenaje a Millás Vallicrosa*, vol. 1, Barcelona: CSIC, pp. 647-696.

## O LEGADO GERMÂNICO NA ANTROPONÍMIA NEOLÓGICA DO PORTUGUÊS DO BRASIL

**Juliana Soledade**

Universidade de Brasília / Universidade Federal da Bahia

**Mailson dos Santos Lopes**

Universidade Federal da Bahia / Universidade de Coimbra

**Letícia Rodrigues**

Universidade de São Paulo

A antroponímia brasileira possui um carácter muito peculiar no que se refere à aceitação e difusão do fenómeno neológico, isto quer dizer que prenomes inovadores e mesmo inusitados

são escolhidos para a nomeação de indivíduos no Brasil. As investigações acerca dos processos morfológicos de formação desses nomes têm nos deixado saber que são bastante produtivos os formativos de origem germânica, ou seja, prenomes que adentraram a língua portuguesa através do contato com a língua germânica na Península Ibérica (PI) durante a Idade Média têm servido de modelo para a formação de novos nomes no Brasil. Desse modo, este estudo se baseia na hipótese de que o sistema antroponímico germânico acabou por legar fortes influências para a antroponímia brasileira, uma vez que nomes tradicionais como *Adalberto*, *Alberto*, *Roberto*, *Aguinaldo*, *Everaldo*, *Geraldo*, *Edgar*, são bastante difundidos no Brasil, desde a década de 30, como registram dados do censo 2010 do IBGE. Assim, assumimos a hipótese de que os nomes tradicionais que remontam à influência germânica na PI têm servido de modelos para a construção dos nomes próprios neológicos como *Rosiberto*, *Rosualdo*, *Edrose*. Na base da pesquisa está uma compreensão sobre a estruturação do léxico e da morfologia a partir daquilo que se conhece como Teoria da entrada Plena, tal qual tem sido defendida por Booij (2010), no âmbito da morfologia construcional. Essa teoria admite que o léxico das línguas possui uma estrutura hierarquicamente organizada, em que palavras complexas armazenadas na memória do falante são fontes/modelos para abstração de esquemas que permitem a construção de novas palavras complexas seguindo o mesmo molde. Assim, partiremos dos aspectos sócio históricos que determinaram a influência germânica na antroponímia do português, para então apresentar os esquemas abstratos de formação de antropônimos que são adquiridos a partir do conhecimento e armazenamento mental de um conjunto de antropônimos tradicionais que instanciam os padrões de construção que possibilitam a geração de novos prenomes, considerando um conjunto de dados recolhidos na lista dos aprovados no vestibular da UFBA em 2005 e nos dados do censo do IBGE 2010. É necessário, ainda, destacar que para efeitos desta pesquisa, o critério adotado para confirmar a condição neológica de um antropônimo é a ausência de registro no *Dicionário etimológico da língua portuguesa – Tomo II*, de Antenor Nascentes (1952), e no *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*, de José Pedro Machado (2003), e não estarem presentes na Bíblia. Assim, não estando os prenomes registrados em nenhuma das referidas obras, coloca-se o termo sob suspeição de ser neológico – isso se deve ao fato de existirem nomes estrangeiros que também podem não estar dicionarizados, mas que não se enquadram no rol de neologismos vernáculos, ou seja, nomes formados segundo a criatividade de indivíduos brasileiros ou residentes no Brasil.

#### Referências:

- BOOIJ, Geert. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.  
 JACKENDOFF, Ray. *The architecture of the language faculty*. Cambridge Mass.: MIT Press, 1997.  
 RIO-TORTO, Graça Maria. *Morfologia derivacional: Teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto Editora, 1998.

### «GONÇALUO DA BARJA E AFONSO DE PARADA E EYNES RRODRIGUES, YRMÃOS DA DITA COSTANÇA GONÇALUES». ESTUDO ANTROPONÍMICO DUNHA COMUNIDADE GALÉGA AO LONGO DO SÉCULO XV

#### Paula Bouzas

Seminar für Romanische Philologie, Georg-August-Universität Göttingen

Este estudo de carácter antroponímico céntrase na poboación que durante o século xv pertenceu ao couto de Santo Estevo de Ribas de Sil (Ourense). A base material do corpus está constituída polos documentos do mosteiro (Bouzas 2017), nos que se recollen os nomes propios dun total aproximado de 850 persoas.

A análise terá como obxectivo a descrición do sistema antroponímico que se proxecta nesta documentación. As formas serán descritas e clasificadas tendo en conta a función que desempeñan na cadea onomástica, a súa orixe etimolóxica e mais o seu valor semántico orixinal. Alén disto, trataranse as seguintes cuestións: Ata qué punto manteñen os segundos nomes o seu carácter individualizador? Ata que punto segue a ser o patronímico un procedemento produtivo nesta altura? Percíbese algunha evolución nas formas de nomear ao longo do século?

Con este traballo espérase poder contribuír ao estudo do sistema antroponímico baixomedieval galaico e achegar novos datos para entender a súa evolución.

Bibliografía:

BOUZAS, Paula (2017): *Documentos galegos do mosteiro de Santo Estevo de Ribas de Sil (século xv)*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega.

BOULLÓN AGRELO, Ana Isabel (1999): *Antroponimia medieval galega (séculos viii-xii)*. Tübingen: Max Niemeyer.

BOULLÓN AGRELO, Ana Isabel (2007): «Aproximación á configuración lingüística dos apelidos en Galicia», in: *Verba* 34, 285-309.

## SESSÃO 6. DESCRIÇÃO LEXICAL E TÉCNICA LEXICOGRAFICA

### LEXICOGRAFIA E CRÍTICA TEXTUAL: O VOCABULARIO EM IDIOMA BENGALLA E PORTUGUEZ E O MARSDEN LEXICON

**Stephen Parkinson**

Universidade de Oxford

O primeiro dicionário impreso do Bengalês, publicado em Évora em 1743 por Frei Manoel da Assumpção, aproveitou um léxico Português-Bengalês feito em finais do século 17 e conservado no espólio Marsden da Biblioteca da School of Oriental and African Studies. O aparente plágio de Assumpção mereceu duras críticas por parte dos linguistas bengalesas. (Kholkar 1976, Chatterji & Sen 1931). Uma análise crítica dos dois textos mostra que não se trata de um caso normal da incorporação num dicionário das entradas de outro (Messner 2009), porque o “Marsden Lexicon” não é um lexico tradicional, senão um instrumento de pesquisa. Partindo de uma lista de palavras e frases portuguesas, os inquiridores recolheram palavras e frases bengalesas, transcritas por várias mãos numa escrita bengalesa de competência muito variável. A organização e os conteúdos dessa lista inicial, bastante próximos do *Tesouro da Lingua Portuguesa* de Bento Pereira, são reveladores dos pressupostos lingüísticos dos inquiridores. O conjunto de palavras e respostas constitui o relatório de uma investigação por questionário, um eposódio de lingüística missionária (Zwartjes 2011), com todas as complicações do dia a dia da pesquisa com informantes. Muitas entradas foram inseridas nas entrelinhas da lista original, e muitas palavras pesquisadas ficaram sem correspondência bengalesa. O Marsden Lexicon traz portanto muitas informações sobre o contacto lingüístico entre o Português e o Bengalês, inclusive a entrada de palavras portuguesas no bengalês. O *Vocabulário* de Assumpção, dicionário bilingue com as entradas bengalesas romanizadas, implica vários processos de conversão do Marsden Lexicon. A parte

Português-Bengalês retoma e amplia o Marsden Lexicon, reordenando-o segundo normas de alfabetização setecentistas, e com as formas bengalesas transliteradas; o dicionário Bengalês-Português, que constitui a primeira parte do *Vocabulário*, deriva-se directamente do dicionário Português-Bengalês, reorganizado segundo uma alfabetização improvisada.

Referências:

- ASSUMPÇÃO, Manuel da. *Vocabulário em Idoma Bengala e Portuguez*, Lisboa: Francisco da Silva, 1743.  
 CHATTERJI, S and SEN, P. *Manoel de Assumpçam's Bengali Grammar. Facsimile of the Original Portuguese with Bengali Translations and Selections from his Bengali-Portuguese Vocabulary*, Calcutta: Calcutta University Press, 1931  
 KHONDKAR, A.R. *The Portuguese Contribution to Bengali Prose, Grammar and Lexicography*. Dacca: Bangla Academy, 1976  
 MARSDEN LEXICON, MS 11963, Marsden Collection, School of Oriental and African Studies, Londres  
 MESSNER, DIETER, 'A Obra Lexicográfica de Bento Pereira' in *Dicionario dos Dicionarios Portugueses*, 40, 2009, i-xix,  
 ZWARTJES, Otto, *Portuguese Missionary Grammars in Asia, Africa and Brazil. 1500-1800*. Amsterdam, Benjamins, 2011.

## TERMINAÇÕES -ÃO E -AU NA ONOMÁSTICA TÁRTARA DA PEREGRINAÇÃO DE FERNÃO MENDES PINTO

**Afonso Xavier Canosa Rodrigues**

Universidade de Santiago de Compostela

Nos capítulos 117 a 127 da *Peregrinação*, Fernão Mendes Pinto (1614) descreve a passagem pelo norte da China e terras dos tártaros, com quem convive junto com um grupo de portugueses até que, como recompensa pelos serviços prestados, são conduzidos pela via fluvial até ao mar. Ao tratar dos tártaros, Pinto refere nomes próprios e mesmo orações na língua usada na corte e invocações religiosas, que também traduz para o português. Ainda que a importância para a geografia humana da *Peregrinação* foi logo reconhecida por referentes da geografia descritiva como Purchas (1625), que integrou Pinto na sua coleção de viajeros mesmo antes da primeira tradução íntegra para o inglês de Henry Cogan (Pinto, 1653), a presença mesma destas transcrições na língua asiática original, não decifradas até a atualidade, fez com que a crítica mais contemporânea tivesse dificuldades na interpretação desta passagem (Alves, 2010). Com o objetivo de contribuir para uma melhor compreensão do relatório redigido por Pinto, preparamos um corpus que chamamos da Tartária, para estudarmos termos cuja tradução para o Português é dada ou inferível pela descrição e podemos comparar com formas reconhecíveis no mongol atual. Nesta comunicação pretendemos mostrar que a principal dificuldade para iniciar a análise comparativa não é tanto a língua mongol, quanto o modo em que se está a ler o escrito na atualidade. Ao transcrever fenómenos fonéticos ausentes no português, Pinto tem de procurar equivalências gráficas, influenciando na seleção das grafias tanto elementos de fonética acústica e da percepção quanto a codificação gráfica e, possivelmente, mesmo a variação dialectal. Como proposta e exemplo para mostrar a evidência das correspondências gráficas, usamos um termo que aparece com frequência no corpus, para o qual Pinto oferece não só descrições, mas tradução direta: o nome comum mongol *xaan*, transcrito *khaan*, com o significado de *rei*, com morfemas comparáveis nas formas *Tuymicão*, *Tibremvucão* e *Abicau*. Analisamos a variação da representação da terminação nasal com a transcrição oferecida na edição em inglês (Pinto, 1653) para concluirmos que possivelmente haja um intento de padronização editorial que, não obstante, não impede estabelecer equivalências plenas, achando uma correspondência com o mongol não só nas unidades fonéticas, vocálicas e consonânticas, mas também na morfossintaxe da frase nominal.

Palavras-chave: método comparativo; onomástica; vogais nasais; frase nominal.

Bibliografía:

- ALVES, J. S. (Dir.). (2010). *Fernão Mendes Pinto and the Peregrinação* (4 vols.). Lisbon: Fundação Oriente.
- PINTO, Fernam Mendez. (1614). *Peregrinaçam*. Lisboa: Pedro Crasbeek. Disponível em <http://purl.pt/82>
- PINTO, Fernão Mendes. (1653). *The voyages and adventures, of Fernand Mendez Pinto, a Portugal ... done into english by H. C. Gent*. London: printed by J. Macock, for Henry Cripps, and Lodowick Lloyd. Disponível em <http://purl.pt/16425>
- PURCHAS, S. (1625). *Hakluytus posthumus or Purchas his Pilgrimes*. London: by William Stans for Henrie Fetherstone. Disponível em <http://purl.pt/23391>.

EN TORNO A LA FRASEOLOGÍA REPRESENTADA EN *LOS DOZE TRABAJOS DE HÉRCULES* DE DON ENRIQUE DE VILLENA

**Santiago Vicente Llavata**

Universitat de València

A pesar de que la teoría fraseológica del español actual ha dedicado grandes esfuerzos al estudio de los problemas fundamentales de la Fraseología, muy poco se conoce todavía acerca de su proceso general de institucionalización. De hecho, se afirma que la naturaleza gramatical de las unidades fraseológicas proviene de etapas históricas anteriores.

Tomando esta premisa teórica como punto de partida, de un tiempo a esta parte se viene considerando la necesidad de describir el origen, desarrollo y consolidación de las unidades fraseológicas a lo largo de la historia del español (Echenique Elizondo, 2003, 2008 y 2013<sup>3</sup>). Esta línea de investigación pretende profundizar en el estudio de la red compleja de procesos históricos de fijación formal y semántica de estas unidades de lengua.

A partir del inventario de las unidades fraseológicas extraídas de *Los doze trabajos de Hércules* de Enrique de Villena, el objetivo de esta propuesta es el de caracterizar en forma parcial una parcela fundamental de la fraseología hispánica medieval, así como de iniciar elementos de comparación con otros espacios lingüísticos próximos —como es el castellano y el catalán medieval—, con el fin de valorar en términos filológicos la continuidad histórica de ciertas unidades fraseológicas en sucesivos entornos literarios y culturales de la península ibérica (con especial incidencia en la obra literaria de don Íñigo López de Mendoza).

Referencias bibliográficas:

- CÁTEDRA, Pedro M. (ed.) (1994): *Obras completas de Enrique de Villena*, Madrid, Turner.
- ECHENIQUE ELIZONDO, M<sup>a</sup> Teresa (2003): “Pautas para el estudio histórico de las unidades fraseológicas”, en J. L. GIRÓN, R. SANTIAGO y E. de BUSTOS (eds.), *Homenaje a José Jesús de Bustos Tovar*, Madrid, Editorial Complutense, 545-560.
- \_\_\_\_\_, María Teresa (2008): “Notas de sintaxis histórica en el marco del corpus de diacronía fraseológica del español (DIAFRAES)”, en E. STARK, R. SCHMIDT-RIESE y E. STOLL (eds.), *Romanische Syntax in Wandel*, Tübingen, Gunter Narr Verlag, 387-397.
- \_\_\_\_\_, M. Teresa y MARTÍNEZ ALCALDE, M. José (2013<sup>3</sup>): *Diacronía y gramática histórica de la lengua española*, Valencia, Tirant Humanidades (Edición revisada y ampliada).
- GARCÍA-PAGE SÁNCHEZ, Mario (2008): *Introducción a la fraseología española. Estudio de las locuciones*, Barcelona, Anthropos.
- LAPESA MELGAR, Rafael (1981<sup>9</sup>): *Historia de la lengua española*, Madrid, Gredos.
- LLEAL GALCERÁN, Coloma (dir.): *Diccionario del castellano del siglo XV en la Corona de Aragón (DiCCA-XV)*, Barcelona, Universidad de Barcelona, versión disponible en: <http://ghcl.ub.edu/diccaxv/home/index/myLanguage:es>
- MORREALE, Margherita (ed.) (1958): *Los doze trabajos de Hércules*, Madrid, Real Academia Española (Col. Biblioteca Selecta de Clásicos Españoles).
- PASCUAL RODRÍGUEZ, José Antonio (ed.) (1974): *La traducción de la «Divinna Commedia» atribuida a D. Enrique de Villena. Estudio y edición del Infierno*. Salamanca, universidad de Salamanca

# SOCIOLINGUÍSTICA, DIALETOLOGIA

## SESSÃO 1. VARIAÇÃO E MUDANÇA NO OCIDENTE DA PENÍNSULA IBÉRICA

### PORTUGAL: A CIDADE E O INTERIOR. SOBRE A REFORMULAÇÃO DO MAPA DIALETAL PORTUGUÊS

**Fernando Brissos**

Centro de Linguística, Universidade de Lisboa

Paralelamente a outros países europeus com condições históricas e geográficas próximas, Portugal tem sofrido, em tempos recentes, um processo intenso de modificação da sua textura económica e demográfica, evoluindo de uma estrutura produtiva com predomínio do setor primário em regime de mão-de-obra intensiva, com a conseqüente ocupação dispersa do território, para um desenvolvimento da concentração no setor terciário e (menos) no secundário, com a necessária centralização demográfica nas cidades, cujos expoentes estão, como sempre estiveram, no litoral. Daqui resulta a chamada «desertificação do interior» ou «litoralização da demografia portuguesa», processo que torna defensável a tese de que o mapa dialetal português mudou radicalmente nas últimas décadas, como referiu Ivo Castro em entrevista recente [1]:

Em Portugal, há 50 anos, dizia-se que havia dialetos no Norte e no Sul do país que se distinguiam, e no Norte havia mais dialetos que se distinguiam uns dos outros. [...] Havia um panorama que foi cartografado, que é o mapa de dialetos de Lindley Cintra. Um mapa muito semelhante aos das regiões portuguesas de Orlando Ribeiro. São produtos da mesma época e que davam conta da situação nessa altura. Hoje em dia não há isso. Não há a mesma divisão entre Norte e Sul. Há, sim, divisão entre litoral e interior. E o litoral é constituído por uma espécie de megacidade onde vive quase toda a população portuguesa, que vem desde Viana do Castelo até ao Algarve com uma interrupção entre Sines e Lagos. Nesta megacidade predomina um superdialeto que é o português *standard* [...].

O mapa dialetal de Cintra, publicado em 1971 [2], reflete a visão tradicional de um país dividido em eixos horizontais: norte ~ sul e, consoante o caso e a perspetiva, centro. A visão de Castro, pelo contrário, reflete a visão, já transversal aos estudos do Homem (economia, geografia, etc.), de um Portugal hoje dividido em dois eixos verticais: litoral — onde está a larga maioria da população — e interior — despovoado, envelhecido e, também, empobrecido.

Na presente comunicação, verificaremos se se encontram já no último quartel do século XX evidências do *shift* geolinguístico referido por Castro. Analisaremos para tal um *corpus* exaustivo de fenómenos fonológicos e morfológicos/morfossintáticos dos dialetos portugueses do norte e do sul construído a partir dos materiais do Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza [3]. O *corpus* compreende um total de 157 fenómenos (109 fonológicos + 48 morfossintáticos) e será analisado dialetometricamente no quadro teórico-metodológico da chamada *Escola de Salzburgo*.

- [1] Castro, I. (2016): entrevista dada a Tânia Pinto Ribeiro para *Prelo*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, <http://prelo.incm.pt/2016/01/ivo-castro-em-entrevista-so-os-nao.html?m=1> (consulta: 24/01/2017).
- [2] Cintra, L. Lindley (1971): «Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses», *Boletim de Filologia* 22, 81-116.
- [3] Saramago, J. (2006): «O Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG)», *Estudis Romànics* 28, 281-298.
- [4] E.g. Goebel, H. (2012): «Introduction aux problèmes et méthodes de l'«École dialectométrique de Salzbourg»», em X. Álvarez Pérez, E. Carrilho & C. Magro (eds.), *Proceedings of the International Symposium on Limits and Areas in Dialectology (LimiAr)*. Lisboa: CLUL, 117-166.

## USO DEL PORTUGUÉS EN LA FRANJA OCCIDENTAL DE LA PROVINCIA DE HUELVA

**Ignacio López de Aberasturi Arregui**

Proyecto FRONTESPO – UAH / UGR

**David Rodríguez**

Proyecto FRONTESPO – UAH / Instituto da Lingua Galega – Universidade de Santiago de Compostela

En el ámbito rural del área rayana de Huelva (margen izquierda de los ríos Chanza y Guadiana) es posible todavía encontrar hablantes de portugués (y español), como se ha comprobado durante las encuestas dialectales que el proyecto Frontespo llevó a cabo en 2016 a lo largo de la raya hispano-portuguesa.

Se han grabado entrevistas a sujetos bilingües naturales de ocho municipios de dicha área: Paymogo, Puebla de Guzmán, El Almendro, El Granado, Sanlúcar de Guadiana (conocido también en el XV como Sanlúcar de Alcoutim), San Silvestre de Guzmán (donde, según los datos del *Atlas Lingüístico y Etnográfico de Andalucía*, el 40% de la población reconoce un origen portugués), Villablanca (fundada en el XVI por gentes de Portugal y de la vecina Dehesa de los Verdes) y Ayamonte (tomada a los árabes por Sancho II de Portugal, y donde, en los años anteriores a la guerra civil, los habitantes de procedencia lusa representaban el 15% del total). En estas grabaciones se pone de manifiesto que aún es usado el portugués en el ámbito doméstico por parte de muchos vecinos residentes en aldeas y *montinhos* de una zona que se extendía hasta la Aldea del Gallego (cerca del actual Rosal de la Frontera), destruida en 1642 durante la Guerra de la Restauración Portuguesa. Aunque ciudadanos españoles, se trata de descendientes de pastores, mineros y agricultores que se han ido asentando en la margen onubense de los citados ríos en oleadas que se remontan a varias centurias, y de las que acaso sea la de en torno a los años 20 del pasado siglo la última de la que se tiene más clara memoria, como parte de una dinámica migratoria bien conocida en la zona. En general, todos ellos son bilingües, reservan el español para su relación con extraños y/o para la interacción social en las cabeceras de municipio, a donde muchos han terminado trasladándose.

De esa pertenencia a ambos entornos culturales y nacionales (asistencia a fiestas al otro lado del río, contrabando) se deriva una notoria ambigüedad identitaria que adopta, desde un prisma lingüístico, la forma de fenómenos propios de las situaciones de lenguas en contacto (code-switching, interferencias mutuas entre variedades -dialectales y estándar-) en todos los planos de la lengua: elisión de consonantes finales y ceceo en las variedades locales de portugués, cierre de -o final y casos de infinitivo personal en el español local, entre otros.

Palabras-clave: bilingüismo; lenguas en contacto; frontera hispano-portuguesa.

Bibliografía:

ALVAR, M. (1963), "Portuguesismos en andaluz", en *Weltoffene Romanistik Festschrift Alwin Khun*. Innsbruck, 309-324.

BASTO, A. de Magalhães (1923), "A fronteira hispano-portuguesa (Ensaio de geografia política)", O Instituto, Coimbra, 70, nº 2, 57-69, 103-117 y 211-225.

MAIA, C. de Azevedo (1975-1978), "Os fálares do Algarve: inovação e conservación", RPF, 17, 37-205.

SANCHA SORIA, F. (2008), La Guerra de Restauración Portuguesa en la Sierra de Aroche (1640-1645), Huelva, Diputación Provincial.

VALCUENDE DEL RÍO, J. M. (1998), Fronteras, territorios e identificaciones colectivas. Interacción social, discursos políticos y procesos identitarios en la frontera sur hispano-portuguesa. Sevilla, Fundación Blas Infante.

## ÁREAS LÉXICAS NO NOROESTE PENINSULAR DESDE UNHA APROXIMACIÓN DIALECTOMÉTRICA

**Marta Negro Romero**

Instituto da Lingua Galega – Universidade de Santiago de Compostela

Os atlas lingüísticos constitúen unha excelente fonte para a realización de estudos que permiten coñecer a variación lingüística nos distintos niveis de análise, unha vez que rexistran nas súas cartas as variantes recorrentes en determinada área. Para o territorio peninsular contamos co *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica (ALPI)* (1934), unha das aspiracións máis importantes de Ramón Menéndez Pidal, coa que pretendía coñecer e deslindar variedades peninsulares do territorio ibero-romance. O *ALPI* ofrece numerosos datos organizados onomasioloxicamente, que permiten, por un lado, realizar análises puntuais de cada dominio e, polo outro, posibilitan a elaboración de estudos comparativos das diversas áreas.

A finalidade deste traballo é presentar os resultados da análise dialectométrica da distribución territorial no noroeste peninsular das variantes léxicas existentes no *ALPI* para designar un número significativo de conceptos. Concretamente, estudamos as denominacións rexistradas en 181 puntos de Galicia, norte de Portugal, Asturias, occidente leonés e norte de Cáceres. Esta área xa foi foco de atención dos primeiros estudos dialectolóxicos realizados a nivel peninsular, por convivir nela distintas variedades románicas, alén de existir unha gran diversidade lingüística.

Nun estudo previo de carácter cualitativo sobre léxico do corpo humano nesta mesma área, realizado en coautoría co profesor Xulio Sousa, verificamos que as áreas portuguesa e castelá son bastante compactas, mentres que a galega presenta unha maior variedade denominativa. A área astur-leonesa rexistra ou a mesma variación que a galega ou formas que lle son propias. De feito, nuns casos encontramos as mesmas denominacións que no territorio galego-portugués e noutros que no castelá, pero debido ao escaso número de mapas utilizados non puidemos concluír a súa integración nunha área lingüística ou noutra. Na análise realizada por Hans Goelb (2013) cos datos do volume publicado do *ALPI*, esta área presenta máis afinidades coa zona castelá. Con este estudo pretendemos identificar as áreas léxicas existentes no territorio seleccionado e mostrar as relacións de afinidade existentes entre elas.

Palabras-chave: Xeografía lingüística; léxico; *ALPI*; dialectometría.

Referencias bibliográficas:

ÁLVAREZ BLANCO, Rosario / Francisco Dubert García / Xulio Sousa (2006): "Aplicación da análise dialectométrica aos datos do Atlas Lingüístico Galego", en R. Álvarez / F. Dubert García / X. Sousa Fernández (eds.), *Lingua e territorio*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega / Instituto da Lingua Galega, 461-493.

ÁLVAREZ PÉREZ, Xosé Afonso (2015): "Isoglossas portuguesas nos materiais do *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica*: análise crítica da Nova Proposta de Lindley Cintra", *Zeitschrift für romanische Philologie*, 131 (1), 185-223.

FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, Inés (2011): *La lengua de Castilla y la formación del español*. Madrid: RAE.

GOELB, HANS (2013): “La dialectometrización del ALPI: rápida presentación de los resultados”, en Emilia Casanova Herrero / Cesáreo Calvo rigual (eds.), *Actas del XXVI Congreso internacional de Lingüística y de Filología Románicas*. Berlin / Boston: De Gruyter, 143-154.

TOMÁS NAVARRO, Tomás (ed.) (1931-1954): *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica* [material inédito].

## SESSÃO 2. VARIAÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA

### O APAGAMENTO DAS VOGAIS ÁTONAS FINAIS, [ɨ] E [ʊ], DIANTE DE CONSOANTE E DE PAUSA, A PARTIR DE DADOS DO ALEPG: CONTINENTE E ILHAS

**Maria do Carmo de Araújo Rolo**

Universidade Federal da Bahia

Este trabalho tem como objetivo verificar o fenômeno do apagamento das vogais [ɨ] e [ʊ] átonas em posição final de vocábulo, em localidades que compõem a rede de pontos do Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG). Foram selecionadas três localidades no Barlavento algarvio, ao Sul de Portugal: Praia da Salema, Vila do Bispo e Alvor; e três localidades na ilha de São Miguel, nos Açores: Mosteiros, Nordeste e Rabo de Peixe. Essa seleção tomou como referência, dentre outras pesquisas, o registro de ocorrência do apagamento em estudos como Maia (1975), Segura da Cruz (1987), Cintra (1983) e Bernardo (1991), além dos atlas linguísticos publicados. Esse estudo pauta-se em elocuições de falantes nativos das diferentes áreas contempladas, vinculando-se aos critérios de seleção previstos na metodologia geral do ALEPG e aos pressupostos da Teoria Variacionista (LABOV, 2008 [1972]). As ocorrências foram extraídas por meio de audição de seis inquéritos completos, considerando as respostas válidas fornecidas ao questionário. Do ponto de vista social, consideraram-se duas faixas etárias: 30 a 51 anos e 55 a 70. Da análise realizada, observou-se que a vogal [ɨ] favorece o apagamento nas localidades, com 82% de ocorrências, enquanto a sua correspondente [ʊ] alcança um percentual de 68%. Os dados levam a crer que os informantes mais velhos realizam mais apócopies. Esses resultados confirmam o apagamento documentado nas pesquisas e registrado como uma característica do falar da parte Ocidental do Barlavento do Algarve e dos Açores.

Palavras-chave: Apagamento; Dialectologia; Variação fônica; Vogais átonas finais.

Referências:

BERNARDO, M. C. R. *O falar da Bretanha*. 268 f. 1991. Tese (Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica) – Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 1991.

CINTRA, L. F. L. *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Coleção Nova Universidade. Linguística. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1983.

LABOV, William. *Padrões sociolingüísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

MAIA, C. A. *Os falares do Algarve* (Inovação e Conservação – com 32 mapas). Separata da Revista Portuguesa de Filologia. v. XVII, Tomos I e II. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Instituto de estudos Românicos, 1975.

SEGURA DA CRUZ, Maria Luisa. *A Fronteira Dialectal do Barlavento do Algarve*. 393 f. 1987. Dissertação (Investigador Auxiliar) – Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, 1987. v 1– Tese; v 2 – Cartas.

## VARIAÇÃO DE INTENSIDADE NA PRODUÇÃO DE VOGAIS: UMA COMPARAÇÃO ENTRE OS DIALETOS DE VITÓRIA DA CONQUISTA/BA, SALVADOR E TEÓFILO OTONI/MG

**Marian Oliveira**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Brasil, Programa de Pós-graduação em Linguística

**Vera Pacheco**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Brasil, Programa de Pós-graduação em Linguística

**Tássia Coelho**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

A presença ou ausência de vogais médias abertas na posição pretônica tem sido um grande marcador para a distinção dialectal, no território brasileiro. É muito comum associar o falar do nordeste do Brasil à presença dessas vogais médias abertas na sílaba pretônica. A divisão entre os falares, contudo, não é tão simples assim, pois podemos ter variações das vogais pretônicas intra e inter dialetos e essa ocorrência parece não ser específica dessa região. A presença ou não das vogais médias abertas em sílaba pretônica não é, contudo, o único delimitador dialectal. Como afirma Cunha (2000), variações dialetais também são marcadas prosodicamente e podem ocorrer com as demais vogais do sistema.

Essas variações dialetais prosodicamente marcadas podem ser atestadas na avaliação da configuração de padrões acústicos tais como  $F_0$ , intensidade e duração de sílabas tônicas e pretônicas. Nesse sentido, foi realizada análise discriminante da  $F_0$  de sílabas tônicas e pretônicas, nucleadas pelas vogais [a,i,u], produzidas por falantes de Vitória da Conquista (VC), realizada por Pacheco, Oliveira e Coelho (2016). Esta análise evidenciou diferenças dialetais nessas vogais do sistema fonológico, em sílabas tônicas ou pretônicas e mostrou que elas podem ser “coparticipantes de delimitação dialectal” e que Vitória da Conquista, cidade do interior da Bahia/Brasil, pode ter uma produção vocálica com delimitação própria, mas que “pode igualmente estender-se para um padrão mineiro ou baiano.” (PACHECO, OLIVEIRA E COELHO, 2016, p. 611-612).

Dessa forma, buscando investigar possíveis variações melódicas no dialeto de VC e em que medida este dialeto se aproxima ou se distancia dos dialetos de Salvador/BA e Teófilo Otoni/MG, analisamos a intensidade em sílabas tônicas e pretônicas nucleadas pelas vogais /a, i, u/. A partir de dados coletados com dois falantes de cada dialeto, por meio *Praat* (BOERSMAN; WEENICK, 2006), foi mensurada a intensidade no início, meio e final dessas vogais pretônicas e tônicas. A análise dos resultados da curva de intensidade nos permite afirmar que esse parâmetro acústico é realizado de forma diferente nas três cidades avaliadas, tanto na sílaba tônica quanto na pretônica para as três vogais investigadas.

Palavras-chave: Intensidade, Variação dialectal, Vogais.

Bibliografia:

- BOERSMA, P.; WEENINK, D. *Praat: doing phonetics by computer*. (Version 5.1.43) [Programa de computador]. 2006. Disponível em <http://www.praat.org/>.
- CUNHA, C. *Entoação Regional no Português do Brasil*. 2000. s.f Tese (Doutorado) Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro.
- PACHECO, Vera; OLIVEIRA, Marian; COELHO, Tássia. Salvador, Vitória da Conquista e Teófilo Otoni: cidades e falares diferentes? Uma análise discriminante da  $F_0$ . *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, vol.10, n.2, abr./jun. 2016, 590-615p.

## SESSÃO 3. SINTAXE, VARIAÇÃO E MUDANÇA

A VARIAÇÃO ENTRE *TER* E *HAYER* EM CONSTRUÇÕES EXISTENCIAIS NUMA VARIEDADE INSULAR DO PE (FUNCHAL)**Aline Bazenga**

Universidade da Madeira / CLUL

A sintaxe do português, tal como outros domínios do seu sistema, mudou ou longo do tempo. No entanto, algumas variedades do português europeu (PE), sobretudo insulares, exibem traços sintáticos não-padrão mais conservadores (Carrilho e Pereira, 2011; Segura, 2013; Martins, 2016), que resistiram à mudança ocorrida em variedades continentais, de que é exemplo o uso de *ter* em construções existenciais (*onde eu trabalho tem muita gente de idade*). O estudo que propomos, realizado no âmbito da Sociolinguística Variacionista (Weinreich, Labov & Herzog, 1968; Labov (1972), visa analisar as ocorrências de *ter* e de *haver* neste tipo de construções em amostras do PE falado no Funchal, selecionadas a partir do Corpus Sociolinguístico do Funchal (Bazenga, 2014). Os resultados apontam para valores significativos do uso da variante *ter* não-padrão - embora não tão expressivos quanto os observados em variedades do Português do Brasil (PB) ((Mattos e Silva, 2002; Avelar, 2006) - como também a influência de variáveis linguísticas (morfologia do verbo e traço semântico do N que integra o SN à sua direita) e sociais (género e nível de escolaridade dos falantes), em conformidade com o observado em trabalhos similares, realizados no âmbito das variedades do PB.

Palavras-chave: variação *ter/haver* em construções existenciais; sociolinguística variacionista; variedade do PE falado no Funchal; ilha da Madeira.

## Referências bibliográficas:

- AVELAR, J. (2006). De verbo funcional a verbo substantivo: uma hipótese para a supressão de *HAYER* no português brasileiro”. *Letras de Hoje*, 143, 49-74.
- CALLOU, D. & J. Avelar (2012). Preservação e mudança na história do português: de possessivo a existencial. *Matraga*, Rio de Janeiro, v.19, n.30, 224-235.
- CARRILHO, E. & S. Pereira (2011). Sobre a distribuição geográfica de construções sintáticas não-padrão em português europeu. In: XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística (Anais), Lisboa, APL, 2011, pp. 125-139.
- LABOV, W. (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: U. of Pennsylvania Press
- MATTOS E SILVA, R. V. (2002). Vitórias de *ter* sobre *haver* nos meados do século XVI: usos e teorias em João de Barros. In R. V. Mattos e Silva & A. Venâncio Filho. *O Português Quinhentista – Estudos Lingüísticos*. Salvador: EDUFBA/UEFS, pp. 121-142.
- MARTINS, A. M. (2016). O Português numa perspetiva diacrónica e comparativa. In Martins, A.M & E. Carrilho (eds). *Manual de linguística portuguesa*. De Gruyter, pp. 1-40.
- SEGURA, L. (2013). Variedades dialetais do Português Europeu. In E. B. P. Raposo et. Al. *Gramática do Português*. Vol.I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian pp. 85-142.
- WEINREICH, U., W. Labov & M. Herzog (1968). *Empirical foundations for a theory of language change*. In W. Lehmann & Y. Malkiel (eds.), *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 97-195.

## CONSTRUÇÕES DE *SE* NO PORTUGUÊS EUROPEU E NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: ANÁLISE SOCIOLETOMÉTRICA DA CONVERGÊNCIA OU DIVERGÊNCIA DIACRÔNICA

**Augusto Soares da Silva**

Universidade Católica Portuguesa – Braga

**Dafne Palú**

Universidade Católica Portuguesa – Braga

O presente estudo ocupa-se das construções de *se* no âmbito da investigação sobre convergência e divergência entre Português Europeu (PE) e Português Brasileiro (PB) ao longo dos últimos 70 anos. As duas variedades nacionais diferem significativamente no uso das construções com o clítico *se* (Martins & Nunes 2016). O PE utiliza frequentemente a construção de *se* passivo, como (1), e a construção de *se* impessoal, como (2). Pelo contrário, o PB tende a evitar o clítico, quer o *se* acusativo da construção passiva quer o *se* nominativo da construção impessoal, como (3). O apagamento do clítico *se*, mais acentuado no registo coloquial, tem sido atribuído à perda em curso dos clíticos no PB. Como alternativa, o PB utiliza nestes contextos formas pronominais nominativas, como *você*, *a gente* e *nós*, em vez da construção de *se* impessoal, como (4), o que tem sido atribuído à perda do sujeito nulo no PB (Duarte 1995, Kato 1999, Barbosa *et al.* 2001, Duarte *et al.* 2001).

- (1) *Vendem-se casas.*
- (2) *Vende-se casas.*
- (3) *Vende casa(s).*
- (4) *A gente vende casa(s).*

Com base num *corpus* de textos portugueses e brasileiros das décadas de 50, 70, 90 e 2010, de diferentes registos (jornais, blogues, fala espontânea), desenvolveremos uma análise socioletométrica das construções de *se* para medir a relativa (dis)similaridade entre as duas variedades nacionais nas dimensões geográfica, social, estilística e histórica. Serão identificados os fatores conceptuais, estruturais e letais da variação construcional das construções de *se* em PE e PB. O presente estudo sobre variação construcional representa, assim, uma extensão dos estudos socioletométricos sobre convergência e divergência lexical entre PE e PB (Silva 2010). Analisaremos os perfis semasiológicos e onomasiológicos das construções de *se* e utilizaremos medidas de uniformidade e de traços para calcular a convergência/divergência diacrónica e a distância sincrónica entre PE e PB.

Palavras-chave: construções de *se*; variação construcional; socioletometria; perfil; PE/PB.

Referências:

- BARBOSA, P., M. Kato & M. E. Duarte (2001). A distribuição do sujeito nulo no português europeu e no português brasileiro. In C. Correia & A. Gonçalves (eds.), *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 539-550.
- DUARTE, M. E. (1995). *A Perda do Princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro*. Tese de Doutoramento. Campinas: UNICAMP.
- DUARTE, M. Eugênia, Mary Kato & Pilar Barbosa (2001). Sujeitos indeterminados em PE e PB. *Anais do II Congresso Internacional da ABRALIN*, 405-409.
- KATO, Mary (1999). Strong and weak pronominals and the null subject parameter. *Probus* 11: 1-37.
- MARTINS, A.M. & J. Nunes (2016). Passives and *se* constructions. In W.L. Wetzels, S. Menuzzi & J. Costa (eds.), *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Oxford: Blackwell, 318-337.
- SILVA, A. S. (2010). Measuring and parameterizing lexical convergence and divergence between European and Brazilian Portuguese. In D. Geeraerts, G. Kristiansen & Y. Peirsman (eds.), *Advances in Cognitive Sociolinguistics*. Berlin/New York: De Gruyter, 41-83.

**“EU NÃO FALO O NÃO DUAS VEZES NÃO”: A PERCEPÇÃO DA NEGAÇÃO NO PORTUGUÊS FALADO NO MARANHÃO**

**Flávia Serra**

Universidade Federal do Maranhão

**Conceição Ramos**

Universidade Federal do Maranhão

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa mais ampla, de caráter sociolinguístico, que vem sendo desenvolvida como dissertação de mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão/ PGLetras UFMA, intitulada “Eu não digo NÃO duas vezes não’: a dupla negação no português falado no Maranhão”, que objetiva (i) investigar a expressão da dupla negação no português falado no Maranhão, estado do Nordeste Brasileiro, e (ii) o nível de consciência linguística dos falantes, avaliando mais precisamente seus níveis de segurança e insegurança linguísticas. A pesquisa está ancorada nos estudos de Roncarati (1996), Rocha (2013) e Furtado da Cunha (2003) acerca das construções negativas no português brasileiro (PB); e de Labov (2006), López Morales (2004) e Moreno Fernández (2009) sobre consciência e atitude linguísticas. O corpus da pesquisa foi constituído com base nos dados de fala de informantes naturais de São Luís, capital do Estado, coletados por meio de entrevistas realizadas com auxílio de um Roteiro Etnolinguístico e Testes de Produção e Percepção para que pudessem ser verificados os níveis de consciência linguística dos falantes. Considerando que o PB possibilita a realização de três estruturas diferentes para expressão da negação – negação pré-verbal, dupla negação e negação pós-verbal -, busca-se com este trabalho, recorte da dissertação de mestrado, observar quais contextos permitem a realização dessas estruturas, bem como os fatores linguísticos, sociais e discursivo-pragmáticos que condicionam a realização das variantes. A análise prévia dos dados aponta que: (i) as mulheres tendem a perceber mais diferenças entre as variantes; (ii) os homens e as pessoas de baixa escolaridade demonstram ter um nível menor de consciência linguística; e (iii) as pessoas mais idosas apresentam um nível maior de insegurança linguística.

Palavras-chave: Português Maranhense; Consciência Linguística; Negação.

Bibliografia:

FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Editorial Ariel, 2009.

FURTADO DA CUNHA, Maria A. Variação e mudança das estratégias da negação. In: *ABRALIN: Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*. v. 1; 1979 Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, 2001.

LABOV, William. *Principios del Cambio Lingüístico: factores sociales*. v. 2. Madri: Gredos, 2006.

MORALES, Humberto L. *Sociolingüística*. Madri: Gredos, 2004.

ROCHA, Rafael S. *A negação dupla no português paulistano*. 2013. 87 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2013.

RONCARATI, Claudia. A negação no Português falado. In: MACEDO, Alzira T.; RONCARATI, Claudia; MOLLICA, Maria C. (Orgs.). *Variação e Discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 97-111.

## SESSÃO 4. VARIAÇÃO, CONTEXTOS E RECURSOS

### UM (DOS) CONTEXTO(S) HISTÓRICO(S) DO SUL PARANAENSE: A VOZ DE POLONO-BRASILEIROS SOBRE SUA LÍNGUA E CULTURA

**Ivelã Pereira**

Universidade Federal de Santa Catarina

**Loremi Loregian-Penkal**

UNICENTRO (campus Irati)

Considerando a expressiva imigração polonesa no estado do Paraná (sul do Brasil), esta investigação procura refletir sobre as percepções linguísticas e históricas de polono-brasileiros do sul desse estado, com base em 2 entrevistas de sujeitos nascidos e residentes na cidade de Quedas do Iguaçu – PR (antiga “Iagoda”), as quais são constituintes do banco VARLINFE (UNICENTRO – campus Irati). O polonês – língua materna de tais informantes – é considerada uma língua minoritária no Brasil, e muitos descendentes restringiram seu uso por questões históricas de interdição. O objetivo principal desta pesquisa, portanto, é depreender as dificuldades encontradas pelos sujeitos entrevistados (e antepassados) em sua inserção na sociedade brasileira, levando em conta as variadas esferas sociais em que convivem e a (não) consideração do pluralismo linguístico e cultural do Brasil ao longo da história. Para tanto, fundamentamo-nos em: Calvet (2007 [1996]), Altenhofen (2007, 2013), Maher (2013), Oliveira (2000), Delong e Kersch (2014), Wachowicz (1981, 1995), Polanczyk (2010), Urban e Urban (2004), bem como em outros teóricos dedicados a pesquisas nas áreas de história, sociolinguística e políticas linguísticas. A partir de uma metodologia qualitativa, foram transcritos e analisados trechos em que os informantes relatam situações de interação social envolvendo outras etnias e os empecilhos encontrados nesse processo. Acreditamos que, com base em tais depoimentos e reflexões feitas a partir disso, será possível pensar estratégias de propagação do pluralismo linguístico e cultural, além de contribuir para a construção da história e para a manutenção da língua desses imigrantes tão representativos ao Paraná e ao Brasil.

Palavras-chave: Plurilinguismo; História do Paraná; Imigração; Polono-brasileiros.

Referências:

ALTENHOFEN, Cléo V. As línguas de imigração no contato com o português no Brasil. In: *Encuentro Internacional de Investigadores de Políticas Lingüísticas. (Córdoba: 2007) Atas...* Córdoba: Asociación de Universidades Grupo Montevideo; Núcleo Educación para la Integración ; Universidad de Córdoba, 2007. p. 73-78.

ALTENHOFEN, Cléo V. Bases para uma política linguística de línguas minoritárias no Brasil. In: NICOLAIDES, Christine; SILVA, Cléber Aparecido da; TILIO, Rogério; ROCHA, Claudia Hilsdorf. *Política e Políticas Linguísticas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013, p. 93-116.

CALVET, Louis-Jean. *As políticas lingüísticas*. São Paulo: Parábola Editorial; IPOL, 2007 [1996].

DELONG e KERSCH (2014). *Perfil de descendentes de poloneses residentes no sul do Brasil: a constituição da(s) identidade(s)*. Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/viewFile/26418/15193>. Acesso em 10 de jan. de 2017.

MAHER, Terezinha Machado Maher. Ecos de Resistência: Políticas Linguísticas e Línguas Minoritárias no Brasil. In: NICOLAIDES, Christine; SILVA, Cléber Aparecido da; TILIO, Rogério; ROCHA, Claudia Hilsdorf. *Política e Políticas Linguísticas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013, p. 117-134.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. Brasileiro fala português: monolinguismo e preconceito lingüístico. IN: SILVA, Fábio Lopes da; MOURA, Heronides Maurílio de Melo (orgs.). *O direito à fala: a questão do preconceito lingüístico*. Florianópolis: Insular, 2000. p. 83-92.

POLANCZYK, A. J. *O imigrante polonês e a colônia Guarany*. Porto Alegre: Renascença: Edigal, 2010.

WACHOWICZ, R.C. *O camponês Polonês no Brasil*. Curitiba: Fundação Cultural, Casa Romário Martins, 1981.

WACHOWICZ, R. C. *História do Paraná*. 7. ed. Curitiba: Vicentina, 1995.

## ANÁLISE DIALETOMÉTRICA DO ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL

**Fernando Brissos**

Centro de Linguística, Universidade de Lisboa

**João Saramago**

Centro de Linguística, Universidade de Lisboa

O Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) [1] compreende, como o seu título indica, aspetos tanto lingüísticos como etnográficos referentes aos três estados da tradicionalmente designada região sul do Brasil, tendo uma rede de pontos de inquérito composta por 275 localidades: 100 no Paraná, 80 em Santa Catarina e 95 no Rio Grande do Sul; trata-se de um projeto inovador precisamente por não se limitar ao estudo geolingüístico de um só estado. Conta com três tipos de questionário, totalizando 711 questões — 26 no Questionário Fonético-Fonológico, 75 no Questionário Morfossintático e 610 no Questionário Semântico-lexical —, sendo que cada localidade da rede está representada por 2 informantes com 28 a 58 anos de idade e escolaridade reduzida. É portanto um projeto que permite produzir uma descrição eficiente do estado de língua atual da região sul do Brasil.

Nesta comunicação, procederemos a uma análise dialetométrica exaustiva da variação lexical contida no ALERS. A abordagem dialetométrica explica-se por duas razões: (i) a dialetometria é o ramo da dialetologia especializado na análise de atlas lingüísticos, tendo surgido, nos anos 1970, precisamente como ferramenta de aproveitamento do enorme volume de dados que esses atlas proporcionam [2]; (ii) aproveitamento esse que pode ser feito de forma eficaz devido à metodologia de base *métrica* e quantitativa que a dialetometria sempre adotou (i.e. uma metodologia que aplica procedimentos matemático-estatísticos elaborados a um conjunto de dados medidos com índices numéricos totalmente uniformes e replicáveis). Enquadrar-nos-emos na proposta teórico-metodológica da chamada *Escola de Salzburgo* [3], com uma exceção: utilizaremos, sempre que existam, respostas múltiplas por ponto de inquérito, procedimento extremamente útil em dialetologia românica que é possibilitado pela ferramenta informática adotada, o *software* Diatech.

A metodologia utilizada foi já testada com sucesso em análise também lexical de dialetos portugueses por Brissos, Gillier & Saramago [5]. O presente estudo é, desse modo, uma extensão de trabalho prévio realizado sobre dialetos lusófonos, que permitiu levar a cabo as primeiras propostas de classificação dialetal dos dialetos madeirenses e açorianos (sistema insular português). Permitirá introduzir os métodos de análise dialetométrica no caso brasileiro, que tem trazido recentemente a lume uma densidade de dados assinalável, sugerindo, por isso, a revisão há muito pedida na classificação dos dialetos brasileiros.

[1] ALTENHOFEN, C. & M. S. KLASSMANN (orgs.) (2011): *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil. Cartas semântico-lexicais*. Porto Alegre: UFRGS / Florianópolis: UFSC.

[2] Veja-se e.g. GOEBL, H. (1984): *Dialektometrische Studien. Anhand italo-romanischer, rätoromanischer und galloromanischer Sprachmaterialien aus AIS und ALF*. 3 vols. Tübingen: Niemeyer.

- [3] E.g.: GOEBL, H. (2006): «Recent advances in Salzburg dialectometry», *Literary and Linguistic Computing* 21(4), 411-435.
- [4] AURREKOETXEA, G. *et al.* (2013): «'DiaTech': A new tool for dialectology», *Literary and Linguistic Computing* 28(1), 23-30.
- [5] BRISSOS, F., R. GILLIER & J. SARAMAGO (2016a): «O problema da subdivisão da variedade dialetal madeirense: estudo dialetométrico da variação lexical», *Textos Seleccionados. XXXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto: FLUP/APL, 31-47; BRISSOS, F., J. SARAMAGO & R. GILLIER (2016b): «Variação lexical açoriana: estudo dialetométrico do Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores». Submetido.

## O LÉXICO NO CONTINUUM RURAL-URBANO BRASILEIRO: A CONTRIBUIÇÃO DO ATLAS LINGUÍSTICO DO MARANHÃO AOS ESTUDOS LEXICAIS

**Conceição Ramos**

Universidade Federal do Maranhão

**José Mendes Bezerra**

Universidade Federal do Maranhão

Este estudo é parte de uma pesquisa mais ampla desenvolvida no Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), no âmbito dos estudos semântico-lexicais, que busca examinar itens do Questionário Semântico-Lexical que remetem direta ou indiretamente ao mundo rural. Mais particularmente, objetiva-se verificar se referentes considerados mais tipicamente característicos do universo rural fazem parte do repertório linguístico-cultural ativo dos falantes inseridos na zona urbana. O estudo encontra sua motivação na ideia de que a transição de uma sociedade de base eminentemente agrária, com traços ainda nitidamente patriarcais, em que a vida girava em torno dos engenhos e do senhor rural, para uma de base industrial ocasionou mudanças significativas na realidade sócio-espacial do País, afetando, conseqüentemente, a língua em uso e contribuindo para as transformações pelas quais passa o português em sua vertente brasileira. Fundamentado nos pressupostos teórico-metodológicos da Dialectologia Pluridimensional (CARDOSO, 2010, e ELIZAINCÍN, 2010), este estudo objetiva examinar a variação denominativa nos eixos diatópico, diageracional e diagenérico na fala de maranhenses, com foco no possível polimorfismo, no continuum rural-urbano, continuum aqui entendido segundo Reis (2006). Os dados examinados, obtidos por meio da aplicação de questionários, fazem parte do corpus do ALiMA, gravado em 18 pontos representativos das cinco mesorregiões maranhenses, coletado in loco a 76 informantes naturais da localidade investigada, divididos equitativamente entre os dois sexos e duas faixas etárias. Apenas na capital, São Luís, foram considerados dois níveis de escolaridade – fundamental incompleto (até o 5º ano) e superior completo – e um total de oito informantes. Nos demais municípios são considerados apenas quatro informantes por localidade, todos com o ensino fundamental. Para este estudo, fez-se um recorte que contempla apenas onze pontos linguísticos – São Luís, Alto Parnaíba, Araíoses, Bacabal, Balsas, Brejo, Carolina, Imperatriz, Pinheiro, Tuntum e Turiaçu, o que equivale a examinar os dados de quarenta e oito informantes concernentes à variação denominativa para os seguintes itens: via láctea, cangalha, borrego e boi sem chifre, pertencentes, respectivamente, aos campos semânticos astros e tempo e atividades agropastoris. A análise dos dados evidencia que os referentes mais tipicamente característicos de zonas interioranas e, portanto, menos presentes no universo da capital, não fazem parte do repertório linguístico ativo dos falantes, notadamente dos mais jovens.

Palavras-chave: Português Falado no Maranhão; Léxico; Variação Denominativa.

## Bibliografia:

- CARDOSO, Suzana Alice. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- ELIZAINCÍN, Adolfo. Socio y geolingüística: nueva alianza en los estudios sobre el uso lingüístico. *Estudos: Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 41, p. 13-28, jan./jun. 2010.
- REIS, Douglas Sathler dos. *O rural e urbano no Brasil*. Caxambu, 2006, p. 1-13. Disponível em: <[www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006\\_777.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_777.pdf)> Acesso em: 27 nov. 2013.

## ARTES DE PESCA NA ILHA DE ITAPARICA: ESTUDO LÉXICO-SEMÂNTICO E SOCIODIALETAL

**Evanice Ramos Lima Barreto**

Universidade Federal da Bahia

O presente trabalho tem por objetivo apresentar os resultados da pesquisa desenvolvida no Doutorado Acadêmico, na Linha Variação da Língua Portuguesa, na Área Linguística Histórica, para a elaboração da tese intitulada “Artes de pesca na Ilha de Itaparica: estudo léxico-semântico e sociodialetoal”, defendida através do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, na Universidade Federal da Bahia. O estudo de caráter descritivo objetivou registrar e analisar o léxico empregado na pesca artesanal na Ilha de Itaparica, com base nos pressupostos que norteiam a Dialetoologia, a Sociolinguística, a Lexicologia e a Lexicografia. Para tanto, foram consideradas as variáveis extralinguísticas e a inclusão dos itens lexicais em dicionários gerais e etimológicos da língua portuguesa. Para a constituição do corpus, foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos: seleção de trinta e seis informantes (pescadores), de ambos os sexos, naturais de Itaparica e Vera Cruz (municípios que compõem a Ilha de Itaparica, na Bahia) ou residentes neles há, pelo menos, um terço de sua vida, distribuídos em três faixas etárias: 20 a 30, 35 a 55 e mais de 60 anos; aplicação de um questionário linguístico com perguntas que contemplam os diferentes aspectos da atividade pesqueira, desde a preparação dos apetrechos até a venda do pescado; identificação das lexias peculiares à pesca através do programa WordSmith Tools 4.0, a partir da fragmentação dos dados. A fim de proceder à análise léxico-semântica e sociodialetoal, bem como à elaboração do vocabulário, os itens levantados foram organizados em seus respectivos campos lexicais, sob a perspectiva de Coseriu (1967). De acordo com o autor, a análise estrutural do vocabulário deve determinar o campo lexical dentro de estruturas lexemáticas, em que os lexemas integram um sistema de oposições. Assim, define o campo lexical como um paradigma constituído de itens lexicais de conteúdo que compartilham de uma zona de significação contínua e se encontram em oposição imediata uns com os outros. Através da análise léxico-semântica dos itens reunidos em seus respectivos campos lexicais e da observação dos fatores extralinguísticos, verificou-se que o léxico da pesca na Ilha de Itaparica se constitui de formas já consagradas no uso geral da língua; de lexias já existentes, cujos significados foram ampliados no processo de reelaboração lexical; de formas dicionarizadas com o mesmo sentido; e de formas dicionarizadas com acepção diferente daquela documentada na comunidade. Compõe-se de lexias simples, compostas e complexas, apresentando variações em nível fonético, lexical e morfossintático. Os resultados evidenciaram aspectos históricos, culturais e sociais da localidade, demonstrando a importância da pesca para a construção de um léxico específico e para a identidade dos indivíduos envolvidos nessa atividade.

## SESSÃO 5. VARIAÇÃO MORFOFONOLÓGICA E MORFOSSINTÁTICA

### VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA VERBAL DE *NÓS* NO PRESENTE E PRETÉRITO PERFEITO EM VERBOS REGULARES DE 1.<sup>a</sup> E 2.<sup>a</sup> CONJUGAÇÃO NO SUDESTE PARANAENSE

**Ivelã Pereira**

Universidade Federal de Santa Catarina

Esta pesquisa trabalha com a variação morfêmica na P4 (*nós*) em verbos regulares de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> conjugação, com vistas à descrição e análise das formas canônicas e não canônicas – como *-a-mo(s)* versus *-e-mo(s)*, além de *-e-mo(s)* versus *-i-mo(s)* – na mesorregião sudeste do Paraná (estado da região Sul do Brasil). A fundamentação teórica é constituída por Labov (2008 [1972]; 1994), Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), Bortoni-Ricardo (2011), Amaral (1976 [1920]), Câmara Junior ([1970]), Castilho (1992), Guy (2001), Vasconcelos (1970 [1901]), Pereira (2014), entre outros. Foi utilizada metodologia quantitativa, analisando-se dados de fala (pertencentes ao banco VARLINFE) em cidades do sudeste do Paraná. Por meio dos resultados obtidos, foi possível confirmar a hipótese de produtividade das variantes não canônicas nessa região (sobretudo na 2.<sup>a</sup> conjugação) em contraposição, por exemplo, ao uso não (*tão*) recorrente em outras regiões – como apontara a pesquisa de Pereira (2014) em Florianópolis – SC.

Palavras-chave: Sociolinguística; Variação linguística; Sudeste do Paraná; Concordância Verbal.

Referências:

- AMARAL, A. *O dialeto caipira*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1976 [1920].
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- CÂMARA JUNIOR, J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2010 [1970].
- CASTILHO, A. T. de. O Português do Brasil. In: ILARI, R. *Linguística Românica*. São Paulo, Ática, p. 237-285, 1992.
- COSTA, I. B. *O verbo na fala de camponeses: um estudo de variação*. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Campinas: Campinas, 1990.
- COUTINHO, I. de L. *Gramática histórica*. 7.ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1974, p. 150-165, 1974.
- FROSI, V.; MIORANZA, C. *Dialetos italianos*. Caxias do Sul: EDUCS, 1983.
- GUY, G. *As comunidades de fala: fronteiras internas e externas*. In: II Congresso internacional da Abralín. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2001.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LABOV, W. *Principles of linguistic change: Internal factors*. Cambridge: B. Blackwell, 1994.
- PEREIRA, Ivelã. *Cuidamo(s) e cuidemo(s): a variação morfêmica na p4 em verbos regulares de 1ª conjugação*. *Revista Working Papers*, v. 2, n. 14, p. 49-71, Florianópolis, ago/dez. 2014.
- SILVESTRE, J. C. C. *Sociolinguística Histórica*. Madrid: Editorial Gredos, 2007.
- VASCONCELOS, J. L. de. *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1970 [1901].
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

## DA DIVERSIDADE DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: A QUESTÃO DA MARCAÇÃO MORFO-FONOLÓGICA DE NÚMERO/PESSOA NA FALA GURUTUBANA

**Eunice M. D. Nicolau**

Universidade Federal de Minas Gerais

**Maria do Socorro Vieira Coelho**

Unimontes

A presente reflexão trata da marcação morfo-fonológica de número/pessoa nas formas verbais do português do Brasil (PB), focalizando a variedade linguística falada pelos gurutubanos (descendentes étnicos da comunidade quilombola do Território Gurutubano, Centro-norte de Minas Gerais). Essa reflexão parte do fato de essa marcação figurar entre os fenômenos registrados por Coelho (2010), que defende a existência de traços específicos de “um falar de área rural gurutubana: o português brasileiro gurutubano”. É que, há quase um século, os paradigmas verbais do PB vêm se mostrando afetados por simplificações resultantes de: redução do sistema pronominal (perda das segundas pessoas - algumas comunidades, como do Rio de Janeiro, preservam o **tu**, embora sem uso de marca de segunda pessoa: “tu **vai**”); alternância de formas com marcas morfo-fonológicas de presente do indicativo e de presente do subjuntivo: “talvez ele venha/talvez ele **ven**”; ausência de marcas de flexão decorrente, parcial ou totalmente, da ação de regra variável de concordância verbal (ele come/eles come; ele chegou/eles **chegou**). Essas abordagens incluem a da fala da microrregião Sanfranciscana de Januária (MG), realizada por Assis Veado (1980), cuja conclusão aponta o dialeto rural em pauta contando com apenas duas flexões verbais em relação às suas pessoas: uma referente à pessoa do falante exclusivo (P<sub>1</sub>) e outra excluindo a pessoa do falante exclusivo (P<sub>2</sub>), referindo-se à(s) pessoa(s) não-falante(s); além disso, essas flexões não implicam oposição singular/plural, mas, nos casos do sujeito com traço de plural, é atribuída ao verbo determinada flexão que, embora não-marcada quanto ao número, é escolhida em razão desse sujeito, ou seja, em oposição à forma flexional P<sub>1</sub> (eu pranto **mio** x *nóis pranta mio*, *ele pranta mio*, *eles pranta mio*). Considerando essa conclusão, a presente reflexão toma como objeto a marcação morfo-fonológica de número/pessoa no PB, buscando:

(1) mostrar que, na fala gurutubana, as formas verbais exibem marcas diferentes das tradicionalmente previstas e, inclusive, das encontradas em dialetos do PB, como o dialeto rural acima referido (eu **achi** ...; ieu **cresei**... **figuí** moça...), mas tais marcas não configuram inovações;

(2) verificar se a simplificação dos paradigmas verbais do “português brasileiro gurutubano” revela como resultado a mesma estrutura paradigmática do dialeto rural de Januária/MG; ou seja, verificar se, no PB, a simplificação dos paradigmas verbais das áreas rurais apontam para uma mesma direção.

Palavras-Chave: Sociolinguística; português gurutubano; flexão; paradigmas verbais.

Bibliografia:

ASSIS VEADO, Rosa M. *Comportamento linguístico do dialeto rural*. Belo Horizonte, UFMG, Dissertação de Mestrado, 1980.  
COELHO, Maria do Socorro Vieira. *Os gurutubanos: língua, história e cultura*. Belo Horizonte, PUC Minas, Tese de Doutorado, 2010.

## A PERCEÇÃO SUBJETIVA DO IMPERATIVO POR FALANTES DO PORTUGUÊS DE SALVADOR-BA

**Lanuza Lima Santos**

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia

A expressão variável do imperativo, *cante* (variante subjuntiva) ~ *canta* (variante indicativa) é, no português da Bahia, um traço contrastivo entre variedades do interior e da capital do estado (SANTOS, 2016). Tal quadro constitui-se, possivelmente, o resultado de um processo histórico de formação dos falares baianos. Diante a necessidade de se reunir elementos que contribuem com a caracterização e compreensão desse importante fenômeno na Bahia, este trabalho investiga a dimensão subjetiva da variação. A partir da análise da avaliação do modo imperativo entre falantes com grau médio de escolarização da cidade de Salvador-Ba, capital do Estado, levantam-se, por meio de testes linguísticos, as seguintes questões: i) quais os contrastes entre o padrão de produção e o padrão de avaliação do imperativo entre os usuários do português da Bahia?; ii) como o contexto discursivo-pragmático atua sobre a escolha das variantes do imperativo?; iii) como os falantes avaliam as formas de acordo com o paradigma normativo? Os testes produzidos e aplicados aos participantes da pesquisa buscaram atender objetivos específicos que motivaram a execução em três etapas: i) *testes de produção monitorada*; ii) *testes de adequação*; (iii) *testes de identificação normativa*. Os resultados apontam que o padrão empregado pelos sujeitos revela conformidade com o padrão geral subjuntivo (*cante*) do português de Salvador, 77% para a norma culta (SAMPAIO, 2001); 74% norma popular (SANTOS, 2016). A análise da seleção das variantes nas diferentes situações comunicativas demonstrou a atuação convergente de dois fatores, a *relação com o interlocutor* e a *gradação semântica*. As formas indicativas se mostraram mais positivamente avaliadas nos contextos que envolvem uma relação de mais respeito e polidez com o interlocutor, a saber, os contextos em que o interlocutor é superior ao falante e os comandos mais brandos. No que toca à identificação do padrão normativo, as formas subjuntivas (*cante*), padrão entre os falantes analisados e norma geral de Salvador, são avaliadas pelos sujeitos como a opção mais correta.

Palavras-chave: Imperativo; Português da Bahia; Testes de avaliação.

Referências:

- JESUS, Étel Teixeira de. *O Nordeste na mídia e os estereótipos linguísticos: estudo do imperativo na novela Senhora do destino*. 2006. 144 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Brasília: Brasília, 2006.
- REIS, Mariléia da Silva. *Atos de fala não declarativos de comando na expressão do imperativo: a dimensão estilística da variação sob um olhar funcionalista*. 2003. 216 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.
- SAMPAIO, Dilcélia Almeida. *Modo imperativo: sua manifestação/ expressão no português contemporâneo*. 2001. 214 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras da UFBA, Salvador, 2001.
- SANTOS, Lanuza Lima. 2016. 319 f. Tese (Doutorado em língua e cultura) Instituto de Letras da UFBA, Salvador, 2016.

## SESSÃO 6. VARIAÇÃO LEXICAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

### AS VARIANTES LEXICAIS PARA A BRINCADEIRA "CAMBALHOTA" NA ÁREA DO FALAR NORDESTINO

**Silvana Ribeiro**

Universidade Federal da Bahia

**Grazielle Ferreira da Silva Santos**

Universidade Federal da Bahia – PPGLinC

Este trabalho é fruto do projeto de pesquisa: Descrevendo o *Falar Nordestino*. Realizou-se durante três anos (2013-2016), e proporcionou a descrição parcial da realidade linguística do português falado no Brasil, com ênfase na diversidade linguística e no léxico específico de jogos e diversões infantis. O estudo busca, sobretudo, descrever a variação diatópica, bem como identificar regiões dialetais brasileiras, em especial a área do *Falar Nordestino*, descrita por Antenor Nascentes em 1953. O estudo em causa fundamenta-se nos pressupostos teóricos da Dialectologia e Geolinguística pluridimensional. O *corpus* deste trabalho foi obtido junto ao Banco de Dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Projeto ALiB (dados coletados por meio dos itens presentes no Questionário Semântico-lexical – QSL). A metodologia adotada para a pesquisa é a estabelecida pelo ALiB: quatro informantes inquiridos em localidades do interior e oito informantes em capitais, os quais estão estratificados por sexo, faixa etária e escolaridade. A faixa etária contempla dois falantes mais novos e dois mais idosos. Os mais novos estão na faixa etária I (18 a 30 anos) e os mais idosos estão na faixa etária II (50 a 65 anos). No que diz respeito à escolaridade, o Projeto ALiB adotou o seguinte parâmetro: quatro falantes com ensino fundamental incompleto para todas as localidades (interior e capital). Complementarmente, nas capitais, são entrevistados mais quatro informantes com nível universitário. A pesquisa possibilitou a análise de sete dos nove estados do nordeste brasileiro (MA, PI, CE, RN, PB, PE e AL) e as 13 questões do QSL – seção Jogos e diversões infantis. Nesta comunicação, apresentam-se os resultados alcançados para a questão 155 do QSL, que busca apurar as formas de nomear “a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado” (COMITÊ... 2001, p.34),” (COMITÊ NACIONAL... 2001, p.34). Documentaram-se várias lexias para designar o conceito em estudo, tais como: “cambalhota”; “bunda canastra”; “carambela”; cambute”, dentre outras, revelando traços específicos do *Falar Nordestino*.

Palavras-chave: áreas dialetais; cambalhota; léxico; interior e capital.

Referências:

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil: questionário* 2001. Londrina: Ed. UEL, 2001.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2.ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do “Falar Baiano”*. 2012. 752f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Bahia, Salvador.

## VARIAÇÃO LEXICAL PARA O OBJETO QUE FICA NAS PAREDES E SERVE PARA ACENDER A LÂMPADA: O QUE REVELA O ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL

**Hélen Cristina da Silva**

Universidade de Santiago de Compostela

**Fabiane Cristina Altino**

Universidade Estadual de Londrina

Este trabalho de cunho geossociolinguístico tem por finalidade apresentar os resultados obtidos para a questão n.º.175 (como se chama o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada) constituinte do Questionário-Semântico-Lexical (QSL) do Atlas Linguístico do Brasil ALiB (CARDOSO et al., 2014). Para tanto, descrevemos e analisamos o corpus formado pelas respostas coletadas nas 250 localidades investigadas pelo atlas, perfazendo o total de 1.100 informantes estratificados por sexo, idade (faixa I: 18-30; faixa II: 50 a 65 anos) e por escolaridade (no caso das capitais). Com base nesse material, ainda inédito do ALiB, procedemos à distribuição diatópica das variantes por meio de cartas linguísticas, bem como à análise dos fatores extralinguísticos que podem influenciar nos resultados. Ademais, buscamos a dicionarização dos itens registrados em Moraes Silva (1813), Cunha (1994) e Ferreira (2004), respectivamente um dicionário mais antigo, um etimológico e um mais moderno. Dentre os resultados, o estudo demonstrou que apenas duas formas concorrem em luta para a sobrevivência: interruptor e tomada. Esta última apresenta uma distribuição espacial mais bem definida, portanto, dialetal, na região Sul, e interruptor, embora majoritária, parece estar em fase de aquisição pelos falantes, haja vista as mudanças fonéticas operadas no significante, tais como: interruptô, terrupitô, turrupitô, terrupitô, télépitô, tétô e assim por diante. No que tange aos fatores sociais, verificamos, embora os números sejam pouco expressivos, que os informantes de nível superior preferem a variante mais elaborada interruptor em detrimento aos de nível fundamental que recorrem com mais frequência à forma tomada. Além disso, constatamos que a etimologia popular é bastante produtiva, ora recorrendo a metáforas, metonímias, onomatopeias, ora adotando de outras línguas um nome que se adapte ao novo objeto inserido na vida cotidiana de cada um.

Palavras-chave: variação lexical; Atlas Linguístico do Brasil; interruptor; tomada.

Bibliografia:

- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva et al. Atlas Linguístico do Brasil. Londrina: Eduel, 2014. 2v.  
 COMITÊ NACIONAL do Projeto ALiB (Brasil). Atlas lingüístico do Brasil: questionários 2001. Londrina: EDUEL, 2001.  
 CUNHA, António Geraldo da. Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.  
 FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa. 3 ed. Curitiba: Positivo, 2004.  
 MORAES SILVA, A. Diccionario da lingua portugueza. 2. ed. Lisboa: Typographia Lacérdina, 1813.

## MARCAS DA IDENTIDADE CULTURAL NO LÉXICO DO CORPO HUMANO: A QUESTÃO DOS TABUS LINGÜÍSTICOS

**Juliany Fraide Nunes**

CEPEF/MS

**Aparecida Negri Isquardo**

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul / CNPq

Em um país com dimensões territoriais como a do Brasil, embora haja uma norma linguística geral em uso por todos os falantes, há também realizações regionais que evidenciam peculiaridades motivadas por fatores extralingüísticos, como a cultura e a geografia. O estudo da norma em suas variações regionais é realizado, dentre outros níveis, a partir do léxico, acervo vocabular de que o falante se vale para se comunicar com os demais membros de uma comunidade linguística. Para este estudo foi selecionada a pergunta 105 do QSL – Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil) - que busca denominações para a “parte alta do pescoço do homem”. Foram analisadas as respostas fornecidas pelos informantes do ALiB pertencentes a 68 localidades da rede de pontos das regiões Norte e Sul do Brasil (interior), coletadas in loco junto a 308 informantes que foram selecionados segundo o seguinte perfil: duas faixas etárias (18 a 30 e 50 a 65 anos), de ambos os sexos, nível de escolaridade ensino fundamental, nascidos e criados nas localidades pesquisadas, com pais, preferencialmente, da mesma região linguística. Este trabalho discute resultados da pesquisa de Nunes (2017). O recorte do *corpus* analisado nesse trabalho reúne 14 variantes léxicas (220 ocorrências) que nomeiam o conceito expresso na pergunta 105/QSL. Dessas unidades léxicas, foram mais produtivas *gogó*, *nó na garganta* e *pomo de Adão*. O exame dos dados considerou três perspectivas: i) distribuição diatópica das variantes representada por meio de cartas linguísticas; ii) exame de aspectos relativos a processos de mudança e de manutenção do léxico que nomeia a “parte alta do pescoço do homem”; iii) análise semântica das variantes, com ênfase para a questão dos tabus linguísticos. O estudo pautou-se em princípios teóricos da Dialetoлогия/Geolinguística, da Lexicologia e da Semântica.

Palavras-chave: Léxico; corpo humano; Atlas linguístico; Projeto ALiB; Tabus linguísticos.

Bibliografia básica:

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo (2001): *Teoria linguística. Teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes.

COSERIU, Eugenio (1982): *O homem e sua Linguagem*. São Paulo: Universidade de São Paulo.

Guérios, Rosário Farâni Mansur (1979): *Tabus Linguísticos*. 2ª ed. São Paulo: Editora Nacional.

LUNA, Julià Carolina (2010): *Estructura y variación en el léxico del cuerpo humano*. 2010. 665p. Tese (Doctorado em Filología española) – Universidad Autonoma de Barcelona, Barcelona.

GARCÍA MOUTON, Pilar (1990): «El estudio léxico en los mapas lingüísticos», en Francisco Moreno Fernández (recop.), *Estudios sobre variación lingüística*. Salamanca: Universidad de Alcalá de Henares, 27-75.

NUNES, Juliany Fraide (2017): *Vocabulário do corpo humano nas regiões Norte e Sul do Brasil: perspectivas semântica e geossociolinguística*. 259 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande – MS.

RODRIGUES, José Carlos (2006): *Tabu do corpo*. 7.ed., ver. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ.

# HISTÓRIA SOCIAL, HISTÓRIA DA ESCRITA, TRADIÇÕES DISCURSIVAS, PERIODIZAÇÃO

## SESSÃO 1. FORMAÇÃO E PERIODIZAÇÃO DO PB

### PERIODIZAÇÃO DA HISTÓRIA LINGUÍSTICA DO SUL DA BAHIA

**Wagner Argolo**

União Metropolitana de Educação e Cultura

Para o geral do Brasil, Lobo (2003) propõe duas grandes fases, referências para que periodizações regionais sejam, a partir delas, elaboradas. A primeira, calcada num Brasil generalizadamente multilíngue, rural, analfabeto e sem standardização linguística, que se estende de 1534, quando são fundadas as Capitâneas Hereditárias, até 1850, quando é proibido o tráfico intercontinental de escravos, através da Lei Eusébio de Queirós. A segunda, calcada num Brasil localizadamente multilíngue, urbano, escolarizado e com standardização linguística, que se estende até os dias atuais. Em relação dialética com seu trabalho, propomos, aqui, contribuir para a elaboração das periodizações regionais às quais se referiu. Desse modo, apresentamos uma proposta inédita para o Sul da Bahia, com a seguinte matriz: *Fase 1*, que se inicia em 1534, com o início efetivo da colonização da região, na qual os portugueses encontram o tupinambá como língua supra-étnica, sendo obrigados a adquiri-lo como L2. É o momento da fundação de engenhos de açúcar, contexto que dará ensejo à formação de ambientes de comunicação peculiares, mantendo-se até 1600, quando os engenhos entram em decadência, dando início à *Fase 2*. Nela, são alçadas ao primeiro plano a produção de gêneros de subsistência, a venda de madeiras de lei e as expedições sertanistas de preação de índios, observando-se um rearranjo dos ambientes de comunicação da região. Esta fase manter-se-á até 1760, quando sua economia entra em decadência, devido ao vicejar de um novo ciclo, o do cacau, quando entra em cena a *Fase 3*. Nela, têm início, para o Sul da Bahia, as migrações oriundas do interior do Nordeste, onde o PB já prevalecia, no intuito de invadir grandes extensões de terra para o plantio do cacau, gerando graves conflitos pela sua posse. É o período em que o multilinguismo dos autóctones entra em choque com o unilinguismo dos sertanejos, estendendo-se até 1820, quando ainda é registrado o uso diminuto de línguas indígenas por comunidades locais, até desaparecerem por completo, momento em que temos o início da *Subfase 3.1*. Nela, há a transição para o unilinguismo em PB, devida à substituição de população que ocorreu na região, de acordo com o recenseamento do Império do Brasil, de 1872, quando já constatamos, ali, cerca de 100 mil novos habitantes, constituindo-se no marco inicial da *Subfase 3.2*. Nela, observamos a quintuplicação do novo quadro humano, com base no recenseamento da República do Brasil, de 1940, representativo da consolidação do Sul da Bahia como unilíngue em PB, cenário que não se alterou até os dias atuais.

Palavras-chave: linguística; história; periodização; Brasil; Sul da Bahia.

Referências:

- ANTT, “Processo de Thomás Ferreira mamaluco”, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, proc. 11635.
- ARGOLO, Wagner. *História linguística do Sul da Bahia (1534-1940)*. Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Tese de doutoramento inédita. Salvador, 2015.
- CANCELA, Francisco. *De projeto a processo colonial: índios, colonos e autoridades régias na colonização reformista da antiga Capitania de Porto Seguro (1763-1808)*. Departamento de História da Universidade Federal da Bahia. Tese de doutoramento inédita. Salvador, 2012.
- DIAS, Marcelo Henrique. *Farinhas, madeiras e cabotagem: a Capitania de Ilhéus no antigo sistema colonial*. Ilhéus: EDITUS-UESC, 2011.
- LOBO, Tânia. A questão da periodização da história linguística do Brasil. In: Castro, Ivo & Duarte, Inês. (Orgs.). *Razões e emoção: miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003. p. 395-409.
- SANTOS, Milton. *Zona do Cacau*. São Paulo: Brasiliana, 1957. p. 39-48.

## O PAPEL DA ECONOMIA DE SUBSISTÊNCIA NA FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS DO BRASIL

### Emilio Gozze Pagotto

Instituto de Estudos da Linguagem - Universidade Estadual de Campinas

Os estudos de história social da língua portuguesa no Brasil no período colonial costumam centrar-se no problema dos contatos linguísticos pensados no interior da economia agro-exportadora. À visão de uma colônia voltada exclusivamente para a exploração de recursos destinados à metrópole costuma corresponder uma visão da estrutura social em que se opõem, de um lado, senhores e de outro, escravos. Tal visão leva a pensar a história dos contatos linguísticos e suas consequências para os destinos da língua no Brasil de um modo extremamente dicotômico em que não há nuances na estrutura social e nem papel para os pobres e remediados livres, os pequenos proprietários, os artífices e artesãos.

O trabalho se propõe a examinar a história social da língua no Brasil, a partir de um quadro desenhado nas duas últimas décadas em que a economia interna no Brasil colônia adquire enorme relevância, a ponto de propiciar mesmo acumulação de capital capaz de alavancar até as atividades agro-exportadoras (cf. FRAGOSO, J. L. R. (1992), FRAGOSO, J. L. R. & FLORENTINO, M. G. (1993), dentre outros). Para tanto, é preciso pensar a história social da língua como constituída de dois movimentos importantes, se pensamos nas consequências históricas posteriores: ebulição e sedentarização linguística. Por esses dois termos que estamos propondo, desejamos abarcar duas condições de funcionamento linguístico interrelacionadas mas diferentes.

Na condição de ebulição, temos uma situação sociolinguística em que as interações são, em geral, recentes e dependentes de um quadro social em que ou os papéis sociais não estão bem claros ou os sujeitos falantes se renovam em ciclos muito rápidos, tornando a diversidade e as alterações na língua numerosas e extremamente heterogêneas. As situações de efervescências podem, no limite, se desvanecer completamente, sem dar origem a qualquer comunidade linguística perene, posteriormente.

A sedentarização linguística é, exatamente, a situação em que a língua se pereniza numa dada comunidade linguística, na linha do tempo que segue. Não implica ausência de variação, mas o que poderíamos chamar de estabilização sociolinguística. Nesse caso, os papéis se definem mais claramente, e os falantes tendem a permanecer mais tempo vinculados à comunidade, fazendo parte dos valores sociais que impulsionam os fenômenos de variação e mudança.

O ponto central do trabalho é exatamente este: a história da língua no Brasil se fez por meio da passagem da ebulição para a sedentarização linguística. E são as condições criadas

pela economia de subsistência, entendida como subsidiária do mercado interno, ou no limite, como subsistência propriamente, aquelas ideais para a consolidação dos dialetos que posteriormente comporão o mosaico brasileiro. Nessas condições:

- 1) há predominância do núcleo familiar como centro da atividade produtora;
- 2) as condições de formação de descendência são maiores do que na economia da grande propriedade;
- 3) o emprego de escravos se dá em proporções pequenas, por propriedade. Há uma grande dispersão.

O deslocamento do eixo da investigação trará um ganho epistemológico grande e seguramente recolocará o problema do papel dos contatos linguísticos em outros termos, levando-nos a pensa-los não a partir de hipóteses que partem da ruptura, mas a partir de hipóteses que considerem o contato de longa duração e em condições de interação plenas.

Palavras-chave: história social; português do Brasil; economia colonial; contato linguístico.

Bibliografia:

FRAGOSO, J. L. R. & FLORENTINO, M. G. (1993) O arcaísmo como projeto: mercado atlântico, sociedade agrária e elite mercantil no Rio de Janeiro, c.1790-c.1840. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993.

FRAGOSO, J. L. R. (1992) Homens de grossa aventura: acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro (1790-1830). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.

## HISTORIANDO O PORTUGUÊS BRASILEIRO

**Ataliba T. de Castilho**

Universidade de São Paulo

Relatório sobre o Projeto para a História do Português Brasileiro (desde 1997), de âmbito nacional, que reúne atualmente mais de 200 pesquisadores, distribuídos por 14 equipes regionais.

O PHPB tem por objetivos organizar o corpus diacrônico do PB, investigando sua história social, mudança gramatical, lexical, semântica, tradições discursivas e organização textual.

As pesquisas nestes últimos 20 anos estão sendo consolidadas para publicação na série História do Português Brasileiro, 12 volumes, 7 dos quais já enviados à publicação.

## A QUESTÃO DA PERIODIZAÇÃO DA HISTÓRIA LINGUÍSTICA DO BRASIL

**Dante Lucchesi**

Universidade Federal Fluminense / CNPq

Será feita uma discussão da questão da periodização da história linguística do Brasil, com uma breve avaliação das propostas já publicadas, destacando-se as de Serafim da Silva Neto (1963[1951]), Marlos Pessoa (2003), Tânia Lobo (2003) e Volker Noll (2008). Em seguida, serão apresentados os fundamentos da elaboração de uma nova proposta, que enfatiza a relação entre os processos linguísticos de variação e mudança e os processos sócio-históricos que caracterizam a formação da sociedade brasileira, com destaque para o contato maciço entre línguas, já que, desde meados do século XVI até pelo menos o final do século XIX, mais de dois terços da população do Brasil foram constituídos por índios aculturados e africanos escravizados e seus descendentes, endógamos e mestiços. A visão de fundo é a de que há uma relação entre a formulação de uma periodização e a concepção de como a mudança opera na estrutura da língua. A nova proposta apresentada está fundamentada no arcabouço teórico da

Sociolinguística Variacionista (Labov, 1972 e seguintes), e se baseia na definição de Rosa Virgínia Mattos e Silva (2004) da história linguística do Brasil como a passagem de um multilinguismo generalizado a multilinguismo localizado, ou seja, a história sociolinguística do Brasil se define por um violento processo de homogeneização linguística, através do qual o português se torna a língua de cerca de 98% da população do país (Lucchesi, 2015). Dentre os pontos que distinguem essa nova proposta das anteriores está a ampliação do período histórico abrangido, para além do início da colonização portuguesa (marco inicial geralmente adotado), com a integração do processo de tupinização da costa que se estende do ano mil (circa) até o século XVI, pois tal processo teve importantes consequências para a configuração atual da língua no Brasil, nomeadamente no plano do léxico.

Palavras-chave: periodização; história da língua; contato entre línguas; português brasileiro.

Referências:

- LABOV, William. 1972. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- LOBO, Tânia. 2003. A questão da periodização da história linguística do Brasil. In: CASTRO, Ivo; DUARTE, Inês. *Razões e Emoção: Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Helena Mateus*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda. p. 395-410.
- LUCCHESI, Dante. *A Língua e Sociedade Partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. 2004. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola.
- NOLL, Volker. 2008. *O português brasileiro: formação e contrastes*. São Paulo: Globo.
- PESSOA, Marlos de Barros. 2003. *Varição de uma variedade urbana e semi-oralidade: o caso do Recife, Brasil*. Tübingen: Niemeyer.
- SILVA NETO, Serafim da. 1963[1951]. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: INL.

## SESSÃO 2. PRAGMÁTICA E DISCURSO NA HISTÓRIA DO PB

### A MACROESTRUTURA DA TRADIÇÃO DISCURSIVA "ANÚNCIO DE FUGA DE ESCRAVO" E SUAS FÓRMULAS FIXAS

**Ana Karine P. de Holanda Bastos**

Universidade Federal de Pernambuco

A tradição discursiva (TD) “anúncio de fuga de escravo” representou um gênero textual difundido pela imprensa periódica do século XIX de grande produtividade no Brasil, i.e. enquanto vigeu a escravidão no país, como constatou Bastos (2016). A TD se constitui internamente de elementos fortemente fixados, os traços composicionais, fórmulas fixas, palavras *omnibus* ou *passe-partout* que a identifica e permite que se reproduza e se difunda na sociedade. Para esta análise buscamos respaldo em Oesterreicher (1994, 1996), Pessoa (2003) e Kabatek (2005). Identificamos, num corpus constituído de mais de 130 anúncios publicados no *Diário de Pernambuco* e no *Diário Novo*, que a macroestrutura do anúncio de fuga, constituída da abertura, do desenvolvimento e do fechamento, comporta variadas fórmulas fixas. Os resultados apontaram que na abertura dos anúncios são encontrados os verbos que fazem referência à fuga como “fugiu”, “desapareceu” dentre outros, informações como a data da fuga, o nome do escravo e à nação a que eles pertenciam. No desenvolvimento estão abrigados os

aspectos mais descritivos do texto, os traços definidores dos negros em fuga, sobretudo as características físicas, as marcas e sinais dos castigos sofridos por eles. As TDs referentes ao “fechamento” dos anúncios têm como elementos principais: a intervenção das autoridades, o local a ser entregue o escravo, o valor da gratificação para quem apreendesse o foragido e a assinatura de quem supostamente redigiu o anúncio. No entanto, tais elementos podem ser encontrados também em outras posições do texto sem comprometer a inteligibilidade do anúncio. O que define a composição deste gênero é um conjunto de elementos que se distribuem na trama textual e enformam a TD.

## ANÚNCIOS DE PROCURADOS: SUAS RAÍZES HISTÓRICAS

**Marlos de Barros Pessoa**

Universidade Federal de Pernambuco

**Ana Karine P. de Holanda Bastos**

Universidade Federal de Pernambuco

Este trabalho revela as raízes históricas dos anúncios de procurados (APs) do século XXI, textos elaborados para se capturarem acusados de crimes diversos (assalto, assassinato, sequestro etc.) (Bastos, 2016). São gêneros veiculados nos jornais, outdoors e outros meios, sendo amiúde afixados em repartições públicas e até em paradas de ônibus. A metodologia investigativa pauta-se na análise comparativa, estrutural, descritiva e interpretativa dos dados, e na pesquisa bibliográfica e documental. Seu arcabouço teórico ancora-se no paradigma das tradições discursivas (TDs), baseando-se na Filologia pragmático-alemã, com Coseriu (1967;1980), Koch (1997), Oesterreicher (1994) e Kabatek (2004); e a partir das considerações de Pessoa (2006) sobre a história da imprensa. Os APs têm longa tradição e remontam aos anúncios de fuga de escravos (AFEs) do século XIX. Fugindo um escravo, este era anunciado no jornal com todos os seus traços físicos e a promessa de gratificação para sua apreensão. Apesar de os avanços tecnológicos terem reconfigurado os APs atuais, como o uso da fotografia para a economia textual, os AFEs mantêm similaridade com os APs nos aspectos concernentes à retórica e àqueles linguístico-discursivos. Os anúncios atuais podem ser comparados àqueles veiculados na *Gazeta de Lisboa*, primeiro jornal impresso em português no século XVIII, onde aparecem fórmulas como “faz-se aviso às pessoas...” ou o uso recorrente do relativo “o qual”, dentre outras expressões, componentes de sua trama textual desde o séc. XVIII até ao séc. XXI. Caracteriza-se a sintaxe desses textos pelo uso de fórmulas fixas ou palavras *omnibus*, expressões encapsuladoras de sentido. Assim, aponta-se a fórmula fixa, aqui, como o traço composicional mais relevante na formação das TDs. Como resultado, o *corpus* de cotejo dos APs com os AFEs revelou o papel de algumas formas linguístico-discursivas para a perpetuação de certas TDs, permitindo a manutenção dos elementos das AFEs no *continuum* temporal.

Palavras-chave: Anúncios; Escravos; Impressos; Tradições; Textos.

Bibliografia:

BASTOS, A. K. P. H. *Anúncios de escravos: traços de mudanças e permanências de tradições discursivas nos jornais do Recife*. Tese de Doutorado – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Letras, 2016.

COSERIU, E. *Sistema, norma y habla. Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid: Gredos, 1967.

COSERIU, E. *Lições de lingüística geral*. (Edição revista e corrigida pelo autor). Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

KABATEK, J. *TDs e mudança linguística*. Texto apresentado no encontro PHPB em Itaparica, Bahia, setembro de 2004. Disponível em <<www.kabatek.de/discurso>>

KOCH, P. Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik. In: FRANK, B; HAYE, T.; TOPHINKE, D. (Eds.). *Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit*. Tübingen: Narr, 1997 (ScriptOralia, 99). Cf. tradução de Alessandra Castilho Ferreira da Costa.

OESTERREICHER, W. El español en textos escritos por *semicultos*. In: LÜDTKE J. (Org.). *Competencia escrita de impronta oral em la historiografía indiana (siglo XVI)*. Actas del simposio del Instituto Ibero-Americano de Berlin, 23 y 24 de abril de 1992. Madrid: Iberoamericana, 1994.

PESSOA, M. O primeiro número do *Diário de Pernambuco*: TDs e gramática. In: CIAPUSCIO, G.; JUNGBLUTH, K.; KAISER, D. LOPES, C. (eds.). *Sincronía y diacronía de tradiciones discursivas en Latinoamérica*. Madrid: Iberoamericana, 2006.

### SESSÃO 3. A FILOLOGIA E AS FONTES DO PB

#### *CARTAS DE DATAS DE JUNDIAÍ (1657): DESCRIÇÃO DE ALGUNS ASPECTOS FILOLÓGICOS E LINGÜÍSTICOS*

**Verena Kewitz**

Universidade de São Paulo

**Kathlin Carla de Morais**

Universidade de São Paulo

Estudos recentes em Linguística Textual e Filologia têm demonstrado que textos antigos fornecem bases seguras para a investigação de mudanças linguísticas, se se leva em conta que alguns textos dão margem ao uso de certas estruturas linguísticas, ao passo que outros não (Jacob 2001). Apoiando-nos nessa premissa, a presente comunicação tem como objetivo apresentar alguns aspectos filológicos e linguísticos do 1º *Livro de Cartas de Datas*, manuscrito colonial de 1657, produzido em Jundiá, uma das vilas mais antigas da Capitania de São Paulo. A pesquisa insere-se no *Projeto de História do Português Paulista* (fase II, FAPESP Processo nº 11/51787-5), especificamente no subprojeto de *Formação de Corpora do Português Paulista*, sob coordenação do Prof. Dr. José da Silva Simões (USP). O documento consiste numa coleção de cerca de sessenta cartas de datas lavradas por um escrivão da vila de Jundiá com o objetivo de registrar a doação de porções de terras aos moradores que as requisitavam. A estrutura do texto das cartas de datas representa, em certa medida, a repetição de uma tradição discursiva (Kabatek 2006), diferindo sobretudo na especificação das porções de terra, como suas medidas, fronteiras, localização, o nome dos suplicantes e suas respectivas justificativas. Ao lado das *Atas da Câmara de Jundiá*, também lavradas no século XVII (Morais 2014), as *Cartas de Datas* representam o conjunto de documentos oficiais mais antigos do município de Jundiá, bem como da Capitania de São Paulo. Ambos os documentos foram escritos por membros da Câmara Municipal e tinham peso de lei. Nesta apresentação, serão considerados os aspectos codicológicos e paleográficos do manuscrito e serão apresentadas algumas estruturas linguísticas que representam a repetição da tradição discursiva que caracteriza esse tipo de texto (Kabatek 2006, Koch & Oesterreicher 1990).

Referências:

JACOB, Daniel (2001) ¿Representatividad lingüística o autonomía pragmática del texto antiguo? El ejemplo del pasado compuesto. In Jabob & Kabatek (eds.) *Lengua medieval y tradiciones discursivas en la Península Ibérica. Descripción gramatical – pragmática histórica – metodología*. Frankfurt am Main: Vervuert; Madrid: Iberoamericana.

KABATEK, Johannes. (2006) Tradições Discursivas e Mudança Linguística. In: Lobo, T.; Ribeiro, I.; Carneiro, Z.; Almeida, N. (Orgs.) *Para a História do Português Brasileiro, vol. VI: Novos dados, novas análises*. Salvador: EDUFBA, Tomo II, p. 505-527.

KOCH, Peter; OESTERREICHER, Wulf. (1990) *Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch*. Tübingen: Niemeyer (Romanistische Arbeitshäfte, 31).

MORAIS, Kathlin C. de. (2014) *Edição semidiplomática do 1º Livro de Atas da Câmara de Jundiá*. São Paulo, Pesquisa de Iniciação Científica, FFLCH, USP, 2014. Disponível em [www.phpp.fflch.usp.br/corpus](http://www.phpp.fflch.usp.br/corpus).

## EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA DE UM MANUSCRITO DA BAHIA RURAL OITOCENTISTA: ANÁLISE PRELIMINAR DOS ASPECTOS SOCIAL, HISTÓRICO E LINGÜÍSTICO DO LIVRO DE RAZÃO

**Adilson Silva; Emília Monteiro de Souza**

Universidade Federal da Bahia

**Zenaide Novais Carneiro; Mariana de Oliveira Lacerda**

Universidade Estadual de Feira de Santana

O número de títulos publicados e as iniciativas acadêmicas e culturais sobre a história da escrita e do livro, nas últimas décadas, segundo Castillo Gómez (2003), revelam que os estudos sobre a história da cultura escrita gozam de boa saúde. De fato, os estudos históricos sobre as práticas de escrita do homem, em diferentes épocas, têm ganhado ênfase nos mais variados centros acadêmicos. No Brasil, Galvão (2010), retomando uma expressão de Roger Chartier, propõe cinco “entradas” para estudar a história da cultura escrita. Sinteticamente, a referida autora esclarece que as práticas de escrita, em uma determinada sociedade, podem ser investigadas por meio dos objetos, dos sujeitos, das instâncias, dos suportes e dos modos de transmissão do escrito. No bojo dessa discussão, Lobo e Oliveira (2012) lançam o HISCULTE – *História da Cultura Escrita no Brasil: um programa de investigação*, com propostas de pesquisa organizadas em nove subcampos de investigação, dando ênfase a temas como escritas ordinárias e de foro privado, acervos de irmandades negras, de mestiços e de terreiros de candomblé, políticas linguísticas, entre outros. É nesse contexto que se insere a temática da presente comunicação. Trata-se da apresentação da edição semidiplomática e da análise preliminar de alguns fólios do Livro de Razão do Campo Seco, manuscrito do período colonial escrito por três pessoas da mesma família, nos séculos XVIII e XIX, que se conservou no arquivo do Sobrado do Brejo, da família Pinheiro Canguçu, no povoado de Bom Jesus dos Meiras, hoje denominado Brumado, no sertão da Bahia. Registre-se que este manuscrito faz parte do acervo do Projeto CE-DOHS – *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão, com sede na Universidade Estadual de Feira de Santana*, coordenado pelas professoras Zenaide de Oliveira Novais Carneiro e Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda. Pretende-se, com esse estudo, contribuir para a reconstrução da história social linguística do Brasil, oferecendo como produtos a edição semidiplomática do manuscrito e um estudo do processo de aquisição da escrita dos sujeitos, considerando as instâncias, os suportes e os modos de transmissão e circulação do escrito, colaborando com informações essenciais sobre a penetração da escrita no interior da Bahia, dados importantíssimos para a compreensão da polarização entre as normas linguísticas do português brasileiro.

Referências:

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (2010). Histórias das culturas do escrito: tendências e possibilidades de pesquisa. In: CARVALHO, Gilcinei Teodoro; MARILDES, Marinho (Orgs.). *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 218-248.

GÓMEZ, Antonio Castillo (2003). Historia de La cultura escrita – ideas para el debate. In: *Revista brasileira de história da educação*, nº 5, jan. /jun.

LOBO, T. C. F.; OLIVEIRA, K (2012). *História da cultura escrita no Brasil: um programa de investigação-HISCULTE*. Salvador.

## OS CAMINHOS DA ESCRITA NO GOVERNO DE RODRIGO CESAR DE MENEZES, CAPITÃO E GOVERNADOR GENERAL DA CAPITANIA DE SÃO PAULO - 1721-1728

**Phablo Roberto Marchis Fachin**

Universidade de São Paulo

No campo da Filologia e ciências afins, continua crescente o número de edições com observável rigor na busca de exatidão e fidelidade textual, com atitude nitidamente marcada pela preocupação em não se deixar perder nenhum dos traços da fonte primária no ato de transcrição. Os trabalhos nessa área também têm considerado o contexto de produção, a forma de transmissão e circulação documental, assim como todos os elementos que compõem sua materialidade, fundamentais para o conhecimento da história dos textos e do seu significado para a realidade histórico-lingüística a que pertencem. No contexto da administração colonial, por exemplo, são aspectos essenciais para a identificação do nível de representatividade lingüística das produções gráficas perante o uso corrente que se fazia da língua no período.

Com o objetivo de contribuir para o conhecimento da prática de escrita administrativa no Brasil colonial e o seu contexto de produção e circulação, predominantemente no século XVIII, e verificar como o seu conhecimento contribui para os estudos sobre a História da Língua Portuguesa, analisa-se e edita-se documentação relacionada ao governador e capitão general da capitania de São Paulo, Rodrigo Cesar de Menezes (1721-1728). Uma parte do material está editada em quatro volumes do Arquivo Público do Estado de São Paulo, denominados *Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo*; outra parte, manuscrita, selecionada no próprio arquivo e no catálogo do Projeto Resgate “Barão do Rio Branco”, em documentos avulsos do Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa.

Os manuscritos analisados revelam os caminhos da escrita no governo de Rodrigo Cesar de Menezes, demonstram como configuravam o contexto de produção, a forma de transmissão e circulação de documentos nesse período, portanto também fundamentais para a compreensão do funcionamento social da região, incluindo formas de recepção, circunstâncias e intencionalidades. Por meio de pesquisas como essa, pode-se sistematizar as características das práticas de escrita na esfera administrativa colonial no Brasil, as quais testemunham o uso da língua portuguesa numa tradição de escrita que, embora com estruturas fixas, diplomáticas, apresentavam também formas livres, muito dependentes do grau de conhecimento lingüístico dos escribas da época. O conhecimento dessa prática administrativa é de suma importância para os trabalhos filológicos e de ciências afins, especificamente no caso de Menezes, pois abrange um ciclo completo administrativo, num período importante para a história do português.

Palavras-chave: Filologia Portuguesa; História da Língua Portuguesa; Edição de manuscritos; Administração Colonial; Rodrigo Cesar de Menezes.

## VÉSPERAS BRASILIANAS: CONTRIBUIÇÕES DE IVO CASTRO AO PROJETO PARA A HISTÓRIA DO PORTUGUÊS PAULISTA

**Verena Kewitz**

Universidade de São Paulo

Pesquisas recentes vêm demonstrando que a base do português brasileiro é quatrocentista (Moraes de Castilho 2001, 2005, 2013). Por ocasião do X Seminário do *Projeto de História do Português Paulista* (1ª fase) em 2009, o homenageado deste Congresso, Prof. Ivo Castro, expôs questões relacionadas ao português médio, sobretudo a partir do estudo de Cardeira (2005). Intitulado “Vésperas Brasileanas”, o seminário, além de comprovar as hipóteses de Moraes de Castilho (op.cit.), legou ao *Projeto de História do Português Paulista* (2ª fase) o desafio de investigar mais sistematicamente a sintaxe do português médio. Assim, lançou-se o subprojeto *Vésperas Brasileanas: uma agenda para os estudos sintáticos do português paulista nos primeiros séculos*, “consolidando a certeza de que era boa a semente lançada por Ivo Castro entre nós.” (Castilho; Moraes de Castilho 2013: 109). Dentre os fenômenos sintáticos em curso de levantamento e análise, destacam-se: estrutura argumental da sentença, valência verbal e concordância verbal e nominal. Para esta comunicação, serão examinados os principais resultados obtidos até aqui, para que novas questões possam ser colocadas. Além disso, pretende-se apresentar a agenda para os estudos sintáticos, no que respeita à possibilidade de entrever os caminhos de mudança gramatical e entender “como era o português falado em Portugal nas vésperas do achamento e povoamento do Brasil?” (Castro 2012:45).

### Referências:

- CARDEIRA, Esperança. (2005) *Entre o Português Antigo e Português Clássico*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Coleção Filologia Portuguesa.
- CASTILHO, Ataliba T. de; MORAES DE CASTILHO, Célia Maria. (2013) Aspectos da concordância verbal no português médio. In Álvarez et alii (Eds.) *Ao sabor do texto: estudos dedicados a Ivo Castro*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Serviço de Publicacións e Intercambio Científico, p. 107-124.
- CASTRO, Ivo. (2012) *Vésperas Brasileanas*. In Santiago-Almeida; Lima-Hernandes (Orgs.) *História do Português Paulista*, Série Estudos, Vol. III. Campinas: IEL Publicações/FAPESP, p.45-72.
- MORAES DE CASTILHO, Célia Maria. (2013) *Fundamentos sintáticos do português brasileiro*. São Paulo: Contexto.
- MORAES DE CASTILHO, Célia Maria. (2005) *O processo de redobramento sintático no português medieval: redobramento pronominal e a formação das perífrases de estar + -ndo/-r*. Campinas: IEL, Unicamp, Tese de doutoramento.
- MORAES DE CASTILHO, Célia Maria. (2001) Seria quatrocentista o português implantado no Brasil? Estruturas sintáticas duplicadas em textos portugueses do século XV. In: R.V. Mattos e Silva (Org.), *Para a História do Português Brasileiro*. Vol. II: *Primeiros Estudos*, Tomo I. São Paulo: Humanitas.

## SESSÃO 4. CONTACTO COM A VARIEDADE STANDARD EM PB

### LER, ESCREVER E CONTAR NA BAHIA SETECENTISTA: ESCRIVÃES-DIRETORES COMO AGENTES DE LETRAMENTO INDÍGENA

**Pedro Daniel dos Santos Souza**

Universidade Federal da Bahia / Universidade do Estado da Bahia

No âmbito das reformas promovidas pela Coroa portuguesa na segunda metade do século XVIII, o *Directorio, que se deve observar nas povoaçoens dos índios do Pará, e Maranhão em quanto Sua Magestade não mandar o contrario* – conhecido simplesmente como *Diretório pombalino* ou *Diretório dos índios* – instituiu uma política de gestão das línguas na América que previa a proibição do uso das línguas indígenas e, em particular, da chamada língua geral, como um dos principais instrumentos para “civilização” dos ameríndios. Embora formado, em 1757, para o Estado do Grão-Pará e Maranhão, a partir de 1758, o *Diretório* direciona-se à outra colônia portuguesa na América, o Estado do Brasil, até finalmente suas disposições serem revogadas por meio da Carta Régia de 12 de maio de 1798. Na aplicação do *Diretório* ao Estado do Brasil, o *Parecer* de 17 de maio de 1759, exarado pelo Tribunal Especial do Conselho Ultramarino que se instalou na Capitania da Bahia, desempenhou um papel central, na medida em que direcionou as funções de *Diretor de índios*, cargo criado pelo *Diretório*, para os escrevães das Câmaras dos aldeamentos indígenas elevados a vilas. Sem deixar de lado a política de tutela prevista na reforma, essa alteração tornou os *escrivães-diretores* agentes de letramento indígena, responsáveis por ensinar a ler, escrever e contar aos meninos e meninas. Na presente comunicação, investigamos a atuação dos *escrivães-diretores* que administraram as vilas de índios criadas nas antigas Capitânicas de Ilhéus e de Porto Seguro, espaços que compartilham uma história social linguística em que o contato entre colonizadores e populações indígenas durou por mais tempo em relação à Capitania da Bahia, sede do Vice-Reinado e Governo até 1763. Partindo dos trabalhos de Cancela (2012), Marcis (2013) e Santos (2014) e da análise de documentação do Arquivo Histórico Ultramarino (AHU) e do Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB), buscamos compreender a atuação e importância desses *escrivães-diretores*, abrindo caminhos de interpretação sobre a construção das vilas de índios e suas implicações linguísticas, a partir do mapeamento do cumprimento das orientações do *Diretório* quanto à abertura de escolas públicas e, em caso positivo, à sua extensão, assim como até que ponto estavam ou não generalizadas, o papel que desempenharam na eliminação de línguas e culturas e se cumpriram o objetivo de ensinar a ler e a escrever.

#### Bibliografia:

CANCELA, Francisco Eduardo Torres. *De projeto a processo colonial: índios, colonos e autoridades régias na colonização reformista da antiga capitania de Porto Seguro (1763-1808)*. 2012. 337f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

MARCIS, Teresinha. *A integração dos índios como súditos do rei de Portugal: uma análise do projeto, dos autores e da implementação na Capitania de Ilhéus, 1758-1822*. 2013. 309f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SANTOS, Fabricio Lyrio. *Da catequese à civilização: colonização e povos indígenas na Bahia*. Cruz das Almas: Editora UFRB, 2014.

## O PORTUGUÊS BRASILEIRO DE SÃO PAULO NO SÉC. XVII E NO SÉC. XVIII EM UM *CORPUS* HISTÓRICO DE TEXTOS: FONTES PARA O ESTUDO DA DIFUSÃO DE NORMAS

**José da Silva Simões**

Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas,  
Universidade de São Paulo

A análise de manuscritos produzidos no Brasil no séc. XVII e XVIII indica a convivência de normas cultas distintas: uma norma decorrente de renovados insumos do Português Europeu no território do Brasil Colônia e outra norma que já indicava algum tipo de autonomia em relação à primeira, fruto de interações com outras línguas faladas no território brasileiro, nomeadamente línguas indígenas autóctones e línguas africanas. Estudar a história da presença da língua portuguesa no Brasil implica necessariamente em escolher exemplares de textos que sirvam de pistas linguísticas mais fidedignas dessas influências, no sentido de construir uma espécie de semiótica social, mediante a análise de estratégias de retextualização de práticas sociais ligadas à comunicação política, administrativa, jurídica, econômica, filosófica, teológica, religiosa, literária, técnica, artesanal, militar, familiar, privada, etc. (cf. Oesterreicher 1997, 2001, 2002, 2004, 2005 e 2011). A equipe do Projeto História do Português Paulista (PHPP) conta um *corpus* histórico constituído de edições filológicas de documentos manuscritos e impressos coletados de acordo com critérios baseados nos pressupostos teóricos do modelo de Tradições Discursivas (Coseriu 1994; Koch 1997 e 2008; Oesterreicher, op. cit.; Kabatek 2006, entre outros). Este trabalho tem como objetivos a) apresentar estratégias de coleta de materiais interessantes para a descrição da história da difusão da língua portuguesa no território da Capitania de São Vicente, posteriormente denominada Capitania de São Paulo, a partir de 1720, como forma de oferecer aos pesquisadores da história do Português Brasileiro (PB) em São Paulo uma gama de textos os mais representativos possíveis das várias normas em convivência em cada uma das sincronias a serem estudadas. Além disso, esta comunicação tem também como objetivo b) discutir fenômenos linguísticos específicos encontrados em documentos brasileiros do séc. XVII e do séc. XVIII, tais como as estratégias de apagamento ou preenchimento de especificadores, de objetos indiretos e de sujeitos, bem como a escolha por uma determinada posição dos adjetivos (anteposição ou posposição) em sintagmas, o preenchimento ou apagamento de advérbios e de referentes, uso de técnicas de junção através de orações reduzidas de infinitivo e gerúndio, preferência pelo uso de preposições complexas e até mesmo a variação da posição de clíticos em relação à norma europeia, atestada inicialmente em sincronias mais tardias (p.ex. séc. XIX), mas que agora, à luz de outros documentos recentemente agregados ao *corpus* histórico do PHPP, assim como aqueles outros fenômenos acima listados, já se configuram como elementos identificáveis no português brasileiro seiscentista e setecentista. Essas evidências serão ilustradas a partir de exemplos retirados de exemplares de gêneros textuais diversos, considerados portadores de norma culta, em alguns casos pelo menos de forma concepcional: *inventários* e *testamentos*, *atas de câmara*, *cartas de data*, *cartas oficiais*, *cartas de administração privada* e *memórias históricas*. Esses objetivos procuram trazer subsídios para a discussão acerca de questões relacionadas à semiótica social dos textos, como estas: em que medida a mudança nos processos constitutivos dos textos implica em mudança na língua? Uma tradição da escrita (fórmulas, gêneros textuais, tipos de textos) pode mudar em função da língua específica na qual se difunde?

## ENSINO MÚTUO NA PROVÍNCIA DA BAHIA NO SÉCULO XIX: O QUE REVELAM OS DOCUMENTOS

**Erick Nunes Santos**

Universidade Federal da Bahia

Este trabalho insere-se no campo de investigação sobre a história social linguística do Brasil, no que tange à formação do português brasileiro, e o papel da escolarização (MATTOS e SILVA, 2004), além de dialogar com os pressupostos da história da cultura escrita (CASTILLO GÓMEZ, 2003). Mattos e Silva, no livro “Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro” (2004), apresenta hipóteses de trabalho para recuperar uma história do português brasileiro. Entre essas hipóteses está o “campo que se moverá na reconstrução de uma história social linguística do Brasil”. A autora propõe duas vertentes de investigação, sendo uma delas a reconstrução da história da escolarização no Brasil, através das políticas linguísticas, fossem as dos jesuítas implementadas no início da colonização no Brasil, ou fosse a implementada pelo Marquês de Pombal a partir da segunda metade do século XVIII. E com eles atrelados o fator demográfico que, embora não seja capaz de explicar os problemas linguísticos, servem como indicadores para interpretar “os processos linguageiros ocorridos no Brasil”. (MATTOS e SILVA, 2004. p. 59). Sendo assim, sabe-se que o sistema educacional brasileiro passou por diversas mudanças ao longo dos séculos. Mas é o século XIX, objeto de nossa pesquisa, em que vários foram os decretos, leis, voltados para a educação; também, foram diversos os métodos de ensino existentes. Dentre esses métodos, houve um aplicado, no início desse século, difundido, primeiramente, na Europa, intitulado Método Lencasteriano, ou Método de Ensino Mútuo. Esse consistia em concentrar uma grande quantidade de alunos em uma mesma sala, sob a direção de um só mestre, e aqueles que se destacavam eram promovidos a monitores. Em pesquisas no Arquivo Público do estado da Bahia, foi possível encontrar um maço de documentos identificado pelo número e título “4006: Ensino elementar Ensino mútuo – Método Lencasteriano”. Nesta compilação, podem-se encontrar documentos referentes aos anos de 1825 até o ano de 1859, nos mais variados gêneros documentais: relatórios ao presidente da província, pedido de ordenado, reclamação em relação a atraso de salários, inventários, pedidos de materiais didáticos, entre outros. Os objetivos gerais desta pesquisa são: identificar nos documentos do maço 4006 do Arquivo público do Estado da Bahia, em quais estabelecimentos ocorreu a aplicação desse método, no século XIX; qual a quantidade de alunos que frequentavam esses espaços, e buscar informações referentes a materiais didáticos e conteúdos de Língua portuguesa ensinados. Através das pesquisas, constatamos, nessa escola, uma expressiva popularidade e êxito. De certo que foi uma das poucas escolas do ensino mútuo puro que perdurou por tanto tempo. Como procedimentos metodológicos usados na pesquisa, esses são de cunho qualitativo, pois documental e bibliográfico. Foram feitas leituras sobre o contexto histórico da região estudada, utilizando-se de fontes primárias e secundárias. Os dados foram coletados em arquivos públicos e bibliotecas do Estado da Bahia, além de materiais digitalizados disponíveis em sites. Os resultados devem elucidar sobre a aprendizagem da escrita, nessa escola de ensino mútuo, em Cachoeira - Bahia, no século XIX.

Palavras-chave: Ensino Mútuo; Cachoeira – Bahia; Século XIX.

Bibliografia:

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004. 175 p.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio (2003). *Historia de la cultura escrita: ideas para el debate*, Revista Brasileira de História da Educação, Campinas, n. 5.

## SESSÃO 5. REGISTO ESCRITO E SOCIEDADE

## DO LATIM GALAICO AO GALEGO-PORTUGUÊS

**Maria Alice Fernandes**

Universidade do Algarve

A identificação das origens históricas do galego-português com o latim vulgar galaico pertence ao filólogo e linguista alemão Joseph-Maria Piel (1989). A sua área original, denominada Galécia Magna, compreende quase toda a Galiza, o ocidente das Astúrias e a região portuguesa entre o Minho e o vale do Vouga (Castro 1988, 2006). Segundo o autor, essa área caracteriza-se pela sua individualidade lexical, dialetal e toponímica, que reflete uma antiga latinidade vulgar galaica, produto da eficácia da romanização da GALLAECIA, apesar da sua cronologia tardia.

As conclusões de Piel podem hoje ser reinterpretadas no quadro das teorias sociolinguísticas sobre os diferentes tipos de processo de variação e mudança. É nesse sentido que, embora brevemente, procurarei demonstrar que o latim galaico se forma por koineização, induzida pelo contacto entre colonos falantes de diferentes variedades latinas, e que a sua difusão acompanha a evolução do povoamento rural romano e do cristianismo desde o Baixo-Império até ao final da Antiguidade Tardia, ambas contribuindo para a evolução histórica e construção espacial galaica. Procurarei igualmente demonstrar o modo como a Reconquista se reflete nas mudanças linguísticas que dão origem ao galego-português e delimitam a sua área original e como o regime senhorial leva a que o galego-português se torne o símbolo identitário da nobreza, razão pela qual é elaborado literariamente para servir de veículo da cultura aristocrática do noroeste (Miranda, 2012).

Palavras-chave: latim galaico; Galécia Magna; galego-português; processos de variação e mudança linguística.

Bibliografia:

- BARROCA, M. (2003). Da Reconquista a D. Dinis. Organização territorial e recrutamento militar. In M. T. Barata, & N. S. Teixeira (Edits.), *Nova História Militar de Portugal, vol. 1* (pp. 69-94). Casais de Mem Martins: Círculo de Leitores.
- BRITAIN, D. (2010). Conceptualizations of geographic space in linguistics. In A. Lameli, R. Kerhein, & R. Stefan (Edits.), *Language and Space. An International Handbook of Linguistic Variation. Volume 2: Language Mapping* (pp. 69-97). Berlin-New York: de Gruyter Mouton.
- CASTRO, I. (Ed.) (1988). *Sete Ensaio sobre a Obra de Joseph Maria Piel*. Lisboa: Publicações do Instituto de Linguística da Faculdade de Letras de Lisboa.
- CASTRO, I. (2006). *Introdução à História do Português, 2ª ed.* Lisboa: Edições Colibri.
- LABOV, W. (2010). *Principles of Linguistic Change. Volume 3: Cognitive and Cultural Factors*. Oxford, UK: Wiley-Blackwell.
- LÓPEZ CARREIRA, A. (1997). Idade Media. In *Historia Xeral de Galicia* (pp. 93-204). Vigo: Nosa Terra.
- MILROY, J. (1992). *Linguistic Variation and Change: on the historical sociolinguistics of English*. Oxford: Basil Blackwell.
- MIRANDA, J. (2012). O galego-português e os seus detentores ao longo do século XIII. *E-Spania, 13* [<https://e-spania.revues.org/21084>].
- PIEL, J.-M. (1989). *Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- QUIROGA, J. L., & Lovelle, M. R. (1997). Un modelo de análisis del poblamiento rural en el valle del Duero (siglos VIII-X) a partir de un espacio macro-regional: las tierras galaico-portuguesas. *Anuario de Estudios Medievales 27*, 687-748.
- TRUDGILL, P. (1986). *Dialects in contact*. Oxford - New York: Basil Blackwell.

## REFLEXOS DA PAISAGEM HUMANA E SOCIAL DA IDADE MÉDIA EM TEXTOS JURÍDICOS: FENÓMENOS DE INDIREÇÃO OU DE ATENUAÇÃO DISCURSIVA EM ATOS DIRETIVOS

**Clara Barros**

Centro de Linguística da Universidade do Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Alargando o âmbito do estudo de textos jurídicos portugueses medievais de que me tenho ocupado, pretendo agora analisar em que medida alguns desses textos legislativos projetam aspetos da paisagem humana e social coeva. Com efeito, mesmo em textos de um tipo muito específico, como os jurídicos, é possível analisar no discurso prescritivo, reflexos de um sistema de crenças e de valores inerentes ao código de comportamento de grupos sociais específicos. Algo que se patenteia no discurso legislativo de Afonso X, o Sábio, no modo como está equacionada a representação do alocutário em atos diretivos. Diferentemente de outros textos legislativos medievais (*Flores de Dereyto*, *Tempos dos Preitos* e *Foro Real*, por exemplo) em que os atos prescritivos se dirigem a agentes da classe jurídica (o alcaide, o juiz e outros) — nas *Partidas*, para além desse grupo com funções administrativas judiciais, surgem alocutários de outros grupos sociais como os clérigos, os nobres, os estudantes, os ‘físicos’, os cavaleiros... Grupos de que o Locutor pretende também gerir os comportamentos, emitindo normas gerais que visam assegurar a sua conduta adequada em circunstâncias específicas. Esse outro tipo de alocutários do discurso legislativo abrange potencialmente uma multiplicidade de indivíduos e de perfis sociais, aos quais são impostas obrigações de natureza ético-moral e não apenas legal. E é nessa medida que os textos jurídicos projetam um sistema de crenças e de valores e uma imagem do mundo e da paisagem humana e social medieval.

Continuando a fazer, no quadro teórico da pragmática histórica, uma abordagem linguístico-discursiva de textos legislativos medievais, centro-me, nesta comunicação, na análise de atos diretivos de âmbito e amplitude diversos, dirigidos a diferentes alocutários, procurando captar traços específicos da sua estruturação discursiva — nomeadamente a presença ou a ausência de fenómenos de indireção ou de atenuação discursiva — que possam ser correlacionados com os diferentes cenários em que se projeta a relação locutor - alocutário.

## Bibliografia:

- BARROS, Clara (2010): *Versões Portuguesas da Legislação de Afonso X – Estudo Linguístico-discursivo*. Porto: UPorto Editorial.
- FERREIRA, José de Azevedo (1980): *Alphonse X. Primeyra Partida. Édition et Étude*. Braga: INIC.
- Afonso X. *Foro Real, Edição e Estudo*. Lisboa, 1987; *Jacob de Junta. Flores de Dereyto. Edição, Estudo e Glossário*. Braga, 1989.
- FERREIRA, José de Azevedo. (2001): *Estudos de história da língua portuguesa: Obra dispersa*. Organizada por Brian F. Head, Maria Aldina Marques e Aida Sampaio. Braga: Universidade do Minho / Centro de Estudos Humanísticos.
- KABATEK, Johannes (2008, ed.): *Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: Nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas*. Frankfurt am Main / Madrid: Vervuert / Iberoamericana.
- MAIA, Clarinda A. (1996): “A abordagem dos textos medievais (Reflexões sobre alguns fragmentos das ‘Partidas’ de Afonso X)”, Castro, Ivo (ed.) *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, vol. II, 157-170.
- MATTOSO, J. (Dir.) *História da Vida Privada em Portugal – A Idade Média 1.º Volume-2011 Ed: Temas e Debates*.

## REFORMAS ORTOGRÁFICAS: PRÁTICAS SEM TEORIAS

**Luiz Carlos Cagliari**

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

A Língua Portuguesa passou por muitas reformas ortográficas desde os documentos medievais escritos até a escrita de hoje. Dependendo do ponto de vista, algumas foram sentidas como profundas, algumas como inaceitáveis e outras como irrelevantes. As razões são diversas. Da Idade Média até o século XIV, a escrita foi se transformando através de um consenso tácito sobre como deveriam ficar as relações entre os sons da língua, em diferentes momentos e lugares, e as suas representações ortográficas, gerando uma ortografia de consenso social.

A partir do século XIV e, sobretudo, nos séculos XV e XVI, aparecem as primeiras gramáticas (Oliveira, 1936; Barros, 1540) e os primeiros ortógrafos (Gândavo, 1574; Leão, 1576; Vera 1631), todos assumindo uma autoridade científica que lhes permitia ditar uma ortografia para a língua, com inevitáveis correções de usos da época.

As inovações dos estudiosos visam: 1) corrigir erros trazidos pela história; 2) aproximar a escrita alfabética de uma pronúncia considerada ideal para a reforma; 3) facilitar uma escrita e a leitura nos moldes contemporâneos, deixando para trás as antigas escritas da língua. No século XVIII, ortógrafos como Feijó (1734), Verney (1746), entre outros, passaram a cuidar mais das relações entre letras e sons, atualizando velhas grafias, de acordo com seus entendimentos sobre o assunto. Até aquele momento, as propostas de reforma ou foram ignoradas ou aceitas sem muito questionamento. Porém do século XVIII ao XX, formaram-se dois times opostos, um querendo uma ortografia mais fonética (ou sónica) e outro querendo recuperar formas antigas de escrever, por julgarem-nas mais eruditas e apropriadas para uma escrita formal (Gonçalves, 2003).

No final do século XIX, os estudos linguísticos já tinham passado pelos comparativistas, pelos neogramáticos, pelos dialetólogos e começo da linguística moderna. Esses linguistas faziam muitas transcrições fonéticas e isso motivou alguns ortógrafos a fazer ver que uma ortografia de base fonética era muito melhor do que uma escrita de lembranças filológicas. A ortografia sai do domínio acadêmico e passa a ser objeto de lei (CASTRO, DUARTE, LEIRIA, 1987). Comissões são formadas para procederem as devidas reformas que começaram em 1910 e, passando por diferentes acordos, chegaram até o acordo de 1990 - 2009, implementadas nos países de Língua Portuguesa (BR: 2013; PT: 2015)

Durante tantos séculos de reformas, o que menos se discutiu foi a natureza e as funções dos sistemas de escrita e, em particular, do sistema alfabético e de seu sistema ortográfico. As reformas poderiam ser diferentes, se tais conhecimentos estivessem presentes. A ortografia é um sistema de escrita mais importante do que o alfabeto. É o sistema que existe para evitar a variação dialetal na escrita e, desse modo, permitir que cada um leia em seu dialeto. Se o objetivo mais importante é permitir a leitura, os sistemas alfabético-ortográficos não deveriam se preocupar com reformas (SILVA, 2009; CAGLIARI, 2009, p.17-52). Muitos problemas educacionais e culturais existem porque as pessoas não se deram conta de conceitos básicos dos sistemas ortográficos.

Palavras-chave: Sistemas de Escrita; Reformas Ortográficas; Teoria da Ortografia.

## CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS PARA A ELABORAÇÃO DE UM *CORPUS* DIACRÔNICO: ENTRE A CRÍTICA TEXTUAL E A HISTÓRIA SOCIAL

**Lilian Borba**

Universidade Estadual de Campinas

Este trabalho tem como objetivo principal discutir problemas e procedimentos metodológicos relativos à edição crítica de artigos de Cândido da Fonseca Galvão, o D. Obá II d'África (1838-1890). Como problemas para a elaboração deste *corpus* diacrônico pode-se citar: dispersão de documentos, dúvidas sobre a autoria em artigos e questões referentes a diferenças de estilo encontradas nos textos. Entende-se que o trabalho com fontes de sincronias passadas coloca a necessidade de se estabelecer uma abordagem interdisciplinar. A presente investigação se constitui em um estudo de caso cujo lugar teórico é a sociolinguística histórica. A pesquisa dialoga com estudos relacionados à história social, corrente historiográfica que se interessa por vários aspectos do cotidiano de diversificados agentes da história, sobretudo daqueles que participam da história em papéis subalternizados, a chamada história vista de baixo. Essa abordagem historiográfica propicia apoio metodológico à investigação linguística que analisa também os modos de participação na cultura letrada do sujeito da pesquisa. Com relação ao método de análise, a abordagem proposta é serial e intertextual como propõe Schlieben-Lange (1993) uma vez que Galvão publicou diversos artigos em jornais do fim do século XIX – o que nesta pesquisa constitui uma *série*. Os resultados prévios desta investigação fazem parte da pesquisa intitulada “Pronunciamentos de D. Obá II nos jornais da Corte: fontes para a história da escrita de afrodescendentes no século XIX”. Pesquisa esta desenvolvida junto ao projeto temático *A língua portuguesa no tempo e no espaço: contato linguístico, competição de gramáticas e mudança paramétrica* (Temático Fapesp 2012/06078-9).

### Bibliografia:

- BARBOSA, A.G. Tratamento dos *Corpora* de sincronias passadas da língua portuguesa no Brasil: recortes grafológicos e linguísticos. In: LOPES, C. R. dos S. (Org.). *A Norma Brasileira em Construção: fatos linguísticos em cartas pessoais do século XIX* – Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas: FAPERJ. 2005. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/docentes/71719-1.pdf>> Acesso em: 31 jan. 2017.
- GALVES, C. Posfácio. In: LOBO, T. e OLIVEIRA, K. [orgs.] *África à vista. Dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do sec XIX*. Salvador: EDUFBA. 2009
- MARQUILHAS, R. *Entre a edição historiográfica e a edição linguística*, Actas do Encontro sobre Edição de fontes dos séculos XVII e XVIII, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 11-12 de Dezembro de 2008, João Luís Lisboa et al. (eds.), 12 pp. Disponível em: <[http://www.clul.ul.pt/files/rita\\_marquilhas/MarquilhasEdicoes.pdf](http://www.clul.ul.pt/files/rita_marquilhas/MarquilhasEdicoes.pdf)> Acesso em: 31 jan. 2017.
- OLIVEIRA, K. Ajuntamento de fontes para a história do português popular brasileiro: amores, desamores e outras espécies de dores. *Cad.Est.Ling.*, Campinas, 50(2):217-230, Jul./Dez.2008. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/1497/1060> Acesso em: 31 jan. 2017.
- SCHLIEBEN-LANGE, B. *História do falar e história da linguística*. TARALLO, F. et al. (Trad.). Campinas: Editora da UNICAMP.1993.

# HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA, PEDAGOGIA, TRADUÇÃO

## SESSÃO 1. ENSINO DE LÍNGUAS

### ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

**Rita de Cássia da Silva Soares**

UNIAN-SP; GPDG-USP; GPS-UFU

**Yuko Takano**

UnB; GPDG-USP; GPS-UFU

Para essa comunicação oral, apresentaremos os itens lexicais, fruto das respostas dadas à questão número 217 do Questionário Semântico-Lexical do Projeto Atlas Semântico-Lexical de São Paulo, desenvolvido pelo GPDG, na USP: “... **a mistura de bebidas, geralmente tomada pela manhã, quente, na padaria?**”. O propósito é mostrar como a variedade lexical dos sujeitos da região da grande São Paulo ocorre, a partir da análise das respostas apresentadas pelos sujeitos-entrevistados de ambos gêneros e de duas faixas etárias. Para essa comunicação, os exemplos foram retirados do *Atlas Semântico-Lexical da Região Norte do Alto Tietê (ReNAT) - São Paulo*. O atlas apresenta os **falares**, isto é, realizações linguísticas de agrupamentos humanos que podem ser associadas a uma realização semântico-lexical própria da região, definida com a escolha de um item lexical. A linguagem reflete e refrata as escolhas de um sujeito que, por sua vez, está situado numa história, num espaço social, numa cultura. Esse sujeito é influenciado por outros discursos e expressa suas preferências, escolhas, opiniões, crenças, valores, ideologias sobre um determinado assunto ou objeto. E, também, recorre a uma memória discursiva, que faz parte do interdiscurso. Acredita-se que cada comunidade apresenta características e especificidades linguísticas, denotando a identidade histórica e cultural dos sujeitos, que se desenvolve, sobretudo, nos momentos de interação. Dada essa característica, conhecer a variedade linguística e uma comunidade de fala poderá auxiliar no processo de ensino e aprendizagem de uma língua, pois, se o ensino de Língua Portuguesa não for associado a esse contexto, tende a se afastar da realidade linguística dos discentes, causando-lhes o desinteresse por aprender.

Palavras-chave: Variação; Discurso; Ensino de LP.

Referências Bibliográficas

DJJK, Teun A. van. *Discurso e Contexto: uma abordagem sociocognitiva*. Trad. Rodolfo Ilarti. São Paulo: Contexto, 2012.

LABOV, William et al. Trad. Marcos Bagno. *Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística*. 3 ed. São Paulo: Parábola, 2015.

RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Org.) *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SANTOS, Irenilde Pereira dos; CRISTIANINI, Adriana Cristina. *Sociolinguística em questão: Reflexões e Análises*. Editora Paulistana, 2012.

SOARES, Rita de Cássia da Silva. Atlas Semântico-Lexical da Região Norte do Alto Tietê (ReNAT) - São Paulo. (Tese de Doutorado). São Paulo: FFLCH/USP, 2012.

## ACÇÕES DIDÁTICAS PARA AMPLIAÇÃO DO VOCABULÁRIO

### M. Suzett Biembengut Santade

Universidade do Estado do Rio de Janeiro / SELEPROT / FMPFM e FIMI-Mogi Guaçu-SP

### Darcilia Simões

Universidade do Estado do Rio de Janeiro / SELEPROT

Visando a auxiliar as práticas didáticas no que tange ao desenvolvimento do repertório discente, vimos desenvolvendo pesquisas em que testamos estratégias que vêm se mostrando produtivas. Certas de que a leitura é fonte de aquisição de palavras e expressões, iniciamos o trabalho estimulando a leitura de textos curtos (minicontos e crônicas), para treinar a prática leitora. Observando a dificuldade de leitura com compreensão, constatamos que os textos curtos (preferencialmente humorísticos) são lidos na íntegra e que palavras e expressões desconhecidas são indicadas pelos leitores. Então, partimos para a construção de um glossário. Inicialmente, produzem-se listas de palavras e buscam-se seus significados em dicionários. Em seguida, tenta-se substituir no texto as palavras-problema por alguma(s) acepção(ões) obtidas na pesquisa. Então se deflagra o trabalho de compatibilização semântica e estilística, pois às vezes nenhuma das acepções dicionarizadas corresponde ao significado inscrito no texto lido. A partir daí, tem início a orientação técnica. Apresentam-se a semântica e a estilística como ciências auxiliares da escolha e do emprego de palavras/expressões. Por conseguinte, desenvolve-se um estudo sobre *vocabulário, acepções, inexistência de sinonímia perfeita, possibilidade de dar novo significado a um item léxico com auxílio da semântica e da estilística*. Roteiro: (1) o ensino da leitura não está se concretizando. Alunos chegam à faculdade sem a indispensável competência leitora e com um repertório reduzidíssimo. (2) a multiplicidade de códigos e linguagens que ora encontramos nos textos exige um suporte teórico mais amplo, que dê conta disso. O avanço cibernético facilita a produção de textos sincréticos em que recursos não verbais se associam aos verbais na construção de signos complexos. (3) os projetos devem fornecer suporte metodológico e prático para o ensino da leitura e da produção de textos; e (4) para gostar de ler é preciso praticar. Portanto, é necessário realizar práticas de leitura em voz alta em sala para que, com a ajuda da entonação, da expressividade, a curiosidade seja despertada. Esse roteiro é cumprido sob a orientação semântica de: (a) Ullmann (1964) – palavras transparentes e opacas; (b) Simões (2008; 2010) – iconicidade lexical; e, (c) Biembengut Santade (2006; 2014) – leitura e produção do texto informal ao texto formal. A comunicação se pauta na crença de que o trabalho do léxico é ferramenta indispensável na aquisição de domínio da língua em sua amplitude.

#### Referências:

BIEMBENGUT SANTADE, M. S. (2006). *A palavra e o desenho: uma interação da semântica e da semiótica na aprendizagem da língua*. Pesquisa de Pós-Doutoramento, Instituto de Letras da UERJ-Rio de Janeiro.

BIEMBENGUT SANTADE, M. S. (2014) Do texto informal ao texto formal nas aulas do Ensino Superior. XVII ALFAL, João Pessoa-PB-Brasil. Acesso em: 22mar2017.

Disponível em: <http://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R0905-1.pdf>

SIMÕES, D. (2008). O percurso semiótico da leiturização e da textualização. In: SIMÕES, D. (Org.) *Mundos semióticos possíveis*. Rio de Janeiro: Dialogarts, pp. 101-112.

SIMÕES, D. (2010). Contribuições para desenvolvimento do domínio lexical. *Acta Semiótica et Linguística* - Vol. 15 – Ano 34 – Nº 2, pp. 101-116.

ULLMANN, S. (1964). *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 4. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian.

## INTERFACES ENTRE A HISTÓRIA DAS LÍNGUAS E A INTERCOMPREENSÃO EM LÍNGUAS ROMÂNICAS

**Francisco Calvo del Olmo**

Universidade Federal do Paraná

**Karine Rocha da Cunha**

Universidade Federal do Paraná

Nossa comunicação tem por objetivo explorar as interfaces existentes entre duas áreas da Linguística: a História da Língua e a Intercompreensão entre as Línguas Românicas (ICLR). Por um lado, a ICLR se enquadra dentro dos chamados Enfoques Plurais para o Ensino de Línguas e pode ser definida como a forma de compreender e fazer-se compreensível entre línguas da mesma família usando estratégias cognitivas e metacognitivas que se beneficiam dos pontos comuns entre as línguas em questão. Por outro lado, a História da Língua se ocupa tanto de estudar as mudanças nos diferentes níveis da língua dentro do seu eixo diacrônico - história interna - como de traçar o percurso das suas comunidades de falantes - história externa. Cabe lembrar que os processos de mudança se originam em um determinado contexto social ou geográfico desde onde podem crescer gradativamente até abranger o conjunto da comunidade de falantes. Conseqüentemente uma inovação não substitui as formas antigas precedentes no momento em que surge e, desse modo, formas em desuso continuam a ser compreendidas de maneira passiva durante algumas gerações antes de desaparecerem. Tais formas recebem o nome de 'arcaísmos' e permeiam os diferentes sistemas da língua. Nesta exposição centraremos a atenção no nível lexical. As normas padronizadas das línguas românicas, entre elas a do português, formaram-se sobre o *continuum* de falares da *Romania*. Assim, cognatos de formas consideradas arcaicas (ou muitas vezes de um registro muito alto e/ou específico de uma área) pela norma do português, podem ter mantido a sua vigência usual em outras línguas. Dessa forma, o advérbio *assez* do francês, cognato de *assaz* em português mantém a sua vigência; o mesmo acontece com o substantivo italiano *scopo* (escopo em pt); ou ainda com o substantivo espanhol *falda* (falda em pt). Esses exemplos representam palavras das respectivas línguas e um aprendiz pode deparar-se com os mesmos entre os níveis A2 e um B1 do Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas. Pretendemos apresentar e problematizar outros exemplos e concluir traçando interfaces entre a ICLR e a História da Língua como um espaço aberto de conhecimento de estágios mais antigos do português, acessíveis principalmente através de textos literários, o que permite uma aproximação às outras línguas românicas e, vice-versa, possibilitando a compreensão de registros pouco usuais do Português.

Palavras-chave: línguas românicas; intercompreensão; história da língua; arcaísmos; variantes.

Referências Bibliográficas:

BASSETTO, B. F. (2005). *Elementos de Filologia Românica*. Vol. I e II. São Paulo: Edusp.

BLANCHE-BENVENISTE, C. (2008). *Aspetti lessicali del confronto tra lingue romanze. Esiste un lessico europeo?* In M. Barni, D. Troncarelli & C. Bagna (coord.) (2008). *Lessico e apprendimenti: Il ruolo del lessico nella linguística educativa* (pp. 47-66). Milano: FrancoAngeli.

JANSON, T. (2015). *A história das línguas: uma introdução*. Trad. Marcos Bagno. – 1. Ed. – São Paulo: Parábola Editorial.

TEYSSIER, P. (2012). *Comprendre les langues romanes – Méthode d'Intercompréhension – du français à l'espagnol, au portugais, à l'italien et au roumain*. Paris: Chandeigne.

## SESSÃO 2. HISTORIOGRAFIA LINGÜÍSTICA

### A DEMANDA DA ORTOGRAFIA MIRANDESA: ENTRE A NORMA, A CONVENÇÃO E O FLORESCIMENTO

**António Bárbolo Alves**

Centro de Estudos em Letras – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

A língua mirandesa começou a escrever-se, de forma sistemática, em finais do século XIX. A primeira “proposta” ortográfica foi esboçada pelo foneticista Aniceto R. Gonçalves Viana, em 1894, num breve texto introdutório à publicação do Evangelho de S. Lucas, numa primeira versão mirandesa, feita por Bernardes Fernando Monteiro, na *Revista de Educação e Ensino*. Em 1900 e 1901, Leite de Vasconcelos publicou os seus *Estudos* sobre o mirandês, nos quais, com justificada preocupação científica, se inicia uma tradição foneticista, que sobrecarregava a representação gráfica, prejudicava a reprodução e dificultava o acesso ao texto. Ao longo de quase todo o século XX os poucos “escritores” em língua mirandesa seguiram as pisadas do filólogo, esforçando-se por guardar uma transcrição tão foneticista quanto possível. Tal preocupação traduziu-se em poucas vantagens e muitos prejuízos. Assim, em 1993, na sequência das conclusões do Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, realizado em Miranda do Douro, iniciaram-se os trabalhos tendentes à elaboração de uma Convenção – e não de uma Norma, como referiu Isabel Hub Faria – nos quais participaria muito determinantemente, Ivo Castro. Em 1995 foi publicada uma primeira *Proposta* que, depois de colocada em discussão pública, resultaria na *Convenção*, editada em 1999. Um ano mais tarde, esta sofreria a primeira e única adenda. A “demanda da ortografia mirandesa”, tomando de empréstimo um título ao professor Ivo Castro, pretende traçar um pouco da história da ortografia mirandesa, da sua procura, da forma como os falantes e escreventes do mirandês aceitaram e se reviram nos critérios então definidos, e ainda aduzir alguma atestação documental antiga que tenha entretanto vindo confirmar algumas opções tomadas. Num plano sincrónico, pretendemos igualmente reflectir sobre uma das “aspirações” consagradas naquele documento, averiguando de que forma a ortografia contribuiu ou não “para a permanência do mirandês como língua viva”.

Palavras-chave: mirandês; ortografia; norma linguística.

Bibliografia:

AA.VV. (1999), *Convenção ortográfica da língua mirandesa*, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Câmara Municipal de Miranda do Douro, 1999.

VASCONCELOS, José Leite de (1900), *Estudos de philologia mirandesa*. Lisboa: Imprensa Nacional.

HERRERAS, José Carlos (Dir.) (2003), *Norme linguistique et société*. Valenciennes: Presses Universitaires de Valenciennes.

## PURISMO, LUSISMO E AUTONOMISMO NA LINGÜÍSTICA GALEGA CONTEMPORÁNEA: UNHA APROXIMACIÓN HISTORIOGRÁFICA

**Gabriel Rei-Doval**

Universidade de Wisconsin-Milwaukee

Esta presentación ten como obxectivo analizar as visións puristas xurdidas no debate sobre a estandarización da lingua galega entre 1970 e a actualidade. Tras analizar brevemente os antecedentes desta situación, trazarase o desenvolvemento dos *puristic idioms* (Neustupny 1989) ou expresións discursivas puristas documentadas no debate acontecido no último medio século en Galicia.

Serán obxecto de análise as afirmacións metalingüísticas realizadas para apoiar as formas galegas supostamente exitosas e para rexeitar as formas corrixidas. Os textos obxecto de análise serán as obras lingüísticas principais tanto da perspectiva *oficial* ou *autonomista* do Instituto da Lingua Galega e a Real Academia Galega, coma do punto de vista *lusista* ou *reintegracionista* defendido pola Asociación Galega da Língua, a Academia Galega da Língua Portuguesa e organizacións aíns.

Este estudo procurará resolver se desde a perspectiva galega as principais argumentacións puristas se producen no eixo correcto vs. incorrecto, se existen ou non etiquetas sistemáticas para caracteriza-las formas proscritas, se as avaliacións negativas superan as positivas e se o rexeitamento das formas rexeitadas se produce de xeito directo ou baixo outros argumentarios non-expresos. Así mesmo, analizarase a utilización, posible combinación e interacción entre razoamentos relativos á historia da lingua, o uso espontáneo contemporáneo, a variación dialectal e a harmonía co dominio lingüístico luso-brasileiro como xustificación das propostas normativas e do rexeitamento das formas proscritas.

Tras realizar esta análise na historia da lingüística galega recente, procurárase situar brevemente este debate en perspectiva comparada cos estudos sobre o purismo existentes na lingüística portuguesa contemporánea, en particular no contexto brasileiro (Leite 1999).

Bibliografía:

LEITE, Marli Quadros (1999). *Metalinguagem e Discurso: a Configuração do Purismo Brasileiro*. São Paulo: Humanitas.

NEUSTUPNY, J. V. (1989). "Language purism as a type of language correction", in Jernudd, Björn H. & Michael J. Shapiro: *The Politics of Language Purism*. De Gruyter Mouton, 211-224.

## A ANALOGIA EM VARRÃO E EM FERNÃO DE OLIVEIRA: UMA ABORDAGEM CONTRASTIVA

**Antonio Carlos Silva de Carvalho**

Universidade de São Paulo

O escopo do traballo é cotejar como esses dois gramáticos inaugurais lidaram com a analogia, concepto que figura como uma das seis partes da primeira gramática do Ocidente, a do grego Dionísio Trácio. Varrão, que combinou os estudos de Cleantes, da escola de Pérgamo, com os de Aristófanes de Bizâncio, da escola de Alexandria, escreveu vinte e cinco libros de teoría gramatical "Sobre a Língua Latina", tendo remanescido os libros V ao X; os três últimos dedicou-os à controversia entre analogistas e anomalistas, destinando o libro VIII aos argumentos contrários à analogia, o libro IX aos contrários à anomalia, e o libro X, a sua opinión pessoal sobre a analogia (Pagliaro). Destacamos algumas características desse

material: Varrão avaliza tanto o seguimento da anomalia quanto da analogia, talvez por sentir a circunstância histórica que exigia a sistematização do uso da língua, por Roma alçar-se a centro de uma civilização; quando esses conceitos são colocados no plano da análise da *inclinatio* “flexão”, passando seja pela questão da forma seja pela da função das palavras, por vezes, ocorre certo deslocamento de ambos, e a anomalia passa a sugerir o desvio pela dessemelhança e a analogia, pela semelhança; Varrão evitou trasladar o termo grego analogia, diferentemente de Nebrija, *v. g.*, que o substitui por *proporcio* “proporção”. Por sua vez, Oliveira se reporta à antiga controvérsia grega muita vez em consonância com Varrão — considerando a oposição regularidade-irregularidade —, mas, para Coseriu, indo além deste, por não se limitar a estabelecer analogias e anomalias, antes, concebendo a língua como dois procedimentos concorrentes do mesmo nível do uso linguístico (Oliveira). Para nós, que lidamos com conceitos como horizonte de retrospectão e horizonte de projeção, próprios da historiografia linguística (Auroux), importa explorar nuances entre suas obras, para checar suas fontes diretas e indiretas, além de perquirir sobre a influência que exerceram junto aos autores para os quais serviram de fonte, porque, sendo os primevos, tiveram necessidades e atuais particularmente distintas. Por exemplo, ao abordar a categoria gramatical de número, Oliveira fala em declinação, termo mais próprio de línguas sintéticas, como o grego e o latim; logo, podemos divisar aí um momento em que a língua portuguesa, analítica, exige uma metalíngua mais adequada às suas urgências.

Palavras-chave: Analogia; Varrão; gramática latina; Fernão de Oliveira; gramática portuguesa.

Referências:

AUROUX. *A questão da origem das línguas*, seguido de *A historicidade das ciências*. Campinas: Editora RG, 2008.

COSERIU. *Teoria da linguagem e lingüística geral: cinco estudos*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: EDUSP, 1979.

KEIL. *Grammatici latini*. Lipsiae: Teubneri, 8 vol., 1866.

KENT. *Varro: on the latin language*. V. I-II. Cambridge: HUP, 1977-1979.

LEITE. *O nascimento da gramática portuguesa – uso & norma*. São Paulo: Paulistana/Humanitas, 2007.

NEBRIJA. *Gramática castellana*. Madrid: Fundación Antonio de Nebrija, 1992.

PAGLIARO. *Sommario di linguistica arioeuropea*. vol. I Roma: Tipografia Poliglotta, 1930.

OLIVEIRA. *Gramática da linguagem portuguesa (1536)*. Edição crítica, semidiplomática e anastática: Amadeu Torres e Carlos Assunção; estudo introdutório: Eugenio Coseriu. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 2000.

UHLIG. *Grammatici graeci*. Lipsiae: Teubneri, 1979.

## PARA UMA EDIÇÃO DA PRIMEIRA GRAMÁTICA DE PORTUGUÊS PARA ITALIANOS (1647?)

**Monica Lupetti**

Dipartimento di Filologia, Letteratura e Linguistica – Università di Pisa

Como tivemos a oportunidade de assinalar em outras ocasiões (Lupetti 2013 e 2014), os textos metalinguísticos que marcam o contacto entre o português e o italiano – apesar das frequentes e profícuas relações culturais e políticas entre os dois países – são escassos pelo menos até a metade do século XIX. Nomeadamente, as gramáticas de português pensadas para o público itálico são muito menos numerosas das que foram publicadas em Itália para o ensino e a aprendizagem de outras línguas (inglês, francês, espanhol).

O *Ristretto di grammatica portoghese ad uso dei Missionari di Propaganda*, redigido pelo padre Paolo G. M. G., sai em Roma em 1846, em apoio ao complexo sistema educativo da ordem dos Jesuítas, reconstituída pelo papa Pio VII em 1814; seguiu-lo a tradução da

gramática filosófica de Jerónimo Soares Barbosa, adaptada ao uso dos italianos por Antonio Bernardini, que a publica em Trieste em 1859. Apenas entre finais de Oitocentos e o início de Novecentos criam-se contextos institucionais que favorecem a total afirmação da prática de ensino do português. Os manuais que saem nesta época, se bem com limites e por vezes até com lacunas, contribuem para o desenvolvimento em chave moderna dos estudos históricos do português, em relação, por um lado, à institucionalização da Filologia Românica na academia italiana e, pelo outro, à consciência do papel que o português vinha desenvolver como língua veicular na circulação internacional de mercadorias e de pessoas, e ainda, na formação da nova nação brasileira.

A *Introduttione alla lingua portoghese*, manuscrito até agora de autoria incerta, datado 1647, constitui uma parcial exceção à panorâmica até aqui esboçada. Conserva-se na Biblioteca Nacional de Nápoles (cota I E 35) e compõe-se de noventa e uma páginas numeradas a lápis, medindo 14x21 cm. Temos notícias dele apenas graças ao *Inventario dei Manoscritti della Real Biblioteca Borbonica* (também inédito) e o único estudo até agora publicado deve-se a Erilde Reali (1963).

Nesta comunicação visamos fornecer novos elementos para a reconstrução de um contexto sócio-cultural mais pormenorizado, oferecendo informações úteis para melhor traçar a identidade do autor da *Introduttione*. Com base nos estudos de história do ensino das línguas (1993, 2000<sup>2</sup>) e das metodologias aplicadas nesse contexto, o nosso objetivo é também investigar sobre a vertente didática da obra em questão, abordando seja a sua cara normativa seja a dialogal, analisando as fontes diretas e indiretas do corpus conversacional e refletindo, finalmente, sobre mais um aspeto relevante: o perfil dos seus recetores.

Palavras-chave: história do ensino das línguas; gramáticas de português; filologia.

Referências:

Claude GERMAIN (1993), *Évolution de l'enseignement des langues: 5000 ans d'histoire*, Paris, CLE International;

Monica LUPETTI (2013), «Tradurre per imparare: il ruolo della traduzione nei manuali di italiano per lusofoni (sec. XVIII-XX)», *Traduzione e autotraduzione: un percorso attraverso i generi letterari*, Monica LUPETTI et Valeria TOCCO (eds.), Pisa, Ets, 219-242;

Monica LUPETTI (2014), «O *Thesouro* de Antonio Michele: tradição e inovação metodológica na didática do italiano para portugueses», *Dos Autores de Manuais aos Métodos de Ensino das Línguas e Literaturas Estrangeiras em Portugal (1800-1910)*, Sónia Duarte, Fatima Outerinho Rogelio Ponce de León Romeo (eds.), Porto, Edições da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e do Centro de Linguística da Universidade do Porto, 99-115.

Erilde REALI (1963), «La prima “grammatica” italo-portoghese», *Annali dell'Istituto Universitario Orientale*, V, 1, 227-276.

Aquilino SÁNCHEZ PÉREZ (2000<sup>2</sup>), *Los Metodos en la enseñanza de idiomas. Evolución Histórica y análisis Didáctico*, Madrid, Sociedad General Española de Librería.

Giuseppe TAVANI (1958), «Grammatiche portoghesi ad uso degli italiani (contributo alla bibliografia degli studi portoghesi in Italia)», *Filologia Romanza*, V, 1, 17, 438-458.

## SESSÃO 3. PATRIMÔNIO LINGUÍSTICO

### WILHELM STORCK E CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS. TRÊS DÉCADAS DE CORRESPONDÊNCIA INÉDITA

**Philipp Kampschroer**

Centro de Linguística, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

Wilhelm Storck (1829-1905), Professor da Universidade de Münster, e Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925), erudita alemã naturalizada em Portugal, dedicaram praticamente as suas vidas inteiras ao estudo da poesia de língua portuguesa, e, em trabalhos aos quais o tempo e o rigor deram a certidão, contribuíram para a profissionalização da filologia portuguesa no século XIX. Entre os projetos conjuntos dos dois alemães destaca-se a tradução portuguesa de *Luis' de Camões Leben* (1890), a extensa biografia camoniana de Storck, que Carolina Michaëlis, com numerosos acrescentamentos e correções, verteu para português.

Como Storck e Michaëlis se encontravam separados por milhares de quilómetros, a maior parte do intercâmbio entre eles realizou-se por cartas. Na comunicação apresentaremos, pela primeira vez, esta preciosa correspondência, conservada em Münster e Coimbra, que continua – apesar do seu valor para a história da filologia – até agora inédita.

Esta correspondência “nasce” da entre Storck e o marido de Michaëlis, Joaquim de Vasconcelos, fluente na língua alemã, que apoiou e incentivou Storck a prosseguir com a sua tradução de *Camoens Sämtliche Gedichte* (1880-1885). Michaëlis, a certa altura, assume o papel de “co-remetente” e “co-autora” nessa troca de missivas, até, em 1880, passar a cartear-se diretamente com Storck, intercâmbio que se manterá até à morte do camonista.

Apontaremos os dados gerais e alguns problemas (cartas desaparecidas de Storck; dificuldades de leitura) da correspondência, para de seguida expor uma série de temas tratados nas cartas. Dar-se-á destaque à discussão das recensões de Michaelis sobre a tradução camoniana de Storck (1880-1884), à mediação de Michaelis entre Storck e Antero de Quental (1886-1887) e a relatos pessoais de Michaëlis, que ilustram tratar-se não só de um relacionamento entre académicos, mas de uma ligação afetiva e íntima entre dois amigos.

Palavras-chave: História da ciência; relações luso-alemãs; filologia camoniana; Antero de Quental.

Referências:

- CASTRO, I.; RODRIGUES-MOURA, E.; VIEIRA, Y. F. (2008). Cartas a três. Carolina Michaëlis entre Leite e Schuchardt. *O arqueólogo português*, 4, 26, 451-470.
- DELILLE, M. M. G. (2001). Carolina Michaëlis de Vasconcelos 1851-1925): “intermediária nata entre a cultura neolatina e a germânica”. *Revista da Faculdade de Letras* [Porto], XVIII, 33-48.
- KAMPSCHROER, P. (2016). Camões entre Münster e o Porto. Cartas de Wilhelm Storck e Joaquim de Vasconcelos. *Diacrítica – Ciências da Literatura*, 30/3, 79-101.
- LEANDRO, S. (2014). *Joaquim de Vasconcelos: Historiador, Crítico de Arte e Museólogo*. Lisboa: IN-CM.
- LEITE DE VASCONCELOS, J. (1910). *O Doutor Storck e a Litteratura Portuguesa, Estudo Historico - Bibliografico*. Lisboa: Typografia da Academia Real das Sciencias.

## ECOS DE GIL VICENTE DURANTE LA GUERRA CIVIL ESPAÑOLA

**María Victoria Navas Sánchez-Élez**

Universidad Complutense de Madrid / CLUL

Entre las varias iniciativas de tipo literario que se produjeron durante la guerra civil española (1936-1939) en el exilio se encuentra la creación de revistas. En este trabajo, en primer lugar, se da cuenta de la publicación en Londres de *1616 (English & Spanish Poetry)*, dirigida por los poetas Concha Méndez y Manuel Altolaguirre, donde, en 1934, aparece traducido al inglés un fragmento de la *Sebila Casandra* de Gil Vicente. En segundo lugar, se caracteriza y define el texto vicentino y se analiza la interpretación de la versión.

Palabras clave: Gil Vicente; *Sebila Casandra*; *1616 (English & Spanish Poetry)*; Manuel Altolaguirre; Concha Méndez.

Referencias bibliográficas:

MÉNDEZ, Concha y Manuel Altolaguirre (eds. e impr.) (1934): *1616 (English & Spanish Poetry)*, vol. 2, p. 29, London.

MUÑOZ ROJAS, José Antonio (1981): "Introducción", *1616 (English & Spanish Poetry)*, Madrid: Turner/Verlag, pp. IX-X.

CALDERÓN, Manuel (1996): *La lírica de tipo tradicional de Gil Vicente*. Alcalá de Henares/Madrid: Universidad de Alcalá de Henares, pp. 236-237.

CAMÕES, José (dir.) (2002): *As obras de Gil Vicente*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, vol. 1, pp. 51-74; vol 5, pp. 6-7.

# MÚSICA, CULTURA, LITERATURA

## SESSÃO 1. MÚSICA: PROSÓDIA, LÉXICO E LINGUÍSTICA COGNITIVA

### O PAPEL DA RELAÇÃO ENTRE LETRA E MÚSICA NA INVESTIGAÇÃO DE ELEMENTOS PROSÓDICOS EM PERÍODOS PASSADOS DA LÍNGUA

**Gladis Massini-Cagliari**

Universidade Estadual Paulista

Este trabalho focaliza a interface Música-Linguística, com o objetivo de investigar em que medida a análise da relação entre letra e música pode contribuir para a caracterização da prosódia, em períodos passados da língua, dado que as músicas cantadas se baseiam em uma relação entre os níveis musical e linguístico, mediada pelo nível poético. Trabalhos anteriores (Massini-Cagliari, 2008, 2010, 2011 e Costa, 2010), que analisaram cantigas medievais galego-portuguesas profanas e religiosas, mostraram que proeminências musicais combinam-se prioritariamente com proeminências linguísticas, trazendo pistas do acento e do ritmo na oralidade da época. No entanto, há a possibilidade de proeminências musicais serem ocupadas por sílabas que não correspondem a proeminências linguísticas. Porém, isso não pode acontecer na maior parte dos casos, porque, do contrário, não haveria a possibilidade de produção e reconhecimento de um padrão rítmico, já que os padrões de ritmo linguístico, poético e musical baseiam-se na repetição de estruturas.

Nesta apresentação, o propósito é avançar na análise da relação entre letra e música em cantigas medievais religiosas, ampliando a investigação para além do ritmo e analisando também a linha melódica dos enunciados, verificando se há alguma relação entre o direcionamento da linha (ascendente, descendente) e a diferença entre afirmação e interrogação. Para tal, serão consideradas algumas *Cantigas de Santa Maria* de Afonso X (1121-1284), cujas letras contêm tanto frases afirmativas quanto interrogativas.

A análise preliminar das cantigas consideradas mostra que, para a investigação da entoação de períodos passados da língua, a construção de uma metodologia partindo da relação entre letra e música mostra-se muito mais complexa do que para o ritmo, uma vez que, na maior parte dos casos mapeados, a mesma melodia pode servir ao canto de frases interrogativas e afirmativas, em diferentes estrofes da mesma canção.

#### Referências:

COSTA, D. S. *A interface música e lingüística como instrumental metodológico para o estudo da prosódia do português arcaico*. Tese de Doutorado (Linguística e Língua Portuguesa). Araraquara, FCL/UNESP, 2010.

MASSINI-CAGLIARI, G. Contribuição para a análise do ritmo linguístico das cantigas medievais profanas e religiosas a partir de uma interface Música-Linguística. In: REBELO, H. (Coord.) *Lusofonia: Tempo de Reciprocidades*. Actas do IX Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas. Madeira, 4 a 9 de agosto de 2008. Porto: Edições Afrontamento, 2011. Vol. I, p. 41-53. (ISBN 978-972-36-1150-2)

MASSINI-CAGLIARI, G. From Musical Cadences to Linguistic Prosody: How to Abstract Speech Rhythm of the Past. In: PARTRIDGE, John (ed.) *Interfaces in language*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars, 2010. p. 113-134. (ISBN 1-4438-2399-6)

MASSINI-CAGLIARI, G. Das cadências musicais para o ritmo lingüístico: Uma análise do ritmo do Português Arcaico, a partir da notação musical das *Cantigas de Santa Maria*. *Revista da ABRALIN*, v. 7, n. 1, p. 9-26, jan./jun. 2008. (ISSN 1678-1805)

## CONCEPTUALIZAÇÕES DO SER AMADO EM MÚSICAS BREGAS E SERTANEJAS

**Evani Pereira Rodrigues**

Universidade Federal da Bahia

Pretende-se, nesse trabalho, apresentar os resultados obtidos a partir da observação e análise das conceptualizações que o amante faz sobre o *ser amado* em músicas “bregas” e sertanejas, verificando se a diferença de sexo / gênero dos amantes interfere na variação dessa conceptualização. Foram analisadas composições a partir das últimas décadas do século XX aos dias atuais, tendo como destaque os intérpretes e ou compositores Pablo do Arrocha, Tayrone Cigano, Zezé de Camargo e Luciano, Roberta Miranda e Marília Mendonça. A partir dos postulados teóricos-metodológicos da Linguística Cognitiva, mais precisamente, da Teoria da Metáfora Conceptual Lakoff e Johnson (1980), Lakoff (1993), Lakoff e Johnson (1999), Grady (1999), Kövecses (2000, 2002), dentre outros, fez-se uma pesquisa nos sites musicais letras.mus.br e o www.vagalume.com.br, dos quais foram selecionadas as canções que apresentam o *ser amado* conceptualizado, seguida da análise e interpretação. Os resultados encontrados demonstram que o *amado* aparece em imagens e formatos diversos, isso depende das experiências vividas pelo compositor(a) e intérprete das músicas e são construídas sob a influência das tradições, da cultura e da própria construção da sociedade.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva; conceptualizações; ser amado.

Referências:

GRADY, Joseph. A typology of motivation for conceptual metaphor: correlation vs. resemblance. In: R. GIBBS; G. STEEN (eds.). *Metaphor in cognitive linguistics*. Amsterdam: Benjamins, 1999. P. 79-100.

KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor: and emotion: Language, culture and body in human feeling*. New York and Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor: A Pratical Introduction*. New York: Oxford University Press, 2002.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

## A LETRA DE SAMBA: UM CORPUS PARA ESTUDOS DO PORTUGUÊS DO BRASIL NO SÉCULO XX

**Flávio Barbosa**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Este é um estudo das características lexicais das composições de sambistas pioneiros do Rio de Janeiro, alicerçada na constituição de um *corpus* representativo da sua produção lítero-musical. Tal *corpus* contém composições de três artistas: Paulo da Portela, Ismael Silva e Cartola. As variáveis consideradas nessa seleção são a) musical e de representatividade: todos

são *sambistas* – compõem sambas e identificam-se com comunidades cariocas relacionadas a essas práticas musicais (respectivamente, Portela, Estácio e Mangueira); b) geográfica: independentemente da cidade natal, eles integraram grupos sambistas cariocas; c) cronológica: todos nasceram na primeira década do século XX e sua geração foi responsável pela institucionalização do samba urbano carioca, seja por meio da inauguração das escolas de samba, seja pelo desenvolvimento do mercado fonográfico, seja ainda pela construção de um ideário e de uma simbologia do samba como expressão musical brasileira por excelência.

Por meio de consultas aos acervos do Museu da Imagem e do Som, da Biblioteca Nacional e do Instituto Moreira Sales, além de biografias e discografias, levantaram-se as variantes das letras e transcreveram-se as composições. As dificuldades de tratamento para essas variantes devem-se ao fato de que canções são feitas para ser cantadas, o que faz com que registros impressos de encartes e partituras nem sempre sejam os mais confiáveis no estabelecimento das letras. Lançou-se mão de três critérios para resolver questões desse tipo: prioridade a fonogramas com interpretações do próprio autor da canção; documentações de registros biográficos com esclarecimento do informante da letra, ou do acervo no qual foi apurada; partituras ou gravações feitas por outros intérpretes.

Para todas as 296 canções do *corpus*, registraram-se título; autor; data; suporte do registro; tema; título da fonte; responsável pela publicação; e intérprete (em fonogramas). Usou-se o *Wordsmith Tools* para obtenção de informações sobre frequências, além de índices analíticos, com ocorrências contextualizadas, e de listas de palavras-chave. Tais dados fundamentaram a seleção das palavras que constituíram tabelas com ocorrências datadas, usadas para estudos lexicográficos do vocabulário do samba.

Serão apresentadas, como resultado da constituição e análise do *corpus*, ocorrências ligadas à oralidade, que dão suporte ao canto de refrãos, representam sons onomatopaicamente, ou documentam alterações fonológicas próprias da língua falada popular.

Palavras-chave: Português do Brasil; Samba Urbano Carioca; Lexicografia.

Referências:

- BERBER SARDINHA, Tony. *Linguística de corpus*. São Paulo: Manole, 2004.
- SANDRONI, Carlos. *Feitiço decente: transformações do samba no Rio de Janeiro, 1917-1933*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: EdUFRJ, 2001.
- SANROMÁN, Álvaro Iriarte. *A unidade lexicográfica: palavras, colocações, frases, pragmatemas*. 441 p. 2000. Dissertação (Doutoramento em Ciências da Linguagem – Linguística Aplicada). – Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, Braga, 2000. Disponível em: <[https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4573/1/ A Unidade Lexicografica.pdf](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4573/1/A%20Unidade%20Lexicografica.pdf)>. Acesso em: 30 jan. 2017.

## SESSÃO 2. LITERATURA DO FINAL DA IDADE MÉDIA AO SÉCULO XX

### O QUE É CADA PALAVRA DITA?

**João Dionísio**

Centro de Linguística, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

O caderno de autógrafos de José Osório de Castro e Oliveira ganhou alguma celebridade quando, depois de ter sido adquirido por José Paulo Cavalcanti, se percebeu incluir uma redacção limpa do poema “Cada palavra dicta é a voz de um morto” (19.9.1918), de Fernando Pessoa [Meireles 2016 e s.n. 2016]. O manuscrito tem interesse pelo menos por três vias para os estudos pessoanos: 1. Alarga o espólio documental do poeta de *Mensagem*; 2. Complementa o dossiê genético até agora conhecido do texto, exclusivamente constituído por redacções tentativas [Dionísio 2005: 193 e 420-421]; 3. Complexifica a nossa percepção dos modos de circulação escrita da poesia pessoana, que, *grosso modo*, se reduzia à publicação em periódicos e, mais raramente, em livros, assim como à partilha por via epistolar com alguns correspondentes. Em graus diferentes, estas três vias foram destacadas na imprensa periódica brasileira e portuguesa que fez eco da descoberta do caderno. No entanto, o conteúdo do texto do poema ficou algo à margem da revelação do “Livro de autographos” de José Osório de Castro e Oliveira. O objectivo desta comunicação consiste em ler o texto à luz do que se conhece da sua génese, articulando-o com outras partes da obra pessoana, designadamente o *Livro do Desassossego* [Pizarro 2010; Patrício 2012], e dando atenção ao modo como ele consente ser lido enquanto eventual peça prospectiva de doutrina editorial. Assim se procura revisitare (e discutir) a alegação, cara a certa crítica, de que Fernando Pessoa escreveu para a posteridade arquivística.

Palavras-chave: edição de inéditos; publicação; génese; intenções.

#### Bibliografia:

Maurício MEIRELES, “Bibliófilo encontra versão inédita de poema de Fernando Pessoa”, *Folha de S. Paulo* 11.6.2016 <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/06/1780385-brasileiro-revela-caderno-com-versao-inedita-de-poema-de-fernando-pessoa.shtml> (acesso 30.1.2017).

Fernando PESSOA, *Livro do Desasocego*, edição de Jerónimo Pizarro, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2010.

Fernando PESSOA, *Poemas 1915-1920*, edição de João Dionísio, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005

Rita PATRÍCIO, *Episódios. Da teorização estética em Fernando Pessoa*, V. N. Famalicão: Húmus / U.Minho – Centro de Estudos Humanísticos, 2012.

s.n., “Há um poema inédito de Fernando Pessoa num caderno de viagem”, *Público*, 12.6.2016, <https://www.publico.pt/2016/06/12/culturaipilon/noticia/ha-um-poema-inedito-de-pessoa-escrito-na-travessia-do-atlantico-1734874> (acesso: 30.1.2017).

## ANÓNIMO, BAÍA E OS OUTROS: UMA BASE DE DADOS DA LÍNGUA E LITERATURA BARROCAS

**Anabela Leal de Barros**

Departamento de Estudos Portugueses e Lusófonos, Universidade do Minho

Corre manuscrito que no século XVII os escritores eram quase tão numerosos como os leitores. Frequentemente coincidiam nas mesmas pessoas, já que o livro mais apreciado era o organizado pelo próprio leitor, a seu gosto, sem cedências ao gosto reconhecidamente férreo e insípido da Real Mesa Censória. Diz-nos a tradição manuscrita que são mais numerosos os autores ainda hoje desconhecidos ou quase desconhecidos do que aqueles que se conhecem. Mesmo destes últimos, é mais abundante a produção literária por ler e editar do que aquela que se tem oferecido à leitura. Ainda assim, é conhecido e tradicional o desprezo da maior parte dos críticos literários relativamente ao barroco — que é o mesmo que dizer à mínima parte que se conhece do icebergue barroco. Alheios a gostos e discriminações estéticas ou éticas que flutuam — ou resistem — com o passar dos séculos, os filólogos prosseguem as suas escavações em direcção ao aprofundamento do conhecimento de cada um dos períodos do português, em diálogo com outras línguas relevantes no espaço peninsular; a linguística histórica, nem crítica nem normativa, observa entusiástica e despreziosamente, sem veleidades de superioridade estilística, estética ou intelectual. A constituição de uma base de primeiros versos e primeiras frases de centenas de cancioneiros e miscelâneas barrocos, divisível por autores, completada com os dos testemunhos impressos conhecidos e ainda, em muitos casos, com a transcrição integral dos textos — projecto antigo, cujo embrião pode ir achar-se à pesquisa prévia e à subsequente tese de licenciatura em Filologia Românica de Ivo Castro (1969), e que em vários momentos continuou depois a ser por ele impulsionado e alimentado —, constitui o primeiro passo para responder a perguntas como as seguintes: Quantos e quais os poetas ou autores barrocos portugueses (e castelhanos) cujos nomes ficaram inscritos em algum códice ou papel solto dos séculos XVII-XVIII? Quais os mais representados ou mais populares segundo a tradição manuscrita? Que outras línguas privilegiaram, e em que proporção? Qual o *corpus* e o cânone da literatura barroca portuguesa? Quais os temas e motivos tratados, espelhando ou não, afinal, a própria vida? Que parte dessa literatura nunca foi recenseada, permanece inédita e merece edição, seja por motivos literários ou linguísticos, culturais e históricos? Que parte foi objecto de edição em vida dos seus autores? Que porção se nos oferece ao conhecimento apenas em testemunhos apógrafos? Que percentagem permanece anónima mesmo depois de recolhidas várias unidades ou até dezenas de testemunhos manuscritos, em centenas de cancioneiros das mais relevantes bibliotecas e arquivos de Portugal e do mundo? Como se distribuem territorialmente os códices com localização expressa, deixando cristalizados traços de distintas variedades do português? Quais as reais dimensões desse fenómeno que foi a via de transmissão manuscrita, quanto a números médio e máximo de testemunhos por texto, ou distribuição geográfica de copistas, calígrafos, coleccionadores e proprietários de cancioneiros? Quais os traços gerais da língua barroca manuscrita (seguramente mais exuberantes e variados que os da língua impressa, coada pelo filtro da Real Mesa Censória)? Quais os que aparentam corresponder a variação diatópica? Qual a natureza e amplitude da variação entre testemunhos? Apresentar-se-ão neste trabalho alguns resultados da observação dessa base, cuja constituição continua em curso; entre eles, os traços dominantes da língua barroca e um ramalhete de versos inéditos.

Palavras-chave: Filologia portuguesa; português dos séculos XVII-XVIII; edição de texto barroco; base de dados de literatura barroca.

**“PORTUGUÉS ENTENDIMIENTO Y PLUMA CASTELLANA”. BILINGUISTO FEMININO EM LA LENGUA ESPAÑOLA EN LA LITERATURA PORTUGUESA, DE MARTÍNEZ ALMOYNA E VIEIRA DE LEMOS**

**Pedro Álvarez-Cifuentes**

Universidad de Oviedo

Apesar das frequentes tensões entre portugueses e castelhanos que caracterizam o período mais deslumbrante da literatura hispânica — os chamados Séculos de Ouro —, surgiram neste tempo numerosos escritores em ambos os lados da raia ibérica que utilizaram tanto o espanhol como o português na composição das suas obras (Vázquez Cuesta 1988; Buescu 2000; Bethencourt 2002; García Martín 2008). Um caso que merece especial atenção é o das portuguesas Bernarda Ferreira de Lacerda ou Soror Violante do Céu, entre muitas outras, que escolheram o espanhol como língua literária. Sem dúvida, a obra clássica para o seu estudo é o *Catálogo razonado biográfico y bibliográfico de los autores portugueses que escribieron en castellano*, de Domingo Garcia Peres (1890). Além do relativo sucesso desta primeira aproximação bibliográfica a “dos literaturas tan estrechamente unidas que en ellas es más difícil que en los mapas geográficos señalar con exactitud la línea divisoria de cada pueblo” (Peres 1890), os manuais de literatura não têm aprofundado aspetos pertencentes a este domínio do conhecimento. Nesta ocasião, revisitaremos os exemplos de bilinguismo feminino que apresenta a monografia *La lengua española en la literatura portuguesa*, de Julio Martínez Almoyna y Antero Vieira de Lemos (1968), para analisar a atividade literária das autoras portuguesas que escreveram em espanhol entre os séculos XVI e XVIII.

Referências:

BETHENCOURT, F. (dir.) (2002): *La littérature d’auteurs portugais en langue castillane*. Lisboa; Paris: Centro Cultural Calouste Gulbenkian.

BUESCU, A. I. (2000): “Y la hespañola es fácil para todos: O bilinguismo, fenómeno estrutural (séculos XVI-XVIII)”. In *Memória e poder. Ensaios de História Cultural (séculos XV-XVIII)*. Lisboa: Cosmos, 51-66.

GARCÍA MARTÍN, A. M. (2008): “El bilingüismo luso-castellano en Portugal: estado de la cuestión”. In Marcos de Dios, Á. (ed.), *Aula Bilingüe I: Investigación y archivo del castellano como lengua literaria en Portugal*. Salamanca: Luso-Española de Ediciones, 15-44.

MARTÍNEZ ALMOYNA J. & LEMOS, A. Vieira de (1968): *La lengua española en la literatura portuguesa*. Madrid: Imnasa.

PERES, D. Garcia (1890): *Catálogo razonado biográfico y bibliográfico de los autores portugueses que escribieron en castellano*. Madrid: Imprenta del Colegio Nacional de Sordomudos y Ciegos.

VÁZQUEZ CUESTA, P. (1988): *A Língua e a Cultura Portuguesas no Tempo dos Filipes*. Mem Martins: Publicações Europa-América.

**BREVE OLHAR SOBRE MODOS DE RECRIAR UMA TRADUÇÃO PORTUGUESA EM FINS DO MEDIEVO: REPRESENTAÇÕES MODELARES DE CRISTO NA VITA CHRISTI DE LUDOLFO DE SAXÓNIA**

**Elsa Branco da Silva**

Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

1. É consabido que no medievo a evolução estruturante das línguas vernáculas, diante do já distanciado latim, foi dominada pela tradução de textos clássicos. E a afirmação da língua portuguesa não foi alheia a tal domínio. A *Vita Christi* de Ludolfo de Saxónia, escrita na versão original em latim, participa do rol de obras que mais traduções conheceram para diferentes idiomas.

A tradução portuguesa, já concluída em meados de quatrocentos, veio a público em 1495. Realidade que diz bem da plasticidade que, ao tempo, caracterizava a língua de receção, para permitir a interpretação de um tratado singularizado pelas grandes dimensões e especificidades linguísticas ditadas pela temática doutrinal e espiritual.

2. Dentre os temas centrais, impõe-se o da imitação ou “sequela Christi”, seja na imediata aceção moral de seguimento das virtudes cristãs, seja na mística, de união espiritual à divina perfeição. E a tradução da *Vita* afirma-se, nesse e noutros contextos doutrinários, como um exercício essencialmente didático: ao desconstruir o significado das estruturas do discurso “original”, o intérprete propõe-se, simultaneamente, despertar sensibilidades e afetos e abrir caminho a múltiplos seguimentos da modelar figura de Cristo. Estando a “sequela” alicerçada na afetiva meditação das Escrituras, explora múltiplas potencialidades oferecidas pela língua materna, por forma a tornar a doutrina inteligível e a despertar devoções.

Por um lado, se entrevê que, dentre os desígnios que o movem, intenta não trair a mensagem da obra que traslada. Por outra parte, não perde de vista os potenciais leitores do difundido tratado. Inventando, assim, estratégias de codificação, não dependentes apenas de exigências linguísticas do idioma nativo, mas também da própria liberdade recriadora, ora clarificando conteúdos menos inteligíveis, ora intensificando outros, em seu entender, merecedores de realce, a fim de estabelecer pontes que aproximem o destinatário das meditações da *Vita*.

A “perspicuitas” e a “amplificatio” revelam-se, por isso, duas propriedades fundamentais desse amplo, quão complexo programa didático. E nos dois compromissos essenciais referidos, complementarmente, instituídos com a obra “original” e com o fiel leitor, em permanente observância da integridade da língua materna, se fundamentam as soluções de tradução que nos propõe.

3. É nosso propósito fazer uma descrição, ainda que sumária, dos procedimentos mais significativos de interpretação do Livro Primeiro do tratado, que o intérprete pensou para recriar a versão lusa da *Vita*, consubstanciados, quer no plano da substituição - “*immutatio*” - das estruturas do texto latino, quer no plano do acréscimo - “*adiectio*” - de outras, ora com função clarificadora, ora meramente intensificadora, de exploração dos efeitos retóricos das apelativas meditações. Intentamos uma aproximação aos diferentes planos discursivos, desde as estruturas de maior significação até às lexicais.

Referências:

LUDOLFO DE SAXÓNIA - *Vita Christi. Tradução quatrocentista portuguesa*. Edição crítica por Elsa Branco da Silva (em curso).

LUDOLPHUS DE SAXONIA - *Vita Jesu Christi ex evangelio et approbata ab Ecclesia Catholica Doctoribus sedule collecta*. Ed. L. M. Rigollot. Paris - Roma, 1870, 4 vols.

Estudos:

SILVA, Elsa M. Branco da - *A Fortuna da 'Vita Christi' no Medievo em Portugal: Pensar a espiritualidade à luz da tradução*. Coimbra: Alma Azul, 2006, 1061 pp.

SILVA, Elsa M. Branco da - “Para uma leitura da parte primeira da tradução portuguesa da *Vita Christi* de Ludolfo o cartuxano”. In *Medievalismo en Extremadura: Estudios sobre Literatura y Cultura Hispánicas de la Edad Media*. Ed. Jesús Cañas Murillo et al.. Actas do XII Congresso Internacional da A.H.L.M. Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade da Extremadura – 25-29 Setembro de 2007. Cáceres: Universidad de Extremadura. Servicio de Publicaciones, 2009, p. 635 - 647

## PÓSTERES

### PROCEDIMENTOS DE FIGURATIVIZAÇÃO NA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DAS CANÇÕES DE NOEL ROSA

**Alfredo Werney**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí

A música popular brasileira sempre estabeleceu um intenso diálogo intertextual com a série literária, principalmente a partir do surgimento de movimentos estilísticos como a bossa nova e o Tropicalismo. Dentre os compositores brasileiros que foram basilares para a invenção da chamada MPB, podemos destacar Noel Rosa, um dos paradigmas da canção popular urbana. Utilizando-se de procedimentos poético-musicais até então pouco usuais – como o tom coloquial, a ironia refinada, a linguagem harmônica cheia de engenho, a estruturação da música em partes diferentes – firmou a imagem do malandro carioca e de um Rio de Janeiro moderno e urbano. Suas obras foram elaboradas com um claro tom de crônica do cotidiano, antes mesmo da consolidação das ideias poéticas do Modernismo de 1922. Em sua maioria, as canções de Noel apresentam um sujeito lírico que narra, de forma despojada e repleta de humor, assuntos prosaicos do dia-a-dia, como a vida boêmia pelas ruas e bares da capital carioca, a hipocrisia da sociedade, as mulheres interesseiras, o malandro que zomba do mundo do trabalho. O presente trabalho pretende realizar um estudo dos procedimentos de figurativização na obra do compositor carioca, enfocando as canções “Conversa de botequim” (1935), “Gago apaixonado” (1930) e “Três apitos” (1933). Interessa-nos compreender as estratégias discursivas utilizadas por Noel Rosa para dar o efeito de sentido de que o enunciado está ocorrendo exatamente no momento da fala do sujeito lírico. Em outros termos, desejamos entender os processos de articulação entre letra e música que foram empregados na obra para emular uma conversa informal em uma situação cotidiana. A partir da leitura semiótica da obra musical desse compositor, defendemos a ideia de que essas canções estão fortemente articuladas com processos de figurativização, já que o enunciado musical adapta-se às instabilidades sonoras do discurso coloquial e os elementos prosódicos sobrepõem-se aos elementos melódicos, fazendo com que o enunciador se projete no discurso e simule a presença da enunciação no enunciado. A análise proposta nesse trabalho está pautada em elementos da semiótica e nos estudos do discurso, sobretudo nos autores Luiz Tatit (2007) e José Luiz Fiorin (2011), e nos ensaios de Affonso Romano de Sant’Anna (2013) acerca das relações intertextuais entre poesia moderna e música popular brasileira.

Palavras-chave: Noel Rosa; Canção popular brasileira; Figurativização; semiótica da canção.

#### Bibliografia:

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. 15 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

TATIT, Luiz. *Musicando a semiótica*. 2ª ed. São Paulo: Annablume, 1997.

TATIT, Luiz. *O cancionista: composição de canções no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

TATIT, Luiz. *A semiótica da canção: melodia e letra*. 3ª ed. São Paulo: Editora Escuta, 2007.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Música popular e moderna poesia brasileira*. São Paulo: Nova Alexandria, 2013.

ANTÓNIO DA COSTA PEIXOTO'S *OBRA NOVA DA LÍNGUA GERAL DE MINA* (1731/1741) - A PRINT -AND ONLINE-EDITION OF AN UNIQUE HISTORICAL DOCUMENT ON THE EWE-FON-LEGACY IN BRAZIL

**Christina Märzhäuser**

Ludwig-Maximilians-Universität München

**Enrique Rodrigues-Moura**

Otto-Friedrich-Universität Bamberg

This poster will present our re-edition project (in progress) of the original documents of António da Costa Peixoto's *Obra nova da língua geral de Mina*. This short glossary documents the presence of a Ewé-Fon in Brazil in the 18th century. It is one of two known historical documents testifying the vitality of an African language during colonial rule and slavery in Brazil. The edition will be based on the two handwritten originals, preserved in a shorter version from 1731 (National Library Lisbon, Códice 3052, F. 2355) and in an extended one from 1741 (Biblioteca Pública de Évora, Códice CXVI/1-14), the latter one re-edited in print in 1944 and 1945 in Portugal in two censored versions (diverging from the original). Our contribution will shortly outline what is known about the author António da Costa Peixoto, a Portuguese from Entre Douro e Minho (see Araujo 2013).

A semantic analysis of the document's content (899 lemmata and lists of phrases with Portuguese equivalents) will help to get new insights into the functions and areas of use of the language Peixoto called *língua geral de Mina*. The document is highly relevant for the discussion of basic assumptions regarding the presence and vitality of African languages in colonial Brazil, and their contact with Portuguese, as discussed in Petter (2001), Petter & Fiorin (2008) and Byrd (2007, 2012).

In our project, the content of the original hand-written documents is also contrasted with the re-editions published in Portugal in the 1940ies, on which de Castro (2002) based her studies comparing the entries with modern Fon (see also Fernandes 2012 on censored entries in the Portuguese edition). The print edition of Peixoto's *Obra nova da língua geral de Mina* at *Bamberger Editionen* (University of Bamberg) is a first step for the follow-up multilingual online edition with the option of interdisciplinary digital cooperation we are planning to realise in a joint project of the Romance Institute of Bamberg University and the Austrian Centre for Digital Humanities at the University of Graz.

References:

- PEIXOTO, Antonio da Costa (1731/1741). *Obra nova da língua geral de Mina*. Sao Bartolomeu, Minas Gerais. (re-edited by Luís Silveira (1944 /1945) at Agência Geral das Colônias, Lisbon)
- ARAUJO, Fernando (2013) "Fome do ouro e fama da obra. Antonio da Costa Peixoto e a 'Obra Nova de Lingoa Geral de Mina' – alianças, proximidades e distâncias de um escritor português no Brasil colonial do século XVIII", [www.antropologia.com.br/arti/colab/a53-faraujo.pdf](http://www.antropologia.com.br/arti/colab/a53-faraujo.pdf).
- BYRD, Steven (2007). "Calunga: uma fala afro-brasileira de Minas Gerais, sua gramática e história." *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana (RILI)* V, 1(9), 203-222.
- BYRD, Steven (2012). *Calunga and the legacy of an African language in Brazil*. Albuquerque: Univ. of New Mexico P.
- CASTRO, Yeda de Pessoa (2002). *A língua mina-jeje no Brasil: Um falar africano em Ouro Preto do século XVIII*. Belo Horizonte, Brazil: Fundação João Pinheiro; Secretaria de Estado da Cultura.
- FERNANDES, Gonçales (2012). "A Língua geral de Mina (1731/1741) de António da Costa Peixoto", <https://repositorio.utad.pt>.

PETTER, Margarida. (2001). "Africanismos no Português do Brasil". In: Eni Orlandi (Org.). *História das Idéias Lingüísticas: Construção do saber metalingüístico e constituição da Língua Nacional*. Campinas: Pontes, Cáceres: UNEMAT Editora, 223-234.

PETTER, Margarida & Fiorin, José Luiz (Eds.) (2008). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. (2003). "Obra Nova da Língua Geral de Mina: A língua Ewe nas Minas Gerais". *Papia* 13, 2003. 92-96.

## O EMPREGO DE VÍRGULA ANTES DE ÊNCLISE E PRÓCLISE DO PORTUGUÊS CLÁSSICO AO PORTUGUÊS EUROPEU MODERNO

**Cynthia Tomoe Yano**

Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas

Este trabalho pretende apresentar uma análise preliminar sobre o emprego de vírgula antes de ênclise e próclise em orações matrizes e encaixadas em textos de autores portugueses nascidos entre os séculos XVI e XIX. Para tanto, parte-se do estudo de Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005), em que as autoras mostram que o clítico enclítico possui um contorno entoacional independente, mas o clítico proclítico, não, pois estaria contido no mesmo contorno entoacional do verbo. Ademais, Galves & Kroch (2014) mostram que, em construções com um pronome proclítico ou enclítico precedido por uma oração dependente, antes do século XVIII, o comprimento de tal oração seria um fator determinante para a posição do clítico, sendo a ênclise mais corrente quando a oração é longa (> 8 palavras). Do século XVIII em diante, porém, a ênclise passa a ser mais frequente com o sintagma curto ( $\leq$  8 palavras), indicando que o comprimento deixou de estar necessariamente associado à posição do clítico e a ênclise, de ser sensível à prosódia. Assim, tomando essas análises, pretende-se mostrar que a posição do clítico e o comprimento do sintagma que precede o verbo, um sujeito ou uma oração dependente, seriam fatores motivadores para a presença ou não de vírgula antes do verbo na escrita do português clássico, quando o sistema de pontuação era mais baseado na retórica e na prosódia da língua. Contudo, a partir do século XVIII, tais fatores teriam deixado de exercer tanta influência no emprego de vírgula, havendo uma mudança no sistema de pontuação, com a função sintático-semântica passando a ocupar o primeiro plano. Além disso, espera-se, com este trabalho, trazer uma contribuição para os estudos, ainda bastante escassos, sobre a pontuação do português clássico, período importante na história do português, quando ocorreram mudanças significativas na sua sintaxe e prosódia.

## POESIA E VARIEDADE LINGÜÍSTICA: UMA ANÁLISE DA LINGUAGEM REGIONAL DA OBRA *MORTE E VIDA SEVERINA*, DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

**Daise Cardoso**

Universidade Estadual do Piauí

A linguagem reconstrói-se e se reafirma a partir da intencionalidade de seus usuários. Sua variedade de registro, do mesmo modo, está condicionada à intenção comunicativa de seus falantes. Assim, essas variedades linguísticas atuam como marcadores de identidades, regionalidades e outras características de um determinado grupo social. O texto literário não está isento de apresentar tais aspectos, pelo contrário, quando incorpora essas variedades permite uma leitura diferenciada, conduz o leitor ao universo regional que está sendo narrado, seja através dos versos ou da prosa. Neste sentido, este trabalho tem como objetivos

específicos: I) analisar a variedade dialetal presente no poema dramático *Morte e Vida Severina*; II) compreender de que forma a variedade linguística tecida pelo poeta influi na construção de sentido da obra; III) e caracterizar os traços de regionalismo presentes no poema, especificamente por meio da linguagem verbal. Para tanto, nossa análise foi pautada nos pressupostos metodológicos que se alinham a uma pesquisa bibliográfica, ou seja, aquela em que o pesquisador recorre a textos já publicados e disponíveis para consulta em diversos meios. Como base teórica para a presente pesquisa elegemos estudos de linguística e de poesia, sobretudo a obra dos autores Carlos Franchi e José Luiz Fiorin (2011), que estudam as linguagens diversificadas em textos poéticos como elementos constitutivos de sentido do texto; Willian Labov (2008), que discute sobre as diferenças sociolinguísticas entre os mais diversos sujeitos usuários da língua, apontando as marcas de regionalismo e outras distintivas da linguagem e Humberto Hermenegildo Araújo (2008), que dialoga sobre a tradição do regionalismo na literatura brasileira. O poema *Morte e Vida Severina*, do escritor pernambucano João Cabral de Melo Neto, traz marcas de regionalismo, como o acento marcadamente oral e o ritmo poético repleto de expressão musical, que são notórias. Assim, os traços linguísticos, expressos pelo eu lírico, denotam maneiras peculiares da sociedade humana estabelecida em uma determinada região. Os diálogos, em versos, aproximam leitor e o Nordeste brasileiro, inclusive no que diz respeito ao dialeto da região. Alguns vocábulos estão arraigados de imagem sonora, ou seja, ao tempo que são pronunciados pelo leitor, não apenas constituem um significado, mas o conduz para um determinado local. Expressões como: “morte matada”, “plantava palha”, “viagem se finda”, “comendo os siris que apanha”, “já finado, Zacarias”, são marcas da região do Nordeste brasileiro. Esta escrita marcada por dialetos e culturas de uma determinada região, estão expressas, de maneira ostensiva, em sua urdidura literária. A narrativa poética, ao mesmo tempo em que segue os moldes tradicionais de uma escrita própria do universo da poesia tradicional (optando pela predominância da redondilha menor), amplia as possibilidades de expressão de sua escrita a partir da inserção de signos regionais e neologismos. Por meio desse *modus operandi*, o texto tematiza a vida de um retirante que se desloca de sua cidade em busca de melhores condições de vida. Em última análise, observamos nesse texto a existência de um eu-lírico que narra sua vida “severina” em busca de uma realidade diferente e, assim, conquista o leitor pelo modo encantatório com que articula os signos verbais.

Palavras-chave: *Morte e Vida Severina*; Variedade Linguística; Linguagem; Poesia.

Referências:

- ARAÚJO, Humberto Hermenegildo. *A tradição do regionalismo na literatura brasileira: do pitoresco à realização inventiva*. Revista Letras, Curitiba, n. 74, jan/abr, 2008, p. 119-132.
- FRANCHI, Carlos; FIORIN, José Luiz. *Linguagem Atividade Constitutiva: teoria e poesia*. São Paulo: Editora parábola, 2011.
- LABOV, Willian. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008
- MELO NETO, João Cabral de. *Morte e Vida Severina e outros poemas para vozes*. 34 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

## OBSERVAÇÕES PRELIMINARES SOBRE AS VOGAIS PRETÔNICAS NA VARIEDADE URBANA DO PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ

**Fabiane de Mello Vianna da Rocha**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

**Silvia Figueiredo Brandão**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

No âmbito do Português, as vogais pretônicas têm sido objeto de inúmeras pesquisas em função de servirem de parâmetro para a distinção da variedade brasileira em relação à europeia e para a delimitação das macroáreas linguísticas brasileiras. Apesar disso, pouco se sabe sobre o seu funcionamento nas variedades africanas, em áreas de intenso multilinguismo.

Em São Tomé, foco do estudo aqui apresentado, o Português (a única língua oficial, usada por 98,4% da população) coexiste com o Forro (com 36,3% de utentes) e três outros crioulos também de base lexical portuguesa, bem como com resquícios de línguas do grupo Bantu, quadro que se mostra pertinente para observar as consequências do contato multilinguístico para a constituição das variedades não europeias do Português.

A análise, realizada à luz da Teoria da Variação e Mudança (Weinreich; Labov; Herzog, 1968), trata das vogais médias pretônicas no Português de São Tomé (PST), com base em 17 inquéritos pertencentes ao Projeto VAPOR (Variedades do Português), do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Coletaram-se os dados de entrevistas com indivíduos que têm o Português como L1, estratificados segundo o sexo, três faixas etárias e três níveis de escolaridade. Busca-se (i) verificar a interferência dos processos de harmonização e de redução vocálicas na aplicabilidade do alçamento dos segmentos /e/ e /o/; (ii) indicar condicionamentos que presidem à implementação das diferentes variantes e (iii) testar a hipótese da possível interferência do vocalismo do Forro, com base na descrição de Ferraz (1979) e em Marquilhas (2003: 7) que afirma que “os crioulos africanos de base portuguesa vêm arrumar-se ao lado do português do Brasil na manifestação do fenômeno da harmonização vocálica e na insubmissão à regra geral da redução”.

Os resultados preliminares sugerem que, no PST, o alteamento das vogais médias não apresenta a mesma produtividade observada no Português Europeu, mostrando, como no Português do Brasil, contextos favoráveis à manutenção de [e o], embora com menor frequência do que nesta última variedade.

Referências:

FERRAZ, L. I. *The creole of São Tomé*. Johannesburg: Witwatersrand University Press, 1979.

MARQUILHAS, R. Mudança analógica e elevação das vogais pretônicas. In: CASTRO, I.; DUARTE, I. (org.). *Razões e emoção. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*, 2. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003. p. 7-18

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of linguistic change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (orgs.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.

ENTRE O SECULAR E O ECLESIAÍSTICO: PODER E SUBORDINAÇÃO ATRAVÉS DAS FORMAS DE TRATAMENTO PRESENTES EM PETIÇÕES DA ASSEMBLEIA PROVINCIAL DO ESTADO DE PERNAMBUCO NO SÉCULO XIX

**Gustavo Barreto**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco

**Douglas da Silva Tavares**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco

O presente trabalho é uma pesquisa focada nas formas de tratamento presentes em petições manuscritas feitas por membros da igreja católica e dirigidas à Assembleia Provincial do estado de Pernambuco durante o século XIX. Nosso objetivo é compreender as funções e significados sociais dessas formas encontradas nos manuscritos supracitados.

Para tanto, temos Burke & Porter (1987), Burke (2009), Leith (2003), Tavares (2009), Tavares (2012) e Tavares (2017) para uma compreensão do que vem a ser uma História Social das Línguas e como concretizá-la. Também, buscamos Marques, Sampaio e Silva (2012), Enders (2012), Fausto (1999), Hobsbawm (1988), Linhares (org.) (1996), Oliveira Lima (1997), Coelho (2009), Schwarcz & Starling (2015) e Sobrinho (1998) enquanto referenciais para um entendimento histórico do Brasil e de Pernambuco no período delimitado em nosso trabalho. Ainda, tomamos Brown & Gilman (1960) enquanto início de uma compreensão linguística das formas de tratamento nas línguas humanas e Bakhtin (2006) para uma reflexão sobre ideologias presentes nos discursos e escolhas das formas de tratamento encontradas nas petições estudadas.

Palavras-Chave: História Social das Línguas; Formas de Tratamento; Poder e Solidariedade.

**Bibliografia:**

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 2006.
- \_\_\_\_\_. BURKE, Peter; PORTER, Roy. *The social history of language – Cambridge studies in oral and literate culture*. The Press Syndicate of the University of Cambridge. New York. 1987.
- BURKE, Peter. *Linguagens e Comunidades nos primórdios da Europa Moderna*. UNESP. São Paulo, 2009.
- BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEOK, T. A. (Ed.). *Style in language*. Cambridge: MIT Press, 1969. p. 253-449.
- COELHO, Maria Filomena. *A Justiça D'Além Mar: Lógicas Jurídicas Feudais em Pernambuco (século XVIII)*
- ENDERS, Armelle. *A Nova História do Brasil*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2012.
- FAUSTO, Boris. *A Concise History of Brazil*. New York: Cambridge, 1999.
- HOBSBAWN, Eric. *A era dos Impérios: 1875 - 1914*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- LEITH, Dick. *A Social History of English*. New York: Routledge, 2013.
- LINHARES, Maria Yeda (org.). *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1996.
- MAIOR, A. Souto. *História do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1988.
- MARQUES, Carlos Bittencourt Leite; SAMPAIO, Juliana da Cunha; SILVA, Kalina Vanderlei. *História e Memória da Casa Joaquim Nabuco*. Recife: Gráfica da Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco, 2012.
- MOURA, Gerson. *Tio Sam chega ao Brasil – a penetração cultural americana*. Coleção Tudo é História. 7 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Pernambuco Seu Desenvolvimento Histórico*. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1997.
- SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. *Brasil: Uma Biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- SOBRINHO, Barbosa Lima. *Pernambuco: da Independência à Confederação do Equador*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1998.

TAVARES, Douglas da Silva. *Rádio Oralidade Mediatizada e Letramento: Uma Perspectiva Sócio-Histórica*. Recife: Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-graduação em Letras UFPE, 2009.

\_\_\_\_\_. *O Rádio e as Eleições Pernambucanas de 1958*. Recife: Revista CIENTEC Vol. 4, no 2, 83-97, 2012.

\_\_\_\_\_. *Por uma História Social do Português de Pernambuco*. Olinda: Livro Rápido, 2017.

## ENTRE UMA DISPUTA E OUTRA: UMA NARRATIVA SÓCIO-HISTÓRICA DA ENTRADA DE ESTRANGEIRISMOS NA LÍNGUA PORTUGUESA DE PERNAMBUCO ATRAVÉS DOS ESPORTES NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

**Lisly Silva**

Universidade Federal de Pernambuco / Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco

**Douglas da Silva Tavares**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa em História Social das Línguas cujo objetivo é estudar formas de entrada de estrangeirismos na língua portuguesa do Estado de Pernambuco, Brasil, durante a segunda metade do século XIX. Para tanto, seguimos os preceitos metodológicos expressos em Burke & Porter (1987), Burke (2009), Leith (2003), Tavares (2009), Tavares (2012) e Tavares (2017) enquanto orientação do fazer científico da história Social das Línguas. Também, apoiamos-nos em Kehdi (1992), Carvalho (1999) e Carvalho (2009) como referencial teórico da linguística voltado para uma compreensão dos fenômenos das formações de palavras em língua portuguesa, dos empréstimos linguísticos e dos estrangeirismos. Ainda, temos Hobsbawm (1988), Linhares (org.) (1996), Oliveira Lima (1997), Sobrinho (1998), Fausto (1999), Enders (2012) e Schwarcz & Starling (2015) para uma compreensão da história tanto do Brasil quanto de Pernambuco no período de tempo delimitado na pesquisa.

O *Corpus* de nosso trabalho é composto de impressos publicados na cidade do Recife (capital do estado de Pernambuco) no período de tempo delimitado na referida pesquisa, quais são: *Diário de Pernambuco*, *O Sport*, *Revista do Turf* e *Sportsman*. Desse material, elegemos, enquanto foco das análises, as notícias referentes a práticas esportivas mais populares na sociedade daqueles idos e as ocorrências de estrangeirismos presentes nos supracitados textos noticiosos. Na sequência, realizamos uma catalogação das ocorrências de estrangeirismos e iniciamos a construção de uma narrativa histórica que nos permitisse conhecer as nuances sociais e históricas que possibilitaram as entradas desses estrangeirismos e como especificamente cada uma delas ocorreu.

Palavras-chave: História Social das Línguas; Lexicologia; Estrangeirismos.

Bibliografia:

BURKE, Peter; PORTER, Roy. *The social history of language – Cambridge studies in oral and literate culture*. New York: The Press Syndicate of the University of Cambridge, 1987.

BURKE, Peter. *Linguagens e Comunidades nos Primórdios da Europa Moderna*. Trad. Cristina Yamagami. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

CARVALHO, Nelly. *A Palavra é*. Recife: Ed. Líber, 1999.

\_\_\_\_\_. *Empréstimos Linguísticos na Língua Portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2009.

ENDERS, Armelle. *A Nova História do Brasil*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2012.

- FAUSTO, Boris. *A Concise History of Brazil*. New York: Cambridge, 1999.
- HOBBSAWN, Eric. *A era dos Impérios: 1875 - 1914*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- KEHDI, Valter. *Formação de palavras em português*. São Paulo: Ática, 1992.
- LEITH, Dick. *A Social History of English*. 8 ed. New York: Routhledge, 2003.
- LINHARES, Maria Yeda (org.). *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1996.
- OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Pernambuco Seu Desenvolvimento Histórico*. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1997.
- SOBRINHO, Barbosa Lima. *Pernambuco: da Independência à Confederação do Equador*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1998.
- SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. *Brasil: Uma Biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- TAVARES, Douglas da Silva. *Por uma História Social do Português de Pernambuco*. Olinda: Livro Rápido, 2017.
- \_\_\_\_\_. *Rádio Oralidade Mediatizada e Letramento: Uma Perspectiva Socio-Histórica*. Recife: Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós- graduação em Letras UFPE, 2009.
- \_\_\_\_\_. *O Rádio e as Eleições Pernambucanas de 1958*. Recife: Revista CIENTEC Vol. 4, no 2, 83-97, 2012.

## VARIAÇÃO LEXICAL NO ATLAS GEOSOCIOLINGUÍSTICO QUILOMBA DO NORDESTE DO PARÁ

**Marcelo Pires Dias**

Universidade Federal do Pará

Este trabalho tem como objetivo apresentar aspectos da variação lexical diatópica no Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará (AGQUINPA). O AGQUINPA é um atlas semântico-lexical e que busca descrever e mapear a variedade linguística do português afro-brasileiro falado nas comunidades remanescentes de quilombos da Mesorregião Nordeste do Pará por meio do inventário lexical, apresentar um levantamento histórico e geossociolinguístico das comunidades pesquisadas, elaborar cartas linguísticas semântico lexicais pluridimensionais, além de constituir um banco de dados geossociolinguístico. As comunidades quilombolas que fazem parte do AGQUINPA estão localizadas nas áreas rurais dos municípios do Nordeste do Estado do Pará (Brasil) e são as seguintes: a) Comunidade do Rio Acaraqui/Campompema; b) Comunidade do Cacau; c) Comunidade Laranjituba; d) Comunidade África; e) Comunidade Taperinha e e) Comunidade América. Para a elaboração do atlas, utilizamos o instrumental metodológico da Geografia Linguística (CARDOSO, 2010; GARCÍA MOUTON, 2015; TRUDGILL & CHAMBERS, 2003; VIAPLANA, 1996) e da Geolinguística Pluridimensional (THUN, 2010), considerando as dimensões diatópica, diasssexual e diageracional. A coleta de dados foi realizada entre os anos de 2014 e 2016, na qual se deu a aplicação do Questionário Semântico-lexical pertencente ao Atlas Linguístico do Brasil - ALiB (ALIB, 2001). Os dados coletados foram transcritos grafematicamente no software de anotação linguística ELAN e posteriormente foram trasladados para o Banco de Dados do AGQUINPA. Os mapas foram confeccionados através da utilização da ferramenta de georreferenciamento e edição de dados georreferenciados Quantum GIS (QGIS) versão Wien, além da ferramenta ColorBrewer para a colorimetria dos mapas. Os mapas semântico-lexicais gerados mostraram a presença de léxico não-patrimonial e não-dicionarizado, além de maior incidência de variação lexical entre as mulheres e entre os colaboradores mais velhos. O AGQUINPA possui 153 cartas semântico-lexicais, das quais 90 foram descritas.

Palavras-chave: Dialetoлогия; Geossociolinguística; Quilombolas; Léxico.

## Referências:

- CARDOSO, Suzana A. M. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.
- GARCÍA MOUTON, Pilar. Qué es variación lingüística. In: HERNÁNDEZ, Esther; BUTRAGUEÑO, Pedro Martín. *Variación y diversidad: hacia una teoría convergente*. México, D.F: El Colegio de México, 2015.
- TRUDGILL, Peter; CHAMBERS, J.K. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- THUN, H. *Atlas lingüístico diatópico y diastrático del Uruguay-Norte (ADDU-Norte)*. Kiel: Universität zu Kiel, 2001.
- VIAPLANA, Joaquim. *Dialectologia*. Valencia: Universitat de València, 1996.

## DO VOSSA EXCELÊNCIA AO TU: USOS DAS FORMAS DE TRATAMENTO EM IMPRESSOS DE ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS DA CIDADE DO RECIFE (BRASIL) PUBLICADOS NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

**Paloma Silva Cavalcante**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco

**Douglas da Silva Tavares**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco

O presente trabalho estuda os pronomes e formas de tratamento encontrados em impressos propagandísticos de estabelecimentos comerciais e industriais da cidade do Recife, estado de Pernambuco (Brasil), publicados na segunda metade do século XIX. No referido estudo, buscamos compreender quais as formas mais empregadas pelos anunciantes para direcionarem-se aos possíveis fregueses bem como quais as relações sociais e interpessoais construídas a partir de tal seleção.

Assim, temos Burke & Porter (1987), Burke (2009), Leith (2003), Tavares (2009), Tavares (2012) e Tavares (2017) para uma compreensão do que vem a ser uma História Social das Línguas e como concretizá-la. Também, apoiamo-nos em Linhares (org.) (1996), Oliveira Lima (1997), Sobrinho (1998), Fausto (1999), Hobsbawm (2002), Enders (2012) e Schwarcz & Starling (2015) com vistas a uma compreensão dos fenômenos históricos e sociais do período de tempo delimitado na pesquisa. Em adição, adotamos Brown & Gilman (1960) e Oliveira (2004) enquanto ponto de partida para uma compreensão linguística relativa aos pronomes e formas de tratamento. Por fim, buscamos Bakhtin (2006) para uma reflexão em torno das ideologias presentes nos discursos e nas escolhas dessas formas de tratamento.

Palavras-Chave: História Social das Línguas; Formas de Tratamento; Poder e Solidariedade.

## Bibliografia:

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 2006.
- BURKE, Peter; PORTER, Roy. *The social history of language – Cambridge studies in oral and literate culture*. New York: The Press Syndicate of the University of Cambridge, 1987.
- BURKE, Peter. *Linguagens e Comunidades nos Primórdios da Europa Moderna*. Trad. Cristina Yamagami. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.
- BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEOK, T. A. (Ed.). *Style in language*. Cambridge: MIT Press, 1960. p. 253-449.
- ENDERS, Armelle. *A Nova História do Brasil*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2012.
- FAUSTO, Boris. *A Concise History of Brazil*. New York: Cambridge, 1999.
- HOBSBAWN, Eric J. *A era dos Impérios: 1875 - 1914*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- LEITH, Dick. *A Social History of English*. New York: Routledge, 2013.
- LINHARES, Maria Yeda (org.). *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1996.
- MAIOR, A. Souto. *História do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1988.

OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Pernambuco Seu Desenvolvimento Histórico*. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1997.

OLIVEIRA, Sandi M. de . Para além de Poder e Solidariedade: Uma retrospectiva sobre formas de tratamento em Portugal (1982-2002) IN *Special issue: Second-Person Pronouns and Forms of Address in Contemporary European Languages 'Franco-British Studies'*, no. 33-34, pp. 126-136. 2004.

SOBRINHO, Barbosa Lima. *Pernambuco: da Independência à Confederação do Equador*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1998.

SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. *Brasil: Uma Biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

TAVARES, Douglas da Silva. *Rádio Oralidade Mediatizada e Letramento: Uma Perspectiva Sócio-Histórica*. Recife: Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-graduação em Letras UFPE, 2009.

\_\_\_\_\_. *O Rádio e as Eleições Pernambucanas de 1958*. Recife: Revista CIENTEC Vol. 4, no 2, 83-97, 2012.

\_\_\_\_\_. *Por uma História Social do Português de Pernambuco*. Olinda: Livro Rápido, 2017.

## OS VERBOS *SER/ESTAR/TER/HAVER* NO *LEAL CONSELHEIRO* DE D. DUARTE

**Paulo Osório**

Universidade da Beira Interior

O póster a apresentar resulta de um projeto em curso e pretende analisar os traços sintáticos dos verbos Ser, Estar, Haver e Ter no *Leal Conselheiro* de D. Duarte, apresentando-se a descrição linguística da estrutura atributiva e dos tipos de posse no *corpus*. Para tal, seguiremos, de perto, as considerações de Mattos e Silva (2008) e tomaremos, por base, a classificação semântico-sintática de predicados desenvolvida pela autora, bem como a análise da estrutura atributiva e do tipo de posse: a) predicados existenciais (ou impessoais); b) predicados atributivos subdivididos em quatro tipos - b1) equativos (ou identificacionais); b2) descritivos; b3) locativos; b4) possessivos -; c) predicados intransitivos e d) predicados transitivos.

No que respeita à estrutura atributiva, a nossa análise, para além da definição do tipo de predicado, decorrerá sob a discriminação semântica da estrutura atributiva, de acordo com Mattos e Silva (2008), orientada para a compreensão do sentido em que se valoriza a significação da estrutura frásica, no intuito de interpretar a intencionalidade discursiva. Este tipo de estrutura subdivide-se nos seguintes grupos: Atributiva Descritiva Permanente; Atributiva Descritiva Transitória; Atributiva Locativa Permanente; Atributiva Locativa Transitória; Atributiva Locativa Nocial Permanente; Atributiva Locativa Nocial Transitória e Atributiva Locativa Geográfica.

Quanto aos tipos de posse, e adotando, igualmente, a tipologia de Mattos e Silva (2008), o *corpus* analisado revela que com Haver predominam os tipos BMA e com Ter predominam os tipos BIA. As estruturas de posse evoluem de forma diferente com cada verbo, sendo que Ter supera Haver nos tipos BIA e Haver supera Ter nos tipos BMA.

Palavras-chave: *Leal Conselheiro*; verbos *ser/estar/ter/haver*; estrutura atributiva; tipos de posse.

Referência:

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2008), *O português arcaico. Uma aproximação*. Vol. II - *Sintaxe e morfologia*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.

## DOS CAREIXÓNS ÓS AMORODOS. PERCORRIDO LEXICOGRAFICO POLOS CONCEPTOS 'AMORODO SILVESTRE' E 'AMORODO CULTIVADO'

**Raquel Vila-Amado**

Instituto da Lingua Galega – Universidade de Santiago de Compostela

O *careixón* defínese, segundo o *Dicionario da Real Academia Galega (DRAG)*, como un 'amorodo silvestre', que é diferente ó *amorodo* (coas variantes *amorogo* e *morote*), definido polo *DRAG* como 'planta rasteira, da familia das rosáceas, vivaz, de follas pilosas, flor branca co centro amarelo, que dá un froito vermello e carnoso en forma de corazón, con pequenas pebidas na pel e bastante máis grande na variedade cultivada ca na ventureira'. Con todo, da definición do *DRAG* pode concluírse que o nome *amorodo* podería responder tanto á variedade cultivada (o que se denomina *amorodo*) como á ventureira (isto é, ó *careixón*).

Ó consultar o *Dicionario de Dicionarios*, nas primeiras obras lexicográficas sobre a lingua galega podemos atopar o termo *amorodo* en varios dicionarios con diferentes significados, entre eles o de 'amorodo silvestre', ao igual que *careixón*. O mesmo acontece ó buscar no *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Portugués*: as froitas silvestres referidas aparecen baixo a denominación de *amorodo* e *morote*.

Nun primeiro momento podería parecer que hai unha diferenza de significado entre *amorodo* e *careixón*; é dicir, entre o termo referido ó froito silvestre e ó cultivado, mais o certo é que os dous conceptos se referían nun primeiro momento á variedade montesía. Logo, coa incorporación do froito cultivado, procedente de fóra, incorporouse tamén o castelanismo \**fresa*. Máis tarde o estándar recorrería ó termo *amorodo* para designar esa nova realidade que se incorporou ó territorio galego.

Palabras clave: lexicografía; semântica; contacto de linguas

### Bibliografía:

GARCÍA, Constantino / Antón SANTAMARINA (dirs.), Francisco FERNÁNDEZ REI (coord.) (2016): *Atlas Lingüístico Galego. Volume VI: Léxico. Terra, plantas e árbores*. A Coruña / Santiago de Compostela: Fundación Barrié / Servizo de Publicacións da Universidade de Santiago de Compostela.

SANTAMARINA, Antón (coord.): *Dicionario de dicionarios*. Santiago de Compostela: Instituto da Lingua Galega. <<http://ilg.usc.gal/TILG/>> [Consultado: <20/04/2017>].

SANTAMARINA, Antón (coord.): *Tesouro informatizado da lingua galega*. Santiago de Compostela: Instituto da Lingua Galega. <<http://ilg.usc.es/TILG/>> [Consultado: <20/04/2017>].